

Sobre o Mar

Luciano Maciel

Copyright © Luciano Maciel

Todos os direitos reservados

Capa:Isabele Santini

Diagramação: Luciano Maciel

ISBN nº 978-65-01-67758-3

A violação dos direitos autorais é crime previsto pela lei nº 9.610.98, punido pelo artigo 184 do Código Penal. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada, reproduzida, distribuída ou transmitida - salvo a utilização de citações em resenhas, revisões e outros usos não comerciais ou com autorização do autor e do organizador por escrito.

Aos meus pais, que enquanto acompanhante em seus leitos de morte,
me serviram de companhia nas páginas deste livro

Ao meu amigo Fabrício, que partiu de maneira inesperada, mas
emprestei de sua personalidade para compor o personagem que
protagoniza esta história.

À minha esposa, Camila, que acredita neste projeto, talvez até mais
do que eu, e me incentiva a expressar minha criatividade.

Capítulo 1

São os Deuses! Das Águas e do Mar, mostrando sua força. Curvem-se. Redimam-se. Temam sua fúria.

Gritava em meio a lágrimas e gargalhadas desesperadas, um sujeito de mais idade, magricelo de costelas visíveis, olhos claros e pele repuxada, cuja barba escorria baba se confundindo com a água que lhe batia a face. O corpo trazia marcas que o tempo tratou de cravar deixando uma lembrança de dor em suas cicatrizes.

Nas rugas de sua face, podia-se perceber as cicatrizes e marcas de uma vida sofrida e castigada pelo sol. Gritava com um misto de veneração, angústia e medo, enquanto se segurava em uma corda, e era somente isso que impedia que ele fosse derrubado pelos golpes que o barco sofria pela fúria das ondas empenhadas em derrubá-los e sepultá-los metros abaixo do mar.

A força das ondas agredia as bordas do barco e açoitavam o corpo de todos que estavam a bordo. A água gelada, ao tocar a pele, geralmente no rosto ou nas mãos, as únicas partes descobertas devido ao ar gelado, parecia cortar como se fossem navalhas rasgando a pele. Inicialmente eram quinze, atualmente eram oito, se muito. Alguns se perderam nas inúmeras tempestades e fúrias marítimas enfrentadas, outros de fome, cansaço e frio. Sendo possível, sofrendo de todos os males, fome, cansaço e frio terem cedido e se entregado aos Deuses das Águas e do

Mar, a quem ele continuava demonstrando sua reverência, para quem sabe ser poupado.

-Redimo-me, ó pai, ó mãe, jamais desafiei sua fúria e força. Poupei-me de seu julgamento e serei seu eterno servo. Finalmente me junte aos meus que tiraste de mim – gritou ele ao vento, chuvas e açoites das ondas em meio a lágrimas e desespero.

-Cala essa boca, seu Baiacu de merda e vem ajudar a sair desse inferno.

Quem lhe gritou foi Alves, o líder à frente do grupo de remadores que compunha o barco. Alves tinha uma barba negra grande e dura, os olhos que nunca pareciam estar totalmente abertos sempre estavam vermelhos. Tinha cabelos loiros na altura dos ombros, e se tratava daquilo que considerava o seu charme. O que não compensavam as tatuagens mal feitas, de gosto duvidoso e a barriga avantajada e dura de tantos tragos, que o fazia dificilmente ser visto sóbrio. Apesar de lhe faltar dois dedos da mão direita, o indicador e o anelar, ainda assim possuía muita força para puxar o leme, cordas e qualquer outra atividade manual.

-Esse merda vai cair no mar e vamos ter que remar por ele – disse Bento, o mais jovem do grupo que estava ao lado de Alves, que por sinceridade, não sabia como ainda estava ali, sendo que tantos tripulantes experientes tinham ficado para trás. Mas apesar de sua falta de experiência, Alves ficava feliz por tê-lo junto ao grupo, já que sua jovialidade animava o grupo e dava uma energia diferente. Ele que estava tão acostumado a viagens, pescarias e perdidos, já estava farto de sempre

as mesmas pessoas estarem juntas e sempre as mesmas conversas, e nem sempre o mesmo resultado.

-Remem!

Exclamou Alves desistindo de tirar o mais velho de seu transe e entregando sua sorte nas mãos dos Deuses, que esperava ele o rejeitasse, porque só eles sabiam o quanto ele estava precisando de cada um que ali estava. Já acreditava ele, sem dizer aos outros, que essa expedição era um fracasso, e estava a um passo de desistir e informar a todos para retornarem. Foda-se as perdas. Todo mundo sabia no que estava se metendo quando toparam vir. Ele não era responsável por ninguém. Aliás, poucos ali tinham alguém a quem sentir saudades e que os aguardavam para retornar.

Todos mexiam seus remos o mais constante que podiam, para continuar em frente mesmo sob a pressão do mar os empurrando para trás e para baixo, como quem tenta os abraçar. Os remadores sentiam a pressão da força das ondas, seus movimentos eram praticamente inúteis devido à pressão irregular da água. Sentiam que em alguns momentos o remo nem saia da água, o que tornava o movimento inútil, porém ainda o faziam com a convicção de que pelo menos algo se estava fazendo, e não somente a ideia de ficar parado, absorto, assistindo a morte chegar.

O mar queria tirar os remos de suas mãos, já calejadas, em carne viva e cheia de cãibras nos dedos. Seus pulmões ardiam a cada tragada de ar, e suas respirações ofegantes lançavam ao ar baforadas de fumaça, o que indicava a baixa temperatura que estavam enfrentando. Um frio que

incomodava já fazia uns dois dias, mas que piorou no dia em questão, desde antes da tempestade.

Suas roupas, que não costumam ser preparadas para este tipo de ocasião, tiveram que ser adaptadas. Alves avisou a todos do que poderiam enfrentar e solicitou que estivessem preparados. Mas nem todos deram ouvidos. As vestimentas habituais, camisa regata e bermuda, exigiam a troca por peças mais quentes, como calças e blusas, para os mais bem preparados, de pele. Vestes consideradas pesadas por eles que frequentemente tinham que mergulhar, mas devido ao frio eram indispensáveis. Quem mal se preparou contou com a “sorte” dos que se foram, e puderam melhorar suas condições. Pelo menos no que se dizia respeito a direito aos espólios, a prioridade era de quem estava em maior necessidade, e essa regra, era como uma regra inviolável.

-Me entrego a ti pai, mãe. Me leve para onde meus pés possam andar livremente sobre a terra.

disse o velho soltando suas mãos cambaleantes da corda que o mantinha em pé e se entregou a sorte de seu destino com os braços estendidos lateralmente, pronto para saber se seria acolhido ou se seria fadado a circular pelas profundezas dos mares carregando o peso de seus atos pela eternidade.

Não se sabe se o que ele disse causou o efeito, ou se o efeito causou suas palavras, mas naquele momento uma onda gigantesca, de tamanho nunca alcançado por nenhum dos tripulantes se ergueu sobre suas cabeças. Ao mesmo tempo que subia, assumindo uma forma curvada,

parecia que não caia uma gota, ela parecia congelada, porém avançava diminuindo o espaço para o barco e a força da água a trazia a seu encontro.

Logo o barco havia sido tragado pela força da onda e remar não era mais útil ou sequer tinha efeito sobre a imensa força projetada por aquela onda bestial. O barco, agora não mais do que um brinquedo, começou a ser içado pela tração da onda, os deixando em posição vertical. No barco ninguém mais respirava ou pensava. Só se seguravam aos bancos, e assistiam inertes às coisas soltas rolares rumo à popa do barco, enquanto contavam os segundos para se prepararem para prender a respiração por sabe lá quanto tempo necessário, já que uma onda dessa altura, com certeza os levaria muito para baixo, isso se sobrevivessem ao impacto.

O desespero maior se abateu quando a onda começou a finalizar sua subida e começou a curvar. Os tripulantes agora viam o céu, e aos poucos começaram a ver as costas do caminho que haviam deixado para trás, se encontrando com o mar no horizonte e os raios que cortavam as nuvens e espalhavam mais água para todos os lados. A pressão, que o giro estava causando, sobre seus pescoços, seriam capazes de quebrar se se descuidasse por um segundo. Alguns, a cabeça estava totalmente para trás, já outros olhavam os próprios pés, e nem pensar em mudar a posição, seria falta. Nenhum dos dois grupos tinha mais sorte que o outro. Ambos estavam a segundos do impacto.

E ele veio.

O encontro da onda com o mar, como uma mão que acerta um desavisado mosquito na parede, a onda se fechou sobre o barco de encontro com o mar. E assim, o barco virou estilhaços. Pedacos de plástico, metal, madeiras, panos, corpos e o que mais compunha aquele pequeno barco, comparado a fúria do Mar, que ousara desafiá-lo em suas águas mais profundas, geladas e desconhecidas.

Onda sobre onda, se incumbiam de quebrar e reduzir a pó o que quer que tivesse sobrado inteiro, além de empurrar para baixo quem quer que tentasse emergir para cuspir a água dos pulmões e receber um pouco do ar para manter a vida por mais alguns instantes.

*

A tempestade continuou. Ninguém sabe dizer por quanto tempo, ou se ela sequer parou. Mas o velho viu enfim sua mente sair do fluxo inerte de consciência e aos poucos retomar a noção do tempo presente, que ainda estava vivo, que respirava e que não boiava.

Como isso era possível? Teria de alguma forma o Barco resistido a toda aquela tempestade? Estariam os demais vivos também? Não ouviu nenhuma voz que pudesse apontar isso. Ouvia o movimento do mar batendo em algo e respingando sobre o seu rosto uma água gelada. Ele

não queria voltar à consciência. Estava gostoso daquele jeito, no silêncio e nas sombras de seus pensamentos.

Uma pressão em seu estômago o obrigou a abrir os olhos e virar de lado para vomitar água misturada a bile. Cuspiu nem sabe quantos litros. Mas seu estômago continuava a retorcer em sua barriga e expelir mais água. Em meio a ânsia incontrolável seus olhos arregalaram com o lugar que lavava com seu vômito. Não era o chão de plástico do Barco que estava acostumado a “batizar”. Era um chão branco, áspero, duro e muito gelado, gelado ao ponto de deixar as pontas dos seus dedos dormentes e queimando.

Ainda com espasmos estomacais, se ergueu segurando a barriga do jeito que podia.

Branco!

Abaixo de seus pés, branco, a sua frente um morro de cor branca, a sua volta onde seus olhos podiam ver, o velho Mar que estava habituado.

Sorriu desacreditado. Gargalhou. Gritou. Gritou a plenos pulmões. Gritou até sua garganta doer e sua voz falhar. Ajoelhou. Levantou. Correu. Pulou. Bateu os pés no chão com força. Enfim seus joelhos pareciam se satisfazer com o solo firme abaixo de seus pés.

Sentia tudo ao mesmo tempo: alegria, esperança, sorte...

Mas havia um intruso que roubava o espaço dos outros, sentia uma ansiedade crescendo dentro de si, se manifestando por uma fraqueza nas pernas, subindo para uma respiração rápida, ardor no peito e na garganta

que queimava a cada respiração que se tornava cada vez mais curta. Seu nariz congelado e queimando a cada puxada de ar, parecia não parar de escorrer. Seus olhos arregalaram e buscaram ao horizonte alguma imagem que o acalmasse, viu uma parede de gelo a suas costas.

O chão era liso e escorregadio, mas ao mesmo tempo grudava e queimava em contato com a pele. Tomando todo o cuidado para não encostar a pele no chão, escalou do jeito que conseguiu, escorregando, escorando com as mãos cobertas com um pedaço de pano que encontrou. Ao superar o desafio da subida, que não tão íngreme, mas muito mais difícil do que passar 20 minutos mergulhando, olhou ao redor e viu que não havia nada em volta daquela área de no máximo 15 metros quadrados de área congelada. Em todo o redor, até onde a vista alcançava, água.

Sentiu uma angústia devido a falta de sorte que tivera. A segurança momentânea deu lugar para uma sensação de vulnerabilidade. Estava sozinho e não sabia o que fazer com aquele chão abaixo de seus pés. Lágrimas desceram pelos olhos e congelaram antes mesmo de chegarem na altura de sua boca dormente e rachada.

De sua garganta saiu um guincho estranho, inaudível. Era pra ser um grito de dor, desespero, não se sabe. Lançou-se de joelhos ao chão. Se amparou sobre as mãos olhando para baixo, para o chão, tentando diminuir o desespero. Mas ela não foi embora. Ela tomou mais espaço, se apossando de todo seu corpo, e agora não tinha um só pelo de seu corpo que não estava sentindo a vontade de fugir, lutar, espernear.

Não pensou muito no que fazer, simplesmente agiu e levou sua testa de encontro ao solo duro. Um filete de cor púrpura desceu de sua cabeça e salpicou o chão branco. Soltou um grito, mesmo sem sentir dor. O grito deu mais coragem, e uma segunda vez chocou sua cabeça contra o chão. E nesse frenético movimento seguiu até não sentir mais nada. Nada abaixo ou acima do pescoço. Continuou até o chão ficar turvo e a vista enegrecer, e nenhum movimento do corpo ser mais necessário para aliviar a tensão. Só assim o corpo estava livre.

Enfim encontrou a paz que todos buscavam.

Capítulo 2

Caraca maluco, é mais uma pet? É mais uma pet! – A surpresa com o tamanho de sua sorte, justificou o tom agudo e alto que alcançou a sua voz e o sobressalto de suas sobrancelhas expressando não só surpresa, mas desconfiança. Até ele se assustou na forma como saiu a sua voz, deu uma olhada em volta pra ver se ninguém tinha visto sua gafe, mas era óbvio que não havia ninguém por perto.

O sol forte sobre a cabeça chegava a pregar peças e fazer enxergar aquilo que se quer ver e não exatamente o que está lá. Definitivamente aquilo que ele estava vendo era algo surreal que não acontecia sempre, e tinha todo o potencial do mundo para ser classificado como miragem, ninguém poderia ter tamanha sorte.

Chegou mais próximo da beira da jangada, forçou mais a vista para enxergar mais longe e tentar distinguir com mais nitidez do que se tratava aquele objeto no meio da vastidão do mar. Juntou o polegar e o indicador das duas mãos, depois as uniu e as trouxe ao olho direito, o seu melhor olho. Essa técnica ajudava quando se precisava ver ao longe. Era uma ótima forma de substituir os binóculos, item que por estes dias, poucos tinham acesso. Mas uma prática muito eficiente, já que ajudava a economizar muito tempo, entre idas inúteis, que somente a proximidade da vista podiam assegurar com certeza do que se tratava.

- Cara, – exclamou ele para si mesmo, até porque não havia mais ninguém por perto que pudesse ouvir - eu tô muito zica hoje.

Ria para si mesmo de sua tamanha sorte. Se levantou e começou a remar com um remo de madeira, que conseguiu pegar de algum galho, de uma embarcação que afundou. Este galho tinha uma pet cortada ao meio, amarrada na ponta para fazer a parte mais larga do remo.

Sobre um dos joelhos ralados, com a nuca pegando fogo e as costas judiadas pelo forte sol batendo sobre suas costas desde sempre. Ele utilizava uma camisa sobre a cabeça em forma de bandana, uma bermuda curta que mal cobria toda a coxa. Ele não tinha mais do que 1 metro e 85 de altura, baixo pra realidade atual, já que os corpos mais altos e esguios se saem melhores nadando e atualmente a média de altura é de 2 metros e 12. Mas ele compensa com ombros largos e um corpo muito bem preparado para qualquer desafio.

Seu corpo era somente músculos, nada de gordura em um corpo sem pelos e de uma pele bem dourada. Seu cabelo era dourado escuro e encaracolado, porém preferia ficar careca, segundo ele deslizava melhor. Costumava ostentar uma barba rala que acentuava muito mais seus olhos azuis, nada comum nos tempos atuais. O que fazia com que os mais antigos sempre o recomendassem a não olhar muito diretamente para o sol, já que se corria o risco de ficar cego, porque os olhos claros tinham menos proteção do que os olhos negros, usando-se da mesma lógica da cor da pele.

Ta aí uma coisa da qual ele não se propunha a contestar de maneira a colocar em prova se era verdade ou apenas crença dos mais antigos.

Remava freneticamente para chegar mais próximo, e a corrente a levando um pouco para mais longe parecendo saber de seu intuito e demonstrando não querer facilitar. Quando se está em alto mar, parece que todo o esforço é inútil, pois a garrafa parecia não se aproximar nunca.

- Vem aqui sua sem vergonha.

Falar sozinho, ou com os peixes, era o segredo para não enlouquecer quando se tinha que passar tanto tempo isolado. Ou inventar músicas, esse era um segredo particular, misturado com paixão e dom. Essas músicas ele usava depois para entreter a todos nas noites frias.

- Tão inútil quanto nadar para trás, é não nadar para lugar nenhum - cantarolou ele em meio a suas braçadas, sentindo que a frase tinha potencial.

Cansado de se esforçar e não obter resultado satisfatório como esperava, não suportou a ansiedade e se jogou ao mar e passou a nadar. Como o melhor nadador de seu bairro flutuante, ele preferia ir quase inteiro submerso. Submergindo a cabeça algumas vezes para espiar e saber se estava mais próximo.

Aprendeu observando os melhores. A técnica que era ensinada a todos não mostrava os segredos. Talvez nem quem ensinasse sabia disso. Mas ele sempre foi muito autodidata, observador, é preciso ressaltar, muito competitivo. Por isso se dedicava em ser o melhor, e

aprender com quem era ainda melhor. E foi desta forma que ele percebeu que os melhores nadadores que ele observava nas competições de encontro dos bairros nas cidades, a forma como faziam. Consistia basicamente em ficar no limite da resistência superficial da água (ele não sabia que se chamava assim), mas foi essa a diferença que ele percebeu entre os vencedores, quase não se via suas costas fora da água, e a cabeça ficava um pouco mais abaixo, e quando se precisava retornar a cabeça para respirar, virava-se sutilmente de lado, e elevava pouquíssima coisa. Aspirava o ar necessário e retornava à posição de submersão.

E assim ele fez por três vezes, até que alcançou enfim a garrafa. A pegou com uma das mãos, a levantou e gritou em comemoração para ninguém. Esse tipo de atividade era muito solitário, mas ele já tinha se acostumado.

Sorriu com triunfo pelo seu achado, se virou e nadou de volta para sua jangada, desta vez sem mergulhar por estar segurando a garrafa, que dificultaria as braçadas sob a água e também porque já não tinha mais tanta pressa. Ao chegar a jangada, jogou primeiro a garrafa, subiu o corpo lateralmente, primeiro o dorso lateral direito, depois o resto do corpo, com muito cuidado para não virá-la. Se deitou virado para cima sobre a jangada um pouco maior que uma porta de hoje em dia.

Encarou o céu azul infinito, com o sentimento de missão cumprida, se virou e olhou em direção ao sol, viu o quanto estava próximo da Linha do Horizonte e com o dedo na direção ao sol, desceu em sentido à linha do horizonte, e em pequenos intervalos, contou quantas horas teria até o pôr do sol. Mais 4 horas provavelmente. Se tivesse sorte, chegaria até o

bairro flutuante até o final do dia. Já recuperado e determinado a iniciar o retorno logo, voltou a remar sentido Norte, às suas costas.

- Quatro garrafas, - comemorou - meu amigo, hoje o dia valeu a pena, 4 garrafas. Fantástico, primeira vez que eu vi de novo - não sabia a origem deste ditado, mas sabia que esse era o momento ideal para dizê-lo. Além de ter o sorriso estampado no rosto de quem vai fazer a alegria, e inveja, da sua comunidade e de quem mais soubesse.

Capítulo 3

E assim foi, solitário, remando sem parar. Vez ou outra pulava no mar para nadar e guinchar a jangada, para assim dar uma esticada nas costas e dar um pouco de exercício para as pernas, quando seus braços e costas já não aguentavam mais a mesma posição.

Já próximo ao pôr do sol, avistou ao longe algo brilhando, o conjunto de plásticos, metal, madeira, que juntas formavam uma área de quase cem metros quadrados. Esse tipo de habitação era o tipo mais popular, encontrado no Mar a fora. Neste tipo, aproximadamente vinte a cinquenta pessoas e famílias, das mais variadas idades, se juntavam para pescar e coletar itens no Mar. Itens que antigamente poderiam ser considerados lixo, mas que hoje eram considerados itens de sobrevivência ou até mesmo luxo, como madeira e ferro, que estragaram, apodreceram e enferrujaram com o tempo e mudança do clima. Sem sombra de dúvidas o mais valioso era o plástico em suas mais diversas formas, mas essenciais devido ao seu tempo de decomposição ser grande e permitir seu uso por vários anos, mais do que a própria vida humana.

Neste tipo de comunidade, intitulado Bairro (flutuante), era uma área com pequenas barracas, o suficiente apenas para proteger do sol, chuva e vento. Ao centro geralmente tinha-se a área de convivência, onde todos costumavam se encontrar para realizar as refeições. Ao fundo uma área reservada para banhos e demais necessidades. Uma casa de máquinas e uma área de cozinha/enfermaria.

Além desse tipo havia cidades flutuantes, muito maiores, que podiam abrigar até mil pessoas, em outros casos dez mil pessoas e famílias. Nela tinha-se os mais variados tipos de serviços, mecânicos, artesãos, comércio de bebidas, roupas e comidas.

Os Barcos familiares basicamente viviam para pesca e para sua sobrevivência. Barcos de exploração comportam até trinta pessoas, eram rápidos, podiam ser a vela e possuíam múltiplas funções, mas a principal geralmente era a de grande pesca e podiam ir bem longe e passar vários dias afastados. Havia ainda os Cruzeiros, comportando até cinco mil pessoas, geralmente os mais ricos tinham acesso. Os menos abastados podiam participar de suas viagens que desbravavam os mares, para fim de turismo, mas geralmente, estes últimos apenas como trabalhadores que serviriam seus tripulantes, na maioria ricos, velhos e suas famílias.

Havia Plataformas no mar para extração de petróleo, a mais de quinze mil metros abaixo do nível do mar. Falava-se que este tipo de combustível já estava à beira da extinção, mas ainda sim conseguia-se encontrá-la em pequenas quantidades, assim como gás.

A sociedade como se entendia antes, com casas, ruas, carros, deixou de existir depois de um período de forte aquecimento Global e a frequente elevação da temperatura na terra, que levou ao derretimento das calotas polares, o que fez com que o Oceano subisse em todo o Planeta.

Somando-se a isso, inúmeros terremotos, maremotos e tsunamis por aproximadamente duzentos anos, trataram de acabar assim com todo o vestígio de vida terrestre, como conhecemos. Forçando o povo a se adaptar à vida sobre as águas, depois de mais de duzentos mil anos vivendo e evoluindo sobre a Terra.

Houve tentativas de frear a elevação da temperatura na Terra, mas a indústria, o dinheiro e o negacionismo amplamente difundido pelos interesses escusos do Capital, trouxe a humanidade a este momento crítico. E como um corpo sobe a temperatura como mecanismo de defesa, a Terra parecia querer eliminar o vírus humano de sua superfície. E ela quase conseguiu.

Logicamente não foi da noite pro dia. Foi um processo em cadeia, até mesmo lento, levando primeiro toda a região Litorânea do Mundo. Mas o povo se adaptou e subiu para os vales. Mais algumas décadas e o nível do mar não parava de subir, forçando uma maior concentração populacional nas regiões mais altas do planeta.

O aumento da pobreza e segregação social, forçou a sociedade a adotar o controle da natalidade, impondo o máximo de um filho por família e a possível esterilização da população mais pobre e vulnerável. Atitudes

esta que ou não surtiam efeito, pois o povo por muitas vezes estava além do alcance do controle, ou então causaram inúmeras revoltas em todo o Mundo. Já que a crise não era culpa dos mais necessitados e sim daqueles que extraíram além do que necessitavam, subjugando a vida humana na Terra à extinção.

Poucos se adaptaram ao calor extremo que tomou a Terra, assim como a necessidade de passar mais tempo submersos para coletar e pescar para sobreviver. Este pequeno grupo agora ocupava uma área reduzida do planeta, enquanto a vastidão dos mares e oceanos era controlada pelos animais marinhos. Estes animais, mais evoluídos e espertos, pareciam ter gostado de adicionar carne humana à sua cadeia alimentar.

*

Chegando próximo do conjunto começou a balançar feliz da vida as garrafas que havia conquistado depois de vários dias em Mar aberto. Sabia que estavam monitorando o espaço com binóculos não muito eficientes, mas o suficiente para monitorar todo o espaço em volta, para o caso de animais de grande porte, cardumes ou uma embarcação pirata.

Sim, os piratas existiam, basicamente um grupo que vivia de saques e capturas, mas nada de tapa olhos ou pernas de pau, apesar de que o mar não era nada gentil com seus hóspedes.

A única coisa que ele queria fazer era chegar e tomar um gole de água, e usar de sua cota extra por ter saído para o mar e tomar outro copo, e comer um belo de um pedaço de um peixe com o mesmo sabor de todos os outros, basicamente a única alimentação possível em um universo tomado pela água. De diferente, no máximo, algumas algas que se soltavam do fundo do mar e vinham os presentear na superfície.

Não que a terra não existisse mais, mas na realidade a terra era tão escassa, que se tornou produto de gente rica ou possível apenas em grandes aglomerados que as nações mantinham acesso para produzir um mínimo de árvores, suficientes para manter uma pequena variedade de alimentos, e também oxigênio da Terra, cuja função tinha sido muito bem substituída pelas algas e corais.

Não que ela tenha deixado de existir, a terra ainda existia em abundância, somente no fundo do mar, e o processo para extração ainda não era totalmente eficiente, pelo processo de extração do fundo, e pelo fato desta terra não ser totalmente fértil, necessitando de um processo de fertilização e têmpera do solo, que dependia de tecnologia escassa e cara.

A busca por Terra era como a busca do Santo Graal dos dias de hoje. Encontrar Terra podia ser considerado um arrebatamento dos Deuses. Em muitas histórias de pessoas que saíam para pescar e não voltavam, criava-se a lenda de que haviam encontrado Terra, e por isso não haviam voltado. Mas não foi o seu caso, já que retornava para sua casa e conforme foi se aproximando, distinguiu os moradores acenando ao longe.

-Ei, pessoal. Olha só o que eu consegui, olha aqui - dizia ele da jangada triunfante com seus achados, pegando cada uma e exibindo como um troféu, acompanhado de uma dancinha esnobe. Fez uma graça ao deixar uma cair, seguida de uma careta de desespero, mas recuperando rapidamente, por na verdade, nunca ter saído de seu controle.

De longe os tripulantes do bairro flutuante acenavam enquanto aguardavam. Distinguiu a matrona do Bairro com uma mão na cintura e outra sobre os olhos para fazer sombra e enxergá-lo melhor. Cinco das crianças, sem conseguir aguardar, ansiosas se jogaram ao mar para ir ao encontro dele e ajudar a juntá-lo ao bairro flutuante.

Ele já percebendo, a ajuda e notando todo o seu cansaço, se deu ao luxo de parar de nadar freneticamente, e esperar os garotos chegarem para ajudar.

Fabício, ao longe, fazia dancinhas de vitória e comemoração. Uma das crianças, Rafito, que se destacava na habilidade do nado, vinha trazendo uma corda, Fabrício a segurou para puxá-la e amarrar em volta de seu corpo, que agora seria içado lentamente para anexar ao bairro. Antes de tomar a posição para ser puxado, ajudou Rafito a subir, e ficaram os dois em pé no pequeno espaço da jangada. Rafito aparentava estar bem ofegante, pois buscou fazer bonito para Fabrício, a quem ele dividia muita admiração.

- Ae garoto, parabéns, mandou muito bem! - Elogiou ele, demonstrando entusiasmo e orgulho para incentivar o pequeno.

- Você viu... deixei todo mundo.... pra trás...
- Certinho, você fez direitinho a passagem de braço que eu ensinei.
- Eu treinei... mas o Felipe... ficava... me... atrapalhando...
- Beleza, agora senta aí pra gente chegar lá de boa.
- Eu... tô... de boa... - fez papel de durão quando na verdade ficou muito aliviado por poder sentar, descansar e recuperar o fôlego.

Rafito se acomodou mais ao fundo, enquanto Fabrício sentou mais ao meio e colocou os pés apoiados sobre os emaranhados que uniam as garrafas fazendo pressão, para que ao ser puxado, ele não fosse puxado sozinho deixando a jangada para trás. Para ter certeza de que a corda não iria machucar, deu mais uma volta em seu corpo e levantou a mão para dar o sinal de que precisavam para iniciar o reboque.

- Bora - deu o sinal de jóia e contou até cinco esperando o tranco que iniciaria o reboque.

O tranco forte exigia muito de suas costas, mas ele sabia compensar com uma boa divisão da força distribuindo sobre a sua perna. A jangada se aproximava cada vez mais rápido do bairro e de longe via algumas pessoas parando suas atividades, outras apenas dividindo a atenção, mas todos felizes e contentes em receber o integrante de sua família que havia vencido a fúria do mar e retornava a seus braços.

Olhou em volta e viu as crianças nadando em volta. Brincavam jogando água no rosto umas das outras, ora mergulhando e puxando a perna de outro para assustar.

Assim se seguiu por poucos minutos que para ele pareciam horas dado a sua ansiedade em ter companhia novamente. Até que a jangada chegou próxima o suficiente para ser anexada, jogar a corda para que o segurassem com mais segurança, ele pode enfim subir a bordo do bairro flutuante.

Capítulo 4

Pô cara, que bom que você voltou antes do anoitecer, assim a gente pode te ajudar um pouco - disse Carlos, dando tapinhas nas costas de Fabrício. Carlos, um homem de quase quarenta anos, baixo e forte, com a pele bronzeada e cabelo ralo, tinha a concessão de possuir um Bairro. Responsável pela estratégia de pesca e condução do leme, ele dirigia a comunidade ao lado de sua esposa, Maria Lúcia, que ensinava as garotas e geria as mulheres do Bairro.

Fabrício nutria um sentimento de gratidão e dívida para com eles e se sentia bem em ser útil para a manutenção do Bairro. Um fato curioso é que geralmente as pessoas adotavam o nome do Bairro como seu sobrenome, logo, Fabrício era Fabrício da Santa Mãe do Mar. O nome evidenciava o tom devocional que o líder do Bairro tinha por esta divindade.

- Guilherme voltou ontem, mas não foi muito longe não, e não conseguiu muita coisa. Assim que voltou dormiu por 10 horas, acordou pra comer e voltou a dormir e está dormindo até agora, pelo jeito ele ficou bem judiado, e você? Como é que você se saiu?

Fabrício ouvia tudo e ia cumprimentando as pessoas. Ao fim do que Carlos disse, mostrou todo contente e orgulhoso, disfarçando até que bem seu orgulho se não fosse pela excitação expressa em sua voz, falando rápido e com bastante expressão nos olhos.

- Quatro garrafas. Olha só, consegui esse emaranhado de linha. Tem um monte de coisa nela: canudo tem os papéis, dá para a gente aproveitar bastante, dá para usar algumas coisas, filtra água... vai ser legal, vai dar para usar assim que secar.

Ele exibiu seus achados como se fossem um grande peixe, orgulhoso. Entregou-os ao líder do Bairro, que acenou com a cabeça, aprovando o bom desempenho do jovem.

- Alguém pode guardar isso aqui e trazer depois? – Logo veio uma das meninas moradoras para pegar, separar e armazenar devidamente o achado. - Essas duas que estão melhores você pode deixar inteira, essa outra que está mais judiada, olha só a cor e como está porosa, viu? - Ensinou ele a menina que tentava ver o que só seus olhos treinados conseguiam ver. - Vai virar?

- Linha - disse ela esperançosa em acertar.

- Isso - respondeu ele em aprovação - a outra pode separar para abrir.

Fabrício olhou em volta e perguntou:

- E o Júnio? Cadê ele? - Perguntou ele preocupado olhando para a linha do horizonte para o Norte que é por onde por onde ele tinha partido.

Júnio era um amigo seu de longa data, a quem Fabrício tinha muita estima, já que tinham passado por muita coisa juntos.

- Nada ainda, mas já deve estar voltando, ele sabe se virar.

- E o Lucas? - Para Fabrício esse não sabia se virar muito bem.

Lucas era o mais novo entre os que saíam em busca de “tesouros”, irmão de Juliana. Ambos haviam perdido os pais em uma grande tempestade que devastou o Bairro que pertenciam quando Lucas tinha 7 e sua irmã 10.

- Cara, não voltou ainda. E o pior é que a gente viu umas nuvens pretas para aquele lado. Vai ser bom se ele voltar o mais breve – os demais acenaram em concordância e dando um voto de confiança que nada de mal tivesse acontecido. Enquanto Fabrício olhava preocupado, mas mudou sua fisionomia para confiança, e assim não desmotivar os demais e retrucou. - Vai, vai voltar sim.

A conversa e o alvoroço da chegada foi interrompida por uma voz doce que parecia parar o mundo, pelo menos o de Fabrício.

- Vem Fabrício, venha se banhar e tirar um pouco desse sal do seu corpo - chamou Juliana com sorriso nos lábios.

Fabrício, reconhecendo de quem era a voz, se prontificou a apenas responder um aceno de cabeça e começou a se afastar do grupo.

Juliana era uma menina muito dedicada do Bairro, a quem ela adotou como família. Tinha em seu irmão seu maior amor e proteção, mas nutria imenso respeito por Carlos e Maria Lucia que os acolheram e ensinaram tudo que sabiam. Ela era de estatura média, tinha um corpo esguio, o que ela usava para justificar sua inabilidade como nadadora.

Fabrício acreditava que se devia ao trauma de ter perdido os pais, mas não seria algo que ele iria falar pra ela, se ela dizia que era porque

não tinha os ombros largos, então era porque ela não tinha os ombros largos. Seus cabelos ondulados, negros e volumosos eram seu grande xodó, os quais ela cuidava com muito zelo, até por isso evitava a água salgada. De longe sua simpatia e seu sorriso eram seu ponto mais cativante, que gerava em todos a sua volta um desejo de proteção e proximidade.

Enquanto ele avançava em direção à Juliana, as crianças se amontoavam ao seu redor o chamando para brincar. Ele sabia tratar com adultos sobre assuntos de sobrevivência e estratégias de pesca como ninguém, mas uma coisa formidável é que ele sabia brincar com as crianças como uma criança, o que as fazem admirá-lo ainda mais.

– Calmaaaaa - gritou imitando uma súplica de quem sofria de dor. - Criançada, vou fazer o seguinte, preciso descansar um pouco, e daqui a pouco eu volto.

As crianças soltaram um suspiro de desapontamento, mas aceitaram e voltaram a brincar sozinhas, quando uma das crianças aproveitou o “timing” de tristeza das outras e tocou na que estava mais próxima a ele, gritou “tá com você” e correu para pular na água, o que se seguiu com as demais crianças tentando evitar serem pegas.

Ele seguiu atrás da Juliana, pelos corredores do Bairro. Na última viela havia uma “bica”, um cano se pronunciava acima das armações que eram as barracas onde dormiam. Cada um tinha direito a um copo de água não salgada, que colocava nesse recipiente de lata e meio que funcionava como conta gotas, ou a pessoa podia usar um pano para se umedecer.

Recebiam também um pedaço de sabão, feito da gordura de peixe, de fato tinha um cheiro que não era muito agradável, mas nada supera a sensação de uma pele limpa do sal, ah e o cheiro, com o tempo seu olfato se acostuma e você nem a percebe mais.

Essa área reservada existia um consenso no grupo quanto à privacidade, pois não havia paredes, por isso o respeito era algo valorizado. Às vezes alguma criança ou outra querendo aprontar mergulhava por debaixo da cidade e ia até lá para poder pregar uma peça e assustar alguém. Mas desde cedo, este tipo de conduto era desencorajado com rígidos castigos de perda de direitos de brincar e longos sermões.

O espaço “privado” não tinha muros, apenas uma pequena mureta feita de materiais improvisados encontrada no mar e que dava para todos ali, pelo menos um pouquinho de privacidade. Ela caminhando na frente, de vez em quando olhando para trás sorrindo de canto. Mas mesmo assim decidida, tentando disfarçar também sua excitação e não demonstrar vergonha.

Ele ia andando cumprimentando alguns moradores que iam passando por ele, sempre sorrindo de forma carismática e educada como sempre foi. Até tentava demonstrar segurança, mas dentro de si sabia que estava inseguro com suas emoções.

- Pronto garoto, anda logo - Juliana já estava esperando ele, com seu copo de água, um pedaço de sabonete e um “trapo” limpo de tamanho

médio que simbolizava a toalha. Falava de maneira como se estivesse forçando autoridade, mas deixando claro que não passava de brincadeira.

Enquanto estava parado olhando para ela, ele se sentia bem e vitorioso. E sentia que podia tudo, até mesmo dar o primeiro passo no que seria sua maior vitória. Mas ainda sim, se sentia paralisado e com medo da reação dela. De que sua atitude poderia estragar tudo aquilo que havia entre eles, que era algo realmente especial, anos de muita amizade e companheirismo. Desde pequenos brincando de pega no mar, ou juntos estudando.

- Fabrício...

Sua voz o despertou e o trouxe de volta à realidade

- Acorda menino, tá dormindo é?

- Nossa, dei uma viajada - disse disfarçando com um sorriso embaraçado. - Boa, agora vou tomar o banho dos vencedores.

- Realmente, um copo de água não é pra qualquer um.

- Você quer um golinho, eu divido com você? - Disse em um tom de brincadeira como se estivesse passando uma cantada e oferecendo flores.

- Nossa, como você é romântico, eu tenho que tomar cuidado para não me apaixonar por você - se divertiu com a brincadeira falando em tom de deboche.

- É, eu gosto de ser um cara à moda antiga.

- Ah tá, sei, você romântico? E eu acredito num vale cheio de árvores, bichos e terra firme.

- Você quer terra firme? Eu encontro pra você.

- Ah é mesmo, e por que você não encontra onde você guardou a sua humildade?

Zombou ela vitoriosa e entregou o copo e o sabonete em suas mãos, e pendurou a toalha ao lado. Depois começou a sair, mas sua vitória poderia ser mais completa.

- Ah, e não esquece de lavar o popozão, pra não ficar com cheiro de bunda - e saiu correndo para não dar tempo de revide.

Ele pensou em revidar, mas já era tarde demais, apenas riu e se divertiu. O segredo da brincadeira era aceitar para depois poder zoar também. Levar na esportiva, e não tomar para si o que era dito brincando.

Capítulo 5

Sem muita pressa, Fabrício começou a se arrumar para seu merecido banho, um evento especial dado a sua raridade. Pegou a toalha, sentiu a maciez e a esticou na beirada do jeito que gostava. Quando ia tirar a bermuda, algo chamou sua atenção.

Ele olhou por sobre o parapeito, analisou por um momento, mergulhou o braço e puxou algo para dentro do barco. Era um dos garotos do bairro, tentando pregar uma peça em Fabrício.

- Ah, seu pilantra, o que você está fazendo aqui?

- Ai, ai, me solta - era Éfinho, um dos garotos que respeitava e admirava Fabrício.

- Ah moleque, o que você estava fazendo escondido? Não sabe que não pode ficar bisbilhotando as pessoas aqui? Eu devia te dar uma coça.

- Vai nada, eu acabo com você.

- Ah é? Então eu vou acabar com você agora.

E os dois se engalfinharam numa briga de mentira, enquanto ele dominava o garoto com sua força, mas deixava espaço para ele demonstrar sua habilidade. O Fabrício não estava realmente nervoso, na verdade foi ele quem ensinou as melhores formas de pregar uma peça no bairro. Ele que sempre foi muito levado e liderava as bagunças que tirava

todos do sério. Eles estavam bem cansados, mas tinha sempre uma energia sobrando pra brincar com as crianças, a quem ele tinha um carinho imenso e um sentimento de responsabilidade paternal.

- Eu vou acabar com você - o garoto fazia força, sem resultado, pois ainda era muito pequeno, simulando com a boca sons de golpes que tentava acertar em Fabrício.

- Ah é? Então eu vou te deixar preso aqui pra sempre - imobilizou o garoto, dando uma chave de perna e prendendo os seus braços. Esse truque ele ainda não havia ensinado para ele, que não sabia como sair.

Romão não sabia o que fazer, e seu desespero tomou conta de si perante a iminência de ficar preso para sempre, deu-se por vencido.

- Aiai, desculpa Fabrício, eu me rendo. Você é o rei, o melhor do mundo, o senhor supremo...

- Não adianta me bajular, você vai morrer do mesmo jeito – disse enquanto decidia a briga com uma chave de braço que ele já havia ensinado, mas que era infalível. - Deixa eu tomar meu banho, sai daqui moleque.

Liberou o garoto que levantou correndo quando se viu livre, mas não sem antes dar um pontapé na bunda dele, que se jogou no mar e saiu nadando com a bunda de fora caçoando como se tivesse ganho a luta. Mais uma pilha ensinada por ele.

- Moleque atentado.

Voltou ao seu banho merecido, ainda sorrindo pelas brincadeiras. Mas ainda pensando na oportunidade que perdera com Juliana, ela vinha cada vez mais povoando os seus pensamentos. Deixou esses pensamentos de lado para se atentar ao que iria fazer, pegou dois dedos e introduziu no copo e voltou com os dedos úmidos e os passou nos olhos. Parecia que tinha tirado um caminhão de peso das pálpebras. Voltou a molhar os dedos e passou agora nos lábios secos e ressecados, e foi como se tivesse bebido litros de água.

Feito os rituais iniciais, voltou até a beirada e se jogou no mar para molhar o corpo, mas só do pescoço pra baixo, tudo muito rápido, já estava cansado do mar, voltou para dentro do bairro e pegou o sabonete de gordura de peixe e começou a se ensaboar. Passou o “escamoso” (era como chamavam o sabonete) pelo corpo, formando uma espuma amarelada e com cheiro não muito agradável, pois era feito de gordura de peixe, mas pelo menos tirava o sal do corpo e dava uma sensação gostosa na pele. Depois que se deu por satisfeito pegou a toalha e começou a passar pelo corpo para tirar o excesso do sabão. Fez tudo isso preservando uma ponta da toalha que seria usada para enxaguar o corpo.

Quando se deu por satisfeito, pegou a ponta da toalha e o molhou no copo. A toalha sugou quase metade da água do copo. Com aquela ponta molhada ele teria que enxaguar metade do seu corpo. E foi o que ele fez, iniciando pelo rosto e orelhas, descendo pelo pescoço, passando pelos braços, depois peito e por fim dando uma atenção especial às axilas. Conforme ia passando pelo corpo, seus poucos pelos iam arrepiando devido à brisa que ia soprando. Brisa essa que acompanhava o pôr do sol

cada vez mais próximo da linha do horizonte, onde o Sol se fundia com o mar até onde a vista alcançava.

Repetiu o processo com a toalha para cuidar da outra metade do corpo, até que se deu por satisfeito ao ponto de poder se vestir novamente. Por fim, voltou a passar os dedos dentro do copo para molhá-los e passar na nuca, pois gostava da sensação de frescor que dava quando ventava.

Por fim, deu uma golada, assim mesmo, sem pudor nem nojo, toda gota de água potável e não salgada devia ser valorizada e aproveitada. Apesar de todas as tecnologias que permitem que você transforme água salgada em água potável, não eram todos que tinham acesso, e o processo dependia de recursos escassos que dificultavam o processo. Água salgada tinha em abundância, até onde a vista alcançava ou então a sua imaginação. Na verdade, era a única coisa que se tinha.

Finalizado seu processo de limpeza, deu-se conta do quanto estava cansado e da noite que chegava lenta ocupando o espaço de luz que o sol deixava. Experimentou um sentimento de gratidão por estar de volta e pelo momento que a noite trazia. Toda noite o grupo se reunia no centro para ficarem juntos e espantar o medo que a escuridão do mar infinito trazia.

Quando saiu do espaço de banho, já pode notar algumas sombras dançando se movendo no centro do bairro. Ao chegar ao grupo, sentou-se junto aos demais em volta de uma fogueira de álcool improvisada com pedaço de lata, que um dia fora provavelmente uma lata de tinta que

serviu para pintar a casa de alguém, e foi encontrada boiando perdido no mar e chamada de tesouro.

As pessoas em volta da fogueira assavam peixes espetados em varetas de metal. Seu estômago embrulhou, mas ele não deu bola, afinal só se conseguia comer ave quando se tinha muita sorte de encontrar alguma que caiu e nenhum peixe ainda comeu. Aves eram raridades, já que não se tinha mais árvores para pousarem e fazerem seus ninhos. Algumas espécies eram criadas em navios de grande porte e poucas ainda eram silvestres. Essas aves, geralmente quando livres, voavam de navio a navio.

Nesses navios, é importante ressaltar, ainda era possível encontrar carne de porco, e o mais raro e caro, de vaca. Mas ele mesmo nunca tinha visto uma vaca, o que às vezes o fazia duvidar de quando alguém dizia ter comido. Mas a esperança de um dia encontrar e poder se deliciar de um bom churrasco (como diziam os mais velhos, que em tempos passados havia em abundância e todos podiam comer enquanto conversavam, dançavam, bebiam e riam) é algo que vale a pena acreditar.

Capítulo 6

Em volta da fogueira (sobre uma plataforma inox e não sobre o chão do Bairro que facilmente incendiaria a tudo), as pessoas conversavam sobre o tempo e histórias de um passado que não viveram. Fabrício se aproximou do grupo, que ainda não notara sua presença, preparando-se para fazer uma de suas piadas habituais.

- E aí, pessoal? - Chamou a atenção de todos com um sorriso. - Hoje vai ser o quê? Peixe com peixe ou peixe ao molho de peixe?

Como de costume, todos riram. A piada em si não era tão engraçada, mas a presença, o humor e a alegria de Fabrício cativavam a todos.

- Sente aqui, Fabrício, ao meu lado - chamou Carlos, convidando-o a se sentar em destaque. - E aí? Como foi dar o “perdido”? - chamavam de “perdido” o processo de expedição que Fabrício acabara de realizar, um trocadilho com o risco constante de se perder na imensidão de água. O termo mais aceito, no entanto, era pescaria, que soava menos agressivo e assustador.

Ao final da frase, Carlos lançou um olhar de mistério para as crianças, que sabiam que de fato, aquele seria o futuro que aguardava a alguns.

O convite chamou a atenção dos demais em meio às conversas que silenciaram. Todos gostavam de ouvir sobre as aventuras de se estar

sozinho à deriva no mar, vulnerável às intempéries do tempo. Pois nem todos podiam ter o prazer de experimentar essa aventura.

Ele estava bastante excitado porque sabia que seria o centro das atenções e ele bem que gostava disso, mas sabia criar um suspense e estava ansioso por isso.

- Ah, foi de boa, nada de novidade, me passa o peixe por favor...
- Ah para - protestaram as crianças.
- Ridículo - disse Raquel.
- Fala logo - disse Larissa uma das meninas dando um tapa em seu braço.

Protestaram perante a brincadeira, pois todos esperavam detalhes e aventuras.

- Tá bom gente, vocês não têm ideia! Foi muito legal. Foi muito tenso - quando falava sua expressão e seus olhos inflamavam de uma energia que todos podiam sentir a vibração em sua voz. - Eu fiquei muito preocupado, o mar estava muito agitado, não me lembro de quantas vezes tive que quebrar onda.

- Você viu algum tubarão? - Interrompeu o Éfinho.
- Não interrompa ele, deixa ele contar, o suspense é mais legal - protestaram as outras crianças, enquanto os adultos se divertiam com o interesse de todos.

- Eu vi... não vi... vai acompanhando que você vai descobrir - respondeu deixando a dúvida no ar, prendendo a atenção de seu público.
- E o vento? Cara, ventava tanto que parecia que eu ia sair voando. Umas

duas vezes a minha jangada levantou da água e eu me senti voando - parou para reparar a cara de espanto das crianças, sentiu que tinha a atenção do grupo e retomou a narrativa. - E enquanto ventava e eu me forçava a me segurar, até que eu dei uma olhada pro céu pra ver se eram nuvens de chuva, e sabe o que eu vi? Três pássaros voando.

- Três pássaros? Você viu três pássaros por aqui? - Perguntou Lúcia também curiosa.

- Faz muito tempo que não o vejo passando por aqui - buscou na memória Carlos. - Eu acho que foi há uns três anos.

- Faz três anos que você não vê um pássaro? - Perguntou um dos garotos tristes com a possibilidade de não ver mais nenhum pássaro também.

- Voando livremente eu quis dizer - corrigiu para aliviar a ansiedade do pequeno.

- Será que não era um balão não? - Balões eram formas de comunicação e sinalização que se usavam e podiam ser facilmente confundidos com outras coisas no céu ao se olhar de relance.

Ele balançou a cabeça negando com um olhar de desafio.

- Certeza que eram pássaros! - Afirmou de forma convicta. - Mas eu estava focada nas garrafas. Eram as garrafas que eu queria.

Nesse momento ele conseguiu o que tanto almejava, vários suspiros de admiração e surpresa. Não era verdade, mas o que todos queriam era ser surpreendidos, e era o que ele estava disposto a dar a eles.

- Nossa, será que tem terra aqui perto? - Sonhou o menor de todos que atendia pelo nome de Lucinho.

- Lógico que não, seu burro, é mais provável que tenha um navio, e mesmo assim pode estar muito longe, esses pássaros podem voar por quilômetros - disse Rafito.

- Não sei gente, só sei que era grande e colorido - ele complementou a história com este detalhe pois sabia o efeito que animais coloridos causavam. Mas na verdade nada daquela parte era verdade, estava apenas desempenhando o seu papel de contador de histórias e valorizando a sua aventura.

- Será que eram araras? Elas podem falar - disse o mesmo sonhador indo mais longe em sua esperança.

- E seu eu te disser que era mesmo? E que elas falaram comigo pra eu não ir em direção ao pôr do sol...

Com a notícia as crianças vibraram, já os demais perceberam o tom trágico e cômico da narrativa e trocaram olhares rindo. Relaxaram e continuaram ouvindo aguardando a história tomar o rumo sério e verdadeiro.

- Era tubarão! Certeza - Rafito estava ansioso.

- Que nada, acho que eram piratas - Éfinho foi mais longe

- E se os piratas estiverem se aproximando? - Olhou Larissa para um dos adultos buscando segurança e conforto, e recebeu o afago que o confortou para afastar sua preocupação.

- Calma crianças, não eram piratas, só o Navio deles - disse ele dando corda para a imaginação das crianças.

- Um Navio Pirata mal-assombrado - exclamaram as crianças espantadas em uníssono.

- Você entrou nele?

- Você viu os fantasmas?

- Vocês estão loucos? Quando eu vi ele chegando perto de mim lá longe, eu já comecei a remar no sentido contrário. E ele continuou me seguindo, mas vocês sabem que eu nado mais rápido que um barco né?

Nesse ponto algumas crianças mais velhas entenderam que ele podia estar brincando, mas continuaram a acompanhar já que ouvir os outros contarem “lorota” fazia parte de suas práticas diárias.

- E quando ele viu que não ia conseguir me alcançar ele mudou o sentido e foi embora, deve ter ido em busca de uma presa mais fácil - disse ele vitorioso.

- Nossa... Você ficou com medo? - Quis saber Éfinho que estava muito interessado na valentia de Fabrício.

- Claro que não, se eles chegassem mais um pouco perto de mim, eu ia mergulhar por baixo do navio e ia na parte de trás, ia escalar e atirar com suas próprias bolas de canhão para afundar eles e eles nunca mais iam atormentar ninguém.

- Nossa Fabrício, você é muito corajoso - espantou-se uma das meninas

- Eu também faria isso - gabou-se Éfinho

- HAHHAHAHAH - caçoaram alguns da tentativa dele de se promover como corajoso.

- Você se mijaria todo, sorte de estar na água pra ninguém ver, senão até os piratas fantasmas iam rir.

- Você nem consegue mergulhar por mais de dez minutos ainda - diminuiu o amigo Rafito, na brincadeira de um debochar do outro.

- E você consegue?

- Não, mas eu já consigo por cinco minutos, e além disso eu ia desafiar os piratas.

- E o que você faria então?

- Chamava meus amigos golfinhos e fugia surfando neles.

Ao que todos riram e assim parecia que havia um vencedor no que parecia um jogo para ver quem conseguia exagerar mais.

- Mas de verdade gente - falou novamente Fabrício chamando para si a atenção de todos novamente. - Meus braços tava todo travado, de tanto fazer força, mas mesmo assim eu continuava nadando, continuava remando, eu só queria acabar logo e poder voltar para vocês. Quatro garrafas eu encontrei - falou fazendo o gesto com as mãos e mostrando para todos ao redor. - Meu, vocês acreditam nisso? Quatro garrafas. Não é todo dia.

- Mas e como é que foi a maré tava boa? - Carlos alterou o rumo da conversa, levando para uma parte que interessaria os adultos, já que as crianças já haviam sido atendidas. - Tava tranquilo?

- Não tive muitos problemas. Teve algumas ondas fortes, mas pro meu lado foi suave, acho que devo ter caído uma vez só.

- O Guilherme disse que teve muita onda - disse Larissa. - Será que ele estava mentindo?

- Acho que ele ficou com medo e por isso voltou - confabulou um dos pequenos, concordando com suas suspeitas, e reforçando o estereótipo que tinha de o Fabrício ser o mais valente.

- Não devemos julgar sem provas - corrigiu Lúcia. - Ninguém sabe como é ficar sozinho no “perdido” até que esteja lá.

Mas os três mais experientes do grupo, trocaram olhares demonstrando também suas dúvidas. Mas nada se falava pois existia respeito pelo medo de que o outro poderia estar passando, pois não se tratava de uma tarefa fácil, e não era qualquer um que se dispunha a realizar. Por isso a confiança tinha que ser cega, pois um grupo de adultos como o deles, dificilmente conseguiria jovens dispostos a desbravar os mares com eles, é mais comum que jovens aceitem grupos de jovens já que o alcance é maior e os espólios, também são maiores e melhores.

- A próxima vez eu quero ir mais longe - pensou em voz alta. - Próxima vez eu acho que eu vou com alguém - deixando no ar a última frase.

- Você pode me levar, tio Fabrício? - Perguntou Rafito animado. - Eu vou com você, eu aguento - levantou mostrando os músculos do braço, ou a falta deles.

-Você? Você não sabe nem boiar ainda.

Depois de desafiar o garoto, ele ameaçou dar um peteleco na orelha dele. O garoto desviou e o desafiou Fabrício novamente para uma briga que ele jurava ser capaz de ganhar. Fabrício ameaçou uns movimentos de golpe a distância no ar, assim como seu adversário.

- Ele não precisa se preocupar, cocô não afunda - tirou sarro Éfinho devolvendo a brincadeira de momentos antes, com uma das tiradas mais antigas da história do ser humano com a água.

Esse comentário fez a atenção do pequeno se voltar para ele só que com uma atitude mais séria, mas Lúcia o puxou e o fez sentar, antes que ele se empolgasse demais e acabasse perdendo o juízo. Enquanto o outro recebia uma reprimenda pela brincadeira de mal gosto.

Após a brincadeira e descontração que ele proporcionou a todos, decidiu mudar o tom levando a conversa para outro rumo, que acreditava ele, era o que se passava na cabeça de todos

- Mas eu tô preocupado. Tô preocupado com os outros dois, o vento que vinha daqueles lados não estavam legais - Fabrício na verdade mentia sobre os ventos, ele estava preocupado com o irmão da Juliana que era sua primeira vez no perdido.

- Realmente não voltaram ainda, mas em até dois dias ainda estão dentro do prazo.

Justificou Carlos querendo confortar a todos. Fabrício percebeu o olhar da Juliana, que teve dificuldade em esconder sua preocupação.

- Calma, eles vão chegar - tentou tranquilizar minimizando o tempo que havia levado. - Eu voltei cedo porque encontrei bastante coisa - mas nem ele sentia certeza e segurança no que disse.

Apesar da preocupação a conversa corria solta pela alegria de ter um de seus de volta. Todos sabiam que, mesmo o melhor e mais experiente nadador poderia sair, mas que mesmo assim poderia não voltar. E que toda partida era uma despedida e todo o retorno era um nascimento.

E assim foi pelo resto da noite. O menorzinho, chamava sempre sua atenção, perguntando como que Fabrício havia saído, quais eram os truques e quando que ele poderia ir?

- Eu vou te ensinar, eu prometo. Mas você ainda é muito novo.

- Não sou nada, eu já sei nadar... Já consigo te acompanhar - demonstrando o máximo de confiança que conseguia e credibilidade que seu tamanho permitia.

- Sim eu sei que você sabe, um dia a gente vai precisar de você - ele sabia que era importante brincar, mas também incentivar a coragem deles.

- Então eu preciso que você esteja muito forte, porque lá não é brincadeira.

- Fabrício, você escreveu uma música nova? - Questionou Fabiana, que adorava ouvi-lo cantar.

- Pensei sim, querem ouvir agora?

- Sim - Responderam em uníssono e com muita expectativa.

- Beleza - concordou Fabrício - É assim ó:

“Não manga deu,

ô meu xodó, não manga deu,
que o seu jeito deixa o caboclo besta,
besta assim como eu,
ô meu xodó, não manga deu
pra você eu comprava travesseiro
de pena de ganso inteiro,
pra te dizer, que do mundo é mais linda”

-Olha só - disse Lúcia - Mas que música romântica, mas quem será esse xodó? - Disse ela com um olhar insinuante.

-Huummmmm - disseram as crianças acompanhando a insinuação de Lúcia.

-É nada, é que ficar sozinho no mar deixa a gente com tempo pra pensar, só isso - justificou Fabrício, com um olhar encabulado e desconversando para dar fim ao assunto.

-Bom o papo tá muito bom, mas eu vou colocar essa cambada pra dormir - disse Lúcia levantando e mandando aquele olhar inquisidor para as crianças menores. - Não fiquem até muito tarde, Adultos - disse ela acentuando a última palavra com um tom de sarcasmo.

-Só vamos trocar mais um pouco de papo - disse Carlos. - Papo de Adultos - disse entrando na brincadeira.

Capítulo 7

A noite foi avançando e aos poucos as pessoas começaram a se despedir em direção a suas barracas. Essas barracas não eram muito grandes, era apenas um espaço para se deitar. Não eram como as barracas que a gente conhece hoje em dia, espaçosas e com fechos na frente. Estava mais para as barracas que as crianças faziam com cobertor e cabos de vassoura na sala de suas casas. O material era o mais diverso possível, desde plástico moldado no fogo, toldos, latas e etc...

As barracas tinham a função de dar privacidade, para dormir e às vezes proteger de chuvas e do sol muito forte. Na verdade, chamá-las de barraca era um elogio, estava mais para mantas duras das mais diversas formas, triangulares, retangulares, ovais. Todas esturricadas pelo castigo do sol, apresentavam uma textura áspera, ressecada e escamosa, que se tentava remediar as ações do tempo passando silicone e outros produtos para hidratá-los.

Suas principais funções era proteger das chuvas, não era nem pelo fato de se molhar, era mais pelo fator psicológico que afetava a cabeça ficar levando chuva toda hora na cabeça, deixava qualquer um maluco. Sem contar que quando o Sol podia bater mais de 45° e causar alucinações e desidratação de uma maneira tão rápida que nem se podia fazer nada a tempo. Além do frio da noite que com seus ventos cortantes podia ser congelante.

Já quase no limite das energias de muitos, exceto de Fabrício que apesar do cansaço estava eufórico, entre os poucos que restaram, alguém pareceu se atentar a um som, o que chamou a atenção de todos. Era natural sons dos mais diversos no mar, mas tratando-se do momento atual qualquer som poderia indicar um de seus retornando. Neste momento todos se silenciaram e aguçaram os ouvidos, parecia que todos estavam ouvindo a mesma coisa e se entreolharam para ver se não era coisa da cabeça, parecia um assobio. Alguém ameaçou fazer um comentário, mas foi interrompido por todos com um olhar de desaprovação. Até que mais uma vez o assobio veio de novo, agudo e alto.

- Lucas - começaram a gritar e a olhar para todos os lados tentando identificar de onde vinha o som. - Júnio.

Fabrício agiu rápido como sempre e fez uma tocha. E agitou no ar.

- Estamos aqui.

A noite não permitia que eles vissem nada, mas torciam para que ele pudesse vê-los.

De repente um som mais fácil de distinguir chegou aos seus ouvidos.

- Aqui...

O que não ajudou muito, já que em mar aberto o som se propaga e parece estar vindo de todas as direções, ainda mais com o barulho das ondas para confundir. Porém, entre Júnio e Lucas, apostavam que era a voz de Lucas.

- Mexa na água para sabermos onde você está.

Fez-se um momento de silêncio em que todos apuraram a audição, até que se ouviu um movimento na água a oeste da embarcação.

- Ele está nessa direção - Jaqueline apontou de onde viera o som.

- Será que ele consegue nadar até a gente? - Perguntou alguém esperançoso.

- Claro que não, se não ele já teria chegado até a gente e não estaria chamando a gente .

- E se for truque de algum pirata? - Uma criança amedrontada, que havia lutado contra o sono para estar ali, quem falou.

- Cara, quer saber? Muita pergunta e pouca ação - disse o Fabrício colocando bom senso na discussão. Ele tirou sua camisa e bermuda, que o mantinham aquecido e com um aviso se lançou ao mar gelado. - Eu vou pegar ele.

Seu anúncio foi recebido pelos demais com um certo ar de preocupação por ele, mas ao mesmo tempo, alívio já que ninguém demonstrava coragem para tomar tal atitude dado o horário que o encontro se exigia. O mar esconde inúmeras surpresas independente da hora do dia, mas a noite sempre teve uma ligação mais profunda com a imaginação dos seres humanos.

-Por que você não vai também? Você não é o bonzão? - Ele ouviu ao fundo sem se prender na discussão que deixaria para trás.

Enquanto nadava, ele alternava entre braçadas e olhadas ao céu para saber se seguia o caminho correto. Antes de saltar memorizou qual

grupo de estrelas estava na direção do som e sobre qual o bairro estava para saber como voltar. Ele sabia de sua condição no grupo, como “jovem adulto”, mas isso ainda o frustrava e o fazia se lembrar de tempos que pertencia a outra comunidade e pelo menos nesses momentos havia uma certa troca de responsabilidades, o que não se repetia neste grupo. Mas no fundo ele até gostava de ser útil e referência para o grupo, meio que saciava o seu ego.

- Estou chegando.

Anunciou ele ao se movimentar na água, constante, mas mais baixo, o que não queria dizer que estava longe, mas que quem estava assobiando estava perdendo forças.

Ele parou e olhou para o céu e segundo seus cálculos era para ele ter chegado ou estar muito próximo do Lucas, mas ele não estava ali, provavelmente a correnteza o deslocara.

Se forçou a ficar calmo e olhar ao redor. Como não via nada usou uma técnica que havia aprendido um tempo atrás com seus antigos colegas, que consistia em fazer uma lupa com as mãos ao juntar o polegar e indicador das duas mãos e olhar pelo buraco, o que foi um pouco mais difícil já que tinha que se concentrar em não afundar só que sem usar os braços. Forçou e estabilizou a vista o máximo que pode mesmo com o balanço da maré e começou a olhar em volta, até que a silhueta se formou pouco evidente no horizonte mais à direita de onde deveria estar.

Sem perder tempo tornou a nadar freneticamente sem sequer olhar em frente pra ver o quanto faltava. Seus ombros e pernas ainda cansados

lembravam o quanto estava cansado, mas ele sabia ignorar a dor quando era preciso.

Chegou próximo ao que havia distinguido no mar, mas para aumentar a sua raiva e cansaço, não era Lucas, mas um monte pequeno de lixo que poderia chamar sua atenção se não fosse a tensão do momento.

- Aqui...

Ouviu ele num ponto mais à esquerda de onde estava. Não estava longe, dava para acreditar ainda.

- Ok, já cheguei, fica calmo.

Ele percebeu que ele não estava em sua jangada usual, mas apenas em algum pedaço de tábua flutuante, na qual Lucas se segurava e se esforçava para não afundar. Decidiu que as perguntas teriam que ficar para depois, o mais importante era estarem em um espaço firme e seguro.

- Ei, Lucas, está tudo bem, eu já te achei e vou te levar comigo. Você tem força pra se segurar em mim?

- Uhum - foi a única resposta que saiu de Lucas acompanhado de um leve aceno de cabeça.

- Legal, mas eu vou precisar da sua tábua emprestada por uns instantes, e você se agarra no meu pescoço, beleza?

Sem esperar mais uma confirmação, ele se aproximou e tomou um braço de Lucas para fazer com que ele transferisse o peso de seu corpo para ele. Foi passado o primeiro braço, mas quando foi passar o segundo

ao soltar a tábua, Lucas não teve forças para subir o segundo braço, e sem apoio e resistência, seu corpo começou a deslizar. Fabrício que ao vê-lo soltando o segundo braço, se precipitou sobre a tábua e não percebeu que Lucas perdia força e começava a deslizar. Entre agarrar seu amigo que deslizava para a morte e se salvar segurando a tábua, seu instinto de sobrevivência falou mais alto naqueles microssegundos. Quando de fato percebeu o que estava acontecendo, largou a tábua, soltou uma exclamação...

- Eita porra...

E se lançou à escuridão do mar salgado. Mesmo sabendo ser inútil, mergulhou de olhos abertos na esperança de conseguir enxergar algo, nem que fosse um vulto. Nadava desesperadamente rumo ao fundo, seus olhos ardiam, e eis que sentiu um vulto ao seu lado e ao virar o corpo, pode ter sido imaginação do seu cérebro, mas ele jurou que viu uma mão passando na frente de seu rosto.

Ele precipitou o seu corpo para frente e buscou freneticamente com as mãos algo que pudesse agarrar. Em uma de suas braçadas roçou em algo, voltou o seu corpo e deu uma investida nesta direção, até que sua mão direita sentiu algo que deduziu que fosse alguma parte da roupa de Lucas, e o agarrou com toda a sua força. O pano cedeu e depois resistiu ao seu puxão, o que mostrou a ele que encontrou o que procurava e ele estava agora em suas mãos.

Se pôs a nadar, com avanço vagaroso, rumo à superfície e com peso extra que insistia em lhe puxar para baixo. Não vamos mentir que o

impulso de sobrevivência, por vezes, tentou lhe fazer desistir e soltar seu amigo, pois havia ali uma possibilidade de que talvez o que estivesse puxando, já não tivesse mais vida, mas sabia que dependia dele resistir à tentação de soltá-lo, e se existisse a mínima possibilidade de sobrevivência, que ele daria tudo de si para garantir que o melhor fosse feito.

É incrível o que podemos fazer quando sabemos que estamos lutando contra a morte, e a louca sensação de quando se tem consciência de que depende de você pra que isso não aconteça. É um misto de teimosia, habilidade e sorte. E por incrível que pareça, Fabrício sentia ter todos à seu favor. Por isso nunca desistiu, até que conseguiu ver os primeiros fracos raios do luar cruzando a água, e por conseguinte, romper a resistência da superfície da água e voltar a encher seus pulmões de ar novamente.

Mas para seu desespero, não ouviu o mesmo de Lucas quando o trouxe à superfície. Tudo acabado? Esforço em vão? Não mesmo! Ele não se daria por vencido tão facilmente, ainda mais depois de tanto esforço, além de que não se deixa um amigo para trás para virar “comida” de peixe. Ainda daria tempo. Só precisava chegar em um lugar sólido para iniciar os processos de reavivamento.

Não se deu ao trabalho de esperar recuperar o fôlego, e já deu início ao retorno para seu grupo. Utilizou a manobra mais antiga de resgate em água, que consiste em pegar a pessoa pelo pescoço com o seu antebraço e “guinchá-lo” à nado.

Por fora estava exausto, seus músculos doíam, seu pulmão pedia para parar e focar em sua respiração, sua cabeça não parava de traí-lo e sugerir coisas horríveis, das quais ele não gostava nem de dar “ouvidos”. Por dentro só esperança e fé, em si mesmo e em seu grupo, para que tivesse saído em seu encontro, pois até a fé e a esperança esbarram nos limites do corpo.

*

Quanto tempo teria passado, não dava pra se saber. Mas sabia que já tinha ultrapassado e muito os limites do seu corpo. E por tal motivo, decidiu que era hora de descansar um pouco. Não desistir. Apenas recuperar as forças dos braços e das pernas para voltar a lutar pela vida com todas as suas forças.

Ele se virou de barriga para cima, e tentou trazer o máximo do corpo de Lucas por sobre o seu. Não tinha como só flutuar na água com um peso que insistia em afundar, mas pelo menos o esforço que se fazia, batendo as pernas, para se manter flutuando era menor. Aproveitou o momento para olhar para o céu e deduzir para que lado estaria a embarcação, e se eles se deslocaram muito de onde encontrou Lucas, para saber se havia desviado muito da rota.

Percebeu que não muito, o que já era um bom sinal.

O mar proporciona coisas incríveis, como a possibilidade de, ao submergir os ouvidos, ouvir o motor das embarcações, a quilômetros de distância. Mas essa sensação incrível que ele esperava muito sentir, não veio naquele momento.

Enquanto tentava tomar coragem para se virar e voltar a nadar, sentiu algo bater na sua cabeça, e quando levou uma das mãos para trás, sentiu algo duro e firme, era o apoio no qual Lucas estava se segurando. Alguém estava do lado deles e não queria que eles desistissem, ou, simplesmente estavam com muita sorte.

- Parece que tem alguém olhando por nós e não quer que a gente desista - e completou com tom de sarcasmo. - Mas também não quer vir aqui revezar comigo...

Ele passou um de seus braços sobre o peso e acomodou sua cabeça para que não afundasse mais e ela servisse de guia. Tornando a segurar seu companheiro pelo pescoço, começou a nadar batendo as pernas, que a essa altura, ardiam em chamas.

Já não devia estar longe, mas praguejou contra seus colegas que não vieram ao seu encontro, e bem lá no fundo experimentou um sentimento de arrependimento. Foi quando ouviu alguém chamando seu nome. Como ele não estava mais com a cabeça submersa não ouviu que os motores haviam sido ligados e agora vinham em seu socorro e de Lucas.

- Aqui....

Era a única coisa que podia gritar para servir de localização de seu ponto em meio à imensidão do mar.

- Aqui....

Um sopro de esperança tomou seu corpo e deu até um pouco mais de energia quando enfim pode ouvir os motores ao longe e seu nome sendo chamado mais próximo.

- Aqui...

Desta vez quase um suspiro misturado à lágrimas e risadas.

- Direciona os refletores para aquele lado. Acho que ouvi alguma coisa ali...

Pronto, sentiu que uma luz se projetava em sua direção. Sentiu um alívio enorme e se permitiu parar de nadar e fazer apenas o suficiente para não afundar e nem deixar seu parceiro.

- São eles...

- Ele está com o Lucas?

- Parece que tem mais alguém com eles.

- É um pedaço da jangada seu burro...

Quando a embarcação chegou o mais próximo possível para não passar por cima deles, o que seria uns trinta metros, os motores foram desligados e dois sons indicaram que vinham pessoas mergulhando.

Tinham que ser rápidos, porque apesar da embarcação estar desligada, não tinha como freiar, o que a fazia deslizar por mais um bom

espaço, o que poderia levá-los a colidir dependendo da força em que estavam e da direção da maré.

Ao ser alcançado Fabrício soltou seu corpo e se permitiu ser amparado e “rebocado”, deu graças pois sabia que aquele tinha sido realmente a última gota de suas energias. Percebeu que era Carlos que o segurava e que ajudava alguém a transferir Lucas dos braços dele.

Mais uma pessoa se jogou no mar para ajudar, Juliana, irmã de Lucas.

- Lucas... fala comigo. Ele tá respirando? Lucas?

- Calma garota - chamou sua atenção Carlos. - Ajuda a levá-lo de volta ou deixa o Guilherme tirar ele da água primeiro.

Guilherme deve ter se levantado com o alvoroço que se fez no Bairro. Fabrício ficou um pouco inseguro quando soube de quem se tratava, sempre o achou um pouco preguiçoso e oportunista, mas nunca falou abertamente.

Próximo a embarcação mais pessoas ajudaram a içar os dois para dentro. Lucas foi içado primeiro, era o que mais precisava de socorro, dado seu estado. Fabrício foi depois e recebeu uma coberta para esquentar seu corpo, fazendo seu corpo estremecer com o breve calor oferecido pela manta, trazendo a lembrança do frio que estava debaixo da água a essas horas.

Fabrício estava cansado e seu corpo pedia para dormir, mas ao mesmo tempo, a adrenalina não o deixava desligar, e esse conflito era

enlouquecedor. Assim que foi içado, lhe trouxeram água e comida para tentar revitalizar sua força, mas a única coisa que aconteceu foi fazê-lo vomitar, muita água. Depois disso, ele não se lembra de mais nada, não sabe se desmaiou ou se dormiu, mas lembra que não foi um sono tranquilo, sentia como se ainda estivesse sendo levado pela correnteza.

Capítulo 8

Sonhava que perdia Lucas, só que ele não afundava, na verdade ele boiava rumo a superfície e que ao tentar resgatá-lo ele afundava cada vez mais, afundando na escuridão do Oceano. Podia sentir o desespero do ar saindo de seus pulmões, dando lugar à água que a preenchia rapidamente, tirando primeiro a sua consciência para depois reivindicar a sua vida.

Conseguia perceber que estava se debatendo no sonho, mas mesmo assim não conseguia abrir os olhos.

A fobia, o desespero tomando conta de seu corpo e consciência, e uma agitação difícil de ignorar. Até que acordou agitado, com o coração batendo rápido e encharcado de suor. Certificou-se de que estava bem e em segurança, viu que ainda estava escuro, se virou para o lado e tentou dormir apesar de saber que seria difícil, mas o corpo exigia o seu repouso que ainda não era suficiente, e assim mergulhou em outro sono profundo quase sem sonho. Quase, porque sua consciência o levou de volta ao mar, onde afundava, e quando o desespero tornava a tomar conta dele, ele vislumbrou um faixo de luz penetrando pelo oceano profundo. Vindo guiada pela luz, uma mulher com vestido branco, mergulhava em sua direção, e parecia não se incomodar com o sal da água, porque mantinha seus olhos abertos e fixos nele.

Ela mergulhava e nadava de forma tão bela, como se a água não lhe causasse atrito nem resistência. Essa figura enigmática, ao ficar cada vez mais próxima, foi tomando forma cada vez mais familiar a ele. Aqueles cabelos encaracolados que não se deformaram na água, aquele rosto, com aquele sorriso agora mais nítido. Juliana. Aproximando o rosto mais próximo do seu. Juliana. Suas mãos o envolvendo e tocando os lábios nos seus. Juliana. Seu pulmão enchendo de ar como um sopro de vida. Juliana. Juliana. Juliana...

Esse nome martelava em sua mente repetidamente, mas essa voz parecia conhecida. Juliana. E isso deixou o sonho mais perturbador ainda, o que forçou o seu cérebro ignorar o cansaço e retornar a consciência. Juliana. Aos poucos ao perceber que estava acordando e se afastando do sonho, percebia que o nome continuava a ser martelado em sua mente.

- Ai Diabo - praguejou ao abrir os olhos e se deparar com dois grandes olhos vermelhos, que se projetavam de um rosto redondo, com cabelos despenteados e sorriso proeminente.

- Hahahahahah - gargalhou a imagem, que na verdade não era assustadora, mas muito familiar. - Que que aconteceu bem? Atrapalhei os seus sonhos?

- Para - respondeu um Fabrício choroso, e se voltando para o lado, dando as costas para sua visita inesperada, mas entendendo que tudo não passou de uma brincadeira de seu grande amigo Júnio, que havia voltado da procura.

- Julianaaaaa.

- Sai fora...

Júnio riu mais uma vez, satisfeito que sua brincadeira tenha mexido com o amigo e estendeu a mão para o amigo. Fabrício aceitou o cumprimento do amigo e se abraçaram com respeito.

- E aí? Chegou quando?

- Acabei de chegar. Fiquei sabendo que você decidiu se divertir sem mim, e decidi vir te torturar um pouquinho por isso.

- Fiadamãe.

- Se bem que acho que você gostou bastante.

- Eu não sei do que você está falando

- Ah não... E o seu sorrisinho? Juliana.

- Aff, nem ligo pra ela nada não. Eu tô em outra.

- Ah, é mesmo? Quem? Uma sardinha que você conheceu perdida no mar?

- Talvez seja uma sereia que eu conheci.

- Só se for isso mesmo. E nem tem por que eu ficar brincando com isso agora mesmo, até porque ela e o Guilherme parece que estão juntos, e você não tem mais chances...

- O quê? - Espantou-se Fabrício, ameaçando levantar-se da cama.

- Como assim? Você mete o "loco".

- Ué, pensei que você estava em outra...

- Eu estou. Só fiquei curioso de entender por que o Guilherme, ele é muito zuado.

- Parece que enquanto você estava aqui quase morto por ter arriscado a vida pelo bairro, e por tentar salvar a vida do irmão dela, o Guilherme estava lá consolando ela. Pobre coitada quase perdeu o irmão. Mas tudo bem, você ainda tem aquela sardinha, lembra?

- Sai daqui - disse Fabrício encerrando a conversa e empurrando Júnio para fora da barraca, tomando agora energia para levantar-se e ver por seus próprios olhos, mas sem perder o orgulho.

A princípio ele viu Juliana de costas para ele, seus cabelos cor de cobre reluzindo à luz do sol, e que como se tivesse pressentido, se virou para ele. Assim que seus olhos se cruzaram, o sorriso que estava em sua boca que brilhava em direção ao seu irmão, se transformou em um sorriso sem graça, quase sem graça, transparecendo vergonha e culpa.

Fabrício sentiu o ar faltar e o coração parar por alguns segundos. Não durou muito tempo, porque quase sentiu o coração sair pela boca quando Guilherme se aproximou dela, tirou a atenção dela para dizer alguma coisa, deu um beijo rápido, do tipo selinho em sua boca e se afastou para cumprir alguma obrigação.

Aquela cena foi quase como uma facada em seu peito, sua reação foi a de desviar o olhar, para esconder a sua surpresa e para ver se diminuía a dor, para que quem sabe, ao retornar o olhar, perceber que tudo se tratava de miragem, ilusão...

Não sei, apenas algo que pudesse fazer seu cérebro acreditar que não era verdade. Mas ao retornar o olhar e perceber que ela desviava o olhar, percebeu que tinha perdido a oportunidade de ficar com ela. Se sentiu pequeno e covarde por não ter tentado antes, já que sempre a respeitou e temeu levar os sentimentos a um caminho complicado tendo em vista o ambiente que dividiam.

- Fica tranquilo, cara - Júnio tentou acalmá-lo consolando-o com uma mão reconfortante em seu ombro, transparecendo agora ter assumido o papel de amigo de verdade que consolo outro amigo. - Sabe como dizem, ela merecia alguém melhor - jogou por terra com mais uma brincadeira.

- Na boa cara, acho que estão te chamando, embaixo do mar, mergulha lá e vira oferenda.

- Que isso jovem? Pra que tanta maldade no coração? - Caçoou e caiu na gargalhada.

- Carlos, avisa a criançada que eu vou dar aula pra eles agora.

Falou em voz alta, tentando demonstrar autoridade e controle, enquanto se afastava do amigo para desviar da gozação e também das lembranças que o machucavam. Procurou transformar sua dor em motivação. Como sempre fizera, buscava através do trabalho, desfocar daquilo que mexia com ele e que ele não sabia lidar.

Uma das crianças havia ouvido, e animada foi chamar os outros. Carlos percebeu a intenção de Fabrício, tentou esboçar frear a criança, mas sem reagir a tempo, foi ter com ele uma conversa orientadora e apaziguadora. A missão de frear a criança ficou com sua esposa, que percebeu o que Carlos tinha em mente apenas com uma troca de olhar, e coube a ela, controlar os ânimos da criança que não via a hora de ir para água com seu instrutor e dar continuidade aos treinamentos que possibilitaria a todos no futuro ajudar sua comunidade.

- Você acha isso uma boa ideia? Você apanhou bastante ontem.

- De boa, eu tô bem cara.

- Eu acho que além disso, você deveria tirar um tempo pra sua cabeça. Tentar assimilar o que está acontecendo. Tira o dia pra se recuperar, seu corpo deve estar cansado - alertou ele, sabendo que havia ali corações feridos e amores não correspondidos, usando de sua sabedoria para não ferir o ego de ninguém.

- Eu não tenho tempo pra isso não. Vamos que já está tudo atrasado e eu na idade dessas crianças já passava dez minutos embaixo d'água.

Essa afirmação era meia verdade, pois ele passava 5 minutos. O que ainda assim era admirável pra idade média de 8 anos. Hoje em sua fase adulta, caso tenha tempo para se preparar é capaz de chegar a impressionantes vinte minutos submerso. A média é de quinze a dezoito minutos. Esta habilidade pode ser desenvolvida ou herdada.

A primeira consiste de muito treinamento, estratégias e perseverança. O segundo se deve a evolução do corpo humano que vem desde os tempos que ainda existia terra firme, mas como alguns povos que passavam muitas horas em alto mar, tendo que mergulhar em busca de peixes e outras criaturas marinhas, desenvolveram ao passar de gerações essa mutação que os permitiu passar mais tempo submerso do que as demais pessoas de sua época. Dizem que se chamavam Bajaus, se não me engano, e possuíam baço anormalmente grandes se comparados com os de outras pessoas.

É importante frisar que à primeira vista, o baço não parece um órgão provável para nos ajudar a prender a respiração. Suas principais funções são filtrar o sangue como parte do sistema imunológico, combater bactérias e reciclar os glóbulos vermelhos. Mas ele também desempenha

um papel importante durante a falta aguda de oxigênio, ou seja, quando seguramos a respiração por um período prolongado de tempo. Quando a respiração para nossos corpos desencadeiam uma série de mudanças fisiológicas: nossa frequência cardíaca desacelera, os vasos sanguíneos em nossas extremidades se contraem e nosso baço diminui de tamanho. Quando o baço se contrai, ele libera glóbulos vermelhos oxigenados, que fornecem um suprimento extra de oxigênio para a corrente sanguínea. Quanto maior o baço, maior a quantidade de sangue recém-oxigenado.

Nem sempre isso é ensinado, mas é de domínio de alguns o conhecimento sobre o corpo humano e o estilo de vida antes dos Oceanos se fundirem, dizem que isso podia se ter acesso por meio de livros, seja lá o que isso for. Além disso, diz-se que foi a partir destes povos, que era o mais preparado para sobreviver às novas condições, que se deu a adaptação da população humana a essa nova ordem de vida sobre as águas.

Há quem diga que essa capacidade é um dom divino, que a Mãe, ou Santa Mãe do Mar, como prefira chamar, deu ao povo para demonstrar a mudança no trono dos reinos Divinos, e a ascensão dos mares sobre a terra. E há povos, mais antigos, que dizem que tudo isso é um castigo de Deus, conforme vinha se pregando por tempos e tempos, devido a pecados e má comportamentos dos povos daquela época.

Quando os anos vão se passando, as histórias vão se fundindo, confundindo, reciclando, e as pessoas vão se adaptando a elas, até hoje tem pessoas que não acreditam que tenha existido Terra firme, apesar de

se poder encontrar terra, e animais terrestres. Dizem se tratar de invenção, história para imbecilizar as pessoas e mantê-las sonhadoras.

E sim, realmente muitas pessoas sonham e se perdem nesse mundo azul, em busca da Terra Firme que se diz que ainda existe. Onde ninguém sabe. Pessoas voltam com espólios que afirmam ter trazido de ilhas, caso você não saiba, ilhas são áreas de Terra e areia firme, tão grandes, que as águas não são capazes de cobrir. E nelas pode-se andar livremente, sem o balanço infundável dos bairros flutuantes. Na maioria das vezes aprende-se que tudo não passa de charlatanismo, mas no fundo, trata-se de esperar por algo melhor, logo, acreditar se torna uma escolha. E procurar por ela, pra grande maioria se trata de burrice, pois nunca se ouviu falar sobre uma expedição completa que teve sucesso, é sempre uma ou duas pessoas, que apresentam a imagem heroica do sobrevivente ou de escolhido pelo Deus antigo para guiar o povo de volta à terra firme.

De fato, existem áreas que nunca puderam ser exploradas devido aos constantes ciclones que inviabilizam qualquer aventura de desbravamento. O que de uma certa forma aguça mais ainda a criatividade de todos, já que o que se tem do outro lado é uma incógnita.

Essa parte que geralmente unia Fabrício e seu amigo, alcançar lugares desconhecidos, mostrar valentia onde muitos mostravam medo, provar a mentira ou desfrutar das promessas.

Os dois se conheciam a muito tempo, mal se lembravam de quando, mas a verdade que não comentavam com todos é que não se deram sempre muito bem. O espírito valente dos dois sempre se chocaram e

desde crianças volta e meia precisavam ser separados, quando em um mesmo bairro se enfrentavam em alguma disputa boba, apenas para testar quem era mais valente.

Capítulo 9

Ah esse cara se acha - justificava Fabrício, de oito anos.
-Se você se acha menos do que eu, então vê o que você pode fazer - justificava Júnio, e assim começava tudo de novo.

Mas o tempo une aquilo que não consegue separar, e com o tempo, as atividades que precisavam realizar em conjunto, a fadiga em não conseguir provar nada, fez com que uma amizade, antes improvável, se fizesse forte. Muito se deve a um acontecimento que os dois não comentam muito, mas que aconteceu e de forma surpreendente uniu os dois pra sempre. Foi em uma das atividades de treinamento dos jovens, eles deviam ter 10 anos, o responsável por eles na época dividiu o grupo em dois, e a tarefa consistia em a dupla mergulhar e um subir nadando enquanto o outro, amarrado ao corpo de seu parceiro, deve subir à nado à superfície com o peso extra de seu companheiro. Essa técnica visa melhorar o rendimento do nadador em termos de resistência e preparar para eventuais casos de socorro, pois assim aprendiam a nadar com um peso extra.

Acontece que no dia desse treino, Fabrício estava com Lúcio, conhecido por todos como “batatinha”, que deveria subir com ele sendo de peso, ele era um garoto que gostava de fazer muitas brincadeiras e piadas. Na maioria das vezes ele até curtia o jeito do garoto e se divertia

com ele, porém às vezes tirava ele do sério, como nos momentos de treino, e o fazia pensar que o garoto era muito molenga. Mas de qualquer forma era melhor do que com o Júnio.

Fabrício iria primeiro e como sempre gostava de ganhar, tratou de deixar as coisas bem claras.

- Ae, vê se não atrapalha hein. A gente tem que ganhar do Júnio, eu não suporto aquele cara. E vê se me escuta quando eu te der uma ordem. Eu vou primeiro pra garantir uma boa vantagem, aí depois é só você administrar. Fechô?

- Deixa com o pai, na minha vez eu vou mais rápido que um golfinho de suporte. Aê, você quer que trapaceie na subida? Eu posso dar umas braçadas também, o que você acha?

- Cara, só faz o que eu mandar e deixa o resto comigo. Não atrapalha e não faz cagada.

Até então para o Lúcio aquilo não passava de diversão e estava até bem sorridente, mas depois da exigência do Fabrício, sua postura mudou. Ele esperava uma risada ou uma melhor receptividade por parte de Fabrício. Aparentemente o garoto não sabia lidar com pressão e cobrança, e tendia a cometer erros quando colocado contra a parede, e ele sabia disso e não queria estragar tudo.

Quando se deu o início à partir do comando do instrutor, Fabrício encarou como uma maratona e não queria perder nenhum segundo, rapidamente amarrou a corda em si com muita agilidade e precisão, sem tirar Júnio do seu campo de visão, que também já estava finalizando, se

virou para ver como seu companheiro estava. Ao ver Júnio finalizar e se precipitar com seu parceiro, Fabrício gritou:

-Vamos...

E disparou rumo ao mar sem se atentar com Lúcio, cujo movimento o pegou de surpresa, que estava distraído olhando o instrutor ajudar uma dupla menos instruída. Ele se forçou agir rápido mesmo sem estar totalmente pronto o que o fez se enroscar com a corda em seus pés e consequentemente cair no chão.

Fabrício não percebeu e continuou a correr e se jogou no mar. Cada segundo era muito precioso, ele só precisava que seu parceiro fizesse o mínimo de sua parte e não atrapalhasse.

A ideia do exercício era que a dupla descesse por dez metros, que seria medido por cordas abaixadas nas laterais dos bairros com um peso. Depois disso seu companheiro serviria de peso sem ajudar para que o outro o içasse.

Mas Fabrício estava com tanta pressa que nem percebeu o quanto era estranho sentir resistência para descer, apenas sabia que se pra ser o primeiro, iria nadar por ele e pelo outro, se necessário fosse. Era como se seu companheiro estivesse tentando boiar, sem querer nadar na mesma direção que ele, em vez de nadar o mais rápido possível para baixo, para que ganhassem tempo para a parte mais difícil que era a subida.

“Imprestável”

Reclamou consigo mesmo, sentindo que a vitória e o regozijo contra o Júnio, escorriam de suas mãos, em vista do imprestável do seu parceiro que não entendeu que a resistência era só pra subir e não pra descer.

Não se permitiu olhar para o lado e verificar onde Júnio estava, continuou mirando o escuro, amedrontador e misterioso fundo do mar. Apenas continuou fazendo o seu melhor trabalho até chegar ao ponto de sinalização, orientado por várias cordas com pesos piscantes jogados pelas bordas do bairro. Assim que chegou ao seu ponto de marcação de dez metros, ele deu um giro em 180 graus que o colocou em posição para retornar para a superfície. A regra manda esperar que os dois cheguem juntos ao fundo para então retornarem. Mas ele não tinha tempo e ia voltar antes mesmo de seu parceiro chegar, quem sabe assim ganhava alguns segundos, já que não tinha ninguém vigiando mesmo, assim ele esperava.

Para sua surpresa ao se virar, esperava encontrar seu companheiro nadando em sua direção mais ao lado, e não totalmente em cima dele. Sua primeira impressão era de que ele talvez estivesse nadando de olhos fechados, um erro muito infantil, até mesmo para ele. Desta forma ele não tinha como saber a posição do parceiro e o choque poderia acontecer, trazendo risco e atrapalhando a atividade.

“Porra, se o cara quer ficar com os olhos fechados que o faça quando estivermos subindo, aliás, se quiser pode até dormir”

Pensou Fabrício, já formulando o esporro que daria nele, na frente de todo mundo, assim que chegassem na superfície, independente do resultado.

Sem tempo para perder com quem não sabia fazer as coisas direito, ou não tinha vontade, tratou de dar um tranco na corda que os unia para ver se isso o fazia “acordar” para o que estavam fazendo.

Mesmo com o tranco, Lúcio não abriu os olhos e pior, começou a deslocar com mais velocidade sobre ele, soltando o corpo em sua direção. Foi então que passou pela sua cabeça que talvez ele não estivesse fazendo corpo mole, mas que talvez não estivesse consciente. Seu pensamento não ia tendo tempo de processar muito as coisas, já que os acontecimentos aconteciam em velocidade que seu cérebro não conseguia digerir com a velocidade necessária. Já havia estudado sobre momentos como estes, tendo inclusive saído muito bem na aula prática.

Porém, esta é a grande diferença entre aula prática e vida real. Na aula, já se sabe o que esperar, seu psicológico está preparado, você só espera a hora de reagir. Na vida ela não te prepara para o que pode acontecer, mas exige a melhor reação possível, mesmo sem nunca ter treinado. E conforme as coisas iam acontecendo mais sem reação ele ia se sentindo. Agora o corpo de seu parceiro se projetava sobre o seu, e com seu peso e tamanho, surpreendendo-o, o empurravam para baixo.

Fabício tentou empurrar o corpo de seu parceiro para o lado, mas seus braços passaram pelos flancos de seu parceiro, fazendo seu braço direito enrolar na corda, transformando seu gesto de empurrar em um abraço.

Soltou o ar uma vez. Desespero em sua consciência, tinha que economizar o ar que estava em seus pulmões. Mais duas ou três no máximo.

Ele tentava sacudir a mão para se soltar, quando na verdade ficava mais enrolado e mais preso, e percebendo que não obtinha sucesso, tentou virar o corpo para ficar por cima para assim ficar mais livre e tornar a ficar no controle. Descendo cada vez mais, começou a agir, primeiro tentando movimentar o quadril, tirando ele de lado, para ter força para girar seu companheiro. Sentiu raiva dele, e desejou que Lúcio abrisse os olhos e acordasse, para dizer que estava pregando uma peça, que fazia parte de uma de suas brincadeiras sem graça ou do treinamento e assim livrá-lo dessa responsabilidade. Claro que depois ele iria dar uns tapas pelo susto, mesmo sabendo que estaria aliviado.

Em meios aos anseios e pensamentos, percebeu que na vida real, num ambiente não controlado, na luta pela sua vida, e com a vida de outra pessoa sobre a sua responsabilidade, as coisas são um pouco mais difíceis, mais desesperadoras. E o desespero vai limitando o pensamento e a tomada de decisão.

Por um momento ele pensou em desistir e aceitar o seu fim. Logo ele, que tinha muitos planos e desejos de realização. Uma vida mais feliz e tranquila, cheia de aventura e desbravamento. Ser lembrado pelas descobertas e pelos atos heroicos, e não por um treinamento de sobrevivência do qual não sobreviveu.

Entre a luta com o controle da situação e de sua mente, pelo menos de uma coisa sabia, desistir era algo que não pertencia a ele, desistir não era uma opção e logo retornava a lutar pela vida, tentando formas diferentes de agir e salvar a si e a seu parceiro.

A luz da superfície ficava cada vez mais distante e a escuridão do fundo do Mar abria seus braços para recebê-los. E como havia percebido que não tinha conseguido sair por um lado, decidiu tentar movimentar em forma de pêndulo, de um lado para o outro, e assim ter força para voltar o seu corpo para cima. E assim fez, começou a se mover, no início parecia que estava só se debatendo, mas aos poucos começou a perceber que o corpo de seu parceiro também se movimentava.

O esforço que tinha que fazer era muito maior do que imaginava, mas agora era sobre não desistir. E apesar do esforço percebia que estava demorando para ter o resultado que o salvaria, tentou se acalmar e fazer os movimentos mais devagar para ver se teria um retorno melhor. Como suas mãos estavam presas, entrelaçou suas pernas na perna esquerda de seu parceiro, e com muito esforço puxou a perna dele para baixo e girou o seu corpo sentido anti-horário. Sucesso, quer dizer, meio sucesso, agora o seu corpo estava descendo de lado, mas já era alguma coisa perto de nenhum resultado que estava tendo antes.

“Vamos lá Fabrício, você consegue”

Motivou a si mesmo, celebrando a primeira vitória que o afastaria da morte.

Soltou mais uma vez o ar que lhe apertava o peito e queimava a garganta. Acreditou que agora já não podia se dar ao luxo de soltar mais nenhuma vez. Caso os ensinamentos estivessem certos, em breve começaria a sentir os efeitos que a falta de oxigênio causa ao cérebro, começando pela pressão nos ouvidos, tontura, e se assim continuar até resultados irreversíveis, desde o coma ou a morte cerebral. Péssimas consequências, que para ele era sinônimo de vergonha e derrota, já que existiam pessoas com esses problemas por não saberem o tempo certo de sair da água, agora ficavam “dando” trabalho para os outros.

Para ele, a dignidade era tudo, por isso, preferia a morte no lugar de viver desta forma. Devido a isso, ele se deu um prazo, se até a próxima necessidade de soltar o ar, ele ainda não tivesse conseguido voltar a subir, iria desistir e deixar seu corpo junto ao de Lúcio descer rumo ao seu cemitério eterno.

Mas agora as coisas pareciam diferentes para ele, parecia que a sorte voltava a lhe sorrir. Só mais um pouco de força e quem sabe conseguiria colocar o corpo dos dois retos em sentido à superfície. Reuniu as suas penúltimas forças, pois sabia que iria precisar de mais delas para subir, deu um forte abraço em seu parceiro, o que o fez soltar uma quantidade considerável de ar, e o fez pensar que talvez deveria ter manejado um pouco na força. Afastou o pensamento para não o atrapalhar e em um movimento sincronizado jogou seu tronco em sentido a superfície e suas pernas puxavam a perna de seu parceiro para baixo.

Foram precisos três destes movimentos para que suas costas voltassem quase completamente em sentido para a superfície, pelo

menos, sendo assim o suficiente para que agora pudesse mudar os seus esforços. Foco para cima, foco para o ar.

Enfim, uma vitória completa e esperança renovada.

Capítulo 10

Bora Fabrício”
Se motivou.
“Continue pela sua vida e de seu parceiro, ou morra tentando”

Bateu suas pernas, no início com dificuldade, parecia que as pernas de Lúcio o impediam de fazer os movimentos completos e necessários para fazer diferença em seu deslocamento rumo à superfície. Tentou simultaneamente desatar suas mãos para ter mais força, mas mesmo assim sem sucesso.

A urgência o fez decidir desistir de ter as mãos livres e aproveitar que estavam já entrelaçados para então abraçá-lo com mais força para que ele não o puxasse para baixo e nem sentisse tanto assim o seu peso. Claro que se tivesse com uma das mãos livres seria muito melhor, já que enquanto uma iria ajudar a nadar junto com as pernas, a outra manteria o corpo dos dois unidos.

Mas era essa a condição disponível, então ele que tirasse o melhor proveito possível dessa situação. Lembrou-se que poderia ser uma vantagem, já que nos estudos quando o parceiro queria complicar, para "atazanar" a vida do parceiro, o parceiro soltava o corpo, e se jogava de lado, e acabava que o tempo que se perdia tendo que parar para ajustar

o parceiro e retomar o nado, podia ser maior do que garantir que o parceiro não se mexesse. Sorriu mentalmente, quando se imaginou contando para o professor e os demais sobre o seu momento de epifania que ia ao encontro do que os instrutores ensinavam.

Mas fato é que não estava conseguindo ter a subida no tempo que desejava e a próxima respiração estava começando a apertar a sua garganta e o preocupava que ao soltar o ar da próxima vez, fosse seu último fôlego.

Foi em meio aos pensamentos e ao esforço que suas pernas faziam para içá-los, meio que aos solavancos e meio que com a evolução quase que imperceptível, que Fabrício sentiu uma quebra na corrente de água às suas costas.

Travou assustado. Seu cérebro tentando processar o que poderia ser. Talvez um peixe dos grandes. Será que seria um tubarão? Com a sorte que estava, não duvidava de mais nada.

Virou seu rosto para a esquerda para tentar enxergar, mas tudo que viu foi um vulto, grande e rápido quebrando a corrente da água e se projetando por baixo deles. Seu coração quase deu um pulo, susto, medo, não sabe, mas quase fez o resto de seu ar pular de sua garganta.

Toda a dúvida foi substituída por esperança quando conseguiu distinguir que o que quer que fosse possuía pernas, humano.

A forma diminuía o ritmo para se emparelhar nas costas do Lúcio e de frente para ele. Será que seu instrutor que ele tanto admirava e respeitava, dera pela sua falta, e viera lhe socorrer?

Que nada.

Se as surpresas que estava tendo até então não fossem suficientes, quem veio em seu socorro era Júnio, que mal trocou olhares, já se colocou em posição emparelhando para lhe prestar ajuda.

Sério mesmo? Não tinha ninguém pior não? Logicamente nesse momento era seu orgulho falando.

Mas fazer o quê? Como havia aprendido com a vida, não se pode cuspir no prato que se come, então bora...

Júnio voltou-se para trocar um olhar com Fabrício, seguido de um sinal com a cabeça indicando o alto. Tentou sacudir as mãos, com um olhar de inconformidade para mostrar que estava preso, como se Júnio estivesse zombando de sua inteligência por não ter pensado nisso antes.

Júnio se torceu para ver o que ele queria lhe mostrar, ao perceber a situação em que estava, balançou a cabeça em sinal de compreensão com uma torcida de nariz, compreendendo todo o desafio que aquela situação trazia. Fabrício mais uma vez se perguntou quem vinha lhe ajudar, pois não acreditava no que estava acontecendo.

Júnio sacou uma faca improvisada que ele sempre ostentava, inclusive usada muitas vezes para intimidá-lo, e começou a serrar a corda.

Ao perceber que poderia demorar um pouco, se voltou para Fabrício e sinalizou para que ele continuasse a içá-los para a superfície.

Fabrício desacreditou, se já era difícil nadar com um peso e o seu, imagina um terceiro. Mas entendeu que todo segundo era precioso e resistiu ao lado que o desmotivava e tornou a usar suas pernas, agora usando mais o corpo devido ao peso extra. O esforço parecia demais, e forçava ainda mais o resto de ar sair de seus pulmões, e o resultado era tão pouco que não parecia valer a pena.

Após os movimentos minuciosos por parte do Júnio, Fabrício se permitiu sentir um alívio em suas mãos e instintivamente parou com o esforço em subir para focar a sua atenção em tentar tirar sua mão. Os dois trocaram olhares, Júnio mostrava convicção de que conseguiriam, Fabrício demonstrava esperança novamente.

Mais alguns movimentos e ele conseguiu liberar uma das mãos, a direita. Quando começou a tentar tirar a mão esquerda, Júnio a segurou, Fabrício o olhou e o viu sinalizar para continuar agarrado, e mostrava que ele iria substituir sua mão direita para que conseguissem dividir o peso.

Fabrício ficou satisfeito com a forma que Júnio pensou, já que por serem destros, suas mãos mais fortes seriam usadas para içá-los, enquanto a esquerda continuaria se prendendo ao colega inconsciente, cujas bolhas de ar fazia tempo não saia e ele não sabia dizer se havia ar ou somente água em seus pulmões.

E assim nenhum outro olhar trocado, agora a mira era a superfície. Seu único objetivo novamente. Fabrício já sentia a pressão de sua última

liberação de ar apertando na garganta, mais sufocando do que lhe dando vida, e foi quando sentiu a liberação de seu parceiro. Se culpou, pois, podia ter sido displicência por parte deles que estavam se apertando para conseguir maior estabilidade.

E além de sua preocupação sobre sua respiração, agora sabia que tinham pouquíssimos segundos, já que seu parceiro inconscientemente iria começar a puxar ar, mas o problema seria que água iria vir para inundar os seus pulmões.

Mesmo estando focado em sua sobrevivência, se permitiu confabular quão fantástico é o cérebro humano, que mesmo inconsciente luta pela sobrevivência. E alguns ensinamentos que tivera agora faziam sentido e o faziam querer voltar e aprender teorias novamente (que era a parte que menos gostava, já que se sobressaía nas práticas, sua preferida).

Fabrício sentiu Júnio dar uma aliviada na pressão e voltou o seu olhar a ele, e viu seu olhar obstinado voltado para a superfície

Quando ele notou que Fabrício o observava, voltou seu olhar a ele, e acenou, com um olhar de convicta vitória. Fabrício retribuiu o aceno e voltou a nadar extraindo forças de onde já não tinha mais. Se Júnio tivesse forças para fazer o exercício e voltar para ajudá-lo, ele não cederia sem esgotar sua última fonte de energia. Voltou seu olhar para cima e viu que estavam próximos, mais algumas braçadas apenas. O ar apertando na garganta e a felicidade de conseguir ter esperança novamente quase o fez afrouxar sua defesa, mas retomou o controle. Infelizmente o mesmo

não aconteceu com Lúcio que instintivamente começou a buscar ar e sorveu uma boa quantidade de água.

Fabício olhou assustado para Júnio, que nem sequer retribuiu o olhar. Era sua ansiedade falando. Desespero, de ter a vida de uma pessoa em suas mãos. Ele não queria decepcionar ninguém. Ele estava dando o seu máximo ali, mas mesmo assim não parecia ser suficiente.

“Quer saber de uma coisa, fechar os olhos e só abrir quando sentir o ar me dando as boas-vindas” - pensou Fabício, pensando em mudar a estratégia para ver se o foco ficava melhor.

Com os olhos fechados focou nos movimentos e na resistência da água. Desta forma pode ficar mais atento aos sons, ainda abafados, mas que ainda não tinha prestado atenção, e que de uma certa forma lhe dava calma e mais esperança ainda.

Além de ouvir seus movimentos sincronizados com o de Júnio, pensou ter começado a ouvir vozes difusas. "Não dê ouvidos, só foque nos movimentos".

Braçada, pós braçada, impulsão do corpo sincronizado com Júnio, em busca da superfície.

"Cadê esse ar que não chega logo?"

Foi em meio a esses pensamentos que por fim, sua mão pôde sentir o momento em que quebrou a resistência superficial da água, e o vento gelado o saudou tocando a sua mão.

O próximo movimento foi passar os cotovelos e posteriormente o dorso, enchendo os pulmões de ar e água na compulsão de respirar, o fazendo engasgar e cuspir.

Logo as palavras chegaram aos seus ouvidos, alguns gritos, seu nome, o nome dos demais, mas ele não conseguia ver nada ao seu redor devido à claridade do sol que o cegou momentaneamente.

O ar que entrava parecia engasgado na garganta e não era suficiente. Tentou abrir os olhos para ver como estavam seus parceiros. Ele e Júnio tentavam levantar Lúcio para que ele também pudesse se beneficiar do ar, mas ele não parecia conseguir sozinho, e sem o apoio devido, eles não podiam fazer muito para ajudá-lo, apenas aguardar que chegassem o mais rápido a eles para içá-los e iniciarem as manobras de desobstrução de suas vias respiratórias, o quanto antes.

Seus olhos foram se adaptando aos poucos à claridade, o que o possibilitou tentar rastrear onde estavam. Infelizmente não estavam à sua frente ou à sua volta, provavelmente às suas costas, pelo menos, esperava ele.

- Júnio - chamou ele.

- Diga?

- Onde eles estão? Você vê eles?

- Vejo.

- Por que eles não tiraram a gente da água ainda?

Ele fez um segundo de silêncio, e Fabrício temeu a resposta. Foi neste momento que, antes de Júnio responder, ele sentiu o mar se mover às suas costas, o que poderia significar várias coisas, mas ele preferiu acreditar que fosse o Bairro se aproximando. E assim o era. Vozes se tornaram mais nítidas aos seus ouvidos, o que aliviou ainda mais o seu coração.

Logo, mãos os puxavam para cima do bairro. Mas ele e Júnio se debateram, resistiram, se manifestando para que Lúcio fosse içado primeiro. Um certo alívio, mas também uma frustração devido à falta de força e por necessitar de ajuda. Mal conseguia levantar os braços para se agarrar na beira do Bairro. Foi com muito alívio, que foi sua vez, e dois pares de mãos o içou, colocando-o deitado para que os exames iniciassem.

Capítulo 11

Todos os três receberam tratamento, e precisaram repousar na enfermaria, que na verdade era só uma barraca com mais espaço, sendo mais alta e com camas um pouco mais confortáveis que o habitual, o que gerava brincadeiras de alguns sobre querer ficar doentes para dormir no conforto. No espaço havia potes com várias algas e preparados para tratamento dos mais diversos acidentes que se poderiam sofrer em alto mar. Como por exemplo: emplastro para mordida peixe escorpião; unguentos para fungos e tantos outros.

Júnio foi o primeiro a ser liberado, na verdade só foi junto com eles por precaução e protocolo, pois entre os três ele era o que ficou menos tempo submerso. Ficou menos de duas horas sob observação e pela maior parte do tempo se mantivera em silêncio.

- Você está respondendo muito bem - disse Maria Lúcia que tomava conta de todos com o auxílio de uma das garotas que iniciava seus estudos, que não devia ter mais do que doze anos, e era nova no grupo, Fabrício mal a conhecia, mas sentia que ela era especial e que ele gostaria de conhecê-la melhor.

Fabrício pensou na hora, “pronto, uma ótima oportunidade pra ele se gabar de que ele é melhor do que eu”.

Mas não foi o que aconteceu, ao contrário disso, Júnio dirigiu a ele a palavra:

- Assim que eu cheguei em primeiro, fiquei esperando você aparecer, mas aí subiram outras duas duplas e foi aí que eu percebi que alguma coisa podia ter dado errado, você não ia demorar tanto.

“Pronto agora ele vai dizer que está cansado porque se não fosse por ele nós teríamos morrido, o que faz dele um herói...”

-Se eu tivesse sozinho eu não sei se teria aguentado tanto tempo. Você foi muito bem.

Respondeu ele com uma certa humildade que não lhe era característica.

-Realmente, todos vocês deram muita sorte, e foram muito corajosos - concordou Lúcia, sem querer usar do momento para pregar sermão em ninguém, já que estavam todos muito apreensivos e assustados. - Você agora já está liberado e pode ir se juntar aos outros, mas nada de fazer esforço e de passar mais de um minuto submerso. Juliana venha aqui meu bem, vou te mostrar como tirar sem que sangre.

Juliana auxiliou Lúcia no processo de retirada do soro e da compressa de água quente que estava em Júnio.

Ao fim do processo, Júnio se levantou, e olhou para Fabrício, que se preparou para o deboche ou piada, porém ela não veio.

“Eita, o que ele está tramando?”

O que veio de Júnio foi um aceno de cabeça, que Fabrício devolveu, tentando exprimir o máximo de gratidão que um aceno podia oferecer.

Júnio seguiu para fora da tenda usada como enfermaria enquanto Lúcia segurava para que ele passasse sem precisar se curvar e o seguiu até a área externa para cuidar que ele não tivesse uma recaída ou algo assim. Ao saírem a porta ficou aberta e assim que saíram a entrada ficou desobstruída, uma luz muito forte do sol que queimava lá fora, tomou conta do ambiente obrigando Fabrício a desviar o olhar antes que a luz o cegasse por mais tempo. Ao virar-se para o lado visualizou seu companheiro que estava ainda adormecido, uma mistura de preocupação e raiva tomou conta de si, mas preferiu se preocupar com a vida do “batatinha”, resolveu voltar a ter simpatia por ele, e se permitiu sentir culpa, pois caso tivesse percebido antes talvez não tivessem afundado tanto, e talvez tivessem voltado mais rápido.

Antes que pudesse controlar, uma forte pressão se apossou de seu rosto e uma lágrima escorreu de seus olhos. Uma voz o assustou, fazendo-o se lembrar de que não estava sozinho.

Capítulo 12

Você não teve culpa - a voz de Juliana era doce e meiga, a primeira vez que ele a ouvia, trazendo um conforto inesperado, como o assobio do vento nas noites calmas. - Na verdade, você foi um herói, lutou tanto por ele. A tia Lúcia disse que muitas pessoas desistem e aceitam a morte. Mas você continuou lutando.

Fabrizio tentou se manter firme, desviando o olhar para o teto, numa tentativa de segurar as lágrimas que teimavam em cair. Ele não queria chorar na frente dela.

Ele sentiu uma mão sobre o ombro. Ao se virar, viu Juliana se inclinando sobre ele, os lábios quase tocando os seus. Um beijo rápido, com uma pressão suave, que terminou antes que ele pudesse processar. Ela se afastou de repente, olhando ao redor em busca de Lúcia, que estava ocupada preparando um unguento com algas. Lúcia entrou na tenda distraída, falando sozinha e para todos ao mesmo tempo.

-Júnio está diferente, até parece que o que aconteceu amadureceu ele de uma hora pra outra...

Parou abruptamente dado o silêncio que encontrou na sala, que não era nada fora do comum, mas a cara que os dois fizeram chamou a atenção dela, que lançou um sorriso de meia boca.

-Será que estou atrapalhando alguma coisa? - Perguntou Lúcia, desconfiada.

-Nada, dona Lúcia - respondeu Juliana, corando profundamente e virando-se de costas, saindo apressada com a cabeça baixa.

Fabrizio ficou sem graça, sem saber como reagir. Tudo aconteceu tão rápido e de forma inesperada. Ele apenas conseguiu esboçar um sorriso sem graça e amarelo

-Como você está se sentindo meu bem? - Desconversou Lúcia ao notar o desconforto por parte dele.

-Como ele está? - Perguntou sinalizando com a cabeça seu parceiro.

Maria Lucia parou, colocou as mãos sobre a cintura, curvou a cabeça para baixo, deu um suspiro profundo e sentido, e se voltou para ele.

-Você tem que entender que você fez o melhor que pode, ninguém te culpa por nada, ele ainda está inconsciente, mas ainda não podemos dizer com certeza quais serão as sequelas do que ele sofreu.

-Vocês já sabem o que pode ter acontecido.

-Ele tem um hematoma na cabeça, provavelmente ele bateu a cabeça em algum lugar que o fez ficar inconsciente.

-Eu fui egoísta, eu só queria ganhar...

-O que aconteceu não pode ser mudado, agora é aprender com os erros e se tornar uma pessoa melhor.

Fabício sentiu a raiva crescendo dentro de si. Ele não queria piedade; queria se sentir culpado, queria que a raiva explodisse dentro dele.

-Você sempre foi muito exigente consigo mesmo, desde pequeno. A gente nem imaginava o que você poderia se tornar. Mas precisa se perdoar, meu anjo... O Batatinha era uma criança alegre, todos gostavam dele, mas era desatento e brincava nas horas erradas. Infelizmente, acidentes acontecem. E, um dia, você vai se acostumar a se despedir das pessoas.

Aquela frase o pegou em cheio, e as lágrimas que haviam sido interrompidas por Juliana, agora não tinham mais nenhum filtro. As lembranças das perdas que teve, vieram à tona, as pessoas de seu antigo bairro e principalmente de sua mãe. Maria Lucia o abraçou e foi como o abraço de uma mãe que o protegeu, afagou e permitiu se sentir livre e sem culpa.

Maria Lúcia deu um último beijo em sua testa, ela já sabia como reagir com essas crianças, tão carentes de afeto maternal. A vida era difícil para essas crianças que já tinham que experimentar uma vida de adultos, e se ela tinha que desempenhar o papel de mãe de todos eles para fazer a vida de cada um menos difícil, por ela estava tudo bem.

-Fica em paz meu menino, eu vou te dar uma bebida pra você descansar.

Ela se afastou misturou alguns líquidos de alguns frascos e voltou com uma bebida que Fabrício bebeu de um gole, que apesar de ter um gosto horrível, e de ele quase deixar tudo voltar, pelo menos neste momento ele tinha que se mostrar forte e não podia vomitar como uma criança faria. Lúcia riu da careta que ele fez, mas não deixou transparecer para ele não se sentir mais envergonhado. A bebida queimou por dentro e o deixou bastante embriagado, o que o levou a sentir sonolência e as pálpebras cada vez mais pesadas, parecia que seus pensamentos estavam lentos, assim foi até que em pouco tempo ele já estava dormindo.

Seu sono não parecia profundo, na verdade nem parecia que sonhava, parecia tudo tão real e vivido. Seu corpo estava pesado e ele sentia que seu corpo afundava e ele puxava seu parceiro. Seu olhar se voltava para baixo e o fundo ficava mais próximo. Depois ele se voltou e olhou pra cima e viu que na verdade ele estava amarrado ao bairro. Agora ele se sentia uma âncora, mas não uma âncora que só servia de peso para não mover, mas uma que arrastava o bairro para baixo.

Ele olhava para cima e via o bairro recebendo a pressão da água e aos poucos cedendo. Primeiro sua lateral esquerda, na qual ele estava ancorado, fazendo a lateral direita se levantar da água. As coisas e as pessoas começaram a escorregar e serem arremessadas pela borda mais baixa. Até que a pressão ficou forte demais e o Bairro partiu ao meio. Lançando mais coisas ao mar, e causando mais turbulência. Do fundo ele via as pessoas afundarem, e não entendia por que elas não nadavam rumo à superfície.

Fabício tentou esboçar uma reação, nadar de volta à superfície, esticar o braço e ajudar quem estava afundando ao seu lado. Ele podia ver seus rostos, todos de olhos fechados, apenas um não estava de olhos fechados. Apenas um afundava em sua direção mais rápido que os outros, porém com os olhos abertos. Era Lúcio (não batatinha) que vinha em sua direção, se emaranhando em volta dele e o impedindo de esboçar qualquer reação. Ele sacudia e tentava se soltar dele para poder ajudar os outros, mas o que ele fazia, de alguma forma, fazia os outros se emaranharem a eles, e cada vez mais pessoas iam se juntando a uma bola pesada que só afundava. Pessoas sufocavam e ele assistia a tudo sem nada poder fazer. Olhos arregalados, veias saltadas e alguns rostos que aparentavam já terem partido.

Fabício tentou gritar, e apesar da dificuldade, parecia ter conseguido, um grunhido abafado, mas mesmo assim um sinal de vida, mas o que chamou sua atenção foi o fato de abrir a boca e não ter entrado água, foi assim que tentou se convencer de que estava sonhando e tentou abrir os olhos, e assim conseguiu, quando notou que o teto sobre sua cabeça não era a superfície da água, percebeu que estava encharcado, seu coração batia muito rápido e percebeu aliviado que na verdade estava tendo um pesadelo.

Mas uma coisa não fazia sentido, ele ainda ouvia os grunhidos que ele estava soltando debaixo da água, mas esse som não partia dele. Vinha de uma cama ao lado. Ele se levantou e correu para a cama ao lado e viu que Lúcio se debatia, seus olhos se reviraram na órbita. Os grunhidos pareciam estar entalados em sua garganta, porque suas veias saltavam e ele parecia querer colocar algo pra fora. Fabício se aproximou da cama,

Lúcio se debatia e seus olhos estavam vidrados o olhando como se estivesse em seu sonho. Por alguns segundos intermináveis, enquanto seu coração quase saltava pela boca, ele ficou paralisado e sem reação.

Lúcio parecia engasgado e seus olhos saltavam para fora devido a força que fazia, quando Fabrício tentou esboçar uma reação e de alguma forma tentar ajudar, uma voz o surpreendeu.

-Se afaste menino - Maria Lucia de camisola o empurrou, sem muita preocupação com a educação ou o que ele iria pensar a respeito. - Não fique ai parado, vá chamar o Carlos.

Mas Fabrício não se mexeu, ele apenas ficou ali parado olhando o que acontecia sem conseguir reagir.

-Carlos - gritou Lúcia ao notar que não podia esperar muito de Fabrício.

Carlos apareceu correndo e também afastou Fabrício de maneira ríspida de sua frente.

-O que aconteceu? - Perguntou ele.

-Eu também não sei - retrucou Lúcia. - Parece que ele está tendo algum tipo de convulsão.

-Então vira ele de lado.

-Já tentei, mas eu não consegui sozinha. E o Fabrício não está muito presente no momento. Porque você acha que eu estou te gritando.

Carlos ajudou a virá-lo de lado sem mais perguntar.

-Parece que ele está sufocando.

-Fabrício, rápido, pega pra mim aquele pote - pediu Lucia apontando para um pote verde.

Fabrício só conseguiu desviar o olhar, mas sem reação.

-Fabrício é melhor você esperar lá fora - ele sentiu as mãos o forçando para se mover, era dona Lúcia, entendendo que dele nada mais seria possível extrair, dado o estado de choque em que ele estava.

Fabrício saiu para fora da tenda da enfermaria e olhou para o horizonte, o sol estava começando a nascer e ele não conseguia focar em nada. Sua mente estava um turbilhão de pensamentos que ele não conseguia processar e dar voz a nenhuma deles.

Ali ele ficou respirando forte, até que sem que se desse conta, lágrimas escorriam pelos seus olhos.

Mas uma coisa aconteceu que o tirou de seu momento de transe. Maria Lúcia saiu da tenda da enfermaria respirando forte, tentando controlar suas emoções, até que cruzou seu olhar com Fabrício e não pode mais segurar as lágrimas que irromperam de seus olhos. Ela se deslocou para a lateral da tenda onde se agachou para se permitir chorar em paz com as mãos sobre o seu rosto.

Carlos saiu da tenda com a cabeça baixa, percebia-se que estava totalmente sem forças e desolado. Percebeu Lúcia chorando ao lado e se

precipitou ao seu encontro para consolá-la. Ele colocou uma mão em seu ombro e ensaiou um abraço pelas costas, como tentativa de consolá-la.

Fabrizio começou a se deslocar rumo a tenda da enfermaria, ainda de forma catatônica, mas com rumo definido. Ele entrou na tenda, e a mudança de luz o deixou cegado por um momento, mas aos poucos pode perceber a cama que Lúcio estava, só que ele não estava mais visível, ele estava agora todo coberto por um lençol.

A imagem o paralisou. Seu coração salta em seu peito. Sua garganta infla. A respiração bloqueou em seu peito.

Todo mundo sabe o que aquele lençol significa. Na vida sobre as águas, nem todo corpo tem a sorte de ser coberto. Mas ainda assim, todo mundo sabe.

Fabrizio já tinha visto essa cena antes. Sua mãe. A nova imagem trouxe à tona antigas lembranças, dúvidas e dores. Ele tentou fugir, não fisicamente, mas mentalmente. Nada reagia. Sua vista embaçou e as lágrimas começaram a inundar seus olhos novamente.

Ele tenta firmar a vista na maca. Mas ele está respirando. O lençol está se mexendo. O inconsciente, o maldito inconsciente, faz a gente delirar, e imaginar coisas. Mas e se não estiver imaginando e ele realmente estiver vivo, só que com a respiração baixa? Eles podem ter se enganado. Essas coisas acontecem às vezes.

Ele enfim consegue retomar um pouco de sua consciência. E se aproxima da maca. É visível que ele está respirando, como ninguém viu isso ainda? Meu Deus, não é possível. Será que ele está vendo coisas?

Ele parou por alguns instantes a alguns passos. Sua mão estica para puxar o lençol.

-Fabrício.

Uma voz acompanhada de uma mão firme que cai sobre o seu ombro e o faz acordar de seus devaneios, o traz de volta ao mundo real.

-O que você está fazendo aqui dentro? - Pergunta Carlos, dono da voz e da mão - É melhor você sair e esperar lá fora. Não tem nada que você possa fazer agora.

-Ele está respirando...

-Fabrício

-Eu sei que ele está vivo - suplicou Fabrício. - Por que você não acredita em mim?

-Fabrício, meu filho, você fez tudo que pode.

-Eu não sou o seu filho.

Após explodir, ele saiu correndo da tenda. A luz forte o cega e o deixa atordoado. Enquanto caminha um pouco desorientado, ele sente algumas mãos o agarrando. Ao que sua vista se firma e percebe que

agora todos estão do lado de fora da tenda. Muitos rostos desolados, alguns abraçados e se consolando, mas todos tristes.

Ele se desvencilhou das mãos que o seguravam, das perguntas que faziam. De seu nome que é chamado. Alguém o abraça forte. Ele luta, mas ele conhece esse abraço. É como um abraço de mãe. Maria Lucia. Ele cede, e se permite ser abraçado, protegido e afagado mais uma vez.

-Meu Deus, como eu sou fraco - pensou ele em meio às lágrimas. Ela também chora. É como o choro de uma mãe. Para Lúcia, todos os pequenos são como seus filhos.

-Foi minha culpa.

-Não foi meu querido, não foi. Você foi um herói. Todo mundo sabe disso.

-Eu sou egoísta. Minha mãe dizia isso.

-Mentira meu amor. Ela nunca quis dizer isso.

-Mas ela disse.

Capítulo 13

Memórias surgem em sua mente como ondas no mar. Ele se vê com não mais do que 5 ou 6 anos. Ele e as outras crianças correm pelo Bairro e se jogam no mar. A brincadeira se chama pega - pega, cada hora é a vez de uma criança, que terá que correr atrás dos demais e passar para o outro encostando nele.

Fabrizio se destaca entre os demais e se mostra o mais rápido em chão firme e em nado. Porém se mostra uma criança que não sabe perder, reagindo muito mal quando frustrado e contrariado.

Em um dia de beleza específica e mar consideravelmente calmo, as crianças brincavam e Fabrizio tentava fugir de outra que tentava lhe pegar. Ele estava confiante pois apesar de sua altura ser menor que a média dos demais, geralmente se sobressaia dos demais em termos de agilidade e velocidade.

Mas toda regra tem sua exceção, e às vezes as coisas saem do controle, e assim foi nesse dia. Fabrizio estava num mau dia, se frustrou por causa de um colega que ele achava ser mais rápido, mas fora pego na disputa de uma forma muito fácil ao tentar brincar na frente dele e caçar. Seria glorioso se tivesse conseguido driblá-lo, mas não conseguiu, mediu a distância errado e foi pego, e o pior foi ficar com a vez e não conseguir pegar ninguém, porque tentou pegar os grandes que geralmente jogava de igual para igual, para recuperar a estima perante

todos, para diminuir o erro, mas tentou em vão por mais ou menos uns cinco minutos, o que é demais para essa brincadeira, mas sua autoestima estava afetada e suas leituras estavam afetadas, com certeza as risadas e piadas afetam suas decisões.

Só conseguiu passar a vez quando pegou uma menina mais nova, em uma atitude desesperada, o que o fez ser motivo de mais piada e risada das demais crianças, até das que ele era mais rápido e melhor, que pesaram na dele o resto do dia com piadas do tipo:

“Ei Fabrício, pega ai se conseguir”

Jogavam algo para ele pegar de surpresa no ar.

“Fa-bri-ci-o-ten-ta-me-pe-gar-a-go-ra”

Falavam pausadamente como se estivessem em câmera lenta.

“Cuidado Fabrício, a Luiza está perto de você”

A mesma menina que ele havia pegado.

Mais tarde, após as brincadeiras e deboches que mantiveram ele afastado e emburrado, estavam no momento de aprendizado. As crianças estavam finalizando suas lições, quem estava ministrando a aula era a mãe de Fabrício.

-Muito bem crianças - chamou Fátima. Sua mãe era de estatura baixa, cabelo curto, de um castanho escorrido e liso, sua pele marcava o desgaste feito pelo sol, seu corpo era magro e frágil. - Já entendemos como filtrar água salgada para ter água potável, ontem quando a gente

colocou duas pets coladas pelo bico e envoltas com saco escuro pra evapora e passar pra outra garrafa em forma líquida. Mas agora temos um problema. Quem sabe qual é?

Fabrizio levantou a mão prontamente.

-Felipe, pode falar - Deu a voz sem tomar atenção ao filho.

-Tia - chamou Felipe, uma das crianças, - é por que a água que a gente extraiu ela está destilada?

-Isso meu bem. E qual o problema disso, quem sabe?

-Mãe, eu sei, deixa eu falar - chamou Fabrizio querendo atenção. Estava muito engajado em sua atividade.

-Gabriela, você lembra?

-Mãe, olha aqui - chamou impacientemente, ele precisava dessa atenção, precisava restituir o seu prestígio.

-Água destilada é extremamente pura e não tem nem sais minerais nem sal - respondeu Gabriela timidamente.

-Muito bem, e isso é ruim para o nosso organismo porque nossas células possuem sal e quando elas recebem algo destilado ela vai sobrecarregar tentando equilibrar e pode fazer mais mal do que bem - Explicou ela. - E como podemos transformar essa água em uma água própria para o consumo?

-Colocando água salgada.

Gritou Fabrício sem dar oportunidade para os demais, recebendo um olhar de reprimenda da mãe pela atitude impulsiva.

-Colocando 2 ml de água salgada para cada litro de água destilada. Mas vamos supor que você conseguiu seiscentos e cinquenta ml de água, quanto de água salgada temos que colocar? Quem quer vir aqui na frente fazer a regra de três pra turma? Jorge, pode vir.

-Você não liga pra mim, eu sou seu filho e você não me chama pra nada, eu não quero mais ser o seu filho - explodiu Fabrício jogando suas coisas no chão.

Depois de alguns segundos em silêncio sem uma ação digna para aquele momento, Fátima quebrou o silêncio.

-Crianças, vamos finalizar por hoje...

-Ah mas eu não terminei o meu - protestaram algumas crianças.

-Retomaremos amanhã - ela se aproximou de Fabrício, que agora percebia que tinha ido longe demais. - Você, vem comigo agora - disse ela baixinho só para ele ouvir.

-Mas mãe...

Mas nem deu tempo de ele argumentar e se defender, ela já saiu decidida olhando em direção ao horizonte rumo a um espaço que pudessem conversar melhor.

Fabrício a princípio resistiu e a desafiou ficando estático a observando se afastar, mas pouco depois, a distância o deixou

desconfortável, ela sequer olhou para trás, isso despertou um senso de urgência nele, que a seguiu, porém determinado a não chorar fosse qual fosse a circunstância. Sabia que estava errado e que poderia sofrer um castigo, talvez até umas palmadas, mas ele já havia preparado o psicológico.

Fátima parou ao chegar na beirada oeste do bairro e permaneceu ainda de costas para Fabrício. Colocou suas mãos na cintura. Ele parou a uma distância segura esperando a reação de sua mãe. Geralmente ela não reagia assim, ela estourava e ele sabia exatamente o que o esperava e o quanto ele havia errado, mas desse silêncio não sabia o que esperar e isso o assustava.

Ele pensou que talvez se safasse dessa já que o momento de estouro havia passado. E foi desta forma que ele nutriu suas esperanças. As vezes ela estava cansada, ou talvez aquilo que ele tenha feito, não era assim tão grave. Pra ele, aliás não era.

-Você sabe o que me desaponta nisso tudo Fabrício? - Ela quebrou o silêncio o chamando pelo nome, o que não era um bom sinal. - É que você se recusa a entender o que tudo isso significa - ela se virou pra ele, mas em seu rosto não havia raiva, havia tristeza. - A nossa realidade. O quanto o respeito e as regras que nós seguimos nos mantêm vivos. O quanto a gente depende um do outro. O quanto as coisas dizem mais respeito sobre os outros do que sobre nós.

-Eu não dependo de ninguém - disse ele, agora com confiança em sua voz, já que o fato de sua mãe não estar com raiva ter dado a ele a confiança para confrontá-la, talvez então ele estivesse certo.

-Você é quem pensa...

-Esse negócio de matemática não serve pra nada, não salva ninguém. O que importa é nadar e eu nado melhor que todo mundo. Eu aprendo mais rápido. Eu faço tudo sozinho, porque você nunca está aqui pra mim. Você se preocupa mais com os outros do que comigo.

-Como você pode dizer uma coisa dessas? - Agora seu rosto demonstrava ressentimento e dor, como se tivesse levado um golpe cruel de quem se menos espera.

- É verdade. Se eu e o Felipe cair no mar, você se preocupa em salvar ele e vai me deixar afundar. Você não me ama como ama todos os outros.

-Eu não imaginava que você era tão egoísta assim. Eu nunca tinha ficado tão desapontada com você quanto agora - enquanto falava seu rosto mudava de ressentimento para dor.

E doeu. Doeu nela, como se a agressão fosse física e cruel, por um momento ele se sentiu vitorioso, mas depois ao perceber o que havia feito, doeu nele tê-la machucado, isso o fez perceber que tinha ido longe demais.

Fátima deu as costas a Fabrício e foi nítido quando ela passou por ele que ela estava chorando. Seu coração apertou, sentiu sua garganta

fechar e teve dificuldade para engolir, sinal que as lágrimas que estava segurando logo viriam à tona. Por isso preferiu não correr com as outras crianças, mas em se jogar no mar e nadar um pouco para longe de todo mundo. Enquanto seu corpo se ocupava em mudar as braçadas ele não poderia se focar em chorar e lamentar.

E ele nadou, nadou o que mais pôde, o máximo respirando o mínimo. Sentiu que estava longe o suficiente e que seu cérebro agora estava focado em ceder oxigênio devido ao esforço físico. E ali ele ficou boiando e olhando para o céu.

Em sua mente ficava repassando a cena.

Pensou o quanto poderia ir embora e ela talvez nem sentisse a sua falta. Poderia se juntar a exploradores. Descobrir terra, e então voltar como herói. E ele não sentiria a falta de ninguém, nem sequer precisava de alguém. Ela ia entender o recado, e ia sentir a sua falta e ela iria aprender a lição.

Ele só queria sua mãe e um pouco de sua atenção, era pedir demais? Não era culpa dele se os outros não tinham mãe, ele tinha, então porque ele não podia aproveitar. Não era como se ele não sentisse pena pelos outros, ou que quisesse aparecer para os outros. Ele só queria atenção e mostrar pra ela que ele era o melhor, e que ela demonstrasse que ela tinha orgulho dele.

Afinal de contas, isso era errado?

Ali ele ficou pensando em tudo isso e olhando para o céu azul, hora mergulhando e hora nadando, mas sempre tomando cuidado para não olhar pra trás, para não correr o risco de ele cruzar com o olhar de alguém e pensarem que ele estava fazendo algum joguinho ou querendo chamar atenção. Assim ele ficou pelo tempo que para ele já era muito, talvez algumas horas, ou minutos, vá saber. Ele estava se dando o tempo do “castigo” e já iria começar a ceder para retornar, afinal de contas, logo começaria a esfriar, e apesar de ser muito corajoso, ele tinha muito medo do mar à noite, aliás, todo mundo tinha, pelo menos acreditando nisso o deixava com menos vergonha de suas vulnerabilidades.

O mar em si já era um grande mistério escondendo muitas surpresas e as mais monstruosas criaturas. Ele nunca tinha visto nada de verdade, exceto por golfinhos, águas vivas e alguns tubarões a distância. Duas pra ser mais exato.

Eram enormes e lindas, e apesar de estarem longe o suficiente, todos os adultos ficaram muito apreensivos e com muito medo do que poderia acontecer. Algumas crianças ficaram com medo e muito assustadas, mas ele não, ele ficou muito empolgado e queria que elas chegassem mais próximo, ou que eles então fossem até elas. Eram enormes e subiam à superfície apenas com suas barbatanas para fora. Não era muito normal que apenas dois tubarões estivessem juntos, já que eles agora andavam em bandos maiores e constantemente atacavam humanos. Provavelmente eram tubarões velhos, ele aprendeu que quando ficavam velhos os tubarões eram deixados para trás por seu grupo. E quem ensinara tinha sido sua mãe. Esses dois devem ter se juntado para passar os últimos momentos juntos.

Provavelmente não representavam perigo por estarem cegos, ou quase, dado a idade que agora possuíam. Fabrício achava todos idiotas por eles ficarem com medo e não querer ver de perto. Mas não foi dessa vez que ele pode vê-las mais de perto, pois assim como apareceram, logo se perderam no horizonte. E ele ficou frustrado como se eles tivessem ido embora por conta dos demais não terem estado gratos e felizes pela visita dos tubarões.

Um grito o tirou de suas lembranças. Será que alguém tinha finalmente sentido a sua falta? Ele se apressou a voltar-se para o bairro, e pode ver que as pessoas de lá estavam correndo e muitas gritavam desesperadas. O que será que tinha acontecido? Parecia que tinha alguém sinalizando e gritando e gesticulando pra ele.

Era sua mãe.

Ele não conseguia distinguir o que ela estava gritando pra ele, então ele decidiu nadar de volta, o que pareceu não agradar muito ela, pois ela pareceu mais nervosa e gesticulava mais.

-Fica ai, não se mexa - o som chegou a ele atrasado às palavras que saíram de sua boca.

Agora ela não queria que ele voltasse. O que será que estava acontecendo? Será que ele foi longe demais na sua forma de agir? Era pra fazê-la sentir falta dele, não a fazer ficar com mais raiva e desistir dele.

-Cuidado.

Com o quê? O que estava acontecendo?

-Por que eu não posso voltar? Cuidado com o quê? - Gritou ele de volta.

Mas não houve retorno, parecia longe e que todo mundo estava paralisado e apreensivo com alguma coisa que estava na direção dele. Ele olhou pra trás assustado e não viu nada. Temeu que fossem piratas ou uma tormenta, mas nada do tipo estava sobre a sua vista. Mas então ele sentiu o mar se mover abaixo dele e seu coração gelou. Ele submergiu o resto do corpo para a superfície enquanto boiava e colocou a cabeça debaixo da água para ver se conseguia ver alguma coisa. A água salgada nada agradável aos olhos, o agrediram, mas ele manteve os olhos abertos, e apesar da água não ser nada cristalina e fácil de enxergar por ela, ele forçou os olhos a continuarem abertos. Eis que ele viu um animal preto e enorme passando abaixo dele.

Baleia!

Capítulo 14

A pesar de sua tão anunciada paixão e por inúmeras vezes contar o que faria quando encontrasse uma, seu coração disparou e ele começou a se mover desesperadamente. Ele voltou o corpo totalmente à superfície e procurou desesperadamente onde estava o bairro. Lá as pessoas corriam desesperadamente de um lado para o outro e percebeu ele que o Bairro havia sido ligado. Iriam deixá-lo lá.

As baleias são assustadoras, mas não a ponto de causar tanto pânico. O que estava acontecendo?

Alguma coisa o fez olhar em volta, foi então que ele notou, que não era uma baleia, mas várias, pelo menos oito que ele conseguia ver próximo a ele com seus dorsos enormes e suas barbatanas para fora da água como um anúncio para se prepararem, que eles estavam chegando.

E agora? Ficar ali parado no meio do nada ou nadar para junto dos demais?

Ciente que pessoas boiando na água são consideradas alimento para baleias, mas tem alguma coisa que as estão fazendo ignorá-lo.

Será que ele não é tão relevante assim quanto o que está por vir ali na frente?

Nadar!

Essa é a sua decisão.

Ficar ali parado enquanto esses monstros enormes passeiam por baixo dele, não é uma sensação muito confortável.

Ele sabe que a cada braçada, mais atrativo ele se torna para elas, mas agora ele só quer estar junto a sua mãe.

Braçada após braçada.

Ele sente o mar em volta dele se mover, ele sabe que significa que uma delas está próxima a ele, mas ele fecha seus olhos e continua em sua busca. Acreditar que nada está acontecendo é mais reconfortante.

Ele não sabe pelo que torcer, se por ela ignorá-la ou ela se entreter com ele e desistir de continuar com seu percurso. Esta última opção de nada adiantaria já que havia outras, mas quem sabe as demais passassem sem levar maiores danos. Mas ele sentiu que o movimento das águas em sua volta estava diminuindo, o que significava que ela havia passado por ele, deixando-o para trás.

-Ahhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Ouve-se gritos e um barulho ensurdecador que gela o seu coração e arrepiam cada poro de sua pele.

Ele pára e olha para o Bairro a tempo de ver as baleias começarem o seu ataque, passando por baixo do bairro flutuante e com seus corpos enormes movendo para cima e desestabilizando todos que estavam

acima dela. Poucas pessoas permaneciam em pé, a maioria lutava para se equilibrar.

O que se vê é algo inimaginável. Aqueles animais enormes que nadam e transmite uma certa calma quando vistos de longe, agora agem com ferocidade transmitindo medo, se movimentando com rapidez para realizarem suas investidas.

Fabício atônito, fica observando tudo imóvel. As pessoas do bairro, as que ele conhece, que são seus amigos e família, estão sendo jogados de um lado para o outro, por causa das investidas das baleias que tentam jogá-los ao mar. As coisas vão caindo, e eles vão se agarrando um ao outro, ou onde podem. Gritam e lutam por suas vidas. Algumas vidas, as menos preparadas e com menos força, são as primeiras a caírem no mar e servirem ao apetite das baleias. Somem como um passe de mágica, mas não retornam como nas mágicas.

- Mãe - sua voz sai em forma de sussurro, acompanhado de muito medo e desespero pelo que os outros estavam enfrentando, mas a verdade é que ele não chama atenção perante o grande banquete que o bairro pode oferecer a elas.

Uma dança demoníaca que precede o banquete do jantar é realizada pelo grupo de baleias, pegando os aqueles que caíam no mar e os arremessando ao alto, muito alto com seus corpos inertes movendo no ar, como brinquedos sem vida. Ao caírem com um baque seco no mar, cujo tapa na água era superior aos gritos desesperados, pouco

movimento, ou nenhum, era percebido destes que caíam, e logo em seguida se juntavam ao banquete, mas não como convidados.

Será que era por isso que faziam? Para que não fugissem e pudessem garantir todas as presas? Ou só estavam brincando com a comida?

As pessoas sobre o Bairro se organizavam, dando as mãos no centro e ficando acorados para melhorar o equilíbrio e demonstravam ter algum sucesso em se manterem sobre o bairro. Tal organização parece ter deixado o grupo de baleia inconformado a ponto de parecer que estavam encerrando o ataque e as investidas.

Sobre o mar apenas objetos e pedaços do Bairro boiavam.

Será que foi o suficiente para o ataque delas?

O grupo de pessoas que sobreviveu pareciam ter percebido e demonstravam ganhar confiança a ponto de tornarem a ficar em pé. Até Fabrício percebeu e tornou a nadar em direção a eles, demonstrando um pouco de alívio tendo em vista que não havia mais baleias visíveis. Mas desta vez manteve a cabeça para fora da água.

Ele pode ver sua mãe correndo em direção a borda e procurando e gritando por ele abanando os braços. Fabrício experimentou alívio em seu coração, um pouco de esperança. Sua mãe estava prestes a pular no mar para ir ao seu encontro, tamanho era sua intenção de estar perto dele, tomá-lo em seus braços, para protegê-lo e fazê-lo sentir isso. Em seu

coração tudo que ele queria, e nunca mais seria mal-criado e nem ficar nem um minuto longe dela, sempre em seus braços.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma mudança na fisionomia de sua mãe. Seu olhar de alívio se transformou em tensão e medo. Prestes a pular, agora estava paralisada, olhando fixamente para os pés. Ela quebrou sua paralisia por alguns segundos. Levantou a cabeça de supetão, olhou para seu filho e soltou um grito abafado pelo medo.

-Não vem pra cá...

Fabrizio paralisou com o que ouviu. O que ele tinha feito desta vez? Ele ia pedir desculpas e se redimir. Com certeza, seria um filho melhor do que jamais fora. Ela não precisava mandá-lo embora. Sua frustração foi interrompida por algo descomunal que surgia das águas, tampando sua visão do bairro e de onde sua mãe estava.

A baleia mais incrível, mais linda que ele já tinha visto, saltou para fora da água, um animal de cor cinza, preta e branca, de pelo menos 16 metros, jogava seu corpo verticalmente para fora da água. Parecia querer tocar o céu, parecia querer voar, até que a gravidade cobrou seu preço e a fez cair, enquanto ela girava o corpo ligeiramente 180 graus, para cair de peito sobre o bairro. Exatamente sobre o ponto onde sua mãe se encontrava, a escondendo da vista de Fabrizio.

Aquele barulho horrível do bairro se partiu ao meio e jogando água para o alto devido ao peso enorme da baleia que realizou um novo truque,

tendo em vista a resistência dos moradores do Bairro que insistiam em não servir de alimento.

E tão rápido quanto ela surgiu, sumiu afundando no mar. O bairro se dividiu em dois, em formato de “V”, e ninguém mais pode se segurar, fazendo todos aqueles que lutavam bravamente por suas vidas, perderem a única coisa que as mantinham salvas, o chão sobre os seus pés.

Todos foram lançados ao mar, e o banquete estava servido e o show da vida no mar só começando. As baleias se revezavam em pegar e jogar para o alto aqueles que tentavam lutar por suas vidas, às vezes deixando cair no mar, às vezes os pegando no ar como forma de se divertir com a comida e provar quem estava no topo da cadeia alimentar.

Também continuavam se jogando sobre as partes do bairro que ainda permaneciam sobre o mar para que não sobrasse superfície na qual pudessem buscar proteção.

Capítulo 15

Fabrício assistia a tudo paralisado. Mantinha os olhos grudados no mesmo ponto, esperando por sua mãe aparecer, e conseguir sair daquela carnificina que ali se tornara. Não via nada do que estava em volta, mas sabia que era só destruição, de um lugar que antes pra ele era seu lar, luta por sobrevivência, corpos voando e muita derrota.

Tão rápido quanto começou, o som em volta cessou. Olhou em volta, e viu que os corpos haviam sumido, essa imagem o sufocou. Lágrimas começaram a escorrer de seus olhos e ele pesou seu corpo, se deixando afundar. Viver pra que, se todo mundo que ele conhece serviu de banquete para animais enormes, inclusive sua mãe.

Fechou os olhos e não só esperou como buscou o fim empurrando com seus braços, com uma fúria de quem não tem mais o que perder. Mas ele tinha. O ar. E no primeiro engasgo, que o fez soltar o ar e engolir um pouco de água, abriu os olhos, que queimaram ao entrar em contato com a água salgada, e se desesperou, reiniciando seu retorno à superfície com braçadas violentas e assustadas.

Ao retornar sua cabeça e iluminar seus olhos com a luz do entardecer, cuspiu água e arfou com o ar que irrompeu para dentro de seus pulmões. Seus olhos continuaram queimando e ele teve dificuldade de acomodar sua visão.

Não servia pra ser um bom filho, e também não servia pra morrer. Um misto de vergonha e desamparo tomaram conta de si, uma angústia e um vazio apertaram o seu coração.

-Mãããeee - balbuciou em meio ao choro não mais controlável.

Deixou seu corpo flutuar e chorou, e chorou muito para o céu que naquele momento era sua única companhia nessa vastidão de água, da qual ele agora tinha raiva, nojo e muito, muito medo.

Uma única dúvida pairava em sua mente, porquê? Por que ele foi deixado para sobreviver? Ele não era interessante o suficiente? Nem pra isso ele prestava, pra ser comida de peixe?

De qualquer forma ele iria morrer, sozinho ali e aos poucos, o que talvez fosse pior, teria sido melhor partir com todos, e quem sabe assim ele teria sido enviado para o reino da Terra. Onde todos podiam correr e andar sem o risco que o mar abaixo deles trazia.

Pelo menos era isso que se ensinava nas aulas de religião que se aprendia desde criança. Um reino da Terra, destinado aqueles que foram bons e humildes de coração. O que o fazia contestar se ele tivesse partido ele teria direito de descansar e brincar nos reinos da Terra, já que sua mãe havia dito que ele era egoísta. Será que sua mãe já estava lá, pelo menos esse pensamento o permitiu se sentir um pouco mais reconfortado. Com certeza sua mãe estava lá, não existia pessoa melhor no mundo, com um coração mais puro que o dela. Com certeza ela estava lá, cuidando das outras crianças e brincando com elas. Esse pensamento o fez se sentir feliz por ela, mas com inveja das outras crianças, que podiam

correr enquanto ele estava ali fadado a ficar boiando até a morte, sabe-se lá por quanto tempo.

Alguns pensamentos o assolaram que talvez ele estivesse morto e tudo aquilo era o purgatório, onde as pessoas ruins iam para pagar por suas vidas egoístas, e por isso ele estava ali para pagar por ter sido um mau filho e ter deixado sua mãe envergonhada. Era isso mesmo, agora tudo fazia sentido, ele ficou ali porque ele não a merecia.

-Por que eu? - Se perguntou aos céus em meio a mais um espasmo de choro e soluços.

Seu momento de desolação foi interrompido por um susto que um leve toque em seu pé causou. Sua mente mais ágil do que seus movimentos permitiam ver o que era, cogitou a possibilidade de se tratar nas baleias que haviam retornado para livrá-lo de seu sofrimento e levá-lo junto de sua mãe. Mas não foi a visão que chegou aos seus olhos.

Tratava-se de um pedaço flutuante de garrafas que conseguiram se manter juntas, resistindo bravamente com seu único aliado com o ar dentro de si, em meio a luta do peso versus a pressão da água, justificando o que por muitos anos tem sido a única coisa que mantém os humanos seguros sobre as águas.

Ele arrumou seu corpo e testou com um pouco de seu peso puxando para baixo para saber se aguentariam com ele e se não haviam perdido muito ar. Percebeu que havia pelo menos três que não tinham mais utilidade a não ser servir de ligação para as outras. Esse pedaço que sobreviveu ao ataque, era algo de quinze garrafas separadas em três

fileiras de cinco. Para um adulto seria pequena e provavelmente não aguentaria o peso, mas por sorte para ele serviria muito bem, já que ele poderia colocar o seu peito inteiro sobre ele, segurar mais acima de sua cabeça, quase com os braços esticados, e deixar suas pernas um pouco para fora e assim ter mais conforto e liberdade para batê-las.

Se direcionou rumo ao centro de onde acontecera o ataque para ver os destroços e ver o que podia pegar e aproveitar. Ainda estava com bastante medo de que houvesse alguma das baleias esperando alguém demonstrar vida para atacar. Mas a essa altura ele já não sabia se seria azar ou sorte.

As tão indispensáveis pet 's estavam espalhadas por uma área bem grande, que o mar tratava de espalhar ainda mais. Levaria muito tempo para juntar tudo, mas enfim, não era essa a sina de quem vivia sobre as águas? Juntar pets, fazer delas seu chão e viver sobre elas.

Fabrizio batia suas pequenas pernas rumo aos maiores grupos e que estavam mais próximos. Ainda sentia um medo que se manifestava por um frio em sua barriga devido ao que a imensidão de água abaixo dele podia estar escondendo.

A cada grupo consideravelmente grande de pet, mais ou menos dez, ele considerava como razoável para direcionar a sua atenção. Assim que ele as pegava, examinava se tinha alguma que havia rasgado ou partido, fazia as devidas substituições, as amarrava a sua cintura, assim como aprendera com sua mãe. Neste momento era mais fácil ficar boiando do que tentar fazer uma balsa, e não ter força para remar. O maior

desafio do que estava fazendo era o peso que as garrafas anexadas a ele estavam gerando, além de em alguns momentos puxar ele, já que elas preferiam seguir a corrente e não as outras garrafas como ele preferia.

As garrafas que não serviam ele descartava, soltando no mar, decisão difícil de se tomar, apesar de saber que eram muito úteis, mas agora ele tinha que dar foco para o que poderia ajudar na sua sobrevivência.

Ele já devia possuir umas quarenta garrafas, e estava começando a ficar impossível se deslocar com todo esse peso. Considerou que era o momento de tentar fazer uma jangada, mas seus conhecimentos eram bem rasos, para que ela ficasse boa o suficiente para deixá-lo confortável sobre ela. De forma que ficou um “T” bem esquisito e mole no centro devido as amarras mal-feitas que ele conseguiu fazer. Ele tentou distribuir o corpo se esticando sobre a jangada tentando ocupar o máximo de espaço possível e assim distribuir o seu peso.

Ali ele se deitou, meio sem jeito, todo desconfortável, com a água invadindo e submergindo metade de seu corpo. Mas o que se podia fazer, era o melhor que ele tinha por hora. Será que o Deus da Terra não podia se compadecer dele e enviar um resgate, um grupo que o salvasse? Poderiam ser piratas, ele faria parte do grupo, ajudaria nos saques ou limparia as coisas, faria qualquer coisa para fazer parte de um grupo que ele pudesse pertencer.

A fome chegou de forma avassaladora, mesmo que estivesse acostumado a ela, e seu cérebro começou a se preocupar com o que e

quando iria comer. E aí estava outro desafio que sua idade impunha, arranjar alimento era uma das coisas que tinha desafio em fazer por si. Até tinha em mente o que fazer, já que vira isso diversas vezes. Só precisava de uma linha e algo pra fazer de isca, porém todos os recursos haviam sumido e dispersado com os ataques. Os restos haviam se dispersado até onde sua vista alcançava. Só podia ser brincadeira dos Deuses que apostaram o quanto ele sobreviveria, e faziam o máximo para atrapalhar que conseguisse sobreviver.

Seria extremamente fácil, pensou ele, se eles tivessem ficado por um tempo parado e ter criado mariscos nas costas das garrafas. Desta forma teria agora comida fácil, seria preciso só mergulhar e colher, como antigamente se fazia com as frutas diretamente no pé. Mas alguém teve uma brilhante ideia de sair da Cidade para pescar e treinar as crianças, só porque alguns bairros estavam voltando e falando pros demais que o mar estava para os humanos.

O mar sempre foi dos peixes.

Erro nosso achar que tivemos em algum momento superioridade sobre eles. Em alguns momentos até tínhamos, quando existia a terra, e alguns, os mais corajosos, destemidos e mais bem preparados se aventuravam sobre as águas para conhecer um resquício do mundo aquático, por pura diversão, curiosidade, ou para buscar alimento.

Hoje somos seu jantar, e a única coisa que nos protege e nos mantém vivos, na verdade não é nem os Bairros, como pode ser

percebido, mas as Cidades, que eram grupos maiores e mais seguros aos ataques vindos de baixo, mas mesmo assim não totalmente seguros.

Salvos mesmos só os que estavam em Navios Cruzeiro, protegidos por muito metal e transitando pelo mundo todo. Por que todo mundo não podia viver em Navios? Quem sabe assim as pessoas não precisariam ficar boiando por aí e correr o risco de virar comida de peixe.

De quem ele deveria ficar com raiva? Talvez da sua mãe por ela não ter proporcionado essa vida pra ele? Mas o que ia adiantar, ela nem ali estava mais.

Como se o medo de estar sozinho no meio do Oceano, não fosse o bastante, o sol começava a se despedir no horizonte. E se você tem medo do mar, espere até encará-lo à noite.

Será que ele conseguiria ficar em vigília a noite inteira? Uma coisa era certa, se ele dormisse e não pudesse equilibrar, com certeza ele iria para debaixo d'água.

Mas quando se tem uma certa idade que já é acostumada a ir dormir assim que o sol se põe, e o mar te embala como uma mãe em um berço, não é uma tarefa fácil. Porém toda vez que suas pálpebras pesavam, e ele ousava fechar os olhos, a única coisa que ele via era sua mãe, depois aquela baleia subindo, e depois água, depois pets e pessoas voando. E assim, como se não tivesse encostado as pálpebras, seus olhos se abriam com um sobressalto que o desequilibrava e o fazia sentir a água gelada subindo e cobrindo ele como um cobertor que o protege do calor e oferece muito frio e umidade.

Fabício lutou contra o sono bravamente, mas depois de muito ser assombrado pela baleia que destruía seu Bairro, em algum momento ele conseguiu refazer o andamento do sonho e mudar o caminho da história que se passava em sua cabeça.

Na sua história sua mãe estava lá, na beira e olhando pra ele, e a baleia subia, mas ela não caía sobre ela, mas para o outro lado, levantando apenas muita água, gerando um arco íris. Sua mãe o olhava deliciada, e ele estava lá do outro lado feliz por ela estar se divertindo, e ele nadou em direção a ela, desta vez a correnteza estava a favor dele que ia ao encontro dela, e ela se jogou no mar em direção a ele e a correnteza também estava a favor dela ao encontro dele.

Ela o abraçou e ambos gargalharam, se abraçaram, ela o levantou e o soltou lá no alto, ele caiu, como um tapa na água e afundou, de maneira vagarosa, ela mergulhou ao lado sorrindo pra ele, sua boca aberta pois também estampava um sorriso, permitiu entrar aquela água salgada sem oferecer resistência, mais como um gole sedento por saciar a sede, o que o sobressaltou e o fez perceber que estava engolindo água de verdade, não só no sonho.

Desesperado, tentou elevar a cabeça acima da água para parar de engolir aquilo que o impedia de respirar, mas forçou seu corpo para baixo, se debateu com braços e pernas, mas o ar parecia não vir, até que se tocou relaxando o corpo, com isso seu corpo subiu ao encontro do ar gelado da noite.

Seu cérebro tentava compreender o que estava acontecendo, já que não conseguia ver nada com a escuridão que estava a sua volta, será que ele havia virado ou será que as garrafas haviam perdido ar?

Todas estas possibilidades se mostraram erradas quando percebeu que havia algo muito grande se movimentando ao seu lado e que estava puxando o que o mantinha sobre o mar.

-Parece que tem uma coisa pesada.

Ele ouviu uma voz. A voz de alguém que viera para resgatá-lo. Mais provavelmente saquear o que sobrara do ataque, mas que importância tinha contanto que o salvassem?

-Ei, sou eu aqui - Isso foi o melhor que ele pode pensar para dizer naquele momento.

-Eita porra! Tem alguém aqui! - Retornou uma voz em grito para os demais. - Onde você está, não consigo te ver, alguém traz iluminação aqui, rápido.

Uma movimentação sobre o chão conhecido de ferro e plástico, barulho de passos apressados, até que a luz chegou e cegou seus olhos. Ele estava com a maior parte do corpo submerso, apenas com a cabeça, os braços e pernas para fora da água. Resultado de ligações mal-feitas que ocasionaram no desprendimento dos grupos de garrafa que compunham seu pequeno bote.

De fato, uma visão cômica, se a tragédia que levou a esse momento não causasse tanta apreensão e suspeita.

-É um menino - disse a voz que a pouco estava tentando roubar de Fabrício, seu bote. - Ei garoto, você consegue me dar a sua mão?

-Acho que consigo - respondeu Fabrício, só agora se dando conta de sua fragilidade e do frio que a água estava causando aos seus ossos.

Fabrício tentou esticar a sua mão, mas o fato de estar meio submerso, o atrapalhava a estender a mão ao seu salvador. Em vista da dificuldade da tarefa, tentou se desvencilhar do bote que agora em vez de lhe salvar o aprisionava, o impedindo de ser livre novamente. A dificuldade advinha de que as garrafas cediam ao peso dele, porém lutavam para subir à superfície, mesmo com pouco ar.

Naquele emaranhado ele agarrou pelas laterais e tornou o seu corpo todo para o lado direito. Sua tentativa deu certo e agora seu corpo estava livre, porém rumo ao fundo do mar. Mas não demorou muito e percebeu que braços o haviam embolado pela cintura e o puxavam para cima. A água gelada cedeu espaço para o ar cortante da noite, e mais braços vieram para lhe salvar. Ele foi içado para cima de outro espaço, finalmente um lugar firme e “seguro” novamente sobre seus pés.

Ele cuspiu água, e foi colocado sentado com a cabeça baixa. Ele queria dizer que estava bem, mas preferiu ficar quieto, era bom ter alguém cuidando dele novamente.

Ao olhar para o lado percebeu que seu salvador estava voltando para dentro do bote com a ajuda de outro jovem. Ele tinha o cabelo um pouco maior que as pessoas costumava ter, uma vasta barba, e mais pelos pelo corpo que o normal. Tinha um corpo bem atlético com músculos

bem delineados. Ele se aproximou de Fabrício, colocou a mão em seu ombro e perguntou.

-Qual o seu nome, garoto?

-Fabrício - respondeu com uma timidez que não lhe era costumeira.

-Eu sou Carlos, e você está seguro agora, você me entendeu? - Disse isso mostrando um sorriso confiante e receptivo.

Fabrício acenou com a cabeça em concordância. Parecia que o Deus da Terra e a Santa Mãe do Mar ainda não o haviam abandonado completamente.

- Esse garoto é um milagre de Deus, a prova de que a Santa Mãe do Mar está conosco - disse Carlos para seus colegas, que afirmaram em concordância, graças e aleluia.

Capítulo 16

Retornando das lembranças de sua mãe e de como conhecera Carlos, dono da concessão (vínculo a um sindicato que possuía direito de anexar às cidades) do atual Bairro que ele vivia, Fabrício remoía aquelas últimas palavras que despertavam muitos gatilhos.

No dia posterior prepararam o enterro do pobre garoto. Por vezes, muitos não tinham nem a oportunidade de ter uma despedida decente, já que morriam ao servirem de comida dos animais que viviam no mar ou então por condição do mar que vinha exigir sua oferenda e tirava a pessoa do mundo sem direito a despedida.

Eram as mulheres que preparavam o corpo, limpando, lavando e passando óleos para o momento da procissão. Havia uma ação do ancião que ia além do culto, ele preparava a placa em homenagem à Santa Mãe do Mar. Uma placa feita de microplásticos encontrados no interior do corpo dos mortos, que juntados não mediam mais de cinco centímetros. Era um sinal de pureza, permitindo a entrada no reino dos Céus. Uma barganha muito macabra realizada entre o céu e o mar.

Palavras eram ditas, cantos entoados, e o corpo era levado ao mar, envolto em pano e amarrado à perna um peso que o levaria ao fundo do mar, para lá ficar sepultado no mar por todo o sempre, diz a crença que assim o corpo não era violado pelos peixes, mas na verdade no fundo do

mar, ninguém conseguiu garantir que o cemitério estava intacto. Alguns acreditavam que isso deixaria os Deuses do Mar menos zangados e vingativos. E essa era uma diferença importante. A Santa Mãe do Mar, era a Mãe, e como toda imagem materna, era amável e cuidadosa, assim como a água, que mata a sede e rejuvenesce. Já o Deus do Mar, o Pai, assim como a imagem paterna, era severa e impunha castigo e medo a quem a desobedecesse e menosprezasse a sua força.

- Receba, ó Deus do mar - entoou Carlos em posição de ancião e detentor dos costumes religiosos daquele Bairro, - este garoto que do mar veio para o mar vai voltar. Seus pulmões agora estão cheios da água que é a essência da vida. Receba, ó Deus dos céus, sua alma para que ela tenha terra firme sobre seus pés e ar em seus pulmões.

Terminando seu rito de passagem, ele se virou para todos para continuar seu sermão para alguns que choravam pela perda, e outros, principalmente os mais jovens, que estavam assustados e confusos perante a perda.

- O mar não brinca, nem por um segundo. Não existem culpados e nem o que fazer quando os Deuses escolhem sua oferenda. Foi o momento deste garoto brincalhão que chegou a nós, sem mãe, e cujo pai por trabalhar e não poder criar o filho, nos pediu para ensinar sobre a vida sobre as águas. A morte faz parte da vida, todos aqui sabem muito bem disso. Fabrício retornou ao grupo. Carlos virou-se para ele, fazendo seu coração saltar.

-Você foi poupado mais uma vez, você possui um destino, cabe a você descobrir qual é e valorizar isso. Não é desafiando os Deuses e testando sua paciência que você vai descobrir. Tenha fé e confiança de que as coisas boas vão acontecer.

Fabrício sentiu uma mão em seu ombro, era Lúcia que o olhava com um misto de pena e carinho. Foi demais pra ele, neste momento ele se sentiu muito frágil, e pareceu errado lutar contra o que estava sentindo e lágrimas começaram a jorrar de seus olhos, comprimindo sua garganta e fraquejando suas pernas. Sem pensar muito sobre o que estava fazendo, a abraçou, com suas mãos a agarrou por medo de que ela se afastasse e o deixasse sozinho nesse momento. Se permitiu ficar frágil na frente de todos. Sentia vergonha, mas não resistiu pois recebeu dela o afago, um abraço de mãe que não recebia a muito tempo, era quente e protetor, um beijo sobre sua cabeça o fez se sentir mais protegido. Mais do que isso, sentiu outros corpos contra o seu, percebeu outros soluços e lágrimas, uma mão secou suas lágrimas, outra afagou o seu peito tentando acalmar o seu coração, outra apertou a sua mão.

Então esse era o significado de família que ele tanto tempo não sentia, e de uma certa forma já havia até esquecido.

Aos poucos os corpos se afastaram, olhares tristes e chorosos foram trocados, cada um foi se dispersando e por um bom tempo ninguém pulou na água de novo. Não era bom. Pura superstição. O mar estava tentando entender quem havia sido oferecido a ele, logo ele poderia se confundir e pegar a pessoa errada.

O que restava era reunir-se ao centro para conversar sobre as lembranças que dividiam dele, em uma forma de vivenciar sua memória, a outra opção era cada um se dirigir para sua cabana e dormir (ou fingir pelo menos).

A ideia de ficar sozinho o assustou, então preferiu estar rodeado de pessoas que pudessem lhe distrair a mente, e lá se juntou a um grupo de oito pessoas mais ou menos.

-Garoto fantástico, né? - disse Guilherme, um dos mais velhos, devia ter vinte e dois anos mais ou menos.

-Sim, sempre brincalhão e parceiro - concordou Carlos. - Esse garoto sempre tinha uma piada, confesso que às vezes um pouco em momentos inapropriados, mas nunca de forma agressiva ou faltando com ética. Pensando agora, era bem difícil ficar bravo com ele, né?

-Sim, ele tinha um jeito que angariava simpatia em tudo o que falava - completou Lúcia. - Por mais absurdo que parecesse as coisas que às vezes ele falava - Fez uma pausa. - Vai fazer falta uma pessoa que deixa as coisas leves como ele fazia.

-Mas infelizmente ele não tinha a malícia necessária para uma vida dessas - ponderou Guilherme. - Quem sabe se fosse sobre uma vida mais segura... - parou no meio do argumento ao perceber a presença do Fabrício, o que chamou a atenção de todos.

-Olá Fabrício, Sente-se conosco. - Carlos se prontificou a quebrar o silêncio. - Você aceita um gole de cerveja - Na verdade uma bebida

preparada à base de tubérculos criados submersos na água, que pela dificuldade de produção, se restringiam a uso somente em períodos festivos.

-Aceito - ele respondeu com uma voz fraca, devido a surpresa que fora ser incluído nesse momento tão restrito e seletivo, apesar do olhar condenatório que Lúcia lançara a Carlos, que fingiu não ter notado.

-Tome aqui garoto - disse ele oferecendo um copo com não mais que um gole, e dando um olhar que demonstrava a Lúcia que tudo estava sob controle e que não havia com o que se preocupar.

Fabrizio pegou o copo e sem olhar para ninguém, temendo ver que duvidavam dele, procurou comprovar que não era digno de respeito e virou o copo de uma vez. A bebida desceu quente e rasgando a garganta, mas nada superou o retorno que foi bem pior do que a descida. A tosse que veio depois foi impossível de conter, assim como as lágrimas que brotaram do canto de seus olhos. Quase perdeu tudo quando o líquido quente quis retornar, mas essa luta venceu e conseguiu segurar pelo menos esse vexame.

Mas apesar de tudo isso, ninguém riu, muito pelo contrário, acenaram com a cabeça em sinal de aprovação. Antônio se movimentou para o lado e bateu com a mão sinalizando para que ele se sentasse a seu lado.

Fabrizio se sentiu importante e grande em vista da aprovação dos adultos do Bairro e se deslocou rumo ao seu espaço.

- E aí garoto? - Perguntou Antônio colocando uma mão em seu ombro, tentando lhe passar segurança e conforto. - Como está a sua cabeça?

- Eu estou de boa - mentiu ele, porém deixando nítido em sua voz que aquilo que saía de sua boca não era verdade.

- Você fez o seu melhor, ninguém duvida disso, você é um herói - concluiu Carlos.

- Heróis não deixam ninguém pra trás pra morrer - Retrucou com uma certa aspereza.

- Heróis são feitos de atitude, e a sua atitude foi heróica - disse Antônio. - Conheci muitas pessoas que desistiram quando estavam na mesma situação que você e outras que escolheram deixar seus companheiros para trás. O que não é de todo covardia, mas escolha e necessidade de sobrevivência.

- Você melhor do que ninguém sabe disso né? - Márcia, conhecida como a namorada de Antônio, interrompeu abruptamente.

- Como assim? - Questionou Fabrício, que até então só tinha ouvido coisas heróicas partindo do Antônio. Para ele, Antônio era o exemplo de desbravador que se tinha. Destemido, ágil, inteligente, corajoso e atlético.

- Nesse mundo meu caro, escolher viver, às vezes não é uma opção, é necessidade. Quantas pessoas da minha idade você conhece?

- Fabrício respondeu com um movimento de cabeça demonstrando dúvida, na verdade nunca tinha parado para pensar nisso. - Exatamente,

não muitas. Por isso, seguir é um compromisso não só com a sua vida, mas com a de outros que dependem de você. Sabe esse peixe que você comeu hoje? Eu que peguei. Sabe o inhame que foi plantado para gerar essa bebida? Fui eu que cultivei e depois destilei - No que todos brindaram a isso. - Sabe as garrafas que foram pescadas, depois trocadas por itens que ajudam esse Bairro se manter navegando? Fui eu. Agora imagina se eu não estivesse aqui, quem iria fazer tudo isso? O Carlos?

Fabrício se assustou com a repentina acusação, e instintivamente deslocou seu olhar a Carlos.

- É verdade meu filho - Carlos, sem ressentimento, disse. - Minha função é servir a Santa Mãe do Mar e demonstrar respeito ao Deus do Mar e guiar vocês nestes caminhos até encontrarem seu lugar no reino dos céus e assim poderem desfrutar da terra sob seus pés.

Fabrício já ouvira muitíssimas vezes esse mesmo discurso. Nas vezes anteriores demonstrava confiança no que ouvia, pois isso dava esperança no que dizia respeito a sua mãe. Desta vez experimentou desconfiança e credulidade no que ouvia.

Qual era o sentido de se viver sobre sofrimento e medo para depois da vida desfrutar de uma vida eterna? A vida era agora? Qual era o sentido de ser uma peça no jogo destes Deuses que escolhiam quem iria viver sob medo e risco de morte, para só depois merecer a vida a qual foram projetados a viver? Então por que não se deixar morrer de uma vez e desfrutar da vida eterna?

Pronto, nem é preciso muito esforço, esse mundo parece muito motivado a nos eliminar mesmo. Que apesar de tudo, tinha seu método de defesa para caso você desistisse da vida e decidisse facilitar esse processo, tirando sua própria vida, por exemplo. Segundo a crença, quem assim procede, volta como caravela, destinada a vagar eternamente pelos mares.

-E você garoto - continuou Carlos, - ainda vai encontrar o seu caminho no mundo.

-Eu já sei o meu caminho, eu quero ser como o Antônio, e ir conhecer muito além...

-Não faça isso garoto - disse Antônio, - escolha viver de maneira mais simples e segura.

- Eu vou encontrar chão...

-Uau - surpreendeu - se Lúcia. - Esse garoto tem força de vontade. Só não tem bom senso e juízo - gargalhou-se diante da postura do garoto.

-Ué, mas é fácil, inclusive acabamos de enviar mais um pra encontrar - disse Antônio fazendo uma piada macabra, com o garoto que acabara de morrer, atraindo olhares incriminatórios, que o fizeram nitidamente se envergonhar.

-Eu tenho certeza que você poderá ser o melhor - encorajou Carlos desfocando o rumo da conversa.

-Poderá me substituir aqui, até porque eu já estou bem velho e meu tempo já está chegando nos finalmente. Preciso me assentar em um lugar mais tranquilo, tipo uma cidade, quem sabe casar - disse direcionando o olhar para Márcia, arrancando desta um olhar surpreso - ou ter o meu próprio Bairro, hein? - Deu uma olhadela de intimidação em Carlos e depois um tapinha de brincadeira, arrancando deste um sorriso e um jogar de ombros.

Fabício só concordou com a cabeça e devolveu um meio sorriso, demonstrando concordância e assim evitando a continuação da conversa. Mas na verdade ele não tinha mais vontade de continuar ali, ele queria mesmo é estar livre, junto a outras pessoas que quisessem ir mais longe assim como ele. O que não era o caso daquele bairro, tendo em vista o que Carlos fazia.

Capítulo 17

A conversa se estendeu por caminhos que ele não pode acompanhar, e quando chegou ao seu limite de força para se manter acordado, se despediu dizendo que queria descansar e foi para sua cabana que na época dividia com outros três garotos. Lá as respirações ritmadas de seus colegas embalavam a noite junto as ondas, ele se deitou e puxou seu corpo de forma que sua cabeça ficasse para fora, virado para a beirada do Bairro, não para o corredor, de forma que ele pudesse ficar admirando as estrelas e ficou pensando em tudo que vivera até ali, no quanto tivera sorte em ter sobrevivido, e em quanto ainda queria viver e o que queria deixar de legado, algo grande que deixasse sua marca no mundo, que seu nome alcançasse lugares onde ele jamais alcançaria.

Quando ele estava um pouco aflito ou simplesmente triste, ele costumava ficar admirando as estrelas, pois conforme Carlos ensinara, era de lá que quem havia completado sua jornada, ficava nos observando e protegendo. Logo, ele esperava que sua mãe assim estivesse. Apesar de na maioria das vezes achar tudo aquilo muito baboseira, de vez em quando ele se permitia acreditar, já que dava um pouco de conforto ao seu coração, mas não que ele admitisse e comentasse com alguém.

-Fabrício meu filho - a voz pertencia a Lúcia - você pode sair aqui um segundo?

-Saio sim - passou as mãos pelo rosto, apesar de não estar chorando, preferiu se certificar.

-Como você está meu querido, com tudo isso? Eu nem tive tempo de te perguntar.

-Eu estou bem tia, só um pouco cansado.

-Eu te trouxe um lanchinho - mostrou o embrulho que estava em suas mãos e ele já havia notado.

-Obrigado - agradeceu recebendo o embrulho que sabia bem ser um doce, não um doce qualquer, o famoso doce da tia Lúcia.

Ele ficou com o embrulho em suas mãos, sem saber como agir, já havia recebido um agrado desses antes, no dia que fora resgatado por eles.

-Pode comer, é só pra você - assegurou ela, dizendo um pouco baixo como se fosse um segredo que ninguém mais saberia e, portanto, não precisaria dividir com ninguém.

Ao desembulhar, o aroma doce invadiu suas narinas. O doce era pequeno, mas o sabor era inigualável. Esse doce conhecido como almofada branca, tinha uma textura suave na boca, bem próximo ao que se conhecia como maria mole. Esse doce era feito com leite de golfinho, graças a capacidade de domesticação de alguns tipos de golfinhos e pequenas baleias, conseguiu-se acesso a esse substituto do leite que antes era servido pelas vacas.

A diferença é que se tratava de um leite muito gorduroso para se tomar com frequência. Ele já experimentara e não tinha gostado muito, mas quando se tem em abundância e por vezes se é o único alimento que se tem acesso, passa-se a “aturar” o sabor forte e as frequentes dores de barriga.

Mas o doce da Lúcia era bem diferente. Ela conseguia deixar o doce com um gosto suave, e ao mesmo tempo satisfazer a necessidade do corpo por doce. Geralmente ela deixava o doce para os que saiam em busca das pets, para que tivessem uma energia extra e outra para quando voltassem para recuperar um pouco da energia. Foi uma das suas primeiras experiências quando foi resgatado pelo Bairro de Lúcia e Carlos.

- Tá gostoso? - perguntou ela esperançosa de tê-lo agradado.

-Maravilhoso - respondeu ele com a boca cheia de doce, que tão rápido tocou sua boca, aguçou seu paladar, encheu sua boca de saliva, e se foi embora deixando a boca e o corpo pedindo mais.

-Sabe qual é o segredo? - Perguntou ela se sentando e se aconchegando ao seu lado.

-Hummm? - Respondeu ele enquanto lambia os restos do pacote para sorver o máximo do sabor doce que sobrara.

-Todo mundo costuma ferver, porque aí a gente consegue separar a gordura e aproveitar só o soro do leite. Ai com a gordura dá pra fazer um monte de coisa. Mas se parar no início da fervura pode-se aproveitar

um pouco da gordura no soro e assim o sabor e a textura ficam maravilhosas - disse ela imitando a forma como ele disse.

-Nossa, que demais - respondeu tentando demonstrar interesse mais do sentia de fato pelo processo, já que seu interesse estava mesmo em comer, e pouco entendia de receitas.

-Sim, eu aprendi com a minha mãe. Segredo de família. Não conta pra ninguém. Fica na nossa família, tá bom?

-Pode deixar - ele assentiu sorrindo, já que ser considerado parte de sua família era uma coisa muito legal.

Depois de uma pausa em que os dois ficaram cada um com seus pensamentos, Lúcia quebrou o silêncio:

-Você sabe que pode contar com a gente para o que você precisar né?

-Humm... Sim claro - respondeu ele, um pouco encabulado, sem saber muito o que responder enquanto limpava a boca com as costas da mão logo após terminar de se lambuzar com o pacote.

-Sempre que quiser conversar sobre alguma coisa, você pode vir falar comigo ou com o tio Carlos.

Ela ficou esperando uma concordância ou quem sabe uma resposta, mas ela não veio. Fabrício não sabia o que responder, e se prestou a apenas ficar olhando na linha do horizonte, aquele mar infinito

com o sol já o tocando em algum ponto daquele infinito, pintando o céu e o mar de tons de laranja.

Lúcia percebeu que não iria conseguir retirar muito dele naquele momento. Na verdade, ela só queria que ele se abrisse, que ele dividisse suas dores e o fardo que a culpa podia estar lhe trazendo, mesmo sabendo que a culpa, de forma alguma, era dele. Ciente de que fizera o possível, ela estendeu a mão e massageou os cabelos dourados e encaracolados dele, admirando o garoto que tentava transparecer ser maduro e forte, mas ela sentia a fragilidade e carência refletidas em seus olhos. Parou depois de um tempo, repousando a mão sobre o seu ombro, dando um último aperto, antes de se levantar e lhe dar um cheiro e um beijo em seus cabelos.

-Nós te amamos e somos a sua família. Não importa o quanto queira fugir disso.

Ao dizer essas palavras se afastou, já que vinham em sua direção chamá-la para resolver algum problema, que qualquer um poderia resolver, mas que insistiam em não tomar atitude e preferiam continuar dependentes dela.

-Bem que eu gostaria de fugir mesmo - pensou em voz alta.

-Então vamos, eu te acompanho.

Fabício se sobressaltou com a resposta inesperada, já que achara que estava sozinho. Sentiu vergonha de ter dito uma idiotice dessas em

uma altura que alguém pudesse ouvir. Mas mais idiota ainda porque alguém concordara, e esse alguém, viu ele, que era o Júnio.

-É né, e pra onde a gente ia?

Questionou ele retomando a consciência.

-Ué, você não quer desbravar os mares? Vamos entrar num grupo que faça isso, ou você quer ficar catando pet o resto da vida?

-E onde a gente vai encontrar, um grupo que aceite a gente? Somos dois moleques sem pelo no saco.

-Não precisa ser agora, não precisa ser hoje, mas quando a gente tiver pronto. Que tal quando fizermos treze anos?

-Por que treze?

-É o que todo mundo fala que foi viver a vida com treze anos. A gente pode viver a nossa vida quando fizer treze anos também. Tá faltando o que, três, quatro anos?

-Você é maluco.

-Ué, e eu tô falando besteira?

-Pior que não - respondeu Fabrício agora se enchendo de coragem.

-Boa... Cara eu ouvi falar de um grupo de gente que sai em busca de coisas diferentes e novas. Eu ouvi dizer que eles vão estar na cidade. A gente podia sondar pra saber o que fazer pra fechar com eles.

-Demorô. Imagina só que louco a gente dando um rolê mundo afora, conhecendo várias cidades...

-Eu fico imaginando a gente encontrando terra, terra firme - sonhou Júnio com uma façanha digna de herói.

-Aí você viajou demais cara - desanimou Fabrício.

-Sabe por que eu sou melhor do que você? Porque eu enxergo sempre mais longe.

-Seu sonho que você é melhor do que eu, se não fosse o batatinha eu tinha vencido...

E de repente, de forma totalmente inocente e sem notar, haviam aberto a ferida novamente, e o silêncio predominou por alguns momentos que pareciam uma eternidade. Ambos ficaram pensando em como quebrar o silêncio constrangedor, que coube a Júnio tomar a iniciativa.

-Essas coisas acontecem. Todo mundo sabe que amanhã a gente pode encher os pulmões de água e não voltar mais.

-Mesmo assim, ainda me sinto culpado, sabe? Talvez se eu tivesse notado antes, eu tinha agido mais rápido.

-Talvez se eu não tivesse tão empenhado em ganhar de você, eu também tivesse notado antes, e pudesse ter feito mais.

-Cara, você fez muito, eu tô aqui por sua causa, eu te devo a minha vida - confiou Fabrício

-E o que eu vou fazer com uma porcaria dessa? - Zombou Júnio.

Fabício se espantou com a resposta, pensou na reação de devolver o insulto, a mão chegou até a fechar para revidar a agressão de forma física, mesmo que até hoje ele negue, mas logo depois se deu conta do tom de brincadeira, que ele ainda estava se acostumando e se permitiu rir e relaxar, no que Júnio o acompanhou satisfeito pela piada ter funcionado e por não ter sido mal interpretado.

E desta forma que a rivalidade se transformou em uma grande parceria que passou por muitas coisas juntos. Nem sempre livre de conflitos e desentendimentos, mas sempre retornando um para a companhia do outro.

Capítulo 18

A corda povo de Deus! - um grito ao longe acordou Fabrício.
A voz pertencia a Carlos, então, devia ser algo importante, e ele já sabia o que esperar

- Mais uma ou duas horinhas e já chegaremos na cidade.

Fabrício abriu os olhos com dificuldade, sentindo o peso de seu primeiro perdido em suas pálpebras. Ele estava dormindo no alojamento, uma barraca maior com outras pessoas. Júnio, ao seu lado, não demonstrava muita vontade de levantar.

-Levanta preguiçoso.

-Hummm - resmungou Júnio, virando-se de costas para aquele que o sacudia.

Fabrício sentou-se, deu uma mexida no cabelo ralo para que ficasse bagunçado de uma maneira “correta” e não amassado.

-Anda cara, se não a gente só vai pegar as piores tarefas - insistiu ele, desta vez sacudindo com mais força.

-Avisa que eu não vou.

-Que não vai o que? E a gente alguma vez teve opção? - Se levantou e tirou a camisa, já que o hábito era dormir de roupa devido ao frio que fazia a noite, mas durante o dia costumava-se ficar com o mínimo de roupa possível, devido ao calor.

-Hoje eu não vou.

-Não fala besteira moleque, como é que a gente vai ser aceito no sindicato dos maluco que vivem viajando se você não aguenta levantar?

-Eu não vou entrar nesse sindicato - disse ele se virando para baixo e escondendo a cabeça.

-Ah mas vai, você me encheu o saco com essas ideia. Levanta daí - após esbravejar, Fabrício tentou tirar o travesseiro que ele escondia a cabeça, mas Júnio resistiu, como ele não conseguia descobrir a cabeça, decidiu que a melhor alternativa era virá-lo de uma vez e assim o fez. Júnio tentou mudar o travesseiro para seu rosto, porém já era tarde, Fabrício havia vencido.

-Tá bom, tá bom, já estou indo.

-Bora meninos, vocês vão ficar por último - gritou Lúcia, que vinha para se certificar de que todos haviam ouvido o chamado para se levantarem.

-Ah eu já estou pronto, é esse aqui que parece que está morrendo - defendeu-se Fabrício.

-Pior que eu estou cheirando que nem um - disse Júnio dando uma conferida nas axilas.

-Ai que nojo - disse outra voz feminina com muita incredulidade, essa voz pertencia a Paloma. Uma garota jovem quase adulta, e que podia ser vista sempre com Juliana.

-Toma distraído, que é de graça - aproveitou Fabrício para encabular o amigo, enquanto se acabava de rir.

-Ih, ó as ideia. Vai dizer que você acorda cheirando flores?

-Claro que não...

-Então?

-Mas eu não saio por aí enfiando a cara debaixo do braço - disse ela se defendendo.

-Quer que eu cheire pra você? - Desafiou Júnio.

-Eu hein, sai fora - respondeu se encabulando tendo em vista a resposta inesperada e saiu sem saber onde enfiar a cara de tamanha vergonha que ficou.

-Cara você é impossível - riu Fabrício se levantando e chegando à conclusão que seu amigo não tinha mais jeito.

-Você viu, ela gostou da ideia, você acha que eu tenho chance?

-Tem sim, só que da próxima vez você pode se oferecer pra lambar o pé dela.

-Humm, será que tem gosto de lula?

Os dois caíram na gargalhada e saíram correndo da tenda em meio às outras crianças e se jogaram no mar, como um ritual para acordar de vez. E sempre dava certo, já que a essas horas o sol estava bem quente e a água ainda gelada da noite. Outras crianças os seguiram, mergulhando uma ou duas vezes e posteriormente retornando ao bairro. Fabrício geralmente era o primeiro a retornar e ficava na borda ajudando a içar os outros para dentro, no que Júnio na maioria das vezes o acompanhava mesmo sem muita vontade.

-Bora crianças, venham pegar seu lanche - chamou Lúcia segurando um prato com mexilhões que estava levando para Carlos que estava no timão, focado em conduzir o bairro até seu objetivo - Vocês também meninos, aproveitem enquanto está quente.

-Já vamos - respondeu Fabrício.

-Véi, tô a fim de comer uns frescos mesmo, bora mergulhar e pegar alguns?

-Bora lá.

E dizendo isso, os dois mergulharam e indo em direção a parte de baixo do Bairro para colher mexilhões diretos do casco. Geralmente eles faziam isso uma vez por semana para ser consumido por todos. Não fazia

muito tempo que eles tinham colhido, então teriam que ir mais ao centro para conseguir pegar alguns grandes que compensavam pegar.

Pegar mexilhão era mais tranquilo quando estava na borda, mas atualmente eles já dominavam a técnica e agora não sofriam mais tanto, e se caso as coisas complicassem podia-se usar um pedaço de ferro para ajudar a extrair os mais resistentes.

Dependendo do tamanho, dois para cada seriam mais do que necessário. O segredo de não perder tempo era colocar o dedo indicador sobre a borda superior, enquanto ela ainda estava levemente aberta, e depois se preocupar em soltá-la do casco, girando e puxando, porque se errasse na missão de mantê-la aberta e uma vez fechada, ficava muito mais difícil, perigoso abrir e também comprometer o que havia dentro. Fabrício mesmo se cortou algumas vezes com a faca escorregando sobre a superfície lisa do mexilhão.

Ele escolheu um grupo que parecia promissor e se colocou a trabalhar, pois queria ser rápido para poder voltar a tempo de assumir seus afazeres, e não ficar com os piores, já que o restante estava na vantagem, mas continuou mesmo com um pouco de arrependimento.

Perdeu um pouco de tempo com uns dois que fecharam antes que ele conseguisse mantê-los abertos. Seu casco era liso e duro como uma navalha que se mal apoiado, podia fazer um corte bem feio nos dedos.

Olhou ao lado e viu Júnio focado e já com um na mão. Seu coração começou a acelerar, e ele até deixou escapar um pouco de ar devido ao

desapontamento consigo mesmo, apesar de não realizar mais competição com seu amigo.

Será que ele tinha desaprendido? Uma dúvida começou a afetar sua atenção no que estava fazendo, e ele falhou em mais dois mexilhões. Será que ele teria que voltar pro Bairro sem conseguir pegar nada?

Ele fechou os olhos por alguns segundos tentando recobrar o controle. Quanto tempo eles já estavam ali embaixo. Tentou se convencer de que estava ali a pouco tempo e que tinha mais uns cinco a dez minutos e mais dois ou três fôlegos de ar para soltar. Assim que recobrou o controle, voltou a abrir os olhos, se virou para procurar Júnio, mas não o encontrou. Seu instinto foi o de chamá-lo e uma lufada de ar ele soltou sem querer, um arrepio gelado percorreu todo o seu corpo e seu coração pareceu parar por alguns instantes.

Fabício virou seu corpo bruscamente para os lados procurando Júnio, mas ele não estava no seu campo de visão, quando ele se virou para suas costas, percebeu movimento na água muito próximo de si levantando bolhas de ar, que o impossibilitou de distinguir o que era, mas o seu reflexo foi o de agarrar e de alguma forma resistir e lutar.

Ao pegar e se preparar para lutar pela vida, sentiu que aquilo o havia pego também, mas eram mãos, deduziu que deveria se tratar de Júnio. Apesar de ter ficado aliviado ao encontrá-lo, percebeu que tinha largado mais um fôlego surpreendentemente grande, agora sim, tinha pouquíssimo tempo ou quase nenhum.

Mas em vez de se acalmar com o reencontro de seu amigo, algo em sua face e o fato dele continuar o pegando com força pelos braços, tentando virá-lo, com a nítida aparência de quem queria dizer algo, o fez ficar assustado.

Fabrício até resistiu e lutou um pouco com ele, sem entender o que estava acontecendo? Mas seus pensamentos foram interrompidos por uma face de seu amigo que mudou de medo para dor, em meio ao ar que fugia por sua boca. Ele pôde ouvir, mesmo na água, seu grito de dor, seguido de uma inanição por parte de seu amigo que soltou o corpo perante a dor que estava sentindo.

Foi então que Fabrício pôde ver, um pouco invisível aos olhos, mas mesmo assim, a certeza de que algo havia lá, um pouco transparente, porém reproduzindo uma luz luminescente, se movimentando de maneira leve e bela, flutuando como em uma dança de balé, dezenas, talvez centenas de águas vivas.

“Júnio” - Lembrou ele do amigo.

Fabrício foi até ele que estava descendo lentamente, o segurou com as mãos e o afastou um pouco para poder ver se havia algo, teve que girá-lo um pouco, e então ele pôde ver, uma água viva, das grandes, com sua cauda presa à coxa de Júnio. Ele não tinha muita escolha, tinha que agir rápido, tentou jogá-lo para o alto, e enquanto Júnio descia lentamente, ele segurou a água viva por sua cabeça e com um puxão conseguiu soltá-la da perna de seu amigo enquanto ele ainda afundava desacordado.

Entre as opções de salvamento ele optou por abraçá-lo por trás e usar as pernas para tirá-los daquela situação. Ele começou a bater as pernas freneticamente em direção a outra extremidade do bairro, lado oposto de onde as águas vivas estava vindo, infelizmente o lado mais distante da superfície.

Sem saber o porquê ele decidiu verificar o quão distante estava do cardume, olhou por sobre o ombro, crente que estava bem distante se espantou ao ver que não era nada disso. Uma nuvem de águas vivas cobria até onde sua visão podia chegar e estavam bem próximas, inclusive uma estava bem acima deles com seus tentáculos boiando próximo de sua cabeça.

Capítulo 19

Ele quase podia sentir a dor que o contato com as águas vivas causava. Ele já tinha tido essa experiência, o suficiente para não querer passar por nada parecido de novo, ainda mais depois de ter visto Júnio desmaiar. Para isso ter acontecido com ele, estas devem ser de uma espécie bem violenta. Quando ele teve a experiência desta queimadura, foi uma das pequenas, porém demorou muito para a dor passar, e a cicatriz ele carrega até hoje, são duas linhas que fazem uma volta na parte superior de sua canela, contornando toda a sua perna com linhas quase perfeitas, em que uma linha é mais fina e outra mais grossa.

Essa cicatriz ele carrega por conta de um mal-entendido, enquanto nadava com seus colegas sem a supervisão dos adultos, Fabrício se afastou mais do grupo em uma disputa de velocidade que fizera com um de seus colegas. Com sua vitória garantida, e a distância do bairro que assustava os mais obedientes, seu oponente resolveu desistir e voltar. Ele ficou lá flutuando na água e proferindo palavras de vitória e de desafio.

-Medroso, vamos lá, você não se garante... Simmm, eu sou o melhor do mundo, o maior de todos, o único a Ahhhhhhhhhhhhh...

Um grito que ele não planejava simplesmente saltou de sua boca trazendo consigo como acompanhante uma dor lancinante que queimava sua perna e o fazia revirar os olhos e perder o fôlego. Sua perna queimava e ele se retorcia com seus membros tensos e enrijecidos, enquanto ele

desejava que sua perna se desprendesse de si levando com ela toda dor que ela trazia.

Ele tentou sacudir a perna para ver se a dor de alguma forma se soltava e o deixava em paz, mas isso não aconteceu.

-Ah rá raaaaaaaaa.

Um grito com toda sua força, porém engasgado, e por conta disso frustrante, saiu usando os últimos recursos de ar de seu pulmão.

Sua mente tentava processar o que havia de ser o causador dessa dor. Ele até pensava em colocar a mão e tentar sentir o que quer que fosse, mas tinha medo de passar para o resto do corpo.

Ele pensou que talvez alguma armadilha para peixes tivesse fechado sobre sua perna, ou que algum produto químico fosse o causador, porém se assim fosse, todo seu corpo ou mais de um membro, estaria sentindo a dor e não somente sua perna.

Foi ensinado que em casos como esses deve-se ficar em silêncio e imóvel, que se ao fazer isso a dor passar ou diminuir, deve-se relaxar e aguardar socorro. Ele tentou relaxar, mas a dor não diminuiu, a queimação continuava em sua perna exalando a dor para o resto de seu corpo, e agora sentia ele que sua língua começava a enrolar, falar já era um enorme desafio, daqui a pouco seria respirar.

Foi então que ele ouviu o movimento da água próxima a ele. Finalmente alguém vinha até ele.

-Sai, chama um adulto, aiaiai - disse ele juntando um pouco de força pra evitar que mais alguém ficasse como ele e o socorro chegasse logo.

-Calma moleque, o que tá acontecendo? - Percebeu ele que a voz vinha do Fábio, um adolescente de seu bairro, jovem forte de cabelo comprido, conhecido por visar a força corporal, pois dizia ele ser o segredo da sobrevivência no mar.

-Perna, queima - tentou levantar a perna por sobre a água para que Fábio pudesse ver, já que no fundo a água turva podia prejudicar.

-Porra moleque, você está com uma água viva abraçada na sua perna.

E pegando na cabeça dela, com um puxão tentou desprender a água viva da perna dele, mas a única coisa que conseguiu foi puxar a perna do Fabrício que se desequilibrou e afundou a cabeça na água, engolindo um bom gole de água salgada.

-Putá que pariu, ela tá muito presa - atestou Fábio soltando e analisando o que poderia fazer. - Já era velho, vou te levar de volta e lá a gente consegue usar alguma coisa pra desprender, se eu colocar a mão aí, quem fica lascado sou eu.

-Tira, tá doendo - suplicava Fabrício, cujas dores aumentaram conforme foi mexendo, e ele sentia o pescoço repuxar.

-Bora garoto - disse enquanto enlaçava o pescoço de Fabrício para guinchá-lo de costas até o bairro.

-Aiaiai - apesar de tentar se mover o mínimo possível, ainda sim a queimadura pulsava ao ponto dele sentir que sua perna estava sendo cortada na altura da canela, pois ele já não sentia os dedos dos pés da perna esquerda.

-Fabrício meu filho - essa voz Fabrício conhecia muito e estava ansioso para ouvir, sua mãe vinha nadando com toda força que tinha.

-Mãe, tá doendo.

-Fábio o que está acontecendo? Aonde você vai?- Questionou ela parando - o e pegando seu filho nos braços.

-Uma água viva está grudada na perna dele, eu não consegui tirar puxando pela cabeça. Eu ia levar de volta ao bairro pra gente usar alguma coisa pra desgrudar.

-Você tá maluco, e enquanto isso ele fica com a perna sendo frita? Ele pode perder a perna!

-E como a gente vai fazer, se a gente desatar ela com as mãos a gente vai se queimar.

-E que tal se eu enrolar uma no seu pescoço e deixar ela queimando até a gente encontrar um machado pra eu cortar a sua cabeça fora?

Dizendo isso ela jogou o Fabrício nos braços de Fábio, que atônito o segurou mudo, pois sabia que com uma mãe não se podia debater, e mergulhou.

-Ei, espera aí dona - Fábio tentou dialogar, mas tarde demais, ela já estava embaixo da água e não podia mais ouvir nada.

Fábio que segurava Fabrício por debaixo dos braços, resolveu abraçar o garoto por trás para ter mais firmeza e tentou mexer o mínimo possível das pernas para que não gerasse bolhas e atrapalhasse a visão dela.

-Se mantenha firme garoto, vai ser rápido - tranquilizou ele mesmo sem ele acreditar nisso, pois sabia que ia doer, pra ele e pra mãe.

E não demorou para que Fabrício começasse a se debater e Fábio tentava a todo custo mantê-lo imóvel e não afundar.

-Aguenta moleque, não se mexe se não vai ser pior - tentou acalmá-lo enquanto Fabrício se debatia, gemia de dor e chorava.

Fábio percebeu que se assim continuasse seria pior e ela não conseguiria desatar os tentáculos, o que seria prejudicial para as mãos dela também. Fábio decidiu mudar a estratégia e segurá-lo com uma mão e prender as pernas do Fabrício com as suas e tentar manter os dois boiando com apenas uma mão.

Fabrício tentou se debater, imobilizado gritou, chorou, berrou e isso cortou o coração de Fábio, que nada fez enquanto ele implorava que parasse, eles chegaram longe demais e já sofreram muito para desistir agora. De repente Fabrício soltou o corpo dando a impressão de ter desmaiado. Fábio não relaxou, ele sabia que Fabrício tinha desmaiado devido a dor, mas que ele podia recobrar a consciência a qualquer

momento e se assustar com a dor e ser pior para eles, pois ele já ouvira casos de pessoas que se afogaram por casos semelhantes.

-Mas que caraio que ela não volta logo - Fábio sentia os puxões dela ainda mais agora que Fabrício estava desacordado, mas mesmo assim parecia uma eternidade.

Assim se seguiu por mais alguns puxões e bolhas de ar que subiam em uma maior intensidade que se podia permitir para se manter debaixo d'água. Tá certo que ela estava próxima da superfície, mas já passara o quê, uns cinco minutos desde que ela mergulhou e não retornou ainda. E Fábio tinha essa função macabra de sentir e não poder fazer, então ele olhava para o céu e aguardava, que era o que lhe restava.

-Anda logo - suplicou ele sentindo todo o seu corpo doer perante o esforço que era assegurar que dois corpos não afundassem, e foi quando ele começou a sentir um movimento maior, mais pressão, uma força que puxava o Fabrício para baixo, querendo tirá-lo de seus braços, o que fez Fábio contestar se ela ainda estava lá embaixo ou se agora era outra coisa que vinha atentá-los.

-Ahhhhhh - Fabrício acordou com um sobressalto se mexendo com toda a força para fugir daquele abraço que o mantinha vivo. Ele de repente demonstrou uma força desproporcional a sua idade, e foi custoso para Fábio mantê-lo em seus braços.

-Calma cara, calma velho, sua mãe está aqui, já está acabando - reconfortou Fábio novamente sem sentir que sua voz transmitia segurança.

Fabrício se debatia, apertava e esticava os braços de Fábio, que cerrava os dentes, fechava os olhos, escondia a sua cabeça na nuca dele para evitar cabeçadas, que as não evitadas, com certeza já lhe haviam garantido um olho roxo.

E assim ele se mantinha, tentando se manter firme em sua obrigação, devido a luta de Fabrício, os fez afundar três vezes e sorver uns bons goles de água salgada. Fabrício engasgou algumas vezes, levando Fábio a pensar que ou aquele pobre garoto morreria de dor ou afogamento. Ficava difícil prestar atenção em funções básicas, quando a adrenalina estava tão alta e bagunçada.

Em meio a essa luta, enfim um fôlego, uma paz, uma calma. Fábio permaneceu alerta, Fabrício pareceu relaxar. Então uma coisa meio incolor e transparente voou pelo mar indo pelo céu e caindo longe deles. Posterior a isso, veio a mãe de Fabrício, invadindo a superfície da água e puxando todo o ar disponível em volta.

-Some daqui sua filha da puta - gritou olhando para suas mãos vermelhas e com marcas brancas onde queimou mais profundamente. Fábio notou que seu rosto também tinha marcas, provavelmente ela tentara cortar com os dentes em vista do fracasso das forças das mãos.

Ela foi em direção a seu filho que ainda demonstrava sentir dor. Ela queria pegá-lo, mas a dor do toque e peso em sua pele a fez mantê-lo nas mãos de Fábio, que percebendo que sua função ainda não havia acabado tomou a frente na decisão de tornar a nadar.

-Deixa que eu o levo, você consegue nadar?

-Consigno sim - respondeu ela agradecida.

Ela conseguiu, mas não sem sentir na pele de suas mãos a dor pela luta que tivera. A cada braçada e a cada nova troca do contato das mãos com o ar e a água ela se comprimia de dor. Tentou nadar hora com as mãos somente abaixo da água, hora com as mãos para fora usando somente as pernas. Mas o tempo que se perdia e o pouco alívio que se tinha não trouxe muitos benefícios.

Por sorte o socorro chegou logo que ficaram no campo de visão do bairro, que trouxeram consigo uma prancha suficiente para rebocar uma pessoa, porém dada a situação, conseguiram colocar os dois, com Fabrício deitado sobre o colo de sua mãe que o abraçou independentemente de sua dor. Sua dor também ainda não havia passado, mas era menor no acalento e proteção dos braços de sua querida mãe.

-Vai ficar tudo bem - sua mãe o acalmou em meio as suas lágrimas.
- Eu estou aqui, vai ficar tudo bem.

Apesar de tudo, a cicatriz que ficou em sua perna trazia boas lembranças a ele. A lembrança de sua mãe cuidando dele, mesmo com suas mãos enfaixadas, trocando unguentos para agilizar a cicatrização e panos umedecidos para diminuir sua febre, além de todo o carinho e cuidado que era só pra ele naquele momento.

Capítulo 20

Infelizmente neste momento não tinha mais sua mãe para cuidar de suas feridas, que ele tinha certeza que teria algumas. Sua luta era para ter o menos possível, até pra conseguir levar seu amigo para a superfície.

“Porquê na água tem que ser tudo tão lento?”

Pensou ele frustrado com sua velocidade se comparado com sua capacidade de corrida. Que não era lá muito colocada à prova devido a falta de espaço para testar sua real capacidade, mas sempre que disputavam corrida de uma ponta a outra do bairro para ver quem chegava mais rápido do outro lado e saltar na água, ele sempre levava vantagem, principalmente na largada. Aqueles que sempre perdiam costumavam dizer que era devido seu corpo ser pequeno, já que ele em média era mais baixo para sua idade.

-Ué, e você tem essas pernas todas pra quê? Catar Manga?

Ele de fato nem sabia o tamanho de um pé de Manga, mas tinha aprendido que era uma piada muito boa, e de fato isso desestabilizava quem o caçava. Inclusive ele havia comido apenas uma vez, e foi como se bebesse um copo de água doce, saborosa e grossa.

“Puxa, depois dessa, eu podia ganhar uma manga, só pra mim, e o Júnio quem deveria se virar pra me dar, vou jogar isso na cara dele quando a gente estiver de boa.”

Fabrício gostava de deixar seu pensamento divagar, ele acreditava que assim ele tinha melhores resultados, porque quando ele ficava muito focado ele sentia que tendencionava a se autossabotar. Enquanto que com o cérebro divagando e não monitorando, seu corpo podia fazer o resto sem pressão, quase sem perceber.

Mas uma coisa passando próximo de seu rosto o fez sair de sua divagação. Era uma água viva que se deslocava consideravelmente rápido, emanando uma luz amarela de seu corpo e lilás de seus tentáculos e extremidades. Era lindo e assustador. Fabrício arregalou os olhos e meia lufada de ar escapou de seus pulmões.

Meia lufada porque ao sentir que ia perder o controle forçou ainda mais seu autocontrole, fazendo-o engolir uma boa “gorfada” de água. Fabrício quase pode sentir a dor novamente de ser queimado por uma dessas, a lembrança fez seu corpo enrijecer e se movimentar sem a liberdade necessária, e o seu cérebro começou a pregar peças, em que ao roçar seu corpo no de Júnio era como se seu cérebro já sentisse o choque que as queimaduras causavam.

Sentia ele os choques em sua perna, peito, joelhos, costas. Espera... As costas não tinham como estar roçando no Júnio.

“Merda”

Praguejou ele soltando seu amigo e se virando socando tudo em volta. Acertou uma água viva das pequenas que perigosamente se aproximou muito rapidamente dele. Esse momento o permitiu analisar que estava totalmente cercado às suas costas.

Seu coração gelou, assim como seu cérebro e músculos.

“Tô lascado... Júnio!”

Lembrou-se de seu amigo e ao se voltar onde o havia deixado o viu flutuando rumo à escuridão do mar, mas não muito longe dele. Ele girou seu corpo para baixo e desta vez fez o seu cérebro focar. Do jeito que deu, do jeito que dava, ele esticou sua mão e pegou seu amigo pelos cabelos.

“Cara, isso vai doer”

Não que tenha ajudado muito, pois assim ele não tinha muita força, mas pelo menos foi o suficiente para ele tomá-lo sob seu controle. E com o braço direito esticado, com os dedos agarrados aos cabelos e com Júnio sendo rebocado mais abaixo. O esforço que ele tinha que empregar era muito grande, mas ele não ia soltar, apesar de seu braço ter cansado tão rapidamente. Ele sabia que se mantivesse um ritmo tranquilo eles seriam capazes de escapar, era só não ficar desacelerando, e ia ficar tudo bem.

Mentiu para si mesmo.

Seus dedos doíam, seu braço também, mas o maior problema, foi quando seu ombro começou a doer. Aí ficou complicado e próximo do insuportável. A dor do ombro que tinha seus músculos sendo repuxados

se alastraram para suas costas. Ainda bem que ele já via a luz que demarcava as bordas do bairro.

“Aguenta... Só mais um pouco... Mantém...”

Mas o que se passava na sua cabeça não era o que o seu corpo estava entendendo. Cada segundo mais próximo da luz que significaria sua salvação, era um martírio para seus músculos. E convenhamos que os dois não sabem negociar muito bem, por vezes os músculos vencem, e é aí que começam as ideias que atrapalham todo o rolê.

“E se eu puxar ele pra eu abraçar?”

Sim, seria ótimo se ele não tivesse um cardume gigante de águas vivas atrás deles, e não tivesse tempo para pensar muito e reprogramar a rota. Agora era hora de seguir e só parar quando o ar habitar os pulmões novamente.

Mas os músculos estavam ganhando a discussão, ele até que se sentia confiante de que ia dar tempo, ele tinha uma certa vantagem, uma pequena distância para os mais próximos, daria tempo. Ele fechou com mais força a mão em punho sobre os cabelos ralos e baixos de Júnio e com um puxão tentou trazê-lo em direção ao seu peito, mas com a força que empunhou, percebeu que sua mão subiu muito facilmente após a resistência do peso inicial. Ele olhou para sua mão e viu que Júnio não havia vindo junto apenas um pequeno tufo de cabelos que ele encarava atônito.

“Agora fudeu”

Ao mesmo tempo percebeu que uma lufada de bolhas de ar subia. Júnio havia acordado com o puxão de cabelos que lhe fora aplicada. Ele segurava o topo da cabeça de onde Fabrício havia arrancado um tufo de cabelos, que com certeza deixaria uma bela de uma falha.

Júnio estava com uma cara de inconformado pela raiva e ficou pior quando percebeu seus cabelos presos nas mãos de Fabrício, que ao perceber que Júnio o estava olhando os soltou como se pudesse disfarçar alguma coisa. Cômico pensar que se tinha que disfarçar algo ou explicar embaixo d'água o perigo que estavam correndo, mas algum gatilho despertou nele que Fabrício estava querendo lhe fazer algum tipo de maldade sobre a água.

Júnio bufou com um olhar de incredulidade e seus movimentos mostraram que ele não estava entendendo o que de fato estava acontecendo, porque em vez de aproveitar que estava acordado para seguir em sentido a se afastar das águas vivas e se salvarem sem maiores problemas, ele foi em direção a Fabrício, subindo e com um movimento muito ágil que não permitiu a Fabrício reagir, puxou o seu pé com a mão esquerda e com a direita desferiu um soco que mesmo com a resistência da água, fez Fabrício sentir o golpe soltando uma lufada de ar, impressionado com a força de Júnio, mesmo debaixo d'água.

Ele ficou atônito e sem ação perante essa reação do Júnio, com suas vidas correndo riscos e ele ali sem poder falar pra se explicar. Toda essa inanição de Fabrício permitiu que Júnio se precipitasse sobre ele e o prendesse em um mata leão, mas graças ao seu instinto de sobrevivência ele conseguiu colocar uma mão por dentro para ficar entre

o braço que o enforcava e o seu pescoço, com essa defesa diminuiria a pressão, mas não por muito tempo.

“Caralho maluco, agora fudeu”

Fabrizio percebeu que Júnio estava motivado a querer matar ele, ele podia ver em seus olhos vermelhos e vidrados de raiva. Ele bateu no braço que estava apertando o seu pescoço como sinal de rendição, mas Júnio não diminuiu a pressão, e Fabrizio sabia que se continuasse com essa pressão logo ele teria que soltar o resto de ar de seus pulmões. Ele precisava fazer Júnio desistir e olhar ao redor. Júnio precisava entender o perigo que estavam enfrentando.

Com a mão que estava livre grudou na bermuda de Júnio e com a ajuda do corpo tentou girar Júnio para que ele ficasse de frente para o real perigo e parasse com esse ato de loucura. Júnio sem entender o que ele pretendia, resistia e lutava para manter o corpo na mesma posição, mas seu foco estava em manter Fabrizio preso e apesar da luta ele conseguiu virá-lo de frente para o cardume.

“Fudeu, fudeu, fudeu...”

Estavam muito próximos e eles tinham pouquíssimo tempo para saírem dali. Segundos seriam cruciais. Mas Júnio não estava vendo.

“Meu Deus, pra onde ele está olhando?”

Fabrizio bateu em sua perna e esticou o braço na direção que queria que ele olhasse, mas a pressão em seu pescoço não diminuía. Ele tentou mexer em seu rosto, mas o que percebeu foram os dentes de Júnio

se fechando sobre os seus dedos. A dor iniciou e ele temeu pelos dedos, mas de forma abrupta a pressão diminuiu tanto em sua mão com a mordida quanto no aperto em seu pescoço, mesmo que ainda não estivesse solto.

“Finalmente”

Pensou Fabrício que agora seu amigo tinha entendido o recado. Mas se ele entendeu, a forma que ele expressou foi bem inusitada, porque Júnio o soltou do mata-leão e com um empurrão das pernas nas costas de Fabrício o lançou em direção às águas vivas para ganhar impulso e nadar para longe e se salvar.

Ele ficou incrédulo com o que estava presenciando, depois de tudo, ele ainda não tinha entendido o perigo que estavam passando e o risco que ele correu para salvá-lo. Nesse momento Fabrício deixou de querer ser bom e compreensível, e quase de cara com as águas vivas mais próximas, voltou o seu corpo e com uma força incrível tirou a vantagem que Júnio tinha conseguido e se aproximou dele e puxou sua perna. Para tirar vantagem, se impulsionar de alguma forma? Nada, ele não fez tudo aquilo para servir de escudo humano para ele se salvar, se for pra se ferrar que sejam os dois juntos, nada mais justo.

Júnio que ainda não tinha entendido a conexão entre o tufo de cabelo na mão do Fabrício e o cardume de águas vivas, tentou acertar Fabrício com o pé livre quando ele foi puxado, mas sem sucesso, já que Fabrício estava bem-preparado e se esquivou de lado e abraçou a perna

que havia sido jogada contra ele. Júnio tentou soltar as pernas presas, mas ele havia abraçado muito bem abaixo das axilas.

“Ah, você não vai se safar sozinho e me deixar pra trás, ou sai nós dois ou não sai ninguém”

Fabrício havia fechado os olhos e tinha medo de ver o que estava por vir, mas sabia o que esperar, dor, choque e queimaduras. Seu coração quase saiu pela boca quando ouviu o barulho do motor, o Bairro estava se movimentando.

“Para onde esses filhos da puta estão indo?”

Capítulo 21

Será que estavam tentando ajudá-los de alguma forma ou desacreditados que estavam vivos, os deixavam para trás? Havia um grande risco aí, já que eles poderiam aumentar a distância deles da borda do Bairro.

Júnio parou de chutar e Fabrício afrouxou seu abraço. Os dois trocaram olhares e com um aceno Fabrício entendeu que Júnio estava novamente a seu lado.

Olhou atentamente para os lados, primeiro para o lado de onde vinha o cardume, lento porém perigosamente mais próximo e fechado em torno deles, alguns já passando a sua frente inclusive, de forma que se tornava difícil a fuga para os lados.

A única opção era para o alto, para a superfície e para frente, mas ainda havia uma boa quantidade do bairro para dar passagem e liberar a superfície. A melhor opção era a de nadar em diagonal, traçando uma linha para frente e para o alto. Infelizmente assim haveria o desafio de não se afastar tanto do cardume e eles já estavam logo acima deles, mas era a que tinha melhor possibilidade de dar certo. Rapidamente fez um aceno a Júnio que tão logo compreendeu começou a se movimentar.

A luz que atravessava a superfície encurtava sua distância cada vez mais conforme avançavam e o Bairro também, e ao se aproximarem da borda do Bairro puderam notar linhas que seguiam o movimento do

Bairro. Eram cordas com pesos nas bordas flutuando. Eles sabiam que eles estavam ali e deixaram ali para salvá-los, uma pontada de esperança pulsando em seu coração deu mais ânimo para continuar lutando e se livrar do que o aguardava do outro lado.

O Bairro se movimentava lento na pretensão de atravessar o cardume, provavelmente sabiam que estavam fugindo para o lado oposto. Cabia a eles encurtarem a distância para dar tempo de alcançar o resgate sem perder a vantagem que tinham com relação às águas vivas.

Fabício já tinha tudo em mente. Nadar o mais forte possível, se agarrar a corda de resgate e subir o mais rapidamente, já que o bairro estava indo em direção à área com o maior número de águas vivas, e se eles não subissem eles teriam que atravessar pelo meio delas, e ia doer, com toda a certeza, além do risco de se soltar perante a dor que iriam sentir e ficar em meio à parte mais infestada do cardume e virar comida de peixe.

Fabício tinha mirado a terceira corda da direita para esquerda, enquanto Júnio a segunda. Suas escolhas foram baseadas no menor percurso que teriam que percorrer ao encontro da corda.

Quando estavam a algumas braçadas da corda que Júnio tinha mirado, ela foi içada, ficando mais longe de seu alcance e ele teve que mudar de opção e preferiu seguir em direção à terceira, chegando mais próximo de Fabício e o obrigando a mudar para a quarta. Provavelmente alguém entendeu algum sinal errado e havia puxado por engano, mas agora não adiantava especular, era só ação que importava.

Mais algumas braçadas e Júnio foi o primeiro a conseguir chegar a sua corda, e agora vinha outro desafio que era subir o mais rápido possível já que agora ele seria levado de encontro ao meio do cardume de águas vivas.

Enquanto Fabrício estava a poucas braçadas de sua corda, ela começou a ser içada e passou a poucos centímetros acima de sua mão, agora para alcançá-la teria que começar a nadar para trás.

Por um momento ele congelou, o coração, a mente e o corpo em desolação e desespero. O movimento ao lado chamou a sua atenção e pode ver Júnio se soltar da corda para descer na corda, de modo que chegasse a ponta da corda para ficar mais fácil de Fabrício alcançá-lo e agarrar-se a ele, que já estava prontamente indo em sua direção.

Mas novamente o destino quis testar a vontade de Fabrício de viver.

Júnio começou a ser içado.

Haviam notado o solavanco que ele deu na corda ao se soltar e agarrar na ponta e iniciaram o seu resgate. O problema é que o estavam afastando de Fabrício, tentou dar alguns puxões e se debater para que parassem, até que parece ter dado certo já que a corda parou de ser puxada para cima, sendo suficiente para permitir que Fabrício se agarrasse à perna esquerda de Júnio, que com muita dificuldade tentou iniciar sua subida, mas como estava contra a correnteza e com o peso extra que Fabrício exercia, estava muito lento e longe da superfície.

Fabrício estava de frente para o cardume e sabia da urgência, por isso mesmo não esperou serem içados, ele mesmo iniciou sua subida escalando Júnio, que o olhou indignado, demonstrando que estava mais atrapalhando do que ajudando. Fabrício não deu atenção ao amigo.

Eles começavam a passar pelas águas vivas mais adiantadas, tendo uma inclusive que ser afastada com um chute para proteger as costas de Júnio.

Se o Bairro estivesse mais rápido eles seriam arrastados para superfície e assim teriam mais chances de fugir do cardume e depois ser puxado para dentro do Bairro. Mas o motor precisava de um certo tempo para pegar força e velocidade.

“Não parar e continuar a subir, ganhar tempo... Puta merda, não vai dar tempo de eles aumentarem a velocidade.”

Fabrício deu umas batidas em Júnio com o pé para que ele entendesse que ainda não estavam totalmente salvos e que a parte deles tinha que ser feita continuando escalando até a superfície.

Fabrício baixou a cabeça e diminuiu o ritmo por conta de uma água viva que estava um pouco acima dele, Júnio sem visão batia com a mão em sua perna questionando o porquê de ele ter parado.

Fabrício simplesmente ignorava, nem sequer olhava para não se dispersar. E cada vez que ele tinha que desacelerar a subida, quando retomava tinha que ser no maior gás, para tirar o atraso.

Já haviam superado dois terços da corda, mas infelizmente começaram a perder, não somente a esperança, mas a distância do cardume. Logo estariam no meio da área mais infestada.

Fabício focado subia braço após braço, e a perna em gancho na corda o impulsionava para cima, ele sentia todo o vigor de sua vida se expressando em uma vontade imparável de viver.

Chegou até mesmo a desligar sua atenção de Júnio, mas agora era só coração, o pulmão queimava segurando as últimas lufadas de ar. Seu cérebro começava a lentificar devido a baixa presença de oxigênio.

Faltando algumas braçadas para a superfície, alcançaram os primeiros grupos de águas vivas passando em torno deles.

Agora estava mais sério e desesperador.

“Essa superfície que não chega nunca”

A superfície não chegou, mas as águas vivas chegaram. Estavam enfim rodeados.

Lá vinha o primeiro grupo e com ele o desafio de desviar, eram seis, segundo a contagem que conseguiu realizar. Pensou em qual estratégia assumir e achou ter tido uma boa ideia, mas ele dependeria do Júnio ajudar.

Parou e esperou a batida na perna, assim que ela aconteceu ele olhou e lançou um olhar sério com um movimento de cabeça e reforçou

com um aceno com a mão que ele deveria ficar parado. Júnio compreendeu e acenou com a cabeça e aguardou.

Ele torceu as mãos na corda para dar mais firmeza e segurou a corda com a sola dos pés, ficou com o corpo um pouco curvado pois assim seria mais fácil manipular a corda.

O primeiro que chegou foi fácil, estava vindo exatamente em sua direção e como a corda estava reta bastou deslocá-la para a frente e deixar a primeira água viva esbarrar na corda e soltá-la com a mão jogando-a para trás, para que não incomodasse mais.

Subiu duas braçadas.

“Fácil”

A próxima chegou, eram duas, uma ao lado da outra com pouca distância uma da outra. Seu deslocamento teria que ser para a esquerda, um tanto bom, depois gerar impulso para a direita e ficar de frente pra elas e assim ganhar mais força para fugir da linha de encontro delas.

Tudo muito forte e muito rápido.

Assim ele fez, movimentou primeiro as pernas e depois o corpo, fazendo o movimento de pêndulo, sempre com o olhar fixo naquilo que queria fugir. Passou fácil por elas o problema era a corda movimentando e ele tinha que subir e tentar estabilizar para pensar melhor no próximo movimento.

Conseguiu subir mais duas braçadas, mas os próximos três seriam mais desafiadores, pois havia um mais a frente e outros dois um pouco mais recuados um de cada lado. Ele teria que escolher um dos dois para encarar. Teria que fazer um pêndulo muito rápido e pela altura que estava na corda parecia que não seria fácil, ou teria que tentar a sorte e conseguir parar e passar no meio das duas após fintar a primeira.

Veio o primeiro e como a corda já estava em movimento ele preferiu não dar mais impulso porque depois podia correr o risco de perder o controle, então ele fez uma finta simples no primeiro à direita, uma bem simples sem muita força. A força não foi suficiente para fintar pelas costas do primeiro e a corda o jogou de frente para o que avançava à direita. Tentou de uma forma desesperada mexer na corda e gerar mais força, mas não foi suficiente e ele foi de encontro com a água viva.

“Poutz, agora fudeu...”

Capítulo 22

Toda a dor de uma água viva veio em seu corpo antes de ter tido contato com ela. Sua reação foi soltar as mãos e fazer o corpo deslizar para baixo e assim deixar a água viva passar por cima dele. O problema é que ele não tinha combinado isso com Júnio, que de repente viu Fabrício despencar sobre a sua cabeça.

Ele conseguiu ainda se segurar, já Fabrício que não contava com esse obstáculo, virou de cabeça para baixo ficando com suas pernas para cima enquanto buscava desesperadamente um lugar para se segurar e provavelmente estaria procurando até hoje se não fosse Júnio tê-lo segurado pela perna.

Agora ele via tudo de cabeça pra baixo, e a visão não era nada agradável.

Dezenas, centenas talvez milhares de águas vivas no entorno deles.

Susto e subsequente a isto, a resignação.

Estava vivo e indo de encontro a elas, o encontro era inevitável, o que lhe restava era se preparar para a dor inevitável que estava por vir.

Deu dois tapas na perna do Júnio e deu uma, duas voltas da corda nas pernas dele. Ainda de cabeça pra baixo, trançou suas pernas no peito de Júnio e para garantir deu duas voltas da corda em seu braço e segurou

firme. Se preparou para mais uma vez serrando os dentes e fechando os olhos.

“Bora carai, termina logo com isso”

Não sabia se estaria vivo ao final pra contar a experiência, mas pelo menos não desistira, não se entregou. Agora que venha a dor e o sofrimento se sobrevivesse.

“Estou subindo”

Foi essa a sensação que teve. Abriu os olhos para entender o que estava acontecendo e percebeu que estavam subindo, porém não reto, olhou para cima e viu que o Bairro estava se deslocando com mais velocidade.

“Putta que pariu”

Isso significava que eles iriam pra superfície, mas iriam passar pelo meio do cardume. Essa era a alternativa que os encontrara, se isso os levasse a sobreviver, não havia do que reclamar.

“Fecha o corpo, bora...”

Dor, não foi a primeira sensação que sentiu. Primeiro sentiu algo sedoso, gosmento e borrachudo tendo contato com seu corpo, na altura do pescoço, provavelmente seus tentáculos estavam pra baixo de sua cabeça, quem sabe se ela ficasse presa ela servisse de escudo das outras. Ficou aguardando como seria com os próximos, foi quando sentiu o corpo do Júnio estremecer e bater as pernas violentamente.

“Aguenta firme mano”

Ele infelizmente não teve a mesma sorte e já começou a enfrentar o destino que os aguardava. E não demorou para que ele também sentisse em seu peito as dores oriundas das toxinas dos tentáculos das águas vivas.

A dor que causava era algo lancinante, a pressão de sua mordida que sufocava seus gritos, era tão forte que ele temia quebrar os dentes devido a tamanha força que fazia. Seu corpo inteiro se retesou e graças as voltas que fizera da corda se mantivera preso já que as mãos haviam soltado a corda devido aos espasmos que o corpo estava sofrendo.

Continuaram presos a corda, lentamente continuando o pêndulo para cima, sentindo as dores das queimaduras.

Fabício mal pode processar a dor causada e já sentiu sua perna ser abraçada por outra água viva que parecia ter uma cauda bem grande, porque ele a sentiu roçar quase que sua perna inteira.

A dor que estava sentindo não lhe permitia pensar no que Júnio estava passando. Ele tinha suas próprias dores para se preocupar. Até onde iriam e onde seria o próximo lugar de seu corpo a ser judiado, porque iria acontecer, sem dúvidas.

“Dói... Queima...”

Focando na dor, sentiu mais uma vez seu peito ser agredido por outra água viva, com ela ele soltou seu último sopro de oxigênio e pela

dor, a próxima muito provavelmente seria uma tragada de água para os pulmões.

Dor, dor, dor, dor.

Estava no epicentro do cardume, sem espaço nem para processar ou pensar na nova fonte de dor que estava tomando seu corpo e enlouquecendo sua mente. Fabrício pela segunda vez desejou a morte e aceitou seu destino ao permitir que sua boca se abrisse permitindo que a água pudesse preencher todo o seu pulmão.

A água salgada entrou em sua boca de maneira tão rápida e fácil, ela sabia o caminho e queria tomar conta de todo o corpo de Fabrício. Logo veio aquela pressão no céu da boca e a queimação na garganta. A água salgada inundava seu peito e ele aceitava seu destino com os braços abertos a iminência de seu fim e a libertação da dor que o açoitava em chamas.

Água inundava seus pulmões, e seu corpo estava em chamas, mesmo embaixo da água, a dor havia desligado algumas percepções de seu corpo, e já não sabia se estava acordado, em movimento ou parado, se para cima ou para baixo. Até que sentiu um sopro refrescante sobre seu corpo. Foi como um sopro de uma mãe, quando a criança se machucava e a mãe soprava e dava um beijinho, como um truque mágico para aliviar a dor.

“Ah, que refrescante!”

Pensou Fabrício enquanto seus pulmões cuspiam a água que habitava o seu peito, para que o ar tomasse o espaço que era seu de direito. Sentia também a pressão da água aumentar sobre as suas costas, significando que estava sendo puxado contra a correnteza. Enfim estavam sendo resgatados.

Tentou abrir os olhos, mas nada viu além da água que o cobria em um manto de sal e espuma, lhe ferindo os olhos que mal podiam apreciar a luz do sol. Preferiu fechar os olhos e aguardar ser resgatado, confiando que sua hora chegaria,

-Só mais um pouco, mais rápido.

Fabrício reconheceu a voz de Carlos não tão longe, o que encheu seu coração de esperança.

-Rápido, meu Deus...

Essa fala o preocupou. O primeiro impulso foi se tranquilizar, porque apesar das dores, ele estava com ar nos pulmões novamente, mas ele se lembrou que talvez a urgência na voz de Carlos não era pra ele, mas sim para o Júnio.

Como ele estava? Enquanto ele se entretinha com suas dores, havia se esquecido de seu amigo, o qual agora ele se lembrava não sentia dele movimento a um tempo.

-Júnio. Estamos salvos. Fala comigo cara.

Tentou falar com seu amigo, mas a voz saiu sem muita força. Bateu com a perna no amigo para tirar dele alguma resposta. Mas Júnio não respondeu. Tentou tatear para fazê-lo se mexer e percebeu que ele estava virado para baixo, com a cabeça pra dentro d'água.

Fabrício sabia que cada gole de água nos pulmões fazia a diferença, por isso tentou virar o seu corpo para jogar Júnio para cima e ele poder tomar um pouco de ar. Era claro que o que ele mais precisava era de uma massagem para ajudá-lo a cuspir toda a água, mas pelo menos isso seria melhor do que continuar sorvendo água sem parar.

-Mais um pouco... me dá aquele remo.

Ouviu ele um pouco abafado porque estava com a cabeça mergulhada. Com os olhos abertos viu o mar de águas vivas abaixo deles, que por sorte se livraram por estarem próximos da superfície e o Bairro estar afastando com seu casco, os livrando de mais queimaduras.

Não que houvesse algum lugar de seu corpo que não estivesse marcado e doendo. Meio inerte e sem forças para processar as coisas, se permitiu se deleitar com a visão abaixo de si, como tudo era belíssimo, até mesmo hipnotizante, com suas cores fluorescentes e a forma como se moviam flutuando de maneira graciosa, tais como anjos no céu.

“Suas filhas da puta bonita”.

Sentiu o primeiro solavanco o fazendo encostar no plástico duro do Bairro, mas nenhuma mão veio para tirá-lo da água.

-Rápido. Coloquem ele no chão. - As vozes vinham aos seus ouvidos abafados soando com muita urgência.

-Alguém pega o Fabrício - ao ouvir, Fabrício experimentou um sentimento de gratidão e felicidade por finalmente ter chegado a sua vez.

Cada solavanco na água acentuava as dores que ele sentia e o ar que batia já não servia como alívio, mas parecia esquentar a sua pele ainda mais. As mãos que tocavam sua pele davam a sensação de que a faria se desprender de sua carne.

Ele foi colocado sobre o chão do Bairro por quatro braços.

- Ele está bem ferido, meu Deus do Mar, olha essas bolhas, rápido, alguém faz alguma coisa.

Estavam falando dele, e logo após ouviu alguém dizer algo parecido com “Eu cuido dele” seguido de um jato quente de algum líquido que era lançado nele, que a princípio não aliviou, até aumentou um pouco a ardência, arrancando dele um guincho de dor mas talvez fosse parte do processo. Piorar para melhorar...

-Meu Deus, pare já com isso, saia daí seu moleque, isso não serve de nada. Rápido, peguem o vinagre. Francamente, eu não sei de onde tiram essas ideias, será que não aprenderam nada com o que ensinamos.

-Júnio... - balbuciou enquanto Lúcia reclamava.

-Oh meu bem, ele vai ficar bem, Carlos está com ele. Logo você estará se sentindo melhor.

-Dói... Queima.

-Já vai passar meu querido, o pior já passou, não sei como vocês ainda estão vivos, por um milagre de Deus do Mar. Com certeza ele tem um plano pra vocês, só pode.

-Tem que pegar o mexilhão - alucinou Fabrício devido ao turbilhão que estava sua mente - Não deixa o mexilhão fechar

-Mexilhão? Tá tudo bem meu querido, a gente já cuidou disso. Ele está delirando - disse ela baixinho para alguém ao seu lado - Me traz mais um frasco de vinagre que esse aqui não deu pra nada, rápido.

Enquanto o vinagre era aplicado em seu corpo, a dor ia se dissipando com algumas agulhadas, aliviando a tensão em todo o seu corpo. Sua mente ia se livrando de todo o turbilhão de pensamentos que assolavam a sua vista e memória, de forma bagunçada e desconexa, que ia sendo preenchida por um único pensamento, ele embaixo da água lutando por sua vida contra as águas vivas.

Júnio também estava lá, lutava ao lado. Lutava não, já tinha perdido a luta, agora só boiava com as águas vivas em torno dele, até que não sobrasse mais parte visível dele.

Enquanto ele em sua luta particular, já não conseguia mexer músculo nenhum de seu corpo, e em seu caso não havia vários, mas apenas um, que o vencia e o dominava, e que o possuía enforcando-o com seus tentáculos.

Ele abriu a boca na busca por ar e a água viva aproveitou para entrar em sua boca, piorando a falta de ar. Aquela coisa gosmenta preencheu toda sua boca, dando o gosto de algo esponjoso e melado, travou sua garganta, e ele não conseguia engolir nem saliva.

Sua mente foi escurecendo conforme a busca fracassada por ar se intensificava, até que só existia preto em sua mente e um forte zumbido no ouvido.

Capítulo 23

Fabício acordou um dia e meio depois. Teve febre e muitos pesadelos. Chamava por sua mãe, enquanto Lúcia com o coração partido fazia o possível para baixar a febre com compressas geladas, unguentos e vísceras de peixe.

Em suas alucinações, estava se afogando e sua mãe vinha te salvar, só que ela acabava se afogando enquanto ele assistia tudo, despertando um sentimento de culpa. Júnio também estava lá e afundava olhando para ele com um olhar cravado e desolado.

Ele tentava nadar, mas não importa o lado que escolhesse ele não saía do lugar, quando notou que estava sendo seguro por uma água viva de tamanho imenso e sua mãe e Júnio se perdiam na imensidão do fundo do Mar.

Quando recobrou a consciência, mal conseguia falar, parecia que tinha engolido uma ova de peixe que entalou em sua garganta.

-Úño?

Foi o mais compreensível que saiu de sua boca.

-Ele está bem querido, ainda está dormindo - Lúcia o tranquilizou, aliviada em ouvir sua voz que lhe restituiu a esperança. - Toma, beba mais água, você precisa se hidratar.

Ele bebeu, porque precisava muito. Ah, como seu corpo pedia, mas bebeu sentindo culpa, pois sabia que pra ele ter aquela cota extra de água, alguém abriu mão, geralmente ela mesma ou Carlos. Isso o fazia se sentir um peso. Remorso de ter causado tanto trabalho o acometia a consciência.

Dívida! Um sentimento que o incomodava já que o fazia ter o compromisso de pagar de volta.

-...gado... - tentou ele agradecer, percebendo que uma lágrima fugia de seu controle, deixando-o envergonhado, achou que estava demonstrando fraqueza.

-Oh meu amor, não precisa agradecer, só descanse tá bom?

Lúcia também com os olhos marejados, mas sem demonstrar vergonha, e um sorriso generoso que realçava as maçãs rosadas de suas bochechas, passava uma toalha úmida e cheirosa em sua cabeça. Seu olhar recendia amor, afeto e carinho, e isso tornava a dor de qualquer um mais branda.

Fabício se sentiu amado e cuidado, se deu o direito de se desarmar e apagar mais um pouco, aquela conversa exigiu demais dele. Esperava que, quando acordasse novamente, Júnio já estivesse acordado, ele estava ansioso para saber como ele estava.

Quem diria? Até pouco tempo atrás, eles não se davam bem de jeito nenhum, agora não sabia o que seria de sua vida se algo acontecesse a ele.

Engraçado que Fabrício se viu pensando na sua relação com as pessoas do Bairro. Carlos e Lúcia tinham um enorme apreço por parte dele, como se fossem tios, esse sentimento era dividido por todas as crianças do Bairro, que para ele eram como primos. Agora, já ele e Júnio, eram inseparáveis, eram irmãos, e ele daria a vida pelo amigo, como quase deu.

Capítulo 24

Vamos logo crianças, peguem suas cordas, hoje tem treino de resistência. – Chamou Fabrício as crianças, pois já era hora de uma de suas funções que ele mais bem desempenhava, instrução de sobrevivência. – Ei Éfinho, onde você vai cara? Não tá faltando nada não?

Enquanto as outras crianças corriam e saltavam na água em meio a risadas e brincadeiras, Éfinho teve sua alegria interrompida e de cabeça baixa teve que retornar para a tenda em que tia Lúcia esticava um emaranhado de garrafas com um olhar acolhedor.

Ele pegou a cinta com garrafas e a vergonha que sentiu pode ser sentida a quilômetros de distância. Lúcia se compadeceu e tentou ajudá-lo a colocar o kit de bóia em torno de sua cintura, mas ele recusou. Já era vergonha demais ter que usar bóias quanto mais ser auxiliado a colocar.

Esse kit consistia em quatro garrafas cheias com ar amarradas umas às outras com tiras de pet. Essa era uma alternativa para as pessoas que não conseguiam nadar ou mergulhar. Raro de acontecer já que a maioria aprendia a nadar desde bebê, porém a realidade de uma pequeníssima parte, seja por condição física ou emocional, possuíam esta condição desvantajosa e considerada incapacitante.

Esta condição de Éfinho foi determinante para que fosse adotado por Carlos para seu Bairro, quando o encontrou em uma cidade vivendo

nas ruas abandonado. Acontece que toda vez que ele ia para o mar, ele não conseguia sequer boiar, e ao afundar, desmaiava. Se era uma condição fisiológica de descompressão ou se era ansiedade ou medo, ainda não havia sido possível identificar.

Ainda cabisbaixo e envergonhado, Éfinho começou a retornar à beira do Bairro para se juntar às outras crianças, e Fabrício o chamou antes que ele fosse pra água.

-Éfinho chega aqui - ao chamá-lo se abaixou para ficar na altura dos olhos dele. - Cara, a gente já conversou sobre isso. Você não tem que ter vergonha. Você precisa disso e ponto, vai lá e faz o seu melhor.

-Mas porque só eu? Não é justo. Todo mundo consegue mergulhar, só eu que não.

- Mar não é brincadeira, você não sabe o que tem debaixo do seu pescoço depois que você vai pra água.

- Mas é humilhante ter que usar isso.

-Beleza, você tem duas alternativas então, não vai pra água, passa o resto da vida em cima do bairro, ou enfrenta a vergonha e faz parte de tudo que a gente tá ensinando. Qual vai ser?

-Não - respondeu perante suas alternativas, - eu vou - disse mesmo com o orgulho ferido.

-Beleza, então vamos começar. Bora pessoal – gritou pra todas as crianças que estavam brincando na água. E para diminuir o impacto da

conversa, Fabrício o pegou por um braço e uma perna o atirou girando para o mar, o que divertiu a todos e deixou Éfinho com a satisfação de ter tido o que ninguém mais tinha.

– Hoje vamos fazer o exercício continuação da aula passada, quem lembra o que a gente fez? - perguntou Fabrício enquanto pulava virando uma estrelinha sem as mãos para impressionar as crianças. Frequentemente ele gostava de mostrar suas habilidades para se tornar desejável por todos, ao ponto que quisessem copiar seus movimentos.

-Nado com prancha – responderam as crianças em uníssonos após terem se surpreendido com a habilidade de seu professor.

-Boa, e quem praticou?

-Euuu – responderam todos novamente.

-É sério? Todo mundo? Vocês sabem que não tem muito pra onde ir né? - disse com olhar inquisidor ao redor. - Vocês sabem que eu estou sempre vendo o que está acontecendo? Todo mundo fez mesmo? Seu Rafito, dona Júlia? Quem mais?

Este comentário gerou alguns risos sem graça e outros de zação.

-Beleza, sem problemas - aceitou ele o silêncio como uma declaração de culpa, - vamos ver hoje quem estará bem-preparado, porque hoje vai ser mais difícil.

Algumas crianças demonstraram susto, outras medo e umas poucas tentaram demonstrar coragem.

-Hoje vocês vão nadar com prancha contra ondas.

-O quê?

A reação de todos foi de muito espanto, já que o mar estava calmo e não havia ondas.

-Como assim professor Fabrício?

-Professor Fabrício não, só Fabrício.

Corrigiu ele que não se sentia tão confortável com o título, preferia ser visto como alguém que tinha algo a contribuir do que alguém com um título. Ele não se colocava no mesmo patamar que Carlos, que pra ele tinha uma autoridade e conhecimento aplicado e de vida para compartilhar, e assim poder ser considerado professor.

- É segredo, aguardem e confiem - confidenciou ele misteriosamente, pois bem sabia que isso prendia a atenção de todos. - Agora eu quero que vocês saiam desta lateral e vão para a parte de trás do bairro, por baixo. Éfinho, você pode dar a volta completa.

Ouviu-se alguns risinhos que fizeram Éfinho começar a ficar envergonhado, mas a conversa anterior pareceu surtir efeito, já que desta vez não demorou a tomar o seu rumo.

-O que foi? Aconteceu alguma coisa? Alguém contou uma piada que eu não ouvi? - Fabrício deu a bronca que fez as risadas se abafarem e a expressão de desdém de alguns mudarem para uma mais séria e culposa. - Cada um fazendo e cuidando do seu.

As crianças iniciaram a travessia, enquanto Fabrício ia por cima do bairro. O certo seria ir por baixo para ajudar se necessário, porém gostava de passar confiança, apesar do receio que tinha se algo desse errado na travessia, porém, era necessário o voto de confiança para que aprendessem a ter confiança em si mesmos.

-Olhando assim de longe, pode pensar que você é muito duro – comentou Lúcia enquanto ele passava por ela. – Mas você faz com muito carinho e as crianças gostam muito de você.

-É nada - se defendeu encabulado e surpreso com a observação a seu respeito, - as crianças gostam quando a gente trata eles de igual pra igual - como não sabia receber elogios, tratou de desviar o assunto rapidamente. - Ei Júnio, vou precisar de você para aquilo que eu te pedi ontem, e chama os “bonito” lá também.

-Aiai Fabrício, você é muito criança e adulto ao mesmo tempo, como pode? - disse Lúcia quase que para si mesma já que Fabrício fugia dela o mais rápido que podia.

-É conforme eu sempre digo tia, um pouco de exercício, um pouco de droga - brincou ele sem perder a oportunidade da piada enquanto corria para longe com um sorriso sem vergonha nos lábios.

-Ara moleque, isso é brincadeira que se faça? – repreendeu ela, rindo, sem saber se ele falava sério ou não, enquanto ele sim, se moía de rir.

-Brincadeira tia - já mais à vontade, ao recuperar o controle sobre sua timidez.

Capítulo 25

Ao chegar à parte de trás do bairro, aguardou as crianças realizarem a travessia, era um pouco demorado pra eles que estavam aprendendo ainda e não tinha tanta força, mas era bom para os pulmões aprenderem a expandir e segurar o ar.

Um a um foram aparecendo as cabecinhas pra fora da água. A cada um que aparecia, ele contava e monitorava se não faltava nenhum, pronto se caso tivesse que saltar e mergulhar para ver o que podia ter acontecido e resgatar quem fosse necessário.

Ainda bem, não foi preciso remediar, aos poucos, um a um, todas as crianças foram aparecendo. Alguns meninos antes de algumas meninas, algumas meninas antes de alguns meninos, e por fim, Éfinho chegou. Assim, todas as oito crianças se encontravam do lado correspondente do exercício.

-Beleza, muito bem! - Fabrício parabenizou a todos. Ele sempre elogiava, sabia muito bem que o elogio tinha melhores resultados, principalmente na criação de confiança, autonomia, atitude e independência.

- Vamos lá, me entreguem a corda de vocês. Eu vou amarrar aqui na borda - disse sinalizando os buracos de encaixe de lona nas laterais do Bairro - Rafito você tá com uma cara de quem viu a sua cara embaixo

d'água - zombou ele, arrancando algumas risadas e diminuindo a tensão presente. - Calma cara, não precisa ficar assustado não...

-Fala criançada, cheguei pra trazer ordem nessa bagaça - disse alguém tirando o foco de todo mundo. - Bora, todo mundo, quinze minutos embaixo d'água, o primeiro a subir leva remada na cabeça.

Quem ameaçava era Júnio, que tinha chegado com os outros dois remadores, Lucas e Guilherme. Ele era assim, mais brincalhão, tinha mais dificuldade de falar sério, por isso Fabrício era designado para cuidar das crianças.

Algumas crianças riram, outras ficaram preocupadas olhando para Fabrício, aguardando dele algum indício se ele estava falando sério.

-Quinze minutos embaixo d'água enquanto assobia – complementou Fabrício aderindo à brincadeira, relaxando as crianças que agora tinham certeza ser brincadeira. Imagina só, assobiar embaixo d'água.

-Agora que todo mundo está amarrado - anunciou Fabrício retomando o propósito da aula, - nós vamos fazer o exercício de quebrar ondas com prancha. Lucas! Joga pra eles as pranchinhas.

Lucas correu para atender ao pedido de Fabrício. Percebia-se que ele ainda estava envergonhado pelo que fizera todos do Bairro passar, uma semana atrás e a todo momento estava tentando se resignar ao parecer útil.

-O exercício de hoje é pra quebrar as ondas e não se deixar ser levados por elas, pelo tempo que a gente vai estipular. Por isso, a corda não pode esticar, se esticar você está fora do exercício, aí sai, volta pro Bairro e pode descansar e aguardar a próxima instrução. Simples assim! Todo mundo entendeu?

Como ninguém respondeu, Fabrício considerou que todos houvessem compreendido. Estavam todos ansiosos para fazer o exercício e não queriam demonstrar desatentos ou burros por não ter entendido.

-Se preparem então. Lucas, Guilherme, sabem como é né?

-A gente se abraça e fica movimentando pra cima e pra baixo na borda para gerar onda - mais uma vez Lucas se prontificou a mostrar participação, enquanto Guilherme aguardava do lado, parecia demonstrar um pouco de desconforto com os outros colegas, como se tivesse feito algo de que pudesse se envergonhar.

-Isso! - Concordou ele. - Mas tem que ser no mesmo ritmo e tem que fazer força, eu quero ver como eles se saem. A gente vai mexer aqui hein, vai balançar tudo. - gritou Fabrício para o restante do Bairro se preparar, Carlos inclusive aproveitava para verificar como o Bairro se portava perante o balanço para ajustar e prender o que fosse necessário. – Vamos lá, em três, dois, um...

Os quatro se abraçaram, Fabrício na ponta da esquerda com Lucas a seu lado, e Júnio da direita com Guilherme a seu lado. Dado o sinal de Fabrício, todos começaram a movimentar o corpo, forçando para baixo,

fazendo força para que o dorso ficasse no mesmo nível e só da cintura para baixo empurrasse o Bairro.

Logo que o bairro começou a movimentar para baixo, consequentemente, devido a resistência da água fazê-la voltar para cima, as ondas começaram a surgir e ir de encontro com as crianças. Assim que atingiram o nível, cadência e velocidade que Fabrício queria, ele deu a ordem da continuidade do exercício.

-Agora, quebrando – gritou para as crianças.

Todos no mesmo ritmo iniciaram a quebra das ondas com as pranchas. O exercício é realizado assim porque as pranchas mais atrapalham do que ajudam, já que ela cede à força da onda e dificulta jogá-la por dentro.

Mentalmente Fabrício ia contando quantas ondas eles iam pulando. À partir da décima segunda eles começaram a perder força e controle, fazendo as cordas se esticarem. Quando a última, Fabiana, perdeu o compasso entre as ondas e sua energia e sua corda esticou, ele orientou que todas as cordas fossem diminuídas.

E novamente iniciaram a atividade, e assim seguiu por mais duas encurtadas de corda. Quanto mais próxima a corda ficava, mais rápido as ondas chegavam neles e mais difícil ficava para que eles conseguissem quebrar, voltar, respirar, quebrar novamente e assim repetir o ciclo.

-Show, parou - disse Fabrício quando se deu por satisfeito. - Muito bem, Fabiana e Éfinho, vocês quem se saíram melhor.

-Também ele não afunda - reclamou Rafito, tão baixinho que mal dava pra ser ouvido, mas Fabrício o ouviu.

-O que você falou, Rafito? - O desafiou a repetir, o sobressaltando já que não contava que fosse ouvido. - Cara, ou você zomba dele ou você tem inveja, os dois não dá. Se resolve ai. Parabéns Éfinho - mudou de assunto rapidamente visando melhorar o moral do garoto. - Você foi muito bem, e não é porque você está com a bóia, mas é porque você tem treinado e se esforçado todos os dias.

Éfinho enfim pode se sentir orgulhoso de si mesmo, já que na maioria das vezes o que ele sentia era pena e vergonha. Mas depois do que Fabrício fez, agora podia experimentar um sentimento de confiança.

-Fabiana, muito legal o seu resultado, você é prova de que lugar de mulher não é só sobre o Bairro - Fabrício fez questão de evidenciar a coragem e talento da garota, para incentivar as demais, já que só ele sabia o quanto brigou para incluir as meninas nos treinos, já que a crença vigente era o de que as meninas deveriam ser preparadas e treinadas para ficarem acima do Bairro, em afazeres mais domésticos.

-Por hoje é só galera, bora brincar.

-Cara eu não sei como você não dá uma remada na cabeça dessas crianças – Guilherme comentou chegando perto dele.

-Meu, você aprendeu assim? - Revidou Fabrício de graça. - Fala pra mim, quantas remadas você já levou? Eles precisam de direção, orientação e exemplo, não de porrada.

Dizendo isso ele se afastou para recolher as cordas e pranchas, deixando Guilherme sem graça pela tentativa de quebrar o gelo desajeitado.

-Toma... - simulou Júnio um soco na cara. - Que que foi isso jovem? Tudo isso é dor de cotovelo porque ele está com a Ju e você não?

-Não viaja Júnio - desconversou ele, mesmo no íntimo aceitando ser um pouco verdade. - O cara que não sabe o que está falando, então não se mete.

-Sim, tudo pelas crianças – disse Júnio com sarcasmo. – Mudando de assunto. Hoje à tarde a gente chega na cidade, eu tava pensando em dar um rolê, você vem comigo?

-Bora, tô precisando dar uma desbaratinada.

-Por causa das crianças?

-Vai à merda idiota.

-Hehe, então você já sabe se eles pedirem pra gente ficar de babá dessa criançada ou que a gente fique pra ajudar, a gente já tem o nosso compromisso.

-Beleza, eu já vou avisar eles então.

-Mano se você for falar com eles e der margem pra eles te pedirem alguma coisa e você não souber dizer não, eu vou ficar muito puto contigo hein.

-Suave cara - tranquilizou Fabrício.

-Combinado então, vou separar algumas coisas, tô precisando fazer uns rolos - Fabrício sentiu um tom misterioso.

-Fechou, vou ver também e depois falo com eles.

Se despediram selando o compromisso com um aperto de mão e um abraço. A última fala de Fabrício deu mais confiança para Júnio, que estava acostumado a contar com as quebras de promessas dele.

Combinado os dois, cada um se dirigiu para sua tenda para separar itens que julgavam valer algo para trocarem por outros de seu interesse.

Capítulo 26

A função de Fabrício de sair em busca de pets no mar, proporcionava a ele alguns espólios que ele podia guardar para si e aproveitar da melhor maneira.

Na verdade, não existia uma obrigação em entregar todas as pets para o Bairro, mas era mais um acordo moral e ético devido a possibilidade de viver em comunidade e ter um espaço reservado. Sabese de muitas histórias de desbravadores que saíam e escondiam parte dos achados e isso causava muita desconfiança no grupo, assim como vergonha para aquele que fazia isso, manchando sua imagem perante os outros Bairros, o que dificultaria a ele encontrar recolocação em outra comunidade. Já que essa função era de extrema confiança, pois o Bairro dependia dela para continuar crescendo e ter insumos para barganhar e se manter.

Mas o que mais viesse da expedição, era de propriedade de quem explorava. Fabrício tinha em sua tenda, linhas, redes, pedaços de alumínio e tantas outras bugigangas encontradas em alto mar. “Tesouros” que estavam vagando pelo imenso Oceano, ou como lixo de tempos passados ou como sobras de outros Bairros acidentados.

Ele gostava de pensar que eram de tempos passados, imaginando a quem pertenceu e para que serviu. Desta forma diminuía a culpa de

estar “aproveitando” de algo que pertenceu a alguém que talvez tenha sido engolido pelo mar.

Ele tinha algumas “reliquias” que não mostrava a ninguém, guardadas em uma caixa junto aos seus poucos pertences. De vez em quando ele gostava de revisitar, desta forma ele sentia que sua vida tinha mais valor, significado e história.

Um pingente dourado com a foto de uma família com dois filhos, todos sorrindo, ele se imaginava com sua mãe na foto. Um anel de prata com uma superfície giratória, que às vezes ele gostava de usar. Um óculos escuro tipo aviador, sem uma perna que ele conseguiu esculpir e adaptar com um pedaço de plástico. Um objeto pequeno que tinha uma tampa e um bico metálico que servia pra encaixar alguma coisa, e cuja utilidade ele nem fazia ideia. Já a algum tempo ele queria descobrir, mas tem medo de não servir pra nada, ou servir pra muito, e por não saber exatamente, ser enganado.

-Fabrício - chamou a voz de Carlos o tirando de seus devaneios nostálgicos.

-Tô indo - gritou ele de volta enquanto guardava correndo seus valiosos pertences e saía para encontrar quem o chamava.

-Opa, beleza?

-Tudo certo.

-Então, logo mais estamos chegando na cidade e eu preciso dar uma corrida atrás de umas coisas, e eu queria saber se você consegue

me dar uma força com as crianças? Se não for atrapalhar é lógico - correu ele a deixar claro a condição de não o comprometer. - Porque, aí qualquer coisa, eu falo com o Guilherme, ele se disponibilizou, mas sabe como é né, eu confio mais em você e as crianças estão mais acostumadas com você também.

-É então - Fabrício estava prestes a negar o favor, mas o fato é que ele não sabia se era por ele ter demonstrado que Guilherme estaria interessado, ou algo em sua voz que parecia triste, mexeu com ele - Eu combinei com o Júnio de correr atrás de algumas coisas.

-Não, então tranquilo, esquece - se antecipou Carlos em se desculpar pelo pedido e ameaçando partir, mas com um sinal de desapontamento na face.

-Mas iria demorar muito? - disse Fabrício cedendo aos ciúmes de ver Guilherme assumindo uma área que era sua.

-Não, acho que não, ia ser jogo rápido - disse Carlos se enchendo de esperança. - Acho que coisa de duas ou três horinhas.

-Beleza, eu garanto esse tempo então.

-Porra, valeu mesmo - agradeceu Carlos o abraçando como forma de demonstrar sua gratidão se mostrando aliviado. - Não vou gerar problemas pra você e o Júnio?

-Não - mentiu ele já que sabia que seu amigo iria ficar muito bravo com ele - Pode deixar que eu falo com ele, ele vai entender. A gente vai ficar uns dois dias lá, né?

-Um ou dois, é questão de descer, abastecer, arrumar o que tiver que ser arrumado e partir. Você sabe que pra mim, quanto menos ficar neste tipo de cidade, melhor é.

-Sim, eu sei bem - confirmou Fabrício sabendo dos motivos de Carlos por não gostar de se manter por muito tempo em Cidades grandes e suas “sujeiras”. - Beleza, pode deixar as crianças comigo.

-Obrigado meu querido, fico te devendo - agradeceu Carlos que partiu para seus afazeres na casa de máquinas após ter conseguido a solução que almejava.

Fabrício confirmou seu compromisso sabendo que Júnio o odiaria pela quebra com ele. Nem ele sabia o porquê havia feito isso, mas de fato o nome de Guilherme ter sido citado influenciou na sua decisão.

Agora ele tinha que se preocupar em como iria contar para o Júnio, que com certeza iria pesar na dele, que por obra do destino já vinha em sua direção nesse exato momento com uma cara não muito boa, e ele mal teve tempo de pensar em uma desculpa pra dar a seu amigo.

-E aí, já separou as suas coisas? - Questionou Júnio de maneira inquisidora

-Já sim - confirmou Fabrício.

-Então quando a gente chegar já vamos resolver tudo né? - Indagou Júnio.

-É então...

-É então o que? - Cortou Júnio abruptamente, pronto para o embate. - Você peidou pra trás né?

-Não! Eu que esqueci que já tinha me comprometido de ver um negócio com as crianças - mentiu Fabrício, tentando se esquivar da verdade.

-É mesmo? E o que seria?

-Eu tinha prometido de levar elas pra ver um filme - improvisou ele, tentando apostar no coração mole do amigo.

-Ah mano, para de mentir. Acabei de cruzar com o seu Carlos e a dona Lúcia e ele estava confirmando pra ela que conseguiu que você cuidasse das crianças. Agora vem com essa historinha de levar as crianças pra ver filme, e pensa que engana quem?

-O tio Fabrício vai levar a gente pra ver filme? - Surpreendeu-se Lucinho perante a oportunidade única.

-É mas é surpresa, não conta pra ninguém - disse Fabrício que agora estava mais enrolado até o pescoço com as mentiras que havia inventado. - Vai ser só duas horinhas, vai dar tempo da gente ver tudo depois.

-Mano, a gente já vai pegar fila pra entrar, aí tem que ficar cuidando da cambada das crianças, na hora que a gente for ver o que eu quero já não vai ter mais nada ou já vai estar fechado.

-Mas o que tanto você está querendo?

-Mas o que tanto você tem que ficar cuidando desses ranhentos? -
Rebateu Júnio. - Na moral, o que ele disse pra te convencer?

-Nada cara, é que será jogo rápido, achei que não teria problemas.

-Sério? Não teve mais nada? Eu não consigo acreditar que você simplesmente ia furar comigo.

-Na moral mesmo...

-Ah tá, e não tinha mais ninguém pra ficar com eles?

-Você quer dizer tipo quem?

-Guilherme, por exemplo?

-Por que ele?

-Por que não?

-Guilherme? Não sabe de nada esse cara - respondeu Fabrício, demonstrando impaciência e desprezo.

-Já entendi tudo, o Carlos ia deixar com ele não ia? - disse Júnio.

-Ele comentou que o Guilherme se ofereceu - disse assumindo fraqueza.

-Ah vá pra merda - interrompeu Júnio, dando um soco no ar e virando de costas.

-Mas ele veio falar comigo, porque disse que confiava mais em mim, que não confiava no Guilherme, porque ele é meio sem noção - aumentou Fabrício esse final para melhorar o seu argumento perante seu amigo.

-Cara, na moral, parei contigo, você só fura comigo - disse Júnio enquanto se afastava movimentando a cabeça em sinal de desaprovação.

-Júnio, cara, foi mal, depois eu vou contigo, vai dar tempo, eu te compro uma lula no espeto - tentou se desculpar e fazer uma piada para amenizar as emoções, mas de nada adiantou. Júnio tinha dado as costas o deixando no vácuo.

Capítulo 27

Júnior havia partido confiante em não ceder aos encantos do amigo. Não que ele fosse ter muita privacidade, mas provavelmente ele iria procurar outra companhia, se ocupar com alguma outra coisa ou então iria para o mar. Ao Fabrício cabia por educação, respeitar, mesmo sentindo culpa e querendo consertar as coisas que ele tinha consciência que havia dado mancada. Pensando agora, sabia que tinha sido pelo nome de Guilherme colocado em pauta em algo que sempre pertenceu a ele, assim como Juliana. Não que ela devia ser sua propriedade, mas todos sabiam do que um significava para o outro, como ele ousava interferir nisso? E agora queria roubar aquilo que dava sentido a sua vida, que eram as crianças.

Ele se sentiu culpado, e pensou se não estava exagerando, e se tudo não passava de ciúmes. Chegou a conclusão que sim. De fato, estava se sentindo ameaçado, mas se deu o direito de se sentir assim, até porque a vida mostrou a ele que nada do que ele possuía estava em segurança. Tudo de mais importante de sua vida podia lhe ser tirada sem prévio aviso, por isso nesse momento ele decidiu lutar pelo espaço que era seu. Seu orgulho não permitiu se manifestar em correr atrás de Juliana. Mas as crianças, por elas, ele iria brigar.

-Trinta minutos - gritou Carlos da sala de máquinas.

A ansiedade começou a tomar conta de todos. Entrar na cidade era sempre um momento de muita emoção. Um lugar com muito barulho, cores e cheiros. Pessoas vendiam, compravam, trocavam e negociavam as mais diversas coisas. Vários Bairros se encontravam e se anexavam pelo tempo que julgassem necessário à Cidade. Em alguns casos somente como visitantes, em outros como moradores. A diferença de um para outro era a incidência de impostos. Enquanto que o primeiro, o Bairro ficava em um estacionamento, já no outro, eram obrigados a ficar por um tempo determinado mais longo em que os motores do Bairro seriam usados em prol da Cidade.

A cobrança de impostos de quem era visitante era mais cara, mas como dizia Carlos, pelo menos se tinha a liberdade de ir e vir quando quisesse, enquanto que os moradores eram obrigados a servir ao regimento e necessidade da Cidade, em que o Bairro poderia ser requisitado para suprir avarias do casco ou outras necessidades, por exemplo.

O discurso mais ouvido sobre os moradores se juntarem às cidades, era devido a segurança que fazer parte da Cidade auferia ao morador. Enquanto que ter liberdade era uma demonstração de coragem e valor, era o que Carlos dizia, e Fabrício respeitava essa postura nele. Porém, havia a grande maioria de moradores que ao consumirem dívidas na Cidade e por usar o Bairro como garantia, se viam presos e impedidos de ir e vir.

Carlos sempre preferiu ficar pouco tempo, pra ele a cidade podia proporcionar coisas fascinantes. Mas tinha o lado obscuro de tudo isso,

que geralmente envolvia coisas ilegais, tais como o aliciamento de crianças abandonadas para as mais diversas atividades. Carlos tinha como missão ajudar o máximo de crianças que pudesse, e Lúcia era sua parceira nesta missão, que Fabrício decidiu adotar para sua vida.

- Vinte minutos - lembrou Carlos.

Logo a fila de Bairros para acessar a Cidade estaria visível. Bairros pequenos, médios e grandes. Com muita ou pouca tripulação. Dos mais diversos ramos estariam confraternizando e trocando experiências.

-Bora se arrumar criançada - gritou Fabrício, para que todos soubessem que ele estava no comando.

-EEEEEEEE.

-Uhuuuulllll.

Ouviu-se as crianças quase em uníssono, cada um de um canto do Bairro. Um sorriso de satisfação surgiu em seu rosto diminuindo a culpa que estava sentindo, talvez tivesse feito a escolha certa dessa vez.

-Fabrício, eu já estou pronto - anunciou Rafito. - Posso te ajudar com a organização?

-Beleza Rafito, eu vou lá me arrumar e você fica aqui juntando todo mundo. Daqui a cinco minutos se tiver faltando alguém você corre pra apressar, fechou? Enquanto isso eu vou me arrumar e volto daqui a pouco.

-Fechô, deixa comigo - Rafito aceitou de muito bom grado sua função, que só se ofereceu porque se tratava do Fabrício, tendo em vista que sempre buscava sua aprovação.

-Todo mundo comigo, quem for se arrumando pode ir saindo - gritava Rafito na direção da tenda das meninas e dos meninos enquanto Fabrício se encaminhava para se arrumar. - Vamos lá meninas, vocês sempre se atrasam. Você também Éfinho, você também é uma menina - aproveitou ele para zombar de seu amigo.

- Vai se ferrar, você que é uma moça. E quem é você pra mandar?
- Questionou ele, mais incomodado com a ordem do que com o insulto.

- O tio Fabrício pediu pra eu organizar pra ele - se vangloriou distorcendo um pouco o que de fato havia acontecido.

-Duvido - contestou Éfinho, que não gostava de receber ordens de alguém que tinha a sua idade.

-Então pergunta pra ele, ou fica atrasado e espera ele vim brigar com você. Só não vem falar que eu não avisei - contra-argumentou enquanto dava de ombros com ar de superioridade, o que foi o suficiente para convencer o Éfinho a se apressar em suas coisas. - Raquel você ainda não está pronta, vai logo, você não vai ficar menos feia.

-Vai lamber peixe muleque - sua resposta desconcertou Rafito que pensou em responder com um palavrão, mas desistiu ao ver que dona Lúcia se aproximava. - Tia Lúcia, queria te pedir uma coisa, será que eu posso tomar banho? - Correu ela no encalço de Lúcia, que passava em

frente às tendas para se certificar de que estava tudo bem e que ninguém precisava de uma ajuda ou "empurrão ".

- Oh minha filha, você sabe as regras - disse Lúcia.

- Eu sei, mas é que eu estou melada - se justificou Raquel fazendo cara de nojo para ajudar na argumentação.

-Assim como todo mundo meu bem. E outra coisa, não temos água sem sal, até por isso antecipamos o nosso retorno, o seu tio Carlos precisa arrumar o nosso dessalinizador.

-Ahh.

Raquel só deu um suspiro de resignação, e já retornava para dentro da tenda das meninas, enquanto Lúcia ia seguindo seu caminho, até que ela se tocou do que realmente se tratava a queixa dela. Se culpou por estar distraída e não ter percebido, deu meia volta para chamá-la.

-Raquel, minha filha, venha cá - Chamou ela. - Vá na tenda da enfermaria, logo ao lado da entrada tem um armário, na prateleira de baixo você vai encontrar um pote com uma água rosada. É uma essência de flores anti-inflamatória, mas também muito perfumada. Pega um paninho ou algodão e você pode usar, tá bom assim?

-Muito obrigada tia Lúcia - agradeceu a menina, com um beijo amoroso e depois partir correndo empolgada e satisfeita.

Lúcia lutava para se atentar sobre com quem ela estava lidando. Tinha momentos em que ela esquecia que suas crianças cresciam e

algumas necessidades surgiam. Essas necessidades antecederam outras mudanças que os levariam para outros rumos e caminhos, e isso causava dor e angústia em seu coração que antecipava a saudade que havia por vir. Era um hábito do qual ela não gostava de se habituar.

-Que cara é essa meu amor? - Questionou Carlos assim que Lúcia chegou ao seu encontro na sala de máquinas.

-Só saudade - disse ela.

-Saudade de alguém específico? - disse a abraçando pela cintura.

-De todo mundo, dos que já foram, e deles que daqui a pouco também irão - desabafou repousando a cabeça em seu peito, - de quem já se foi e de quem está por ir.

-Ah entendi - disse Carlos a afagando com um beijo no topo de sua cabeça, compreendendo que esse sentimento era algo frequente que ele tinha que gerenciar.

-Eu sei o que você vai dizer, mas ainda sim mexe comigo - disse ela olhando nos olhos. - Toda vez que vamos pra cidade, eu penso o quanto isso vai mexer com a cabeça dessas crianças. Se eu pudesse eu pouparia elas de todo esse "ouro de tolo".

-Mas não podemos - cortou Carlos.

-Eu sei, eu sei. Temos que deixar eles tomarem suas próprias decisões - disse ela conformada, mas nem tanto.

-Pensa que fazemos bem a nossa parte, Fabrício e o próprio Júnio são um bom exemplo disso.

-Nisso você tem razão, esses meninos são de ouro - alegrou-se ela e deu um beijo na face de Carlos. - Olhe, já dá pra ver a fila.

-Mais cinco minutos...

-Vou avisar pra se apressarem. Se bem que do jeito que estão ansiosos já devem estar todos prontos.

-Vai lá reunindo a todos, daqui a pouco eu desço.

Lúcia se despediu com um beijo em seus lábios, uma forma de agradecer a ele por tê-la acalmado. Ele a inspirava, sua forma tranquila de conduzir a vida, o amor e cuidado pelas crianças, e a forma como fizera disso sua missão a lembraram de quão sortuda ela era por tê-lo em sua vida. Não que tenha sido sempre assim. Na verdade ele passou por umas fases bem turbulentas, antes de conhecê-la e no início de seu relacionamento. Mas ele encontrou o caminho do Deus das Águas, e isso mudou a vida de ambos. Com isso as preocupações se ela teria seu marido vivo até o final do dia, se acabaram.

Ele se tornou um líder inspirador, hoje respeitado pelo seu pequeno núcleo. Mas não foi fácil, logo que abandonou seu estilo de vida anterior, teve que enfrentar muita desconfiança e ressentimento dos que dividiram sua vida anterior. Mostrar que havia mudado e conquistar o respeito de um grupo diferente, não foi uma tarefa fácil.

Capítulo 28

Se preparem, a fila já está à vista - disse ela em tom alto para ser escutada pelo máximo de pessoas possível.

-Eu tô pronto - pode-se ouvir uma voz de criança apressada em alguma barraca ao lado.

-Já chegamos? - Perguntou Fabrício, enquanto aparecia de sua barraca com sua melhor roupa, uma bermuda de tectel e uma camisa acinzentada com touca, que um dia já foi preta com estampa de um rapaz sobre uma tábua de madeira surfando sobre ondas.

-Já sim meu querido - respondeu Lúcia.

-Deixa as crianças comigo, o pai já tá na onda - disse Fabrício com sua forma irreverente que fazia desmoronar qualquer impressão de que ele poderia não ter gostado do pedido para ficar com as crianças.

-Obrigada coração - agradeceu Lúcia e seguiu seu caminho para continuar sua tarefa de avisar os demais.

-Bora lá criançada, estamos chegando, quero todo mundo aqui - correu Fabrício a avisar de modo geral todas as crianças para que se juntassem a ele.

-Tô pronto aqui já - disse Éfinho, orgulhoso de ter sido o primeiro. - Ué cadê todo mundo?

-Já devem estar chegando - respondeu ele olhando distraído ao horizonte para ver o início da fila de Bairros que levaria a Cidade.

-Nossa Rafito, você tá atrasado - anunciou Éfinho com tom debochado.

-Cala a boca - respondeu Rafito irritado com a “derrota”. - Cuida da sua vida.

-Eu tô cuidando, por isso eu cheguei na hora.

-Shiu vocês dois - ordenou Fabrício que os dois parassem a discussão, ele viu Júnio sair de sua tenda, e estava na expectativa de como ele iria reagir. Mas ele não demonstrou muita reação, quando seus olhares se cruzaram, ele desviou o olhar para o chão enquanto ele fixou no horizonte em direção a fila de Bairros.

Aos poucos as crianças foram chegando, até que Raquel, a última, se juntou a eles.

-Beleza, finalmente está todo mundo aqui - anunciou Fabrício.

-Nossa Raquel, tá cheirosa - disse alto Rafito, tentando envergonhar a menina. - Você roubou de quem o direito a banho?

- Vai te catar Rafito - disse ela, demonstrando raiva enquanto seu rosto avermelhava de vergonha.

-Até parece que está querendo ficar bonita pra alguém - implicou Éfinho fazendo coro ao amigo. - A Raquel tá namorando?

-Tá namorando! Tá namorando!

Algumas crianças fizeram coro para fazer parte da missão de irritá-la ainda mais.

-Parô, chega, já deu - cortou Fabrício que foi prontamente respeitado por todos. - Nada a ver de ficar zoando ela, só porque ela está namorando... tá namorando.

Isso pegou todos de surpresa fazendo todos rirem, e deixando Raquel ainda mais sem graça.

-Brincadeira coração, oh só eu posso brincar assim com ela hein - disse ele abraçando-a, o que não contribuiu muito com a sua vergonha. - Mas você está muito linda, não liga para as brincadeiras não tá, é tudo inveja.

-Obrigada - agradeceu ela enrubescendo ainda mais, e não contendo um sorriso de satisfação quando se aproximou das amigas.

-Aê pessoal, falando sério agora, eu quero todo mundo perto de mim. Não preciso falar nada sobre querer ficar andando na frente ou mais atrás, certo? É do meu lado.

-Tio Fabrício, a gente pode ver um filme? - Perguntou Lucinho que tinha ouvido a surpresa, mas queria ganhar os méritos da ideia.

- E comer pipoca? - Lucas fez coro a ideia que empolgou a todos.

-Vamos ver, vai depender do quanto vocês vão se comportar - chantageou sem saber se conseguiria cumprir sua promessa. Filmes eram

uma das poucas coisas que sobraram dos tempos passados. A possibilidade de sonhar por meio de uma tela fez com que essa tradição perdurasse. E basicamente os filmes desempenhavam um papel social de esperança no povo. Por meio dele podia-se sonhar com um mundo sobre chão firme, em que a água era mero coadjuvante, necessário à subsistência humana, mas não dona do Mundo. Lógico que o glamour de outros tempos não se repetia nesta vida, a necessidade de entretenimento não era capaz de competir com a de sobrevivência. A arte ganhava palco e glamour nos grandes cruzeiros de quem realmente detinha dinheiro para sustentar essa luxúria.

-Quem aqui é a primeira vez que vai pra Cidade Grande do sul? - Perguntou Fabrício para todos, no que Éfinho, Cintia e Pedro levantaram as mãos. - Lucas você já foi pra essa Cidade? Ah vá, fala sério...

-Meu pai e eu éramos de lá, antes dele ser... - e se calou no meio da explicação, baixando sua cabeça

-Não precisa ter vergonha não, pode falar - encorajou Fabrício, que sabia da história, mas queria que o menino perdesse o medo e a vergonha de seu passado.

-Antes dele ser preso e condenado a mergulhar - disse em tom envergonhado segurando o choro que ameaçava explodir de sua garganta.

-Puxa vida, que triste hein - se compadeceu com a história do pequeno Lucinho. - E ele era legal?

-Sim

-Você sente falta dele?

-Sim, ele era o mais legal - disse com a voz embargada de choro.

-O que mais você gostava de fazer com ele?

-De pescar comida - disse ele recobrando a alegria que a lembrança trouxe a ele.

-Caraca que legal - Fabrício respondeu com energia demonstrando que tinha chegado no ponto que queria. - E como vocês pescavam? Com linha ou com rede?

-Com linha.

-Cara, que foda, esse é o mais difícil, você teve muita sorte - disse ele dando um high five.

-Por que o seu pai foi preso? - Perguntou Pedro.

-Nossa, olha o tamanho daquele Bairro - exclamou Fabrício apontando para um Bairro que se aproximava deles pela esquerda, usando desta distração visual para mudar o rumo do assunto.

Este Bairro tinha quase três vezes o tamanho do Bairro em que estavam. Quartos mais bem equipados e separados, com fortes hélices, três na parte de trás e duas laterais. Na maioria homens de meia idade, tatuados, cansados, lá pelos seus vinte e oito anos, provavelmente

caçadores do mar, a julgar pelo guindaste, arpões posicionados nas laterais sobre suportes dobráveis que podiam suspender sobre o mar.

Além deste podia-se avistar um mais velho e menor, avançando vagarosamente pela direita. Um rebocador com um Bairro semidestruído içado a ele e uma única pessoa sentado no centro, visivelmente frustrado com o fim que lhe ocorrera, mas mesmo assim com um olhar determinado que poderia ser interpretado como raiva ou mágoa, mas ambos dando margem para transparecer vingança.

Ao lado passaram rasando quatro jet skis e montados neles rapazes de mais ou menos dezoito anos.

-ihuuuu

-E aí Fabrício - cumprimentou um dos rapazes.

-Opa - retribuiu Fabrício surpreso por ter sido reconhecido ali. Seu nome era Matheus, conhecido dele e de Júnio que haviam morado um tempo em seu Bairro. Uma parte da história que eles levaram seu sobrenome que não gostam muito de comentar, um momento torto de suas vidas.

-Vai pra cidade? - disse um dos outros rapazes, mais baixo, de cabelo curto e pretos.

-Vamos sim - respondeu Fabrício indicando com a cabeça as crianças e fazendo uma careta repuxando os olhos e a boca.

-Ah sim, legal, nos vemos lá - se despediu enquanto fazia contorno e se preparava para partir.

-Mas só depois do trabalho dele de babá hahaha - zombou um rapaz sem camisa, de músculos bem torneados de cabelos dourados e a barba começando a aparecer.

-Vai a merda Paulo, vem falar isso aqui na minha cara - vociferou Fabrício, assustando as crianças em seu entorno, que não estavam acostumados a vê -lo explodir assim.

-Vem pegar - desafio aquele que se chamava Paulo levantando no jet ski e abrindo os braços em tom de desafio.

-Parô - acalmou os ânimos que afloram entre os dois, o que havia cumprimentado Fabrício. - Vamos embora.

-Ah esse cara aí é folgado - argumentou Paulo apontando para Fabrício, - desde sempre, você tá ligado.

-Vamos resolver isso então, não perde mais tempo não - Fabrício estava inflamado, com peito estufado, os braços abertos, a testa enrugada e o olhar fixo naquele que o desafiava. Parecia ter esquecido as crianças que começavam a demonstrar medo do que podia ocorrer.

-Você vai embora agora, eu tô mandando você seguir caminho - disse Matheus, por fim, dando um basta as trocas de insultos. - Fabrício, foi mal cara, ele é maior otário, não liga não - Diminuiu a encrenca iniciada pelo temperamento do colega - Falou, depois a gente se vê.

Paulo demonstrou que não ficou satisfeito da forma autoritária que foi falada com ele, mas obedeceu a ordem de seguir seu caminho, mas não sem continuar encarando por sobre o ombro à distância.

-Fala pra esse cara não se meter comigo não, que ele não sabe com quem ele está mexendo - continuou impondo respeito, para deixar claro que ele não havia abaixado a cabeça.

-O que que está acontecendo? Por que essa gritaria? - Carlos vinha com um olhar assustado tentando entender o que sobressaltou tanto o Fabrício.

-Não é nada não, aquele cuzão já foi embora.

-Fabrício, olha a boca, as crianças - chamou a atenção independente da raiva que Fabrício estava, ele não aceitava esse tipo de comportamento. - De quem você está falando?

-Uns otário aí. Eu ia acabar com ele. Eu ia pegar essa garrafa de vidro e quebrar na cabeça dele - disse Fabrício inflamado com o que acontecera e vivendo mentalmente o que poderia acontecer.

-Certo, alguém me explica? - Solicitou Carlos, ainda perdido.

-Tinha um cara tirando com a cara do tio Fabrício - respondeu Éfinho.

-Mas eles fizeram alguma coisa ou só falaram de longe?

-De longe, porque se estivesse perto eu ia arrancar o olho dele.

-Calma Fabrício - tentou acalmá-lo Carlos, num tom mais tranquilo
- o cara já foi embora.

-Eu sei, mas eu tô puto agora - disse Fabrício com uma consciência cômica para quem estava bravo.

-Acho melhor você não ficar com as crianças, você está muito alterado.

-Não, tudo bem, eu vou ficar legal - disse Fabrício perdendo a oportunidade de se livrar da promessa feita a Carlos e se arrumar com Júnio. - Eu vou me controlar. Vai passar.

-Fabrício, você tem certeza?

-É... - respondeu ele sem relaxar nenhum músculo da face.

-Fabrício, eu preciso ficar tranquilo, eu posso confiar que você não vai aprontar? - Implorou Carlos.

-Tá, pode - disse ele reconhecendo que estava alterado. - Eu vou esfriar a minha cabeça.

E dizendo isso, ele arrancou a camisa e se lançou no mar e fez um longo mergulho. Algumas crianças ameaçaram seguir devido à forma espontânea que as coisas aconteceram.

-Nem pensem nisso - advertiu Carlos com um olhar inquisidor, e depois soltou uma forte expiração, enquanto Fabrício ainda não voltava.

Carlos estufou o peito e segurou a respiração enquanto Fabrício retornava à superfície e se esforçava para emparelhar com o Bairro. Foram necessárias algumas poucas braçadas para que ele conseguisse voltar para dentro, o que deixou as crianças tremendamente empolgadas e admiradas.

-Uhuullll - urrou ele dando tapas em seu rosto e retirando o excesso de água de seu corpo com as mãos. - Pronto, agora eu estou de boa.

-Ok, que assim seja - concordou Carlos. - Vou lá preparar as coisas para a fila.

-Vai lá - tranquilizou Fabrício. - Eu estou de volta - disse ele para as crianças, retomando o controle de suas emoções.

Carlos se despediu com um aceno de cabeça e um meio sorriso e seguiu seu caminho rumo a casa das máquinas.

Capítulo 29

Beleza criança, quem vai me ajudar a acabar com aqueles cuzão? - Carlos escutou Fabrício dizendo baixinho para as crianças e virou subitamente. - Brincadeira - respondeu prontamente Fabrício devido a cara assustada que Carlos lhe lançou. Fabrício ainda deu um sorriso forçado para reforçar o tom de brincadeira.

-Ai ai Fabrício, eu não sei o que faço contigo não cara - disse Carlos enquanto continuava seu rumo, demonstrando ter aceitado a brincadeira. Deixando o clima menos tenso perante as crianças que ficaram tensas com tudo o que aconteceu.

-Aí quem quer jogar? - Propôs Fabrício para as crianças.

Este era um de seus trunfos para ganhar a atenção das crianças, jogos que não precisavam de muito para ter todos atentos a ele. Este jogo em específico se chamava Qualquer coisa do Mundo. Uma pessoa escolhia algo e não dizia pra ninguém, as pessoas faziam perguntas e as respostas só podia ser sim, não ou não faz diferença nenhuma se trouxa (adaptação de “indiferente” que Fabrício fez para deixar o jogo mais interessante).

-Eu começo, hummm - se prontificou Lucinho - é do mar.

-Nossa, praticamente tudo - disse Éfinho com indignação.

-É animal? - Perguntou Raquel.

-Sim.

-É uma Arraia! -Afirmou Rafito.

-Sim - respondeu ele cabisbaixo por não ter dado desafio suficiente para seus colegas.

-Ah que fácil, sabia que ele ia escolher esse, ele é apaixonado por arraias - rilhou Rafito.

-Elas são as mais legais - se defendeu ele, explicando um pouco de sua obsessão.

-Beleza, agora é a minha vez, hummm - pensou Rafito por um instante, - tá bom, podem começar.

-Ué, não vai dar dica? - Protestou Lucinho.

-Não, se vira aí, faz perguntas. - disse Rafito confiante.

-É um animal? - Perguntou Raquel

-Não - respondeu prontamente.

-Tem haver com o Bairro? - Perguntou Éfinho.

-Não faz diferença nenhuma seu trouxa. - respondeu Rafito triunfante.

-Tem a ver com pessoa? - Perguntou Raquel

-Sim.

-É uma pessoa? - Perguntou Raquel novamente.

-Sim.

-A gente conhece? - Perguntou Éfinho depois de um curto tempo de silêncio.

-Não mesmo.

-Ele é famoso? - Perguntou Fabrício se intrometendo para ajudar.

-Sim.

-Ele viaja muito? - Disse Fabrício acreditando estar no caminho certo.

-Sim.

-Vamos lá gente, está fácil, agora é com vocês - disse Fabrício depois de ter abrido caminho com as informações positivas que conseguiu extrair.

-É um descobridor? - Arriscou Éfinho, depois de ter ganho confiança pelo que Fabrício dissera.

-Sim - Rafito respondeu arregalando os olhos, indicando que estavam perto.

-É mulher? - Perguntou Larissa, uma das meninas que estava sempre com Raquel, de pele bem negra, olhos negros e cabelos trançados.

-Não faz diferença nenhuma sua trouxa - respondeu ele cheio de entusiasmo, pela pequena vitória.

-Ué, como assim? - Questionou Larissa.

-Você tem certeza? - Perguntou Fabrício mediando a discussão, pois pra ele também de repente ficou confuso.

-É isso mesmo, tá certo! - Garantiu Rafito.

-Eita - respondeu Fabrício pensativo - Ah tá, então eu acho que já sei...

-Então fala - desafiou Raquel.

-Não, vou deixar vocês pensarem mais - disse Fabrício.

-Pode falar, eles nunca vão acertar - desafiou Rafito.

-Tá bom, a resposta é “Descobridor” - disse Fabrício.

-Acertou - respondeu Rafito, feliz de que nenhuma das crianças tivesse acertado.

-Ah mas eu disse... - contestou Éfinho.

-Não, você perguntou, é diferente - contra-argumentou Rafito, se justificando.

-Ah não, aí você está roubando - protestou Larissa.

-E quando eu perguntei se era uma pessoa? - Questionou Raquel.

-Mas é uma pessoa - afirmou Rafito. - Você já viu um golfinho Descobridor por aí?

-Ok, paaaaaaara - gritou Fabrício com entonação para chamar a atenção de todos. - Deixem isso pra lá... Nós chegamos.

E todas as crianças pararam em silêncio e olharam ansiosas para a mesma direção, na fila de Bairros que seguia por uma distância muito grande até um aglomerado de metal, com algumas torres que representavam a Cidade que enfim chegaram.

-Olha só o tamanho disso tudo - disse admirado Éfinho.

-É maior que o Bairro - disse Lucinho.

-Não besta, não é não, imagina - ridicularizou sarcasticamente Rafito.

-Para, deixa o menino, coitado dele - defendeu Larissa o direito Lucinho de se admirar. - Até parece que já esteve centenas de vezes na Cidade.

-Mais do que você com certeza - respondeu Rafito, baixinho porque não queria levar outra invertida dela.

Com o motor desligado, o Bairro deslizava pela água até endireitar e entrar na fila. Enquanto isso, mais Bairros, jets e pequenas lanchas rondavam o entorno da Cidade, que estava lá ao fundo imóvel aguardando seus convidados.

Mas para isso era necessário realizar um cadastro do Bairro, para que pudesse estacionar na marina, para só depois poderem andar livremente pela cidade.

Capítulo 30

É sempre a mesma coisa, essa fila que não acaba nunca, burocracia burra só pra tomar tempo e justificar a cobrança - reclamou Carlos.

-É impressionante como eles não mudam as coisas - concordou Fabrício. - É só prestar atenção, pra que cinco caras pra ficar na entrada? Pega dois ou três e já sai fazendo o cadastro desse povo, depois que chegar na entrada só tira o registro do Bairro e já era, entra, encontra a vaga, e pronto. Não sei qual a dificuldade. É tão surreal isso?

-Não, pior que não, é até óbvio - reforçou Carlos. - Mas até o óbvio precisa ser dito e lembrado.

-O óbvio é esse povo que não gosta de trabalhar e de pensar - irritou-se Fabrício. - Sabe uma coisa que me deixa indignado?

-Hum? O quê?

-Essa fila mais rápida para esses hawley, playboy.

O comentário direcionou o olhar dos dois para a fila de Navios e fragatas, mais distante a direita, quase longe o bastante do alcance da vista. Os turistas que vivem a vida em viagem, e usufruem de um atendimento personalizado com um atendimento mais vip em uma fila mais rápida.

- “Ah é porquê sempre foi assim” - imitou com voz de desdém. - Foda-se, contesta caramba, pensa em alguma coisa diferente, não custa nada. Se eles podem, porque a gente também não merece, só porque a gente é do sindicato dos pescadores? Ah, vá pra merda. Só dos nossos que morrem tentando sobreviver enquanto eles desfrutam da vida passeando pelo mundo em cima desse mundo de lata.

Fabrício começou a ficar nervoso, dado o silêncio repentino de Carlos.

-Às vezes, eu fico pensando - continuou ele, em um ato desesperado de diminuir o desconforto que a não participação de Carlos causou, já que se tratava de uma pauta, que para ele, extremamente justa e que deveria gerar bastante assunto. - Eles não trabalham, não ficam ralando que nem a gente. Esse povo nem desce, você não vê eles andando, quando vê, parece que estão passeando no zoológico. Você já viu?

-Olha Fabrício - quebrou o silêncio Carlos, com um olhar triste e pensativo. - Eu já me desgastei e me puni muito por essa mesma raiva. Hoje eu simplesmente sigo a minha vida, faço a minha parte e vejo o que o mundo e o Deus do Mar me dá em retorno.

-Foda! - Concordou Fabrício, insinuando que havia se dado por satisfeito, mas frustrado por não ter tido o engajamento que esperava. - Mas então, você tá querendo ficar mais tempo, né? - Trocou de assunto, tentando quebrar o clima tenso que o assunto anterior havia deixado.

-Não que eu queira - justificou Carlos, - é que eu tenho, o Bairro precisa passar por uma revisão, e eu vou ter que renovar a licença do sindicato, e ver mais algumas coisas, sabe?

-Realmente, principalmente no motor - disse Fabrício. - Eu não aguento mais ter que ficar descendo toda hora pra ficar arrumando.

-Eu sei, mas de motor talvez demore um pouquinho mais - lamentou-se Carlos, colocando uma mão no ombro do Fabrício em tom de consolação. - Enquanto isso conto com você. Mas talvez mexer em outras coisas melhore o rendimento do motor. Prometo pensar em você.

-Tranquilo - disse Fabrício, entendendo que deixou Carlos sem graça. - Tava só brincando, eu entendo que motor hoje em dia é muito difícil de conseguir um nas condições que estamos.

-Sim, mas as coisas vão melhorar, a Santa Mãe do Mar está conosco - Carlos fez o seu voto de fé. - A fila andou, vou lá nas máquinas.

Dizendo isso, Carlos se dirigiu para prosseguir com a fila, que Fabrício calculou que gastariam mais uma hora ou duas. Olhou para as crianças, e elas estavam sentadas na beirada dianteira se admirando sobre os outros Bairros, sobre o que faziam e qual poderia ser sua história.

O desejo, sonho, medo que povoava a expectativa das crianças era de que alguma embarcação fosse de piratas. Toda a fantasia por trás do que eles representavam fazia a mente de todos divagar sobre as possibilidades de cruzar com tanta gente. A pirataria não era permitida nos limites das Cidades, na verdade em nenhum lugar, mas próximos à

cidade era mais bem policiado, o que não era garantia de nada, já que a premissa da pirataria era transgredir leis. Mas a realidade que sempre se tratava de pescadores de peixes, lixo e tesouros, alguns poucos rebocadores, e os individuais que só vinham à cidade para pegar alguns itens e retornar para suas atividades no mar aberto, longe da jurisdição das cidades.

Fabrício se perguntava por quanto tempo mais duraria a raiva de Júnio com ele, ele estava sentindo falta de ter seu amigo para conversar e planejar o que fazer, isso o ajudaria a diminuir a ansiedade da chegada. Ele se acostumou a não demonstrar suas emoções e muito menos que dependia de alguém, isso significava que ele não iria atrás, esperaria esfriar e quando ele tivesse esquecido iriam retomar à partir de uma conversa aleatória e tudo voltaria ao normal, pelo menos era assim que acontecia, e era pra isso que ele estava preparado.

-Nossa que cheiro horrível - comentou Lucas - Tá aí uma das poucas coisas que eu lembro e não tenho saudade.

-Que isso cara, delícia esse cheiro de câncer de pulmão - disse Fabrício de maneira sarcástica o que atraiu um sorriso tímido de Lucas que conhecia muito bem o estilo de humor dele.

-Cara, posso te perguntar uma coisa? - Questionou Lucas, mudando o tom da conversa.

-Manda ai - respondeu Fabrício, um pouco sem paciência e vontade para o tipo de conversa que vinha depois dessa pergunta.

-Você tá com raiva de mim? - Perguntou ele sem graça.

-Oloco - respondeu Fabrício, se desarmando perante um questionamento desses, em que ele percebeu subitamente que o questionamento tinha fundamento. - Nada a ver, de onde você tirou isso?

-Sei lá, parece... - disse Lucas.

-Tranquilo fiote - disse Fabrício mudando sua postura. - Eu tô meio tenso com outras coisas.

-Que bom - tranquilizou-se Lucas. - Pensei que você tinha ficado com raiva de mim pelo trabalho que eu dei.

-Cara, você achou que estava preparado e não estava - disse Fabrício de maneira enérgica. - Mas a culpa é nossa que também achou que você estava preparado. Você podia ter se ferido, morrido, e aí como é que a gente ia fazer? - Disse ele indo de um tom de quem está dando bronca, num tom firme, necessário para uma chamada de atenção.

-Cara, eu fiquei com muito medo - disse Lucas envergonhado.

-Mano, o que aconteceu? - Questionou Fabrício, retomando a energia. - Vamos lá me conta como foi, a gente não teve oportunidade de trocar essa ideia.

-Meu, nem eu sei direito - tentou recordar-se Lucas. - Eu sei que eu não achava nada, e eu fui indo, indo, e quando eu vi eu estava muito longe, e tinha uma tempestade vindo na minha direção.

-Caramba que tenso, tempestade nessa época não era pra acontecer, mas deve ter sido leve e passageiro - disse Fabrício com preocupação.

-É então, eu também achei, eu mudei um pouco a rota para fugir - continuou Lucas. - Apesar de feia ela não parecia ser muito grande, então eu tentei dar a volta, e comecei a ir de lado, só que como eu estava mais preocupado em fugir, acabei perdendo a noção do tempo e esqueci de me cuidar. Tava sem água, não tinha coberto a cabeça e o sol estava muito forte. Aí eu fiquei sem forças pra voltar.

-Ah, entendi - compadeceu Fabrício de sua história. - Você queria mostrar serviço e se perdeu no rolê.

-É! Tipo isso - concordou Lucas.

-E como você conseguiu voltar?

-Eu me orientei pelas estrelas como você ensinou - disse Lucas olhando para o céu.

-Boa garoto - disse Fabrício com orgulho. - Tá vendo como o que a gente fala é importante?

-Sim - concordou Lucas. - Se não fosse pelo que vocês me ensinaram eu não tinha sobrevivido - lamentou-se ele. - Não sei o que vai ser daqui quando vocês forem embora.

-Oloko - espantou-se Fabrício com a afirmação repentina. - A gente não vai a lugar nenhum - disse sem se convencer das palavras que saíram de sua boca.

-Vai sim - afirmou Lucas. - Esse lugar é pequeno pra vocês.

Fabrício ficou mudo com a afirmação que dizia muito sobre o seu sentimento de que já não cabia mais naquele lugar. Ele tinha um imenso sentimento de dívida com Carlos e Lúcia, por mais de uma vez inclusive, e isso era a única coisa que o prendia naquele lugar.

-Eu preferia que você ficasse com a minha irmã - disse Lucas pensando em voz alta. - Esse cara é muito chato.

-Que isso mano? O que aconteceu com você hoje? - Foi quando Fabrício percebeu que Lucas olhava para sua irmã com o novo parceiro se aproximando e ele mesmo não conseguiu disfarçar um olhar de desprezo. - Ai que legal, hoje tá maravilhoso.

-Oi gente - saudou os dois Juliana. - Lucas, você precisa ir ajudar lá com o estoque.

-Eu vou te ajudar - falou Guilherme tentando parecer simpático, chegando ao seu lado e colocando um braço em volta de seu ombro, sem obter resposta afirmativa ou um sorriso de confirmação por parte de Lucas. - E aí Fabrício - Contornou ele, para ficar menos embaraçoso o clima.

-E aí lindão - respondeu Fabrício da melhor forma que conseguiu transparecer receptividade.

-Daqui a pouco a gente se vê - disse Guilherme dando um beijo nos lábios de Juliana, que pareceu demonstrar desconforto, enquanto Fabrício desviava o olhar para longe por incômodo e um sentimento que ia da raiva ao remorso.

-Nossa, faz tempo que a gente não vinha pra Cidade - disse Juliana quebrando o silêncio, enquanto chegava ao lado de Fabrício e parecia se interessar por algo ao longe como ele.

-Poutz, pior - concordou Fabrício, adotando seu tom habitual que usava para suas interações. - Ainda bem né, porque daquela vez deu aquela tempestade que se a gente estivesse pro mar tinha dado um ruim lascado.

-Verdade, será que é por isso que estamos voltando?

-Eita, que eu nem pensei nisso - refletiu Fabrício, vendo sentido no que Juliana trazia. - Ah não, se ele soubesse de alguma coisa, ele teria comentado - ponderou ele.

-É verdade, hoje em dia ele comentaria com você, né? - disse ela enquanto direcionava seu sorriso de confiança a ele.

-Sei lá - disse ele lançando um sorriso desconcertado. - Tem hora que eu acho que sim, tem hora que eu acho que não. Mas enfim... E aí como você planeja aproveitar a Cidade? - Perguntou ele se arrependendo instantaneamente após a pergunta.

-O Guilherme quer comprar alguma coisa pra gente - respondeu ela timidamente e aumentando ainda mais o arrependimento do Fabrício.

-Ah legal, enquanto isso eu vou ficar cuidando dos remelentos - brincou ele para mudar o rumo da conversa sobre ela.

-Hahaha - riu ela. - Só você mesmo Fabrício, mas você tem jeito com eles e eles gostam muito de você, falo isso inclusive pelo meu irmão - e nesse momento ela abaixou a cabeça envergonhada. - Eu ainda nem tive oportunidade de agradecer pelo que você fez por ele. Obrigada mesmo, eu não sei o que faria se alguma coisa tivesse acontecido a ele - dizendo isso ela o abraçou, passando as mãos pelo seu pescoço e colocando a cabeça ao lado da sua. Ele podia sentir seu hálito quente próximo a sua orelha e sua respiração desritmada provocado por algumas lágrimas sutis que escorriam por seu pescoço.

Ele passou os braços pela sua cintura e com sua mão direita ficou afagando suas costas de maneira suave para cima e para baixo. Juliana aproximou mais o corpo ao dele, e o tempo do abraço passou um tempo além do conforto de amigos. E como da parte dele não surgiu nenhuma demonstração de outro passo, ela movimentou sua cabeça procurando seus lábios que rapidamente se tocaram. O coração de Fabrício quase pulou de seu peito. Como ele desejava aquele momento, mas não agora, não daquele jeito. Ela fizera sua escolha, e não tinha sido ele. Ele se afastou dela com suavidade, seu olhar se encontrando ao se abrirem.

-Foi mal, mas não tá certo - justificou-se Fabrício.

Juliana o olhou com um misto de culpa e decepção e não foi capaz de dizer nada, olhou para baixo, com um semblante vergonhoso, balançou a cabeça afirmativamente, se virou e seguiu na direção oposta do Bairro.

Não que ele não quisesse, não que ele não desejasse. Mas uma coisa que ele não fazia era faltar com ética no relacionamento de outra pessoa, mesmo que fosse do Guilherme, alguém que não passava pela sua garganta, e a Juliana, alguém que nitidamente tinham uma sintonia com ele. Não era certo, e esse valor seu não era negociável.

-Que porra foi essa?

Capítulo 31

Fabrício ouviu a voz inconfundível de seu amigo Júnio. Seu coração quase pulou do peito com o susto que levou, não sabia se o tom de voz era de reprimenda ou não. Mas se acalmou ao ver que ele estava com um semblante surpreso e tentando segurar uma risada.

-Cara, o que foi aquilo? - Questionou Júnio incrédulo. - Você ficou louco?

-Eu não fiz nada, foi ela quem... - tentou se justificar, mas não encontrou palavras. Ela o quê? Se jogou em seus braços? Não resistiu ao seu charme? Estava arrependida? Estava brincando com ele?

-Você tá de sacanagem? - Surpreendeu-se ainda mais com a reviravolta da história que ouvia.

-Nem eu entendi - informou Fabrício disposto a oferecer mais informações tendo em vista que essa reviravolta trouxera a amizade deles de volta. - A gente tava conversando e falando sobre o que aconteceu com o irmão dela e do nada ela me beijou.

-E aí? - Questionou Júnio se aproximando interessado na conversa.

-Ai eu disse que não estava certo - justificou Fabrício.

-Você não fez isso! - Exclamou Júnio inconformado. - Cara, você e ela...

-Ah mano, não dá, eu quase morri tentando salvar o irmão dela e ela foi beijar o bonitão lá - disse Fabrício demonstrando sua inconformidade com o que ocorreu, e fazendo um gesto com a mão para cima como quem demonstra impaciência. - E tá errado também, não vou ficar furando os zóio do cara.

-Pode crer - concordou Júnio demonstrando-se satisfeito com as informações que recebera.

-E aí, passou a raiva? - Quis saber Fabrício se seu amigo estava de bem novamente. - Estamos de boa de novo?

-Ah mano, se eu fosse ficar puto com você todas as vezes que você prioriza o seu Carlos a gente tinha deixado de se falar a um bom tempo.

-Não é velho, é que...

-Cara de boa - interrompeu mais uma vez a tentativa de Fabrício se desculpar - Deixa pra lá. Eu vou resolver as minhas paradas e depois a gente se encontra, pode ser?

-Beleza, eu te encontro onde? - Aceitou por encerrar a conversa.

-Vou estar pelos lados da rua quinze.

-Ah sim, agora entendi por que você queria que eu fosse com você - disse Fabrício que sabia que da rua quinze até a dezenove, era conhecido como o local dos negócios escusos, mas decidiu que não iria contrariar o amigo que agora estava de bem com ele novamente. - Mas

depois eu te encontro lá, o Carlos disse que não vai demorar mais do que uma ou duas horas.

-Beleza, a gente se vê por lá - aceitou Júnio a nova condição. - Vou ajeitar as minhas coisas. Mais dois e já é a gente.

-Fechou, vou lá também - disse ele sem dizer que iria atrás das crianças para não suscitar a raiva de Júnio com suas demandas.

Capítulo 32

Nesse ponto o barulho da Cidade já os fazia sentir parte do ambiente. Muito movimento, falas incompreensíveis, correria, gritaria, insultos e sons dos mais diversos tipos disputavam a atenção de quem estava acostumado com o silêncio da imensidão do mar. Além disso havia luzes e sombra, isso sim algo raro e apaixonante.

Cidades grandes assim tinham o ponto positivo de dispor de diversos serviços e oportunidades. Desde áreas tecnológicas (principalmente voltadas para combustível e comunicação), comerciais (roupas e alimentação diversa), medicinais (com diferentes abordagens), religiosas (de várias vertentes), entretenimento (hobbies, esporte e cultura) e o mercado negro e suas dimensões soturnas.

Apesar disso, para alguns, tudo isso era enlouquecedor e preferiam viver isolado no mar e voltar somente em última necessidade.

-Nossa, que barulheira.

Fabício olhou para o lado de onde vinha a voz e viu Lucinho, tampando os ouvidos, porém com um olhar maravilhado com todas as novidades que a Cidade podia oferecer. Mal conseguia focar em um único ponto, tentando server ao máximo todas as interações que alcançavam seus receptores sensoriais.

-É isso aí, mas daqui a pouco você se acostuma - disse Fabrício colocando uma mão no ombro e trazendo o garoto para o seu lado, enquanto também aproveitava para oferecer ao seu cérebro todo esse tipo de prazer que não sabia que sentia falta, até que ele se satisfizesse ao receber novamente. - E ainda vai sentir falta depois.

-Vou nada, cheiro ruim da “disgraia” - o cheiro vinha de chaminés espalhadas por várias regiões da Cidade, e expelia uma fumaça cinza que encobria o azul do céu, dando um aspecto enevoadado para o ambiente.

-Só não fede mais que o seu bafo depois que você come peixe salgado - tirou sarro da cara dele.

-Eu não queria comer, nem tava com fome - contra-argumentou ele.

-É pra vocês não ficarem com fome e ficar pedindo um monte de coisa pra comer que a gente não vai conseguir pagar - explicou em tom de brincadeira, porém com um fundo que tinha um tom de verdade e lógica no que dizia.

-Eu nem vou ficar pedindo nada - se defendeu sem ter certeza de que falava a verdade.

-Ahã eu sei - concordou Fabrício. - E mesmo que pedisse eu não vou te dar.

-Tudo bem, eu nem quero nada - disse com ar de superioridade.

-Ah não? Então se eu decidir comprar um doce de açúcar, então eu não preciso me preocupar em comprar pra você, por que você não vai querer? - Chantageou de brincadeira.

-Se você quiser me dar eu aceito - cedeu ele, sem saber se o tom era de brincadeira ou não, mas preferiu se garantir.

-Ah é? Seu safado! - Disse enquanto brincava com o cabelo dele e fingia dar um mata leão.

-Documentos de concessão da embarcação.

A interrupção veio por meio de uma voz ríspida e autoritária. Um homem de seus quase trinta anos com barba por fazer e um bigode mais grosso e cabelos ralos. Não havia nada que o distinguisse de uma pessoa normal, usava o mesmo tipo de roupa que todo mundo, short e uma camisa regata que mal tampava totalmente sua barriga, e se reparasse bem podia-se ver um emblema em azul apagado sobre o peito na altura do coração.

Ele ficava sobre uma espécie de balde suspenso por correntes e roldanas, no portal da cidade, para que pudesse se movimentar com mais facilidade, se adequando às necessidades das diferentes embarcações. Ele fumava um cigarro que fedia longe e lembrava algas podres (não que as que não estivessem podres não fedesse também), ele o mantinha o tempo inteiro na boca entre os lábios, enquanto segurava uma prancheta da qual tomava nota das informações que obtinha das embarcações.

-Vamos lá, não tenho todo o tempo - apressou ele, enrugando a testa, faltando com paciência e se preparando para na próxima começar a insultar.

-Tem que ser com o sr Carlos, ele que é o responsável - explicou Fabrício. - Eu sei todas as informações, se quiser eu posso passar - Tentou facilitar o procedimento.

-Você não falou que não é o responsável? Então! Cadê ele? - Respondeu ele com um olhar impaciente e raivoso.

-Na cabine no centro à direita - disse Fabrício de maneira seca.

-Putá merda, só pra atrasar a gente mesmo - Resmungou enquanto puxava ferros que o içaram e o fizeram dançar pelo ar se movendo até a cabine onde encontraria Carlos para dar continuidade ao seu tão importante e indispensável trabalho de cadastro de Bairros. Por ser o responsável por dizer quem tinha o direito de entrar ou não, ele superestimava sua função, o que atraía a raiva e indiferença de muitos para ele.

-Cara sebozo - falou Fabrício em um tom alto sem fazer esforço para não ser ouvido, que não serviu de nada a sua plateia, já que Lucinho estava maravilhado com a forma como o rapaz se locomovia puxando os ferros e como flutuava no céu.

-Tá liberado - gritou o responsável pelo cadastro depois de conversar com Carlos, e passou sobre a cabeça de Fabrício puxando suas correntes e se movendo de maneira desengonçada e perigosa. No mesmo

instante que ele retomou o seu posto, o Bairro começou a se mover lentamente. - Vamos lá, eu não tenho o dia todo - reclamou novamente dado a lentidão com que o Bairro se movia pelo portal da Cidade.

Devido ao Bairro da frente que já havia se distanciado, a visão da Cidade ficou mais aberta aos olhos de todos. Várias filas de Bairros estacionados chamavam a atenção. Ao fundo via-se um pouco do início da área de pés, que é onde as pessoas podiam se locomover livremente. Pessoas chegavam, e pessoas saíam. Todos pareciam brigar, querendo jogar seus Bairros na frente uns dos outros, e insultando aqueles que simplesmente existiam e atrapalhavam seu trânsito.

-Obrigado viu moço, você é um amor de pessoa - disse Fabrício de maneira sarcástica, porém não obteve resposta, apenas um olhar inquisidor.

*

O Bairro entrou na cidade por uma rua formada por bóias que direcionam os Bairros por uma avenida com várias entradas pelas laterais que eram onde os Bairros estavam estacionados. Na entrada das ruas havia dois flanelinhas cujo objetivo era rebocar os Bairros para dentro das ruas, e pra infelicidade de alguns, já havia flanelinhas os chamando logo na segunda rua após a entrada. Isso significava que as ruas mais

próximas da cidade já estavam lotadas e que teriam que andar por quase trinta minutos até chegar à Cidade.

-Aqui patrão - chamou um jovem garoto magrelo e acnento, e o Bairro deslizou até a sua frente, este sinalizou para um segundo, mais jovem ainda um pouco mais baixo e rechonchudo, que surgiu carregando um cabo de aço com um gancho maior que sua cabeça, e os dois juntos engancharam na lateral do Bairro, para iniciar o reboque.

Enquanto estavam em movimento, os olhares curiosos de todos eram levados a apreciar os demais Bairros já estacionados. Conforme mais Bairros viam, mais percebiam sua realidade perante a maioria. Havia muitos mais bem equipados que o Bairro que viviam, e isso intrigava e decepcionava a todos que aprendiam na prática a diferença social da operação de cada Bairro.

-Fabrício, por que aqueles Bairros têm quartos maiores que os nossos? - Perguntou Lucinho, conhecendo pela primeira vez outras realidades e formas de viver.

-Porque provavelmente eles são maiores - respondeu ele sem querer desencantá-lo tão cedo com questões de diferença social em um mundo já tão difícil de viver.

-Ah é, faz sentido - aceitou a resposta - Mas pera, e porque você, o Júnio, o tio e a tia não têm? - Questionou novamente o garoto que demonstrava estar crescendo e que não seria mais tão fácil assim enganá-lo.

-É pra vocês não ficarem com inveja - respondeu prontamente Fabrício, e esse foi o melhor que conseguiu pensar assim tão rápido.

-Ah, é nada! - Disse o garoto, apesar de não estar satisfeito inteiramente com a resposta, dando-a por encerrada por não ter argumentos para continuar. - Eu queria poder dormir em uma dessas, parece ser confortável e quentinha.

-Eu tenho certeza que você vai conseguir quando crescer, só que você tem que trabalhar muito e estudar mais ainda, e espichar mais, tá muito pequenininho - improvisou uma desculpa tentando não agredi-lo com a realidade da injusta vida que viviam. Até porque na verdade, ele também desejava dormir em uma cabana daquelas e sim, elas eram muito confortáveis, mal dava pra sentir as ondulações do mar e altura diminuía as vertigens e sensação de claustrofobia.

-Prontinho patrão, o Bairro de vocês vai ficar aqui, oitava rua, lado direito - sinalizou uma corda que passava sobre suas cabeças com várias faixas de cor laranja. - É só se guiarem pelas cor também que vocês encontram aqui rapidão.

-Beleza, valeu fiote - agradeceu Fabrício, olhando para a cor e tentando se posicionar, porém sem muito sucesso, já que até onde seu olhar alcançava havia Bairros tampando a linha do horizonte.

-Vocês já sabem por quanto tempo irão ficar?

-Acho que pouco tempo fera - disse tentando dar pouca margem para investida.

-Bom, se quiserem passar uma temporada, me avisem que eu consigo um espaço mais próximo do Centro. Aqui está sempre vagando e eu tenho uns contatos bons mesmo – se ofereceu ele, com um sotaque bem puxado, indicando corretamente que eles não tinham muito a investir.

– Um dia é o máximo que me disponho a ficar neste lugar – disse Carlos entre dentes, deixando o garoto desconcertado pela desfeita e pela forma enojada com que disse.

-Vocês já têm programação? Eu posso indicar umas coisas boas pra vocês também - sem se dar por vencido, tentou conquistar os visitantes com o melhor que tinha pra oferecer na Cidade.

-Não, tô tranquilo, vou levar essas crianças pra ver um filme - apontou para as crianças que estavam à sua volta, que ao ouvir trocaram olhares empolgados e risadas contidas com o que acabaram de ouvir.

-Filme? - Desacreditou olhando com desdém pra quantidade de crianças e pro Bairro - Ok, se você tá “falano”.

O comentário desdenhoso fez Fabrício experimentar um pouco de raiva e fechar a cara, porém, desta vez, escolheu se controlar e ignorá-lo, não tinha por que provar nada a ele. Na verdade, até ele ficou inseguro com o comentário, será que havia mudado tanto assim ao ponto de ser impossível oferecer essa experiência a essas crianças.

-Cara, eu conheço um lugar mais barato - continuou o rapaz argumentando tentando convencê-lo de adquirir algo, que com certeza ele receberia um trocado pela indicação.

-É mesmo? E como seria? - Interessou-se Fabrício, que achou melhor ter um plano B para não ter que decepcionar as crianças.

-É um cineminha - cineminha pra não dizer clandestino. - Mas o legal é que você pode escolher o filme. Fica fora do Centro, por isso é mais barato. É só falar o meu nome, Ricardo, eu tenho uma parceria com eles - disse o agora nomeado Ricardo.

-Valeu fiote, falo sim - respondeu Fabrício confirmando as intenções e interesses do garoto.

-Zézin, mostra o caminho pra eles.

O parceiro de Ricardo, que estava recolhendo o cabo de aço, surgiu e com uma voz fina e medrosa apontando para os fundos do Bairro e os instruiu:

-É só seguir pro fundo e ir pelo caminho até o fim e virar pra cá - Indicou apontando para o lado esquerdo - e vai até ver o Centro.

-Muito obrigado senhores - disse Carlos que terminou de fazer os últimos ajustes para guardar (esconder e trancar) todos os pertences do Bairro.

-Pra pagar é na saída - se antecipou Ricardo, um pouco até ríspido, ao ver Carlos insinuar colocar a mão no bolso. - E tenham um bom dia - disse ele fazendo uma reverência exagerada com a mão em movimentos circulares e a cabeça curvada para baixo.

Capítulo 33

Todos do Bairro se dirigiram aos fundos para seguir pelo caminho flutuante. Este caminho era feito de um plástico duro, com espaços entre os blocos que permitiam ao caminho seguir o movimento das ondas, ceder ao movimento necessário, porém sem se corromper. O caminho era longo e foi necessário quase quarenta minutos para começarem a adentrar a parte habitada da Cidade. O percurso e a distância não foram problema, mas a novidade de poder andar livremente sim, correr, brincar de tentar arremessar uns aos outros na água, isso sim tomava o tempo.

Mais próximo da entrada da cidade via-se um fluxo muito grande de jets e lanchas para duas a quatro pessoas.

-Olha só que gente idiota – disse Raquel, - passa a vida inteira em cima da água, quando tem oportunidade de andar de boa, continuam em cima da água.

-É que essa Cidade tem ruas no meio, querida – respondeu Lúcia, arrumando seu cabelo e a puxando para um abraço lateral, - para passagem de jets e lanchas, assim eles se locomovem mais rápido, e se exibem um pouquinho também.

-Mesmo assim, eu andaria até os meus pés criarem calos. Sabe lá quando a gente vai ter outra oportunidade.

-Ué, mas você já não anda no Bairro, já não está de bom tamanho?

- Disse Lúcia um pouco ofendida, mascarando com um tom de dúvida, mas evidentemente enciumada com o que ofereciam às crianças com muito custo, e esperava em troca um pouco mais de gratidão.

-Está sim, tia – respondeu ela sem jeito, para encerrar as perguntas e ela não chatear a tia Lúcia fazendo desfeita com o Bairro que a acolheu.

Júnio havia sumido indo com pressa na frente, assim como Rodrigo e Juliana com seu irmão logo atrás. Fabrício ficou ao lado de Carlos e Lúcia tentando conter a excitação das crianças, que agora estavam boquiabertas com um amontoado de aço que irrompe do mar, e já se arrependia do compromisso que assumira.

-O que é isso tudo? - Perguntou Larissa indicando uma embarcação grande que estacionava próxima ao centro.

-Isso é um Navio Cruzeiro - explicou Fabrício - É para os ricos ficarem passeando mar afora, indo para lugares em que o mar é mais bravo.

-E porque estão aqui perto, eles não cabiam no mesmo estacionamento?

-É que eles são muito grandes e precisam de um espaço maior - explicou ele. - Mas a verdade é porque rico tem privilégio. E andar pouco é um deles.

-Nossa, mas essa até agora foi a parte mais legal, como eles não gostam de andar? - Perguntou Lucinho.

-Eles não gostam de andar no meio dos pobres. Lá dentro eles têm bastante espaço para andar e correr, sem risco de molhar os pés.

Essa última informação deixou todos confusos, fazendo alguns olharem para seus pés encharcados e enrugados, dos quais não viam ou notavam problema algum, na verdade não conheciam outra opção. Fabrício sempre teve o cuidado de falar abertamente com os alunos sobre as dinâmicas do mundo adulto, mas apresentar essa nova consciência pesou seu coração tardiamente. Posicioná-los como pés molhados, e mostrar que os pés secos experimentavam uma vida que eles jamais teriam oportunidade, cortou seu coração.

-Muito bem, chegamos - cortou Carlos anunciando de forma desnecessária tendo em vista as construções que se apresentavam aos olhos de todos. - Eu e a Lúcia vamos resolver algumas coisas – ao dizer isso, os dois trocaram um olhar sério, e passou pela cabeça de Fabrício que havia uma certa tristeza e preocupação, mas não teve nem tempo de processar - e vocês vão ficar com o Fabrício, respeitem ele e obedeçam.

-Sim senhor Carlos - responderam as crianças demonstrando obediência.

-Deixa comigo, se alguém aprontar, eu dou uns petelecos na “oreia” - disse Fabrício aproveitando para dar um peteleco na orelha do Rafito que estava mais próximo dele. - E se não resolver eu dou pra alguém usar como comida de tubarão.

-Não, não faz isso com os meus bebês - disse Lúcia de maneira afetuosa abraçando o Rafito e dando um beijo no topo de sua cabeça. - Daqui a pouco a gente se encontra de novo.

-Fabrício, tá aqui pra você gastar com as crianças - ofereceu Carlos um saco com moedas, o suficiente para cobrir, no máximo, a metade das despesas que ele tinha em mente em proporcionar às crianças.

-Valeu Carlos - agradeceu ele que não contava com a ajuda, mas que seria de bom uso. - Pode deixar eu estou planejando oferecer uma experiência legal pra eles - anunciou Fabrício com um meio sorriso de quem possui surpresas programadas.

-É mesmo? Legal, só tome cuidado - recomendou Carlos. - Bom, eu não preciso ensinar o marinheiro a nadar. Então... vamos combinar de nos encontrar em três a quatro horas no Mercadão, pode ser?

-Fechado - concordou Fabrício, fazendo as contas do que conseguiria fazer nesse período e se daria tempo de encontrar com o Júnio a tempo após tudo.

Carlos se despediu com um meio sorriso, virando as costas e foi ao encontro de Lúcia que estava terminando de arrumar as meninas, o que parecia nunca estar perfeito, e dar as devidas instruções. Lúcia deu um abraço duplo e gritou para o Fabrício:

-Não larga a mão das minhas princesas, e vocês não falem com estranhos nem fiquem andando sozinhas - preveniu ela.

-Pode deixar Lúcia - respondeu ele de longe, enquanto pegava as meninas pela mão.

-Vamos amor, eles vão ficar bem.

Disse Carlos a pegando pela mão, enquanto segurava uma sacola cheia de objetos para negociar ou arrumar, por fim dando as costas e se perdendo por entre as construções e o mar de gente, que de fato era algo surpreendente, juntar tantas pessoas tendo em vista que o núcleo conhecido como comunidade geralmente eram grupos pequenos e isolados nos Bairros.

-Vamos lá - anunciou Fabrício. - Prestem muito a atenção no que eu vou dizer. É pra ficar todo mundo sempre junto. Não importa o que vocês vejam ou ouçam, é pra ficar sempre do meu lado.

Fabrício sabia o que os aguardava e o quanto era hipnotizante o som, as cores e tudo o mais que a Cidade podia oferecer para cérebros tão poucos acostumados com tantos estímulos. O perigo que isso representava a crianças pouco acostumadas a tanto, podia significar desencontros e separação, em meio a tanta gente, inclusive mal-intencionadas. A última coisa que ele queria era ter que se encontrar com Carlos e Lúcia e ter que dizer que, simplesmente, perdeu alguma das crianças.

-Éfinho, Rafito, vem aqui - chamou eles de canto para falar de maneira que só os dois pudessem ouvir. - Eu tenho uma missão pra vocês dois. Vocês dois vão me ajudar a manter essas crianças na linha. Entenderam?

-Sim - responderam os dois ao mesmo tempo, empolgados por Fabrício contar com eles para dedicar essa responsabilidade. Na verdade, essa escolha, tinha um outro interesse por trás, que era fazê-los se sentirem mais responsáveis, para que ficassem na linha, ou caso contrário, eles dois seriam os mais atraídos por tudo o que estavam por se deparar.

Capítulo 34

Ao saírem da rua que estavam e começaram a chegar nas proximidades do Centro, tudo começou a ficar tão absurdamente encantador que até Fabrício tinha dificuldade de se manter focado.

As lojas possuem um brilho taciturno, como não tinham iluminação interna, usavam buracos no teto com garrafas e água com cloro. A luz em contato com água e o cloro refletia uma iluminação na área de dentro dos estabelecimentos, facilitando que o comércio tivesse áreas fechadas e fugisse do esquema de barracas que era mais usual na maioria dos Bairros. As barracas não eram em si algo ruim, mas apenas algo mais dispendioso para os comerciantes que tinham que ficar indo e vindo com suas mercadorias e ficavam à mercê das intempéries do tempo.

Enquanto caminhavam, pessoas à frente de suas lojas, ofereciam e faziam demonstração de suas mercadorias na tentativa de atrair a atenção dos clientes, e se você desse o mínimo sinal de interesse, você estava perdido, teria que lidar com a lábia extremamente bem treinada dos comerciantes locais.

A maioria das mercadorias referia-se a peças e equipamentos para Bairros e pesca. Mas Fabrício se sentia atraído por roupas também, sempre teve bom gosto, isso o fazia se sentir especial. Comidas não era algo que o motivava tanto, ele aprendera a ignorar o prazer do paladar,

mas se havia algo que o fazia desejar e gastar até o último centavo se possível, esse algo era Jet Ski. Ele já teve uma antes, não era nada boa, na verdade era bem velha e vivia dando problema, mas ele adorava mexer nela, e foi uma das poucas coisas de valor que tivera na vida, e ele tinha um compromisso consigo mesmo de ter uma nova para cuidar e curtir do seu jeito.

Atravessar o Centro foi uma tarefa muito desafiadora, por dois motivos. O primeiro deles é o choque que tinham ao ver o tanto de crianças que havia na cidade, mas nenhuma delas parecia ter a mesma vida que eles. Não pareciam ser o tipo de crianças que se poderia convidar para brincar. Estavam sempre tão ocupadas andando ou correndo pra cima ou pra baixo, mas nunca brincando, sempre ocupadas trabalhando. E se parados, fitavam com um olhar indistinto de alguém que apesar da idade já sofreu muito, cuja inocência foi perdida a muito. Um olhar que pesava sobre eles o sentimento de culpa e medo. Em alguns momentos Fabrício tinha que chacoalhar uma das crianças que congelavam devido ao contraste que a comparação involuntária com a vida que tinham, já que poderiam estar na mesma situação se não fosse pelo senhor Carlos e a tia Lúcia. Fabrício, infelizmente, já estava familiarizado com a cena e não se impactava mais.

O segundo motivo era o das crianças se dispersando perante a novidade de cada loja, a cada oferta e investida tentadora dos mais diversos trambiqueiros. E por não possuírem a técnica de resistir à tentação da oferta evitando o contato visual, eram constantemente abordados e forçados a experimentar algo, por mais que suas vestes e aparência não simbolizarem terem tanto poder de compra e consumo.

-Aí rapaz – chamou um homem consideravelmente baixo, que usava uma calça consideravelmente grande para seu corpo e por isso várias vezes dobradas até a altura da canela, uma velha camisa regata preta desbotada, um boné de aba desgraçada, que tentava esconder os cabelos ralos, possuía uma barba mal-feita e sempre falava com um cigarro fedorento nos lábios.

Fabrizio se esforçou em nem dar ouvidos, e continuou seu caminho, porém, o rapaz tendo percebido que seria ignorado se jogou na frente dele, expondo sua dificuldade em se mover devido a uma perna ser menor do que a outra.

-Aí, você parece um cara legal, então eu vou direto ao assunto. Eu estou com um achado, e estou procurando alguém que seja uma boa pessoa. Olha só pra você ver – tirou uma foto do bolso, chamando mais a atenção das crianças, que se amontoaram em cima da foto, do que de Fabrizio.

-Essa é uma foto de um lugar onde a Terra toca os pés, como o ar toca os pulmões. Eu vou falar baixinho, para que as pessoas não ouçam – disse quase sussurrando, atraindo as crianças para mais próximo. - Eu tenho as coordenadas desse lugar. Eu sei exatamente como chegar, só que como você pode ver eu não posso e nem consigo viajar por muito tempo. Mas eu posso te vender esse achado por um precinho camarada, porque quando eu vi você com essas crianças eu percebi que você merece levar elas para um lugar melhor.

-Ahhhhhh não – respondeu Fabrício dando uma entonação sarcástica para o momento que quis demonstrar estar pensando no assunto. Deu as costas, pegou a mão das crianças próximas e iniciou a sua retirada.

-Beleza, vou oferecer pra quem sabe que até mesmo a esperança é melhor do que viver desse jeito - desafiou o vendedor, tentando tocar seu coração, e um possível resquício de sentimento de busca por algo melhor.

-Meu velho, quem sabe que aqui é o inferno, já perdeu a esperança – disse Fabrício em tom filosófico colocando um fim na conversa e não dando brecha para contra argumentação, enquanto se afastava e o vendedor se preparava para abordar outro forasteiro que melhor aceitasse sua oferta.

-Fabrício – chamou Éfinho, tirando ele de seus pensamentos e foco.
– E se for verdade? - Temeu ele pela oportunidade perdida que prometia
.

-Fiole, presta atenção no que eu vou te falar - disse Fabrício olhando em seus olhos, pronto pra transmitir um de seus maiores conhecimentos. - Muitas pessoas se perderam no mundo em busca de Terra e nunca mais foram vistas. Seja grato pelo plástico que você tem debaixo dos seus pés, por mais molhado que eles estejam.

-Mas e se encontraram e por isso não voltaram? – Ponderou Lucinho.

-Se você tivesse achado Terra, você seria egoísta ao ponto de não avisar as pessoas que vivem nestas condições? - Desafio Fabrício apontando pra turma que os acompanhava.

-Se fosse um pedaço de Terra pequenininho...

-Ah não. Sério que você ia deixar eu pra trás? O Carlos e a Lúcia? Que deram um teto e um chão pra você. Cara, esperava mais de você, de verdade...

-Não, mas aí eu só voltava pra pegar vocês, e só - culpou-se ele envergonhado, reconfigurando o seu sentido de gratidão.

-Sei... - desconversou Fabrício que havia conseguido tocar no ponto que queria, às vezes um chacoalhão era necessário para trazê-los de volta à realidade.

Apesar de toda a adrenalina que os muitos comércios e negócios movimentavam, nada superava a loja de animais. Um pouco soturna, mas surreal, com animais terrestres tipo cães, gatos e ratos, mas os que mais atraíam a atenção de todos eram os pássaros, com seus cantos e suas cores, que quanto mais colorida mais caro era seu preço. Mas o que mais encantava e chamava a atenção logicamente eram suas asas, que ofereciam um ar místico a esse animal que estava acima da água e seus perigos, e ao mesmo tempo sem muito para onde ir e pousar.

Os sons eram um chamariz agonizante para os ouvidos acostumados somente ao som do mar batendo no casco do Bairro. As diversas vozes impediam concentrar em uma única específica, e para os

ouvidos destreinados poderia causar até tontura e atordoamento. Para os ouvidos mais sensíveis alguns sons poderiam ser assustadores, como um em específico, que Fabrício, por estar absorto em tantas outras coisas, esqueceu de avisar sobre possíveis sons que poderiam ouvir em um Bairro grande como esse que não se ouvia anteriormente em Bairros menores, como o que presenciavam agora.

Um guincho agudo ininterrupto, suplicante pela vida, assolava os ouvidos das crianças, que assustadas estancaram e acendeu no cérebro de Fabrício a urgência na busca pela fonte de tal som. Por um momento também se arrepiou e temeu pelo que ouvia, mas reconheceu o guincho de um porco que sabia que sua hora chegava e implorava a seus algozes a misericórdia que não seria atendida, já que sua meta de engorda fora cumprida para que pudesse dar sabor aos pratos e paladar de quem pudesse ostentar essa iguaria, já que carne vermelha era uma raridade, acessível a uma parcela muito pequena da sociedade. E nem estamos nos referindo a carne de vaca, que essa sim, é extremamente rara e cara para se ter acesso e somente pessoas muito ricas podiam se deliciar com um pedaço de carne de vaca, e Fabrício, nunca foi uma delas.

-Calma meu povo - tentou trazer um pouco de calma usando um tom baixo e seguro. - Isso é um porco, só isso - como se todo aquele guincho não soasse assustador, como os gritos de uma criança pela vida.
- Vocês lembram que a gente já conversou sobre ele?

-Eu lembro - disse Rafito. - São mamíferos e as pessoas criam para comer a carne dela.

-Show! - Parabenizou Fabrício. - A gente nunca tinha visto, porque por menor que elas sejam, ainda sim é necessário um espaço para criar elas. Por isso que a gente está tendo a oportunidade de ver elas aqui. E vocês tem que se sentir muito felizes por estarem presenciando isso, tem gente que nunca viu - disse ele tentando dar valor a experiência que estavam tendo para diminuir o susto que seus olhos arregalados condenavam.

-Nossa, mas estão matando ele? - Choramou Larissa se dando conta do que estava testemunhando. - Agora?

-Sim - triste por ser o portador da notícia.

-Tadinho - desta vez Raquel fez coro e as meninas dividiram uma cara chorosa além de assustada e traumatizadas com toda a cena que viram.

-Mas gente, e o peixe, vocês não comem? Pra comer, não precisa matar?

-Sim - concordaram elas, fugindo um pouco do trauma recém-criado.

- Mas eles não gritam assim - contra-argumentou Larissa que era a mais indignada com a causa animal.

-Isso é verdade - aceitou a derrota Fabrício, que viu um valor muito sincero nela, e ele não queria ser o responsável por podá-las.

-Você já comeu? - Perguntou uma das meninas, com um tom indignado e condenatório

-Já sim - disse Fabrício acessando lembranças em sua memória. - Mas nem era tão boa assim, prefiro mil vezes um bom peixinho cozido feito pela Dona Lúcia.

Mentiu ele, agredindo a memória de Lúcia que fazia o máximo para variar os sabores do limitado cardápio de peixe que tinham acesso. Mais uma vez, toda essa mentira para não alimentar a ilusão de que poderiam um dia experimentar, já que era uma carne que não era para todas as bocas.

A grande verdade é que foi uma das coisas mais gostosas que já experimentara na vida, e só de lembrar aquela carne, com sua suculenta gordura, com sua pele crocante, estalando contra a pressão de seus dentes, escorrendo todo seu sulco banhado a ervas e limão, por sua boca após uma mordida bem servida, já fazia sua boca salivar e desejar morder aquele pobre animal ainda em vida.

-Eu nunca vou comer um porco - disse Larissa. - Coitado do bichinho. Ele está sofrendo, estão machucando ele - defendeu ela o animal que usava o grito como recurso de defesa e preservação de sua vida, enquanto os peixes nenhum som podia emitir para significar sua vida e gerar compaixão de pessoas como ela.

-Então vai comer alga, que nenhuma delas vai reclamar - provocou Éfíinho, que não perdeu a oportunidade de irritar e desafiar a colega, gerando dela uma revolta e conseqüentemente o uso da força por meio

de um chute em suas nádegas, gerando risadas de todos em volta, desviando e diminuindo um pouco a tensão da luta do porco por sua vida.

Falando sobre sentidos, podia-se perceber muitos cheiros que fugiam do habitual cheiro de marina e peixes. Todos eles novos e inebriantes aos sentidos. Doces, oleosos, perfumados, ácidos. Muita informação para um cérebro acostumado a tão pouco, mas ainda havia outro sentido a ser explorado, que só seria saciado ao oferecer à boca e às papilas gustativas o contato com a origem destes aromas. Uma verdadeira festa para um paladar acostumado com tão pouco.

Capítulo 35

Fabício pessoalmente tinha a sua preferência e tinha certeza do quanto agradaria às crianças. Ele se encaminha exatamente para essa loja que o marcou tanto, apesar de algumas lojas terem mudado e isso atrapalhar um pouco a sua memória espacial, ele ainda lembrava o percurso. Esse estabelecimento fugia um pouco do Centro, ficava nas ruas laterais, um pouco escondido, bem como um tesouro escondido e pouco valorizado.

Pra lá ele se encaminhou com as crianças em seu encalço, dispersando a cada loja, mas ainda sim sem perdê-lo de vista.

Uma loja com uma fachada velha, em vermelho, mas atualmente mais próximo do laranja, dizia “Casa do Doce”, simples e direto. Olhando de fora, percebia-se que faltava cuidado a loja, passaria por abandonada se não fosse pela porta aberta e uma luz fraca que sugestionava que havia alguém lá dentro.

-Vocês esperam aqui, que eu volto rápido, não falem com ninguém, entenderam? - Disse ele com ênfase para se certificar de que eles tinham entendido seu comando. Não os queria lá dentro porque estava bem focado no que queria, e o ele não precisava daquelas crianças desejando todas as gostosuras que o lugar tinha pra oferecer.

-O que que você vai ver? - Perguntou Rafito curioso, mais pelo processo de troca do que pela mercadoria.

-Só vou pegar um negócio que eu estou precisando - despistou ele.
- Mais uma vez, não saiam daqui da frente.

-Tá bom - disseram em concordância e se comprometeram com sua exigência, mas todos curiosos com o que o lugar tinha pra oferecer, esperançosos de que fosse algo interessante que todos pudessem ostentar.

-Rafito, cuida de todo mundo, você está no comando.

Indicou ele por último antes de dar as costas e entrar na loja, e ser prontamente recebido por uma lufada de odores que se confundiam entre o doce e o salgado. Estava mais decadente do que a última vez que esteve ali, na verdade é que havia parado no tempo, era do mesmo jeito de quando passou por lá da última vez. Havia dois balcões envidraçados em forma de L, na parte de dentro se via alguns pacotes transparente com seus conteúdos coloridos. Sobre o balcão que estava ao fundo de frente para ele, havia jarros com líquidos também coloridos, eram as águas saborizadas, muito gostosas. Atrás havia estantes com jarros de vidro com balas de diversos tamanhos e sabor. Atrás do balcão lateral, uma senhora baixa, um pouco encurvada, de óculos de hastes grossas, e com o cabelo preto com muitos fios brancos presos em um rabo de cavalo frouxo, levantou a cabeça de sua leitura assim que Fabrício entrou.

-Sim? - Recebeu ela, seca e pouco acolhedora, o que espantou Fabrício que não esperava aquele atendimento de um lugar que ele tinha tão boas memórias.

-Bom dia - respondeu ele despreparado com a receptividade sem obter resposta. - É, o sr Antônio? ele está?

-Oh - essa pergunta a pegou desprevenida, e sua feição foi da inexpressividade para tristeza muito rapidamente. - Ele faleceu, faz seis meses - anunciou ela com uma sombra em seu olhar.

A notícia o pegou desprevenido, sem ter uma reação possível para esboçar.

-Nossa, como assim? - Foi o máximo que conseguiu dizer.

-Tentaram assaltar a loja, e ele reagiu, bateram nele e ele não sobreviveu - disse ela com tristeza na voz e dor nas feições. - Assaltar o que afinal? A tempos que que ninguém vem aqui, tem lojas melhores e mais novas, sabe? - Lamentou ela olhando em volta provavelmente resgatando na memória tempos melhores. - Você o conheceu?

-Não muito - mentiu Fabrício quando na verdade ele apreciava a companhia de Antônio, a quem ele tinha muito respeito, apesar de terem se encontrado poucas vezes, mas foi ele quem lhe deu um de seus maiores ensinamentos.

-Que pena pra você, ele era um grande homem - recordou ela esboçando um sorriso em meio a lembrança. - Eu venho aqui todos os dias, para tentar manter a sua paixão viva, mas como tem visto não tem sido muito fácil. Talvez eu devesse vender de uma vez pra esses urubus de carne boiando.

Fabício não teve nenhuma resposta possível para esse último comentário, e simplesmente se calou olhando a loja e seus produtos decadentes, em suas prateleiras empoeiradas, estufadas e enferrujadas.

Devido ao silêncio que se instaurou, a viúva do sr Antônio resolveu continuar.

-Você gostaria de alguma coisa? - Desta vez com uma expressão mais serena, receptiva e menos desconfiada.

-Sim - respondeu ele saindo de seu devaneio e retornando para o que o trouxera ali de fato, - me vê dois sacos de salgadinho de cebola e um de pipoca doce.

-Pelo jeito você conhece a casa mais do que eu pensei - disse ela com olhar inquisidor a ele, antes de se virar para separar o pedido. - Esses sempre foram os preferidos de Antônio, e os melhores da casa. Receita de família.

-Ah legal - respondeu Fabício, demonstrando surpresa, quando na verdade sabia muito bem disso, tendo o próprio Antônio ensinado a ele alguns passos, com a promessa de que a cada visita o próximo passo da receita seria dado. Uma forma de garantir que ele continuaria visitá-lo e de que estava bem e na linha.

-Quanto de moedas? - Perguntou ele.

-Duas, e está ótimo - disse ela aparentemente de improviso, após avaliar o preço conforme a cara do cliente.

Fabrício se surpreendeu com o valor que parecia menor do que a última vez, o que justificou talvez a cara que o lugar estava. Fez o pagamento, a agradeceu e quando ia se retirando da loja, tornou a perguntar.

-E as pessoas que fizeram isso? Foram pegas? Estão pagando por isso?

-Sabemos quem foi, mas a justiça nunca foi feita - lamentou-se ela.
- Eu não posso nem ficar falando muito, que eu posso me complicar. Eu só peço que os Deuses das Águas façam a sua justiça, que aqui não fizemos e os levem para um bom mergulho sem volta - disse ela com rancor e dor em sua voz.

-Que assim seja - respondeu Fabrício ao se despedir e se encaminhar para fora da loja.

-SAI FORA...

Foi a primeira coisa que ele ouviu da porta da loja. Rafito estava gritando com dois homens grandes barbudos que se divertiam enquanto mexiam com as meninas e com o enfrentamento de um garoto que mal batia nas suas cinturas.

-Olha só, ele é valente - caçou o mais baixo dos dois que já era maior do que Fabrício.

- E ai gracinha? Quantos anos você tem?

Fabício viu um homem alto de cabeça raspada com tatuagens que cobriam seus braços, pescoço e rosto. Musculoso e com uma barriga saliente, e com sua mão suja de graxa passava pelos cabelos de Raquel, que estava evidentemente enojada, assustada e com medo. Enquanto as pessoas passavam em volta e fingiam não se importar, como se aquilo fosse algo corriqueiro e comum, alguém assediar uma garota visivelmente indefesa.

-Olha só, ela é difícil.

Disse o outro rapaz. Este mais magro, mas com tantas tatuagens quanto seu amigo, e com vários furos pelas orelhas e dentes de prata na parte da frente da boca. Ele vestia uma camisa regata e sunga extravagante de cor verde fosforescente e brincava com um canivete tirando sujeira do vão das unhas.

- Aê, está precisando de alguma coisa? - Perguntou Fabício aparecendo, levantando ligeiramente a cabeça e a voz, fechando a cara e o punho para demonstrar que não estava intimidado.

-Ae, segue o seu caminho - disse o mais alto desafiando ele.

-Eu não vou a lugar nenhum - disse diminuindo a voz a deixando mais grave e gutural.

-Você é o pai dessas crianças, por acaso? Um pouco jovem para ter tudo isso - perguntou o careca.

-E isso interessa o que pra você?

-Ae, fala direito comigo moleque, senão você vai arranjar pra sua cabeça - ameaçou ele, dando um passo à frente para olhá-lo de cima e aumentar a intimidação.

-Quer que eu facilite pra você?

Ao dizer isso, soltou a sacola que estava em suas mãos, estufou o peito ao encontro do peito de seu intimidador, armou as mãos em punho, se preparando para o combate. Os dois amigos se olharam trocando sorrisos e mudaram o rumo da atenção da Raquel para Fabrício, mas algo os fez estancar, e mudar bruscamente suas faces, de diversão trocaram para um branco lívido, atento e preocupado. Pararam no meio do caminho, o que fez Fabrício questionar sua capacidade de intimidar seus adversários.

-Acho que já deu pra vocês - Fabrício escutou uma voz de mulher pouco familiar atrás de si. - Siga seus caminhos e não voltem mais, vocês já tiveram muita sorte na vida.

Ao olhar para trás ele pode ver a senhora que o havia atendido segurando uma arma de cano longo com as duas mãos ao lado da cintura de seu lado direito, apontada na direção, especificamente, do homem mais alto. Ela mandava, por meio de seu olhar decidido, a mensagem de sua intenção de usar a arma a qualquer sinal de movimento de seus alvos.

Uma vez mais eles trocaram um olhar de deboche, duvidando que aquela senhorinha teria coragem de usar uma arma. O mais baixo tomou atitude como que pra testar a seriedade com que ela ameaçava, levando a mão às costas, sem desviar o olhar, voltando a mão com um pequeno,

mas ameaçador canivete, tomando uma posição de ataque e se movendo mais cuidadosamente. Fabrício assistia, e pela primeira vez parecia não ter uma reação possível para esse momento.

O rapaz que avançava desafiador, estancou preocupado, pálido, em posição de defesa, após um estampido ressoar no ar, água espirrar sobre suas pernas e alguns pingos chegando até o seu rosto, fazendo a água invadir pelo buraco que tinha sido feito e começar a invadir o chão do Bairro e chamar a atenção de quem passava em volta, que agora sim, demonstraram incômodo com o que estava acontecendo.

-Errei? É só você dar mais um passo pra descobrir - disse ela em tom ameaçador que colocava em dúvida se teria sido um tiro de alerta ou erro de pontaria.

Os dois compartilharam um olhar atento, duvidoso e preocupado. Por último, trocaram um olhar de consentimento, e nitidamente contrafeitos e sem dizer mais nenhuma palavra, deram as costas e seguiram seus caminhos rumo à parte mais movimentada do centro da cidade. Vez ou outra olhando para trás, certificando que não estavam sendo seguidos, mas sem deixar o olhar desafiante, de que aquilo não tinha acabado, abandonar seus rostos.

-Tá olhando o quê seus embaçado? - Fabrício continuou os confrontando sem desviar o olhar deles enquanto eles se perdiam entre a multidão de pessoas que dispersaram ao ver que não havia mais nenhum entretenimento de sangue pra assistir. - Segue seus rumo, suas amebas do mar - Pode não parecer, mas este era um tipo de insulto afrontoso, e

Fabrizio queria passar a mensagem que não temia o confronto e que nem se escondeu atrás da arma que os socorreu.

-Um dia eles vão me dar o motivo que eu preciso - disse ela com um pouco de ressentimento em sua voz. - Está tudo bem com vocês, crianças?

-Acho que sim - respondeu Fabrizio que ia até Raquel que estava assustada com a investida que recebera e estava sendo consolada pelos outros amigos. - Está tudo bem, eles já foram - e a abraçou de maneira protetora, que foi o suficiente para desencadear nela um choro soluçante incontrolado.

-Aquele imundo pôs a mão em você? - Perguntou a senhora para ela, que recebeu de resposta a negativa balançando a cabeça com o olhar envergonhado voltado para baixo. Suas amigas a afagavam as costas, cabelo e enxugava suas lágrimas que saíam compulsivamente de seus olhos.

-Fica assim não - Fabrizio tentou acalmá-la. - Eu não vou deixar que ninguém faça mal pra você.

-Mas você não estava aqui - disse ela entre soluços que cortaram o seu coração e aumentaram seu sentimento de culpa por tê-los deixado sozinhos mesmo que por pouquíssimo tempo.

O que ele pôde fazer, invés de só falar, foi demonstrar com sua mais sincera atitude. Ele a abraçou mais forte ainda, da maneira mais fraterna que pode, oferecendo tudo o que tinha de mais protetor que podia

oferecer, além de sua valentia e temperamento explosivo que não medirá consequências para encarar quem estivesse ameaçando quem pertencia a ele.

-Eu indicaria pra vocês procurarem a guarda local, mas é bem mais possível vocês serem assediados de novo, só que por eles - disse ela olhando de maneira desolada para as crianças, e depois voltando o olhar para o horizonte - Se nesse lugar houvesse justiça eu não estaria com uma arma na mão, esperando por um motivo.

Não houve resposta, Fabrício tinha coisas mais importantes para se preocupar do que com a dor e desabafo dela que ele mal conhecia. Por fim ela entendeu que aquele não era o melhor público para desabafar.

-Peraí, deixa eu pegar uma coisinha.

Ela retornou para dentro da loja, enquanto do lado de fora Fabrício se assegurava se havia clima para continuarem com sua programação. Ele ficou bastante abalado com o que ocorreu. O que o Carlos e a Lúcia diriam se algo tivesse acontecido? Com que cara ele teria coragem de olhá-los nos olhos? Tantas vezes Carlos disse o quanto abominava as Cidades por causa de seus moradores sujos, não só fisicamente, mas sujos da mente, e ele tão cuidadoso, se dispersara, um segundo, um maldito segundo e quase arruinou tudo. Mas tudo acabou bem, não é? Então não havia por que se preocupar.

A dona da loja retornou, em sua mão havia trocado a arma por uma sacola.

-Tomem aqui - disse ela oferecendo uma sacola maior do que Fabrício havia comprado o que cresceu aos olhos de todos, que pareceram esquecer todo stress que haviam passado.

-Não, que isso, não precisa - negou Fabrício, mais por educação do que por necessidade, bem sabia ele que a quantidade que tinha para oferecer às crianças daria somente para “beliscar”, e degustar uma iguaria difícil de saborear.

A recusa gerou um olhar de incredulidade nas crianças, principalmente nos meninos que admiravam a nova sacola de forma ambiciosa.

-Pega sim, faço questão - dizendo isso ela empurrou a sacola nas mãos do Rafito que não soube recusar, mesmo com o olhar de reprovação de Fabrício. - Essa quantidade que você tem não vai nem pro tapa, leva por favor, em memória de meu marido, ele não faria diferente.

-Isso é verdade - disse Fabrício lembrando do velho amigo com quem se afeiçoava pela alma caridosa e companheira que possuía. - Nós somos muito gratos, né pessoal?

-Simmm

-Muito obrigado

-De nada meus amores - finalmente um sorriso quente que transmitia amor saiu de sua face, havia ali ainda alegria a ser vivida. - Boa diversão pra vocês.

Capítulo 36

Após o ocorrido traumático para todos, Fabrício e sua “creche” seguiram caminho rumo ao cinema. O caminho foi intranquilo. Seguiram com um sentimento de vigilância, Fabrício segurava na mão dos menores do grupo, temendo perdê-los e mantinha Raquel mais próxima para que ela não se sentisse desamparada e indefesa.

Em meio a caminhada e as ruas estreitas que cortavam o centro da Cidade, avistava-se uma máquina enorme de metal que subia e descia. De longe parecia que perfurava o chão, fazendo muito barulho e soltando fumaça junto com um cheiro forte.

-O que é aquilo? - Quis saber Éfinho.

-Aquilo? Pelo que eu sei é uma máquina de extrair petróleo - respondeu Fabrício sem muita certeza. - Dizem que é um dos mais antigos que existem, e vai extremamente fundo. Tão fundo que consegue penetrar no solo lá embaixo.

-Mentira - desacreditou Éfinho.

-É o que eu ouvi falar. A gente pode ir ver outro dia. Ou se quiserem a gente não vai ver o filme e vai lá ver essa máquina doida funcionando. E aí?

-Filme - responderam todos em coro.

-Ah eu quero ver a máquina - protestou os meninos, deixando o lado aventureiro falar por eles. - Vai até o chão. Vocês não querem ver o chão?

-Não, a gente quer ver um filme - protestaram elas.

-Ah Fabrício - apelaram para implorar a quem decidia e sabiam dividir do interesse por máquinas.

-Hoje não galera - tomou uma posição contrária, já que também se abalou com a possibilidade. - Hoje vamos fazer o combinado.

Optou por continuar com o cronograma, já que tinha medo do que podiam encarar se continuassem passeando. Já não estava mais tão seguro de que tinha o controle.

O caminho continuou e pareceu eterno, mas enfim chegaram em frente a um prédio que imitava um jeito rústico com pilares de mármore e uma entrada em meia lua com um guichê na lateral direita. Via-se a fila já formada com umas oito pessoas, acima um letreiro piscava anunciando dois filmes em cartazes e exibição.

-Uau - admiraram-se as crianças

- É aqui que é o cinema? - Perguntou Éfinho.

-Não besta, aqui é o açougue - caçoou Lucinho, para alegria de todo mundo.

-É, mas não é aqui que a gente vai ver - disse Fabrício sem graça, tendo em vista a excitação das crianças com o cenário que viram.

-A gente não vai mais ver o filme?

-Vamos sim, mas tem um que é mais especial - tentou disfarçar e dar um valor mais alto do que realmente os aguardava, mas o tom que usou foi muito forçado não passando muita credibilidade.

-Oh - ouviu ele a resposta desapontada de sua turma.

-Vamos ficar nesse mesmo, tô cansada de andar - protestou Larissa.

-Credo, por mim eu podia andar até as minhas pernas caírem - contradisse Rafito.

-É sério, vocês vão curtir - disse ele retomando a energia e tentando reconquistar a credibilidade perdida. - Eu alguma vez já desapontei vocês - Vendo que reconquistara seu público ao apelar para a confiança que tinham nele, continuou. - Beleza, então venham comigo, já estamos perto.

E sim, desapontados, porém resignados, seguiram para o cinema que estava a altura de seus espectadores.

Mais um caminho tortuoso, por ruas com pessoas que eram um entretenimento à parte. Fabrício até tentava instruí-los a não ficarem encarando as pessoas, que era falta de educação e alguém podia ficar ofendido. Mas ao passar do tempo, desistiu e entregou o futuro nas mãos dos Deuses, já que se tratava de crianças e aquilo também fazia parte da experiência que estavam tendo.

Homens sujos, um inteiramente preto de fuligem, uma mulher de cabelos rosas com evidente pressa em sua caminhada, outra falava sozinha, outra dançava ao ritmo de uma melodia que ninguém mais ouvia. Pessoas sem um membro, esse foi o que mais se via. Uns sem um braço, outros sem uma perna, e até pessoas sem nenhuma perna, se arrastando no chão ou sobre cadeiras de rodas. Fabrício aproveitou o susto que a imagem das pessoas sem um membro causava para reforçar que com o Mar não se brinca. Todas aquelas pessoas tinham algo em comum, que era acreditar que tinham maior domínio sobre os seres marinhos, só por serem irracionais.

-Eu acho que é aqui - anunciou Fabrício olhando desconfiado. - Se aquele safado não sacaneou a gente.

Ao chegarem ao local, mal podia-se considerar o que viam um estabelecimento comercial. Estava mais para uma casa abandonada e mal cuidada, se comparada com o cinema que haviam visto anteriormente. Uma mulher robusta de cabelo comprido e vermelho, com uma perna dobrada escorada na parede, conversava com um senhor de cabelos grisalhos e barba branca grande e espessa. Única referência de que ali não estava abandonado era uma porta de lençol em que um senhor acabara de entrar.

-Opa, aqui é o Cine Delua?

Perguntou de forma aberta, sem direcionar a pergunta a ninguém específico, já que não estava claro se ele estava no lugar certo e se sim, se eles trabalhavam ali.

-É sim - respondeu a mulher com olhar ambiciosa para Fabrício e as crianças. - Vocês todos vão assistir?

-Pretendemos - respondeu ele aliviado. - Qual filme tá disponível?

-É a sua primeira vez aqui né?

-É sim, quem indicou pra gente foi o rapaz que fica no estacionamento - esperou alguma confirmação da parte dela, como nada veio, ele continuou -, ele disse que você ia dar um desconto pra gente se falasse que foi indicação dele.

-O espinhento? - Disse ela demonstrando entender o rumo da conversa. - Já falei pra aquele sonso parar de mandar gente pra cá, eu não vou ficar sustentando ele e as namoradinhas dele - disse ela mais para seu amigo que ria e balançava a cabeça sabendo que o problema se repetia e que possivelmente não iria resolver.

-Bom, pelo menos, veio uma turma boa dessa vez - conformou-se ela com sua condição e se desapoando da parede e pegando um bloco de papéis no bolso, molhou o dedo na língua e começou a folhear alternando o olhar nos papéis e nas crianças enquanto contava. - Ok, é o seguinte, você tem duas opções, ou pega a sala aberta ou a fechada.

-Qual a diferença de uma pra outra? - Questionou Fabrício.

- A fechada você pode escolher o filme que quiser da nossa galeria.

-Legal - perguntou ele após aguardar ela dizer, porém ter continuado calada. - E a aberta?

-A aberta é mais barata - essa fala deixou Fabrício entusiasmado. - Porém você não escolhe o filme - complementou olhando para as crianças. - O que eu não indicaria pra sua turma.

-Ah tá - fez-se entender ele. - Então vamos de fechada, chega de surpresa por hoje.

-Tá bom, então fica trinta monedas a sala.

-Mas e o desconto do nosso amigo.

-Ih alá, quer desconto pra sala fechada? - Disse ela demonstrando incredulidade para seu amigo, que abanou a cabeça enquanto olhava para longe e transmitia um sorriso sarcástico. - Aí não tem como, aí eu saio no prejuízo.

-Vinte e cinco moedinhas pô - negociou Fabrício sabendo que os negócios funcionam assim, nunca aceitar o primeiro preço, sempre tem margem para negociação. - Dá pra você me ajudar nessa né?

-Ai não tem como meu parceiro - sua cabeça levemente inclinada para a esquerda mais suas mãos espalmadas para cima, que queriam dizer que não podia fazer nada.

- Nem eu nem você. Toma vinte e oito então, e me ajuda a fazer a alegria dessas crianças, pode ser?

Disse ele tirando todo o dinheiro do bolso, contando sobre o olhar atento dela e colocando em sua mão, torcendo no fundo do peito que ela não rejeitasse já que o valor ficou acima de suas economias e ele não

queria desapontar a todos depois de ter chegado tão longe. Ela contou o dinheiro que fora empurrado em sua mão, olhou para seu amigo que desviou o olhar como quem não quer se meter no assunto, retornou o olhar para Fabrício que devolveu um sorriso forçado e um abraço nas crianças para fazer o apelo emocional e ganhar a negociação.

-Fechado. Você é bem chato hein menino - disse ela entregando os tickets de entrada e mostrando um papel que tirara do bolso de trás. - Que filme vocês vão querer ver?

Fabrício pegou o papel e pôde sentir a emoção voltando a tomar conta das crianças, já que se aglomeraram em torno dele assim que ele abriu para ver o nome dos filmes. O catálogo de filmes era separado em dois grupos, o primeiro era filmes para todos os públicos, dos quais ele pretendia encontrar aquele que o marcara. No outro grupo, eram títulos voltados, vamos dizer assim, “para adultos”, e foi exatamente onde o olhar do Éfinho foi primeiro:

-Socando o Bagre. Que filme é esse? - Leu em voz alta demonstrando sua habilidade na leitura pouco valorizada nos dias atuais, mas que no Bairro do senhor Carlos, tinha a sua devida importância.

-É de pesca - respondeu Fabrício, pensando o mais rápido que pôde, tentando cobrir os nomes para evitar mais olhares curiosos e perguntas constrangedoras, sobre os demais nomes de filmes que eles eram pequenos demais para aprenderem sobre.

-E por que você está tampando? - Quis saber ele com a curiosidade típica das crianças, olhando do catálogo para ele, fazendo sua curiosidade chamar a atenção do olhar dos outros.

-Pra você não tirar a minha atenção - disse Fabrício tentando ser o mais sério possível, porém achando muita graça por estar passando por essa saia justa. - Olha só, está aqui - disse apontando para o meio da lista, para direcionar o olhar de todos, mas rapidamente virando-o para baixo e entregando para a dona do cinema.

-Vai ser esse aqui - anunciou ele mostrando para ela.

-É mesmo? Tem certeza? - Disse ela um pouco desconfiada, sem o Fabrício entender o porquê.

-Sim, é isso mesmo - disse ele depois de conferir se tinha mostrado o correto e não um do grupo de baixo.

-Ok, vamos lá, vou preparar pra vocês. Já volto - disse ela ao amigo e lançando um olhar preguiçoso de que teria que interromper a conversa para realizar o seu trabalho.

As meninas demonstraram sua empolgação pegando uma na mão da outra e trocando sorrisos, enquanto os meninos trocavam empurrões e socos. Fabrício teve que dar um peteleco na orelha de cada um, mas consciente de suas reações serem justificáveis já que estavam todos muito excitados para o que estavam prestes a experimentar pela primeira vez.

A dona abriu a cortina e pediu para que a seguissem. O corredor era bem iluminado tendo em vista que o teto era mau coberto. Do corredor podia-se ver três entradas, duas do lado esquerdo e uma do lado direito. Todas as portas também eram de pano, a primeira estava um pouco aberta e ela fechou rapidamente lançando um olhar constrangido para Fabrício que devolveu um olhar condenatório, além de perceber os sons que estavam saindo da sala.

-Nossa, quanto tempo eu não entro em um cinema, aposto que eu estou mais ansioso que vocês todos.

Começou a falar em um tom que pudesse abafar os sons que vinham da sala pela qual estavam passando.

-Qual a sala?- Perguntou Fabrício já ficando incomodado e demonstrando impaciência e pressa.

-É essa aqui mesmo - disse ela para a sala da direita que ficava no meio, entre as salas da esquerda. Entendendo a pressa e o desespero dele, disse, com uma certa arrogância, para justificar o porquê do constrangimento que estava fazendo eles passarem. - É a maior sala, podem entrar.

Fabrício ficou por último para se certificar de que todos entrassem, sem que ninguém corresse o risco de ficar pra trás ou entrar na sala errada.

Ele queria ver o rosto das crianças se iluminando ao entrar, porém achou a segurança mais importante. Quando entrou, ele quem mais ficou

surpreso. Não de uma maneira positiva. A sala possuía cadeiras de plástico e uma tv de vinte e nove polegadas de tubo em cima de um armarinho para ficar alto e visível à todos mesmo no fundo. A visão era bem diferente do que sua memória oferecia de cadeiras de espuma, tela que recebia a imagem de um projetor às costas de todo mundo e tudo escuro. Bem diferente dessa sala com buracos no teto que não vedava a entrada de luz. Ele se perguntou se isso não inviabilizaria a experiência das crianças.

A dona do cinema estava agachada à frente da tv, exibindo um cofrinho digno de entretenimento para as crianças que simulavam estar com ânsia e vômito. Ela introduziu um objeto retangular de plástico em um compartimento que a engoliu. Ela ligou a tv que emitiu um chiado de chuva e transmitiu uma tela cinza com listras correndo pela tela. Apertou uma tecla no aparelho preto, se levantou com dificuldade, e apertou um botão na tv que mudou para uma tela preta o que arrancou suspiros de emoção nas crianças.

-Olha é uma tv.

-Cala a boa vai começar.

-Ai que legal.

-Para de atrapalhar.

-Fica quieto.

-Pessoal, todo mundo quieto agora - ordenou Fabrício com autoridade e arrancando finalmente um sorriso sincero na mulher, que parecia não ver esse encanto a um bom tempo.

Os meninos estavam sentados na frente em uma fileira de três cadeiras, enquanto as meninas ficaram na segunda fileira e Fabrício ficou em pé no fundo.

-E você não vai se sentar - disse a mulher próxima a ele, exalando um hálito quente e etílico, quando a tv começou a mostrar imagens e se dirigiu para a saída.

-Vou sim, mas daqui a pouco.

-Se quiser ver um filminho só nós dois enquanto essas crianças estão aí, eu arranjo uma salinha pra gente - disse ela com fome e desejo nos olhos.

-Ah não, muito obrigado - agradeceu o convite com um frio na espinha. - Eu tô querendo ver esse filme e eu tenho que ficar de olho nesses piolhentos - se esquivou ele.

-Tá bom, não sabe o que tá perdendo delícia - contra-atacou ela ao sair da sala com seu olhar desejoso, que encheu Fabrício de repugnância e nojo, que também simulou para ninguém a ânsia de vômito que os meninos estavam fazendo anteriormente.

-Começou!

Falou Lucinho, muito excitado, quando começaram a passar imagens rápidas correndo pela tela, com falas que eles mal podiam acompanhar e entender o que era a história, e quando deram por si, já havia acabado.

-Eita, mas já?

-Dá pra gente assistir de novo?

-Que chato...

-Calmaaa, não começou ainda - gritou Fabrício em tom agudo se divertindo com a reação das crianças e aproveitando para entregar os salgadinhos para saborearem durante a sessão.

Eis que de repente apareceu uma construção com uma estrela cadente fazendo um semicírculo em volta dela e depois algumas letras formaram uma palavra que eles não conseguiram decodificar e apareceu um objeto pulando na tela para diversão de todos. Fabrício se arrepiou sabendo que a mágica mal havia começado.

A tela se iluminou e apareceu um espaço que parecia um quarto, mas era grande e não era de verdade. Um homenzinho de chapéu apareceu na tela falando com um outro verde que não conseguia mexer as pernas que estavam presas em uma prancha de mesma cor. Dali pra frente foi só encanto e paixão, e as comidinhas que haviam sido preparadas para acompanhar todo o filme, não duraram nem quinze minutos após seu início. Não se ouviu mais nada, a não ser risos e suspiros de tensão e alívio.

Logicamente que, para ele, aquele filme trazia à tona muitas emoções.

O fazia lembrar da primeira vez que havia visto um filme. Foi acompanhado de sua mãe e outras crianças do Bairro em que viveram juntos. Havia nela muita ansiedade e expectativa para que ele também gostasse, assim como ele também estava sentindo agora. Aquele foi um dos poucos momentos que ele se recorda de diferente e único com sua mãe, não que todas as outras crianças do Bairro não estivessem lá também. Mas o seu lugar estava garantido e reservado somente a ele, o colo e o abraço de sua mãe, que lhe oferecia um salgadinho de cebola muito saboroso ao seu paladar.

Essa lembrança fazia seu coração parar. Quando se percebia cedendo a essas emoções, se forçava a desfocar para não ser levado pelas emoções e chorar, e retomava a sua atenção ao filme, ou às crianças e suas reações, que o faziam se divertir e sentir que parte de sua missão em proporcionar uma memória inesquecível a eles, estava concluída.

Capítulo 37

Quando o filme chegou ao fim e a tela ficou preta com letras brancas que subiam, as crianças incrédulas se viraram para buscar refúgio emocional para o vazio que ficou.

-É isso? Acabou? - Perguntou Raquel incrédula.

-A gente não pode ver de novo? - Perguntou Fabiana chorosa.

-É, por favor - Lucinho fez coro às súplicas.

-Não tem como. Lembram do nosso combinado? Assistimos o filme e agora a gente precisa voltar - disse ele com carinho e firmeza, pois outra sessão era inegociável financeiramente falando.

-A gente não pode ter uma dessa no nosso Bairro? Será que o tio Carlos foi comprar, por isso eles não estão aqui?

Perguntou Lucinho, cheio de esperanças, mas sem noção de que aquele desejo significava algo impossível, dado a raridade que eram estes equipamentos por estes dias, além do aparato elétrico para sustentar seu funcionamento que o Bairro não possuía. Ainda mais se tratando de um Bairro como o que eles viviam que acolhia crianças para aprendizado e formação. Sendo assim sua cultura de comércio ficava comprometida, pois diminuía a quantidade de pescadores.

Ninguém respondeu a ele, não só por uma questão de não desanimá-lo e acabar com suas esperanças, mas talvez também tivessem um pouquinho de esperança, já que sonhar era de graça e a ideia era maravilhosa.

Ali ficaram por um tempo em silêncio, olhando sem um ponto fixo e outros para o chão. Aguardando não se sabe o que de fato, talvez alimentando a esperança de que o filme continuasse depois daquela tela preta. O que os trouxe de volta a realidade foi um barulho alto de chiado que saiu da tv e fez todos voltarem suas cabeças. Mas tudo que havia ali era a tela com chuveiro novamente.

-Agora acabou mesmo, crianças - chamou Fabrício. - Já está na nossa hora.

De muita má vontade, se levantaram e seguiram para a saída. Até que ele se lembrou do que podiam encontrar no corredor e se apressou para conter os mais adiantados.

-É pra esperar aqui na portaaaaaa...

Tentou sair correndo para alcançar os meninos que haviam disparado na frente, mas foi impedido pelas meninas que se aglomeravam na saída, movendo-se lentamente. Saiu para o corredor meio que atropelando, com o cuidado de não as machucar, e não muito o surpreendeu que o Rafito e Éfinho estavam parados em frente a sala misteriosa da entrada, se preparando para bisbilhotar pela lateral da cortina.

-Oh bosta - praguejou ele enquanto corria até os meninos, pensando em como explicaria isso para o Carlos e Lúcia.

-Rafito, seu umbigo tá aparecendo - disse ele alto para atrair a atenção deles, que confusos com a exposição direcionaram o olhar para o umbigo do Rafito coberto pela camisa.

Desta forma, inesperada e cômica, conseguiu pegá-los pelos braços, evitando que entrassem onde não deviam. Quando saíram pro lado de fora, a luz não era muito diferente e mal agrediu os olhos, já que nem todo o teto era coberto, e a noite ainda não chegara.

Ali eles foram recepcionados pela dona, que parecia estar menos rabugenta, talvez a segunda garrafa com líquido transparente aos seus pés fosse o motivo.

-E aí, gostaram? - Perguntou ela, esboçando um sorriso.

-Não sei, tem que perguntar a eles, e aí gente, respondam?

-Foi muito legal.

-Eu gostei, a gente pode ver de novo?

-Pode, pede pro tio de vocês trazer outro dia.

-A gente pode ver na outra sala da próxima vez? - Perguntou Éfinho.

-Um dia quem sabe juvenzinho - respondeu ela às gargalhadas.

-É, quem sabe daqui a alguns anos, né? Valeu, até a próxima - concordou Fabrício, guiando as crianças pela cabeça em sentido à rua, que os levaria ao ponto de encontro.

A noite vinha se aproximando e com ele parecia que o ritmo também. Menos pessoas nas ruas, alguns comércios já estavam fechando e até o barulho parecia ter diminuído. As crianças pareciam mais calmas e quietas agora, talvez em suas cabeças estava a dúvida se voltariam a experimentar a emoção de ver um filme novamente.

Assim seguiram, por mais ou menos trinta minutos de caminhada, até que algumas ruas depois, chegaram ao ponto de encontro combinado no centro da Cidade em frente ao Mercado, mais um ponto de comércio centralizado com vários pequenos comerciantes reunidos, geralmente os mais antigos, com muitos cheiros misturados e mais barulho do que o normal.

Fabrício estava distraído absorto em seus pensamentos sentindo uma certa nostalgia e paz inquietante. Foi arrancado de seus pensamentos e chamado de volta a realidade pela responsabilidade de guardião das crianças, já que assim que a frente ficou completamente visível, as meninas e Lucinho, abandonaram sua companhia e saíram correndo.

Mal seu coração disparou e ensaiava sair no encalço deles, percebeu que haviam parado ao encontro de um abraço carinhoso, de uma mulher de cabelos quase vermelhos, dona Lúcia, com um senhor

Carlos de sorriso terno e afetuoso ao lado, segurando um objeto de metal brilhante em suas mãos.

-Oh suas piolhentas, como é que vocês saem correndo do meu lado assim? - Disse ele tranquilizado, mas demonstrando preocupação para dar valor a responsabilidade que lhe fora confiada.

-Tá tudo bem, elas só estavam com saudade - disse dona Lucia, passando a mão na cabeça de cada uma. - Se divertiram crianças?

-Foi muito legal - disse Raquel cheia de entusiasmo.

-A gente pode ir de novo amanhã? - Perguntou Lucinho, usando de sua simpatia pra abusar um pouco.

-Ah vamos ver, mas acho que não vai dar tempo, arrumando essa peça, vamos embora - esquivou-se Carlos.

-Da próxima tem que ser na outra sala - insistiu Éfinho, que se sentiu adulto e corajoso quando citava a sala cheia de mistérios. Mas recebeu um tapa na nuca, dada por Fabrício como alerta para ficar quieto.

Carlos e Lúcia olharam desconfiados, mas decidiram fingir não ter ouvido.

-Mas esse tio Fabrício, mima muito vocês. Agora aguenta essas crianças pedindo filme sem parar - cochichou Lúcia para Fabrício. - Mas foi muito legal da sua parte, obrigada mesmo - disse ela para deixá-lo menos desconfortável, caso ele não tivesse percebido o tom de brincadeira em sua voz. As palavras o deixaram extremamente feliz e com

sentimento de satisfação pelo que fizera, e ele não sabia o porquê, mas ele sentia que fizera o certo, pois sentia em seu coração que devia isso àquelas crianças.

-Foi tudo tranquilo? - Perguntou Carlos, falando junto dele. Carlos tinha abandonado a postura acolhedora e agora parecia mais sério e soturno.

-Sim, sim, foi tudo certo, bem... - ia respondendo Fabrício, até que se lembrou que não seria justo não contar toda a verdade que aconteceu.
- Tivemos um desafio - o semblante de Carlos ficou interrogativo e apreensivo, e Fabrício temeu desapontá-lo. - Paramos pra comprar uma coisa pra comer, sabe a loja de salgadinhos do “seu” Antônio?

-Sim, bastante antigo.

-É, infelizmente fiquei sabendo que ele faleceu.

-Sério? Que notícia triste! - Lamentou Carlos. - Ele era um comerciante antigo e um bom homem, pelo que me lembro.

-Sim, ele era gente boa - concordou Fabrício.

-E morreu...?

-Parece que de morte matada

-Misericórdia - espantou-se Carlos com a notícia. - Que a Santa Mãe do Mar o tenha em seus braços. Por isso que eu não me arrependo de viver longe de lugares corrompidos como este - Vociferou ao redor sem direcionar a ninguém em específico.

-Então... - continuou Fabrício, se preparando para dar a ele mais um motivo. - Quando eu ia saindo, tinha uns babacas mexendo com a Raquel.

Carlos não respondeu, e sua face demonstrou não ter gostado muito do que ouviu, apenas continuou mudo, o que deixou Fabrício ansioso com sua possível reação pela continuação e desenrolar da história,

-Rafito estava em cima deles quando eu cheguei junto - disse na intenção de, ao valorizar os atos do garoto, orgulhoso de seu feito ao lado, pudesse minimizar o impacto da história.

Mas não melhorou a fisionomia de Carlos, na verdade, sua fisionomia deixou escapar uma expressão de preocupação e raiva.

-Mas não foi preciso o Rafito bater neles, logo eu cheguei - Carlos não se manifestou. - Ah, e a viúva do “seu” Antônio, ajudou a gente a colocar eles pra correr.

-É mesmo, ela ajudou? - Perguntou ele enfatizando esse novo personagem como interventor, depois de uma pausa tensa para todos que ouviam a conversa.

-Ela ameaçou eles com uma arma - disse Lucinho, que recebeu um olhar recriminador de todo mundo - O quê? Ela nem acertou o tiro - justificou ele, sem entender o porquê estava demonstrando desaprovação para ele.

-Mesmo? - Respondeu ele. - Então quer dizer que você deixou eles sozinhos, expôs a Raquel a assediadores, e a todas as crianças a uma arma de fogo?

Carlos demonstrava raiva com Fabrício por seu desleixo no trato com as crianças.

-Você só tinha que levar elas no cinema, ver um filme e trazê-las de volta em segurança - sua voz aumentava conforme sua raiva ia ampliando pelo desenrolar da história. - Três, quatro horas no máximo.

-Eu só tirei os olhos deles por um minuto - justificou-se Fabrício, surpreso com a reação de Carlos. Ele não esperava nada assim, tão explosivo com ele. - Era uma surpresa.

-Que bela surpresa colocando eles em perigo...

-Calma Carlos, está tudo bem. Não aconteceu nada com ninguém, estão todos bem - Lúcia tentou apaziguar os ânimos.

-Não graças a ele - acusou Carlos apontando para Fabrício.

-Que isso meu amor, não fala assim, ninguém tem culpa, todo mundo é vítima. Mas estão todos bem, não é mesmo Raquel? - Ela buscou a ajuda da menina para ver se assim Carlos se acalmava, mas ele sequer desviou seu olhar enfurecido dos olhos surpresos de Fabrício, que não tinha uma reação para o rumo dessa conversa.

Fabrício estava desnorteadado com o rumo que as coisas tomaram. Em um minuto era o braço direito de Carlos e detinha toda sua confiança,

em outro não valia mais nada. Exatamente essas palavras não haviam sido ditas, mas era assim que a discussão o fez se sentir.

-Estou decepcionado Fabrício, eu esperava mais de você. Eu o tinha como filho. Eu confiava em você.

-Carlos? - Repreendeu Lúcia, indignada com o que havia saído da boca de seu marido.

Em sua voz havia tristeza e ressentimento e suas palavras doeram em Fabrício como uma facada que rasga o peito. A vontade de chorar veio tão repentina, o sufocando, fazendo seu rosto inteiro queimar e seu corpo inteiro tremer, ele se sentiu envergonhado e perdido, perante toda essa confusão de emoções e sentimentos. Em meio a toda essa confusão ele se percebeu transformando seu desamparo em raiva. Em uma fração de segundos, seu rosto que demonstrava surpresa, agora estava dura e séria, e se preparava para devolver a raiva recebida.

-Aê, primeiro, eu estava fazendo um favor pra você - começou ele a responder estufando o peito e apontando para Carlos de maneira rígida. Agora a cara de surpresa estava estampada em sua face, que não esperava o revide de Fabrício. Na verdade, nem ele, mas acontece que Fabrício havia prometido a ele mesmo nunca deixar ninguém “crescer” pra cima dele, mesmo que fosse o Carlos. - Segundo, eu não deixei ninguém desamparado, eu estava lá, e nunca que eu deixaria alguém colocar a mão neles, você, mais do que ninguém, deveria saber disso. E terceiro, você não vai poder proteger eles de tudo. Essa é a vida. Não adianta ficar se escondendo no meio do mar e fazendo preces esperando que sua

morte seja lenta. Ou você ensina o que é a vida para esses moleques, ou eles estão perdidos, porque eles não vão ter alguém do lado deles pra proteger eles pro resto da vida.

Por este momento da discussão, a forma como se expressavam, a altura que falavam, chamava a atenção de curiosos, brigas não eram algo incomum, mas sempre atrativo aos transeuntes.

Capítulo 38

As crianças estavam assustadas e mudas com a forma rápida que as coisas aconteceram. Lúcia tentava atrair o olhar de Carlos, o puxando pelo braço, para evitar que a discussão continuasse e que maiores estragos acontecessem. Mas essa terceira parte que Fabrício falara, pareceu ter atingido ele muito profundamente, pois sua expressão foi de dor, demonstrando que o golpe que recebera o acertou em cheio, o que o fez se precipitar sobre Fabrício em pose de ataque.

“Então é assim que vai ser?” Pensou Fabrício se preparando para o ataque daquele que ele tinha como maior referência. Aquele a quem ele considerava como família. Na verdade, não sabia como iria reagir, se revidaria ou não. Mas o confronto não aconteceu, Lúcia estava em cima dele e foi necessário que ela desse um tapa em sua face para que ela conseguisse trazê-lo para a realidade. Seu semblante foi mudando gradativamente passando da raiva e fúria, para a realidade, de quem percebeu o que fora dito e acusado, e por fim, a decepção desoladora capaz de quebrar o prestígio que se tem pelo outro.

-Tudo bem - disse ele para Lúcia se acalmar e diminuir a força com que o segurava - Quer saber? Acho que você já está bem crescidinho, não é mesmo? Talvez você seja bom demais pro nosso Bairro. - disse Carlos com nítida decepção em sua voz - Por que você não encontra um lugar que esteja a sua altura? - E dizendo isso, Carlos deu as costas para todos e seguiu em direção ao estacionamento.

-Carlos, meu Deus, não... - lamentou Lúcia, que ficou estática, também sem reação, com as mãos caídas ao lado de seu corpo, ficou olhando Carlos se afastar sem saber a quem acudir.

-Fabrício, meu filho, ele não quis dizer isso. - disse ela escolhendo quem ficou com o maior prejuízo. Suas palavras vinham acompanhadas de um balançar de cabeça e um olhar de dor e sofrimento.

-Quis sim - disse Fabrício, sentindo uma paz estranha agora que a discussão acabou. - Mas está tudo bem, tia. Eu vou ficar bem. Eu vou conseguir.

-Fabrício...

-Não, não precisa chorar, tia - disse ele também fazendo um esforço tremendo para não chorar, se por raiva ou dor, não interessava. - Eu sempre me virei sozinho. Eu vou me virar de novo.

Lúcia o abraçou com ambas as mãos sem conter as lágrimas, que agora vinham fortes.

-Eu vou falar com ele - disse Lúcia enquanto sua mão o afagava pelas costas. - Ele só ficou assustado. Ele só tem muito medo de perder todos vocês.

-De um jeito ou de outro, ele perdeu, não é?

Para essa conclusão Lúcia não teve resposta. Seu abraço se desfez, sua mão acariciou o rosto de Fabrício de maneira terna, mas já ficando sem palavras para consolar e explicar o que tinha acontecido.

-Você vai se encontrar com o Júnio né?

-Sim.

-Volta depois pra dormir - propôs ela, tentando dialogar e encontrar uma solução para o conflito que se instalara. - Amanhã pela manhã, com a cabeça fresca, tudo estará resolvido.

-Não sei não, tia, eu...

-Por favor, por mim e por eles - disse ela apontando para as crianças e apelando para o sentimento de amor de Fabrício por elas.

Todas estavam assustadas e apreensivas tentando entender tudo o que acontecera. Nenhuma delas esboçava falar ou fazer alguma coisa, apenas assistiam a tudo incrédulos, tentando entender como ficaria suas vidas sem a relação que conheciam e estavam habituados.

-Vou pensar - disse ele para acalmar Lúcia, mas seu coração sabia da resposta. O que fazer da vida, que rumo tomar, eram questionamentos que o estavam assolando a algum tempo. A vida de pescador era pequena para ele, e ele podia mais, tinha mais potencial e sabia disso, porém faltava alguma coisa para ele realmente tomar atitude e mudar. A vida é como dizem “ou você encontra motivação, ou a motivação te encontra”. E a motivação para a mudança o encontrou ali, de forma traumática e quebrando os laços que o prendiam aquele Bairro e vida tranquila, de uma vez, assim como se faz com um curativo que se tira de uma vez para doer de uma vez.

-Vamos voltar crianças - chamou Lúcia.

-O Fabrício vai também? - Perguntou Lucinho, enquanto a maioria não sabia o que dizer.

-Eu vou me encontrar com o Júnio - despistou Fabrício.

-Você vai voltar? - Perguntou Larissa desconfiada.

-Eu quero ficar com você - disse Rafito, se aproximando para o lado de Fabrício, temendo que se se perdessem de vista, talvez fosse a última vez que se encontrariam.

-Ah para, desgruda de mim também - disse Fabrício usando um tom exagerado para quebrar o clima de despedida que ele não estava disposto a encarar. - Daqui a pouco a gente se vê.

E com essa frase, sem saber o tom de verdade contido nela, Fabrício os viu partir de mãos dadas com Lúcia, que foi a única que não havia virado para dar uma olhada para trás e ver como ele estava. Disfarçando. Isso seria o que ela veria. Mas ele gostaria que ela tivesse se importado mais, demonstrado mais importância para o que acontecera ali. Mas ele aceitou seu destino como sempre. Novamente o abandono, a solidão. Mais uma vez por conta própria. Pelo menos dessa vez ele sabia se cuidar, não era mais um indefeso e perdido como das outras vezes.

-Gente, o que foi tudo isso? – Fabrício ouviu a voz de Juliana ao seu lado, o fazendo se sobressaltar com a surpresa. – Qual a necessidade?

-É, pra você ver...

-Você não precisava gritar com ele desse jeito! – Afirmou ela, declarando o veredicto de quem testemunhou os autos de acusação e defesa.

-Como é que é? – Fabrício perguntou pasmo com o que ouvia, como se já não bastasse tudo o que tinha passado, vinha mais essa pra lhe importunar.

-Você desrespeitou ele respondendo desse jeito.

Sentenciou ela mais uma vez, indignando ainda mais ele.

-Ah menina vai toma no seu cú...

Proferiu ele um palavrão a quem ele jamais imaginou dizer uma coisa dessas. A expressão de surpresa com a agressão que sofrera, evidenciava que ela também jamais imaginou ouvir aquilo de Fabrício.

-Qual é Fabrício? Não fala assim com ela não.

Disse a voz incerta do Guilherme, sem firmeza na atitude que adotou, quase em tom de desculpa. Mas agora se fazia presente com a intenção de defender a “honra” de sua namorada.

-Vai se fuder você também – proferiu Fabrício com um gesto com a mão para o alto, agora seu rosto fervia de raiva. Mais raiva até do que passara na discussão anterior. – Quer saber de uma coisa, vai todo mundo pra casa do caralho, eu não preciso de ninguém não. Já tô de saco cheio dessa merda já. Menina escrota. E você tá olhando o quê? Não gostou? Vê o que você pode fazer!

Fabrício permitiu que sua raiva explodisse, e ainda mais agora desferiu o máximo de insulto que podia. Em sua cabeça já não tinha mais volta e ele não tinha mais nada a perder. Agora todo o estrago tinha terminado de ser feito. Nem Carlos, nem Lúcia e nem Juliana. Nada mais naquele Bairro importava pra ele. As crianças? Bom, elas estariam melhores sem ele, conforme Carlos havia dito, então não havia do que se ressentir.

Guilherme não fez nada, só abraçou Juliana de maneira protetora, como se o Fabrício fosse tentar uma investida física contra ela. Juliana abandonou o rosto de surpresa por um de dor e agora viraram de costas e cobria o rosto com as mãos, porém o soluço que impulsionava o seu corpo, condenava como os insultos a machucaram e forçaram suas lágrimas.

Os vários rostos, que observavam todo o conflito, condenavam Fabrício. Parece que seu comportamento explosivo por mais uma vez o concedeu o título de errado na história.

Fabrício queria briga, queria descontar a sua raiva no rosto de alguém, e Guilherme era o candidato perfeito. Aproveitador, puxa saco, fura zóio (termo que eles usavam para identificar uma pessoa que dava em cima de uma menina que um colega estava a fim e/ou enrolado).

Guilherme não deu atenção a ele. Por medo de enfrentá-lo ou para demonstrar proteção a Juliana. Mas de qualquer forma, o não revide, o fez perceber o estado que ela estava permitindo prestar atenção ao seu entorno e ver o impacto que causou e em como as pessoas estavam

assustadas. A expectativa de um espetáculo de luta de graça. Alguns incitavam, geralmente bêbados “Protege a sua menina, não deixa ele falar assim não”, “vai lá rapaz, dá na cara dessa mimada”.

Fabrizio tomou consciência de si, se acalmou o suficiente para se conter antes de continuar para a agressão, mas não o suficiente para se desculpar. A merda já tinha sido feita, e o que fora proferido não poderia ser desdito, até porque ele não se arrependia.

Afrouxou as mãos, que estavam cerradas em punho pronto para o combate. Manteve a expressão de raiva, para dar um sinal de que não deviam se aproximar dele. Deu as costas e seguiu sem direção, aos sons de vaias e gritos que o incitavam a voltar e continuar a briga.

Ele não olhou para trás, talvez valesse a pena parar e brigar com os que estavam mexendo com ele, pelo menos assim descontava sua raiva em alguém. Porém racionalizou que se assim seguisse, esse fluxo de raiva e brigas nunca teria fim.

Continuou a tomar rumo nenhum, qual ele fosse, mas que não fosse ali.

Estava se aproximando de alguns curiosos parados observando, e havia um em específico que o estava chamando a atenção mais do que os outros, parecia familiar... E era. Lucas, irmão da Júlia.

-Fabrizio, pra que isso cara? – Perguntou ele com os braços abertos e as palmas das mãos voltadas a ele em tom questionador.

-Mano, agora não, na moral – assim ele encerrou a conversa, com a cabeça abaixada em movimento de negação, sinalizando culpa e vergonha, sem realizar contato visual, esbarrando bruscamente no rapaz que não esperava essa outra atitude.

Capítulo 39

Assim ele seguiu pelas ruas do centro da Cidade. Andando meio desorientado, sem rumo definido, mas com uma certa rapidez. Independente de para onde fosse, o importante era se afastar dali. Só longe.

Ele não notava ninguém por quem passava, sua vista estava enevoada, e não focalizada em nada. Ele havia parado de se notar, de prestar atenção em si mesmo, só possuía uma névoa em sua mente que confundia seus pensamentos em um turbilhão de imagens e lembranças.

Sempre foi bom em prever as consequências, mas agora tudo parecia nebuloso. Apenas dúvidas de como seria sua vida dali pra frente: O que iria fazer? Suas coisas, como pegaria? Vale a pena voltar lá pra pegar? Onde ele dormiria essa noite? E as crianças, se ele nunca mais as visse? Júnio viria com ele? Com certeza, ele sempre fez planos com Fabrício fora do Bairro, e que por diversas vezes deixou claro que só continuava lá por causa dele. E por fim, como o Bairro iria se virar sem ele?

Sério que ele estava preocupado com o Bairro depois da forma como foi tratado? Infelizmente não temos controle sobre esse tipo de coisa, e nosso coração se guia por caminhos que não escolhemos. E ele amava a todos do Bairro como sua família, e realmente o eram, e o fato dele se separar faz parte do crescimento, e era algo que estava para

acontecer, ele que estava postergando essa decisão, por motivos que nem ele entendia. Mas de fato estava doendo e a forma como aconteceu não ajudou nem um pouco na decisão de seguir seu caminho. E contudo, ele sabia de sua importância no ensino das crianças e no suporte da manutenção do Bairro, pescando e mantendo o Bairro sempre funcionando.

Ele andou nem sabe por quanto tempo, mas a noite já estava alta e o frio da maresia tratou de mudar o ambiente. Sua mente reconheceu e alertou que estava próximo do ponto de encontro com Júnio, fazendo seu coração apertar novamente. Qualquer que fossem suas intenções, ele não tinha a mínima vontade de agir. Só queria encontrar um canto pra deitar, dormir e quem sabe ao acordar tomar decisões de maneira mais clara e objetiva. Mas hoje, nenhuma ideia boa poderia ser tomada, nenhuma decisão acertada parecia ser fácil e certa de ser tomada.

Ele começou a diminuir os passos e o ritmo da caminhada. Simplesmente não queria chegar. Para seu cérebro tudo o que acontecera só seria definitivamente realidade ao encontrar com Júnio, explicar tudo o que aconteceu, e enfrentar a nova realidade. Mas por mais devagar que estivesse, ele não estava parado e chegou ao seu local combinado de encontro, mas Júnio ainda não estava lá.

Sentou no chão escorado na parede do estabelecimento, que se tratava de um bar que vendia de tudo, bebida, refeição, lanches, mas que à noite era frequentado pelos estivadores que estavam em busca de bebidas para entorpecer a desilusão da vida e as dores e cansaço do trabalho.

Rostos cansados, corpos judiados e maltratados. A maioria bebia cada um no seu canto, alguns poucos conversavam em dupla.

Sede, fome, vontade, são coisas que você aprende a esquecer e ignorar, mas hoje ele não queria ignorar. Queria satisfazer um luxo, ou apenas afagar a alma, assim como todos ali. Decidiu se levantar e ir até o bar e pedir uma dose. Nunca bebera antes (bom, pelo menos não de verdade) mas agora não tinha a quem dar satisfação ou servir de “exemplo”.

-Opa – ele assimilou, observando os demais, que essa era a saudação adequada de quem se dirigia a quem estava na parte interna do balcão.

-Opa – retornou um senhor de bigode, apoiado na pia atrás dele, com uma perna sobre a outra e os braços cruzados. Ele tinha uma barriga bem pronunciada, uma camisa encardida listrada na horizontal de cor branca e azul, um olhar cansado e interrogativo e uma voz entediada.

-Eu vou querer um trago – disse Fabrício de maneira despretensiosa, tentando demonstrar maturidade e cansaço na voz assim como todos, para evitar perguntas sobre sua idade e permissão para beber.

Mas não houve questionamento.

Não era a primeira vez que bebia. Já teve outras experiências antes, mas geralmente era misturado com alguma coisa pra ajudar a descer mais fácil, mas puro assim, sua experiência não era lá muito boa.

O atendente apenas se virou, pegou um copo pequeno no balcão, passou um pano encardido na borda do copo, e o retornou a seu ombro. O copo foi colocado com um baque grosseiro sobre o balcão à frente de Fabrício (Não, ele não estava com raiva, era apenas o jeito que estava acostumado a fazer). Pegou uma garrafa de rolha com um líquido amarelado que estava em uma das prateleiras, arrancou a rolha com os dentes e despejou o líquido no copo de maneira displicente, dois dedos, fazendo jorrar um pouco do líquido no balcão. O cheiro de álcool e ácido penetrou nas narinas de Fabrício, no mesmo instante seu corpo começou a se manifestar, arrepiando inteiro, projetando a rejeição ao gole que estava por vir.

Toda essa encenação havia chamado a atenção de alguns clientes que só tinham seu próprio copo à frente para os entreter.

Fabrício teve consciência de seus espectadores e não quis parecer uma criança. Sabia que não dava para voltar atrás e que teria que passar por cima de seu nojo.

Pegou o copo. O líquido que estava por fora do copo umedeceu e melou os seus dedos. O cheiro preencheu suas narinas quando aproximou o copo de seus lábios. Refugou um pouco, abaixou o copo, o suficiente para prender a respiração e de um movimento brusco levou o copo aos lábios e deu o primeiro gole.

Isso pareceu ter satisfeito os espectadores que voltaram aos seus copos e seus desejos de descanso, relaxamento e inebriação.

Mas talvez deversem ter aguardado um pouco mais, pois ele não havia engolido. Manteve o líquido na boca, sentindo o gosto amargo e seco. Quando não podia mais esconder o líquido na boca, permitiu que um pouco descesse por sua garganta. O que veio depois, teve um ótimo benefício, porque pela primeira vez desde seu desentendimento, ele deixou de pensar no que tinha acontecido e no que ia acontecer, e estava focado no agora, que era o seu corpo que queimava por dentro assim que descia por sua garganta e chegava ao seu estômago.

Seu corpo pareceu não gostar nada e ameaçou enviar tudo de volta no mesmo instante. Ele conseguiu segurar o retorno de tudo que tinha comido no dia, mas não pôde disfarçar uma tosse acompanhada de uma curvatura de seu dorso e um semi engasgo vexatório e expositivo.

A tosse atraiu mais olhares, Fabrício tentou disfarçar o melhor que pôde, levando a mão à boca e mudando o semblante para tentar despreocupar a todos, que pouco se importaram se ele estava engasgado, morrendo ou somente sofrendo o impacto de seu primeiro trago de aguardente.

Sua vergonha só não foi maior do que o baque de ver que o gole que quase acabou com sua postura, ainda deixou um gole tão quanto considerável no copo quanto o que o envergonhou na frente dos outros. Por uma questão de honra e orgulho teria que terminar esse líquido que parecia querer matá-lo queimando seus órgãos por dentro.

“Putá ideia bosta que eu tive”.

Lamentou para si mesmo.

-Não vai tomar o resto não? - Perguntou o dono do bar um pouco sarcástico, que agora parecia estar se divertindo um pouco, já acostumado com esse tipo de situação, em que jovens aparecem querendo dar o passo para o amadurecimento por meio do álcool.

-Vou sim. Só estou apreciando - foi a melhor coisa que lhe veio à cabeça, ao notar que a maioria tomava em pequenos goles.

-É melhor quando vai de uma vez. Melhor do que ficar sofrendo de pouquinho em pouquinho. Assim não tem próximo pro seu corpo rejeitar.

Disse o dono do bar com sua sabedoria, arrancando somente um risinho desconcertado de Fabrício, sem aceitar que havia sido descoberto em uma mentira. Voltou seu olhar para o líquido amarelado a sua frente, e seu corpo estremeceu e arrepiou, enquanto seus órgãos internos reviraram. Era seu corpo manifestando rejeição às suas intenções de continuar sorvendo aquele líquido. Para os olhos poderia facilmente enganar e servir como objeto de desejo com a promessa de curar a sede, mas ao mesmo tempo ser rejeitado pelo corpo e sua promessa de devolver tudo junto ao seu próximo gole.

Fabrício dava profundas respirações como forma de acalmar seu estômago para que ele não virasse do avesso. Por três vezes ensaiou tomar coragem e beber, porém o corpo parecia prever sua intenção e o ameaçava com mal estar e ânsia. Disfarçava olhando o movimento do lado de fora, fingia estar envolvido em pensamentos internos, o que de fato não era mentira. Sua mente o dominava a todo instante.

Será que era só um moleque mesmo conforme “seu” Carlos dissera?

“Não! E vou provar”.

1, 2, 3... Prende a respiração. Leva o copo à boca. Deixa o líquido entrar. Não deixa ficar na boca, desliza de uma vez pela garganta. Quanto menos sentir o gosto melhor. Deixa queimar lá dentro. Está apertando algo muito forte, ainda é o copo. Devolveu o copo antes que seus espasmos o quebrem. Fecha os olhos. Segura o fogo que volta. Inspira forte pra sossegar o estômago. Segura as lágrimas (essa é nova). Arrepiam o corpo, quando tudo que ia sair se acalma e volta pro seu lugar. Solta o ar que queima o céu da boca. Passou.

Mais ou menos. Agora está zozinho, seu cérebro parece estar dando piruetas na cabeça. Mas o mal-estar do primeiro gole não se repetiu. Menos mal.

“Que merda que eu fiz?”

Ele sai pra rua pra tomar um ar e olhar para longe, quem sabe pro céu, aquele ambiente e suas luzes amarelas não estavam contribuindo para passar a tontura.

Até que era gostoso.

Experimentava um relaxamento do corpo e da mente. A ponta de seus dedos estava formigando.

Olhou para o céu, levou as mãos ao rosto que pareciam estar amortecidos. É! Até que a sensação era boa. Ele poderia se acostumar se não fosse todo esse mal-estar de quase morte toda vez que tivesse de tomar.

Sua boca estava cheia de saliva. Ele se curvou sobre os joelhos e cuspiu. Um cuspe grosso que não queria sair de sua boca e ficou pendurado. Ele tentou cuspir, mas não tinha saliva suficiente. Usou os dedos para separar a gosma da língua. Estava tão entretido com o desafio que estava tendo em uma tarefa tão simples, que não entendeu como seu corpo estava rolando sobre o chão e agora sobre os seus olhos, não era mais o chão, mas o céu noturno e estrelado. Parado com o corpo, mas o cérebro sentia que o mundo estava dando voltas.

“Como isso aconteceu?”

“Ah, o empurrão!”

Capítulo 40

Imediatamente voltou ao seu cérebro a sensação de um esbarrão em seu corpo enquanto estava inclinado, que o fez ser arremessado em direção ao solo. Seu corpo cedeu, e ele caiu de joelhos no chão, sem resistência.

Caraca, como ele se permitiu ficar vulnerável desse jeito. Estava confuso sobre qual ação tomar, já que não vira a pessoa e tão pouco recebera um pedido de desculpas. Mas uma ajuda se apresentou para auxiliá-lo a se levantar. Duas mãos o pegaram pelo braço direito e o içaram, meio mole e sem força nos demais membros. Por ele, não haveria problemas ficar ali no chão pelo tempo que fosse necessário.

-Bora - disse a voz com muita urgência, firmeza e nenhum pouco de culpa, que Fabrício reconheceu partir de Júnio.

-Seu filho da puta. Você me derrubou - reclamou ele que tentava se livrar das mãos de Júnio e percebia uma queimação no joelho que provavelmente havia ralado quando foi ao encontro do chão.

Fabrício percebeu que chamaram a atenção de quem estava no bar e um dos clientes estava em pé na porta com um copo na mão. Para assistir ou ajudar? Fabrício não se importou. Olhou seu amigo com mágoa, mas algo na face de Júnio chamou sua atenção. Havia não preocupação ou pressa, mas medo, que ele não estava acostumado a ver

no rosto do amigo. Essa percepção fez ele ficar alerta de que algo estava acontecendo.

-Velho, o que que tá pegando? O que foi tudo isso? Pra quê toda essa pressa? - Perguntou Fabrício, que já havia se esquecido de todo o mal estar e parecia novo em folha só que mais leve.

-Nada - despistou Júnio que não soou convincente ao tentar tranquilizá-lo. - Só precisamos sair daqui. No caminho eu te explico.

-Isso tem a ver com o que você queria que eu te ajudasse? Você fez merda? - A mente de Fabrício lutava para ficar atento e trabalhar para entender o que estava acontecendo que ainda não foi dito.

-Cara, só vamos embora. A gente tem que voltar pro Bairro.

-Não, não temos. Eu briguei com o “seu” Carlos. Ele pediu pra eu não voltar mais lá.

-Que papo é esse? Você brigou com o “seu” Carlos? - Perguntou ele incrédulo com tal hipótese. - Agora fudeu de vez...

-É isso aí - confirmou Fabrício o mais sério que pôde.

-Como assim? Não é possível.

-É isso...

-Cara, não importa - Júnio interrompeu sua tentativa de explicar os acontecimentos que com certeza não seriam fáceis e rápidos de se

explicar. - Nós temos que passar lá. Eu tenho que pegar um negócio. Depois a gente precisa sumir, com ou sem eles. Se for sem é até melhor.

Como assim sumir? Ele mal se importou com o que aconteceu, o Bairro era a casa deles por boa parte de suas vidas. O que de tão grave aconteceu? Será que a onda de azar e merda em sua vida não acabava nunca?

-Júnio! Que merda que você se meteu? Que merda você fez? - Fabrício perguntou demonstrando toda a indignação e urgência possível.

-Cara, por favor, só vamos. Depois eu explico tudo, eu prometo.

Fabrício ficou estagnado sem reação e sem palavras, com um olhar incrédulo para Júnio. Que tipo de pedido era esse? Lógico que ele confiava nele, mas ele lhe devia uma justificativa. Era o mínimo de explicação que se deve a alguém a quem se pede algo assim com tal urgência.

Júnio percebeu que Fabrício se negava a reagir, então decidiu ele a agir pelos dois. Virou as costas e começou a correr em sentido aos estacionamentos. Fabrício ficou ainda mais indignado e surpreso.

-Caralho...

Fabrício olhou para trás para ver se vinha alguém que pudesse ter motivado essa atitude repentina. Mas não vinha ninguém, a não ser os mesmos caminantes errantes de sempre, ninguém que se demonstrava sequer importar com a existência deles. Ficou olhando esperando que ele

parasse, mas muito pelo contrário, Júnio continuou até se perder por entre as ruas.

“Foda-se”.

Desistiu de encontrar lógica e seguiu seu amigo, antes que fosse tarde demais a ponto de não conseguir seguir o seu rastro.

Fabrício correu o mais rápido que podia para alcançar Júnio. Seus reflexos não pareciam normais, havia um descompasso entre o que via, a decisão que tomava e como o corpo reagia. Isso afetava o corpo a gerar respostas a tempo de evitar colisões ao se locomover pelas ruas estreitas e cheias de lixo abandonado.

O som de seus pés em contato com o chão de plástico, ecoava seco no seu cérebro lá no fundo.

Ele sabia que não estava tudo conforme o esperado, mas se esforçava para se manter concentrado e atento ao percurso, e não perder Júnio totalmente de vista. Ele conseguia vislumbrar seu corpo dobrando as esquinas e aos poucos ia tentando tirar a distância.

Ele se perguntava o que de tão urgente estava motivando Júnio a correr tanto. Pra que tanta pressa em conseguir chegar ao Bairro? O que havia lá de tão importante? De quem ele estava correndo? Será que o que quer que estivesse no Bairro era o objeto de desejo quem estava o perseguindo?

Ele não ia entrar no Bairro! Isso era fato.

“Júnio virou ali? Mas o estacionamento é pro outro lado”

Fabício correu e ao seguir pelo mesmo caminho que Júnio, ao dobrar a esquina se deparou com alguma coisa curvada encostada na parede, que ele teve que saltar muito em cima para evitar colisão, mas ao aterrissar não pode evitar torcer o pé e rolar pelo chão.

Capítulo 41

Ainda no chão, seu cérebro rodava e ele tentava contabilizar se a queda havia deixado prejuízos. Antes que estes questionamentos fizessem sentido, o que quer que ele saltou sobre, agora estava o ajudando a levantar.

-Será que dá pra você dar menos bandeira? - Júnio chamava a atenção dele, mas por algum motivo falando baixo, que era difícil aos seus ouvidos captarem o que havia sido dito.

-Cara, o que está pegando? - Respondeu ele um pouco mais alto que seu amigo, que o fez olhar preocupado em volta, com urgência e preocupação.

-Me fala agora, seja o que for, ou eu não posso te ajudar.

Júnio o soltou, virou as costas e olhou para longe. Por nenhum motivo, não havia nada para ser visto ao horizonte a não ser os Bairros estacionados com seus tripulantes dormindo.

-Você pode confiar em mim, mas se você não acreditar eu não tenho mais nada a fazer.

A única resposta que ele obteve foi o silêncio.

“Putá falta de consideração. Beleza. Valeu, obrigado por você jogar a nossa amizade no lixo”.

Fabrício, cansado de se sentir repetitivo com as próprias emoções, se sentindo mais uma vez abandonado e derrotado, desistiu de insistir e decidiu ir embora, parar quem sabe no bar novamente. Foda-se.

-Eu fiz merda.

disse Júnio quando Fabrício se afastava quase o suficiente para não ouvi-lo mais. Fabrício estancou aliviado. Não havia perdido o amigo, mas ao virar escondeu seu meio sorriso e adotou a feição mais séria que pôde. O momento exigia seriedade pelo tom que o ouvira.

-Ok, então qual foi a merda?

Júnio fez uma pausa longa demais para desespero de Fabrício que achou que ele não iria dizer nada.

-Eu me envolvi num bagulho que é tarde demais pra sair. Já era, não tem mais volta.

-Você matou alguém?

-Que isso cara? Tá maluco? Você realmente acha que eu faria isso? - Espantou-se Júnio com a suposição do amigo.

-Ué, conforme dizem, “a única coisa que não tem jeito de concertar na vida, é a morte”... - ao dizer essa frase sua voz enroscou na garganta e ele teve dificuldade em continuar a frase aonde quer que ela fosse. A frase que ele usou omitiu quem costumava dizer, que no caso era seu Carlos. Júnio sabia disso, e omitir quem dizia não fazia o menor sentido.

-Tem uma coisa que eu não te contei, sobre o dia que eu voltei da pesca – Júnio começou a confidenciar com nítida vergonha em sua voz.

-O que foi? Você achou um ouro ou terra? – Disse Fabrício em tom sarcástico, evidenciando a sua forma de fazer graça em momentos estressantes que ele não sabia reagir adequadamente.

-Não, não foi bem terra... – respondeu Júnio em tom misterioso.

-Ah, mas você achou algo?

-Sim...

-Bom, pelo menos eu acertei em partes – disse Fabrício em um tom vitorioso desnecessário para o momento. – Então me diga, o que foi essa coisa que você achou e agora te pôs em apuros?

-Sabe aqueles contos que a gente ouve de que de repente tem uma pessoa no mar e encontra um frasco de vidro com um mapa dentro que o leva para uma aventura cujo destino é encontrar terra firme? – Resgatou Júnio as histórias que se contam para as crianças à noite como forma de alimentar suas esperanças por dias melhores e para continuarem suas buscas inúteis.

-Não vai me dizer que você achou um mapa? – Desacreditou Fabrício, mas esperançoso pois finalmente estava ouvindo de alguém em quem confiava.

-Não, não achei um mapa.

-Ah – desapontou-se Fabrício – E?

-É uma foto!

-Do quê?

-De pessoas!

-Que pessoas?

-Não faço ideia!

-Cara, você vai me falar a história completa, ou eu vou ter que adivinhar tudo? – Irritou-se Fabrício com o caminhar da conversa.

-É difícil explicar – Júnio tentou raciocinar e se explicar – Eu não sei dizer direito, mas acho que era bem antiga. Mas era um povo estranho. Eles estavam vestindo muita roupa.

-Ok, estava frio, e daí?

-Mas era muita roupa mesmo, parecia que estava muito frio. Só dava pra ver a parte da frente do rosto deles.

-Caralho, mas então estava muito frio mesmo! – Exclamou Fabrício indignado com essa possibilidade, já que até mesmo o frio que experimentavam no mar ainda sim podiam sentir uma brisa reconfortante e acalorada, sendo exigido um mínimo de roupa.

-Sim, e o mais estranho é sobre o que estavam...

-Como assim? Não vai me dizer que sobre Terra? – Perguntou Fabrício com os olhos arregalados.

-Não – respondeu Júnio acabando com as esperanças de seu amigo. – Mas com certeza não era sobre um Bairro ou Cidade.

-Algo maior?

-Tão longo que não era capaz de ver o seu fim ao horizonte.

-Eita porra! – Exclamou Fabrício indignado. – Mas isto não quer dizer muita coisa, poderia ser uma montagem, tipo recorte de filme...

Fabrício ponderou, na tentativa de trazer lucidez para a discussão. Mais para si do que para tudo. Acreditar que Júnio tivesse encontrado uma fonte que promettesse um lugar com chão firme, sem os perigos abaixo dos pés, era um sonho. Mas só isso. Sonho ou inocência.

-Eu sei que parece idiotice e infantil - falou Júnio parecendo escutar a conversa na mente de Fabrício. - E foi por isso que eu não quis dizer nada.

-Ah tá! Então você escolheu não me contar, mas contou pra um monte de estranhos que agora estão querendo pegar essa foto? - Questionou Fabrício sobre a falta de lealdade e confiança do amigo.

-Cara, você acreditaria?

-Ia pô.

-Ia nada - desacreditou Júnio - Você ia dar risada, tirar com a minha cara e fazer eu desistir e descartar a foto.

-E você acha que eu estaria errado?

-Sim. Olha o que isso causou. Você acha que se não fosse alguma coisa com potencial, causaria tanto barulho?

-E de novo, você acha que eu estaria errado? - Replicou Fabrício. - Eu não entendi tudo, mas pelo jeito que você está falando, você mandou uma galera zuada pro Bairro, onde tem uma porrada de criança e um pessoal do mais bondoso coração que a gente já conheceu.

-Que acabaram de te jogar na rua.

Capítulo 42

Júnior até tentou ponderar, mas recebeu em resposta um olhar fulminante e condenatório.

- Eu tô ligado... Eles não merecem nada disso.

Fabício ficou esperando Júnio continuar sua justificativa, e trazer uma solução para todo o problema, mas a única coisa que recebeu em troca foi silêncio e um olhar de desespero que pedia ajuda. Como se colocasse uma máscara, suas feições mudaram para uma versão séria, de olhar perdido ao horizonte, de quem nada vê à frente.

-Então, basicamente a gente tem que pegar esse rolê antes deles?

Disse ele transparecendo impaciência por ter que tomar as rédeas e resolver tudo novamente, porém, sentindo uma satisfação interna de ser útil novamente.

-Esse seria o caminho mais fácil - respondeu ele agora com mais energia, já que seu amigo estava tomando as rédeas e não mais o julgando. - O quanto antes, se não fudeu - Tentou não soar apressado.

-Beleza, existe alguma chance de eles não terem ido pra lá ainda? Afinal de contas, eles sabem quem é você? Você falou de onde era?

-Não foi preciso eu me apresentar...

-Sério? Quem é então?

-É o Matheus - confessou Júnio com quem estava metido, justificando para Fabrício o porquê de estar tão assustado. - Mas eles estão ligados que é um Bairro de pesca e treinamento, cheio de criança - Tentou minimizar a cagada que havia feito perante a cara de incredulidade que Fabrício fez ao ser notificado de com quem ele havia se metido.

-E isso alguma vez foi impedimento pra alguma coisa? Preciso te lembrar de algumas histórias que a gente já passou e o porquê a gente se afastou? - Fabrício inconformado cutucava lembranças do Júnio, de um tempo que os dois andaram por caminhos tortos com companhias nada saudáveis.

-Você tem razão – respondeu Júnio perdendo um pouco das esperanças. - Eu posso ir e dar uma de louco. Digo que não me encontrei com você ou que fui lá só pra pegar nossas coisas, pego tudo o que tem pra pegar e meto o pé de lá, antes que alguém apareça. Depois a gente some no Mundo. O que acha?

-Acho uma bosta. Mas também não consigo pensar em muita coisa. Enquanto isso eu vou pensar em uma forma de tirar a gente daqui e rápido.

-Beleza. Então acho que é isso. Me deseje sorte.

-Sorte? Sorte você vai precisar se eu descobrir que o pessoal do Bairro foi prejudicado por uma coisa que não tem valor.

-Confia no pai.

-Confia no pai? Sério? - Fabrício ainda estava inconformado com o que estava causando tudo aquilo. - Se era uma foto que você queria pra manter a sua esperança de ser alguém na vida, eu tinha te comprado uma no Centro da Cidade. Tinha um monte de gente vendendo lá.

-Cara. Tá. Vamos lá. Sem guardar mais nada - agora Júnio tinha a atenção de Fabrício. - A verdade é que a foto quando achei estava dividida. Uma parte estavam essas pessoas em cima de algo que não era Bairro ou Cidade. Na outra, que era uma parte rasgada dela, tem a imagem do Navio Quark. Lembra das histórias deste Navio?

Sim. O Navio, superequipado e preparado, que quando eram crianças partiu com a promessa de dar uma volta ao Globo e trazer notícias de áreas impossíveis de serem exploradas devido a agressividade do Mar em alguns pontos. Que desde então, ninguém mais ouviu falar de sua existência.

-Tá, e cadê a foto?

Fabrício se lembrou de que até agora estava fazendo tudo baseado na confiança da palavra de seu amigo.

-Não está comigo - disse ele demonstrando vergonha. - Eles tomaram de mim, quando eu saí.

-Cara, na boa. Explica esse negócio direito.

-Eu fui até o Matheus e mostrei pra ele. Falei que a gente podia explorar juntos, ou eu venderia pra ele por um preço justo. Só que ele disse que não interessava, que esse Navio estava perdido e que não tinha

nenhum potencial ali, que era tudo lixo, assim que nem você fez. Só que quando eu fui embora, eu fui assaltado. Eu estava andando e me acertaram na cabeça (nesse ponto ele mostrou um galo no topo de sua cabeça), eu fiquei muito atordoado e não consegui reagir e nem ver quem era. E a única coisa que levaram do meu bolso foi a foto. Mas não tem problema, porque o que realmente importa é que está nas minhas coisas. Por isso eu preciso ir lá pegar.

Depois de ouvir tudo, até ele começou a querer acreditar que fosse verdade. Porém isso não diminuía o fato de que o foco tinha que ser afastar o perigo do Bairro, fosse ele verdadeiro ou não.

-Você está se garantindo. Tô contigo. Bora.

Demonstrou confiança em seu amigo, Júnio esboçou um sorriso de satisfação.

-Não que eu acredite em você, é que eu não tenho coisa melhor pra fazer e nem pra onde ir.

Brincou ele sarcasticamente. Depois trocaram um aperto de mãos seguido de um abraço, os dois seguiram lado a lado sem trocar mais nenhuma palavra, pelas primeiras ruas da Cidade que levavam ao Estacionamento dos Bairros. Tudo muito quieto e silencioso, apenas o som do Mar batendo nas beiradas da Cidade e dos Bairros ao embalá-los sobre o ritmo da maré.

Fabrizio deu um cutucão com o cotovelo em Júnio e fez um sinal com a cabeça de que ali se separariam.

Capítulo 43

Júnior seguiu pela calçada que levava pelas ruas onde os Bairros estavam estacionados. A essas horas quase não se via mais ninguém acordado na área do Estacionamento. Quem estava acordado estava procurando entretenimento na Cidade. Vez ou outra se cruzava com alguém retornando para seu devido Bairro, ou uma ou outra conversa de um grupo que ainda não foi dormir.

Fabrício agachou atrás de uns tambores que serviam de lixeira na esquina da rua principal e ficou observando Júnio tomar a calçada à esquerda e seguir até quase sumir de vista por entre os Bairros, que seria para ele o sinal para fazer a sua busca por um canal de fuga. Ele viu Júnio passar por um rapaz em sentido contrário, e sem nenhum sinal de reconhecimento ambos seguiram seus caminhos. Porém, quando o rapaz estava chegando na esquina da calçada com a rua principal, Fabrício o viu dar uma corridinha, o que lhe chamou a atenção. Esse rapaz ao chegar na esquina, dobrou levemente a direita ficando de frente para ele, acelerou o passo e acenou na direção de Júnio transparecendo uma certa urgência, e que havia encontrado algo. Seu corpo inteiro gelou e arrepiou. Seria com ele? Não podia ser, ele estava bem escondido.

-Vamos lá. Acharam ali.

Fabrício ouviu vozes, um pouco mais altas que um sussurro atrás de si, fazendo seu coração gelar e sua respiração paralisar. Dois outros

rapazes saiam da beirada da Cidade com o Mar, uns dez metros atrás dele. Provavelmente não estavam ali há muito tempo, se não tivessem visto e ouvido ele e Júnio conversando minutos antes, deviam ter vindo por baixo da água ou pela beirada desde lá detrás. Olhando de relance, um dos rapazes lhe parecia familiar, não deu tempo de constatar de onde, mas dado o histórico de toda a história, só podia de ser um lugar, o que significava que também poderia ser reconhecido se o vissem, e pra piorar ele estava no caminho que eles estavam seguindo. Sua cabeça começou a pensar rápido nas possibilidades de reação, do que fazer: pular na água, tentar se esconder ou meter o louco?

A aproximação dos rapazes foi mais rápida do que gostaria, a saída que optou como menos arriscada foi a de se jogar no chão e tentar passar despercebido, já que se tentasse ir para a água, poderia fazer barulho e chamar a atenção. Ele rapidamente se jogou ao chão com a cabeça voltada para baixo e puxou o capuz de sua camisa sobre a cabeça e encolheu o máximo que pode. Mas de fato, ele não estava tão bem escondido atrás daqueles latões, na verdade, estava bem exposto e visível, e foi notado assim que ele entrou na rota dos rapazes que avançavam.

-Tem alguém ali.

-E daí? Deve ser algum bêbado, deixa pra lá, vamos embora.

-Vai lá ver - depois de um momento de silêncio, ele complementou se justificando. - A gente não pode deixar rastros.

Fabício reconheceu a voz autoritária como sendo de seu antigo colega de Bairro, Matheus, e sentiu um alívio ao perceber que não seria ele quem se aproximaria.

-Oh, ei você?

Fabício sentiu ser cutucado nas costas, assim que a pergunta chegou aos seus ouvidos.

-Hummmm – resmungou Fabício em resposta.

-Ei, o que você está fazendo aqui? Qual o seu nome?

-Saiaiiii – disse ele disfarçando uma voz sonolenta, resistindo a mão que o puxava para virá-lo para revelar sua face.

-Ele não responde – respondeu o rapaz ao seu lado, falando para seus amigos atrás. – Deve estar bêbado, só isso, eu falei.

-Tá meio estranho, tá parecendo muito novo, não está igual esses velhos – disse aquele a quem conhecia.

Fabício se desesperou pois sabia que ele agora vinha para o seu lado, ponderou o que deveria fazer, estava com muito impulso de atacá-lo de surpresa, rápido e o mais fatal possível contra este que estava sobre ele, e depois se virava com os outros dois. Mas tentou então sua última jogada antes de ter que agir assim contra esse rapaz que parecia ser um inocente ingênuo andando com as pessoas erradas.

-Oiiii – disse ele virando para o alto e encarando o rapaz com um olhar turvo e o rosto mais expressivo possível, mas tomando cuidado para

ficar de costas para seu conhecido. – Você me achou. Me ajuda a ir pra casa Carlos, eu me perdi.

-Ihhh tio, sai fora, eu não sou Carlos não.

-O que foi? - Matheus perguntou ao ver que estava acontecendo um movimento entre os dois.

-O tiozinho tá doido, achando que eu sou um tal de Carlos - disse ele empurrando Fabrício para longe, que estava preso no personagem tentando abraçá-lo.

-Ah.

-Vamos embora.

-É, eu tava com a impressão de que eu conhecia, mas deixa pra lá, vamos.

-Sério? Como, se não dá pra ver nada dele?

-Pressentimento, só isso – disse ele, e Fabrício percebeu que a direção das vozes seguia para o sentido contrário ao seu, o que sinalizava que haviam desistido dele e se afastaram do local onde o encontraram.

Ele aguardou mais alguns instantes, enquanto podia ouvi-los conversando baixo, que depois se tornou em sussurro assim que chegaram à esquina. Só então soube que podia se movimentar e ver que partiam à espreita em sentido ao Bairro, em que Júnio devia estar chegando.

Fabício tinha que chegar antes que eles, porém não podia ir pelo mesmo caminho, já que a rua era uma reta infundável e ele poderia facilmente ser visto, caso olhassem para trás para se certificarem que não estavam sendo seguidos. As ruas paralelas tinham boa visibilidade devido a iluminação e baixa movimentação dos Bairros, e também não eram a melhor das escolhas.

A outra opção seria ir pela água, por debaixo dos outros Bairros estacionados. O problema é que estava de noite e abaixo dos Bairros estaria muito escuro e ele não conseguiria enxergar e saber até onde deveria seguir para alcançar o Bairro a tempo.

A última opção seria ir por dentro dos Bairros, o mais sorrateiramente possível, tendo em vista que estaria invadindo o território de outros sem ser convidado e isso era uma tremenda falta de respeito, além de ser crime.

Ponderou que essa era a melhor alternativa já que provavelmente a essa hora, todos estariam dormindo.

Capítulo 44

O risco dos casos em que era necessário um salto seria a possibilidade de fazer barulho, levando em consideração que à noite, até o Mar parecia dormir e diminuir o barulho, logo qualquer barulho poderia ser notado. Se esgueirando e tentando fazer o mínimo de barulho possível, adotou a última alternativa e seguiu acompanhando de longe os três que avançavam rumo ao Bairro. Os Bairros estacionados ficavam muito próximos uns dos outros, o suficiente para passar de um para o outro com uma passada bem larga, ou um simples salto.

Enquanto Fabrício se deslocava pelos Bairros vizinhos, podia acompanhar o som da respiração alta da maioria dos moradores enquanto dormiam. Dependendo do Bairro, podia ver alguns pés, em alguns casos cabeças e em outros Bairros, mais abastados, os quartos eram fechados e quem estava dentro desfrutava do direito de privacidade, difícil acesso nos tempos de então.

Fabrício se sentia incomodado em fazer o que estava fazendo, já que parecia que estava invadindo, bisbilhotando e/ou fazendo algo de errado. O que de fato estava fazendo, mas por uma boa causa, e não para proveito próprio ou por maldade.

“Eita, que tem alguém acordado”

Percebeu ele ao ouvir vozes em conversa e perceber uma luz fraca a mais saindo do próximo Bairro que ele estava prestes a entrar. Ponderou sobre a possibilidade de continuar ou como contornar o Bairro, sem chamar a atenção para si. Decidiu voltar para a rua e contornar o Bairro que ainda havia pessoas acordadas e torcer para que não olhassem para trás e o visse seguindo na mesma direção que eles.

Ao retornar para a rua, o trio que ia a frente estava mais distante já que ele não conseguia acompanhar com a mesma velocidade por ter que andar de forma leve e pensar muito sobre a passagem de Bairro para Bairro. Até que a distância não era uma má coisa, já que estando longe ficaria mais difícil de reconhecê-lo. Ele passou pelo Bairro de onde ouvira vozes e percebeu que se tratava de dois homens que conversavam em volta de uma lamparina acompanhados de uma garrafa, nitidamente embriagados, enquanto ele passava pode ver um dos homens cair de lado lentamente (sono ou embriaguez), enquanto o outro sorvia da garrafa solitariamente sem se dar conta de seu companheiro que o abandonava atingindo o seu limite. Chegou a pensar o quanto aquela cena seria cômica se ele não estivesse tão tenso.

Considerou que pelo estado em que se encontravam ele podia ter passado pelo centro do Bairro andando normalmente que era bem possível que nem reparassem na sua presença, ou o convidasse para se sentar e beber com eles como se fossem velhos amigos.

Todos esses pensamentos fizeram Fabrício se esquecer de se atentar ao caminho, e quando deu por si, o trio à frente havia parado e estavam com suas cabeças voltadas em sua direção.

“Ai que bosta. Agora fudeu. Certeza que me viram”

Sua respiração ofegante e com o coração quase saindo pela boca, tentou não demonstrar muita urgência em seus passos, mas ansiava por chegar logo no próximo Bairro. Pensou que se já não tivesse passado tanto do outro Bairro, poderia ter tentado entrar e arriscado usar a estratégia de se sentar e seguir como se fosse de lá. Mas chamaria mais a atenção, parecer distraído e retornar do que seguir e entrar no próximo Bairro. Tentou fazer isso o mais naturalmente possível com a cabeça baixa e a touca sobre a cabeça, e aí que em sua mente deu um estalo e ele se tocou que a blusa que estava entregaria que era ele na avenida caído no chão.

“Ah foda-se”

Entrou no Bairro demonstrando o máximo de convicção para quem estivesse vendo ele acreditar que ali era sua casa. Fez sem ponderar se havia alguém acordado, que para sua sorte não havia.

Sua mente adotou uma postura de vigilância e urgência “funcionando a milhão”.

Pensar e agir.

Não!

Só agir, não havia tempo para pensar!

Retirou sua blusa e o frescor da noite o abraçou, fazendo os poros de seus braços eriçarem, já que não havia pêlos em seu corpo para

arrepiarem. A blusa estava em sua mão, pronta para descartá-la, resistiu ao impulso assim que em sua mente brilhou a oportunidade de ganhar tempo. Passou os olhos ao redor dos quartos do Bairro em que estava, procurou um que fosse o mais parecido consigo. Não encontrou, mas também não havia tempo para comparações, por entre os quartos podia ver a sombra e os corpos dos três que agora vinham investigar quem ele era.

-Ele entrou aqui! - Disse a voz que antes tinha ido até ele na avenida.

-Então vai lá ver! - Disse o rapaz conhecido do Fabrício.

-Por que sempre eu? - Incomodou-se ele.

-Por que você sempre pergunta? - Devolveu a pergunta. - Vai logo!
- disse ordenando e dando um empurrão em seu companheiro para acabar com a discussão.

“Sem tempo pra decidir”

Fabrício jogou a blusa ao lado de um morador que dormia profundamente e correu para se esconder atrás da sala de máquinas que nesse Bairro ficava ao fundo. A casa de máquinas estava tão na borda, que o espaço que restava, era tão estreito que ele mal conseguia se agachar, um pouco de sua cabeça ficou acima das paredes. Consciente de que podia não estar cem por cento escondido, se preocupou mais em não cair na água para não causar barulho e chamar atenção.

-Que isso cara, tá maluco?

disse uma voz que Fabrício deduziu ser o dono do quarto em que jogou a blusa. Pelo jeito sua ação teve um efeito melhor do que previra e intentara. Provavelmente, seu seguidor, agora ele perderia um bom tempo tentando se explicar.

-Você não é o cara que tava na avenida?

-Do que você tá falando cara? O que você está fazendo dentro do meu Bairro? - Questionou indignado o morador acordado abruptamente. - No meu quarto? Quer morrer maluco?

Fabrício ouvia a discussão dos dois e começou a ouvir algumas outras vozes se juntando, acompanhadas de luzes que clareavam o Bairro. As coisas estavam esquentando bem rápido, e conforme mais pessoas acordavam, logo ele seria facilmente notado.

Tentou bisbilhotar pra ver se tinha uma visão melhor do pé que estava a situação. Viu os moradores cercarem o jovem garoto, e sombras de socos, pontapés e urros de raiva e dor. Ao fundo, pôde notar os outros dois que também estavam à espreita, correrem em sentido ao Bairro onde Júnio estava, fugindo da confusão e deixando seu colega para se resolver sozinho.

Capítulo 45

E assim, resolveu o problema complicando pra si. Agora se via sem poder se locomover livremente e velocidade, temendo o alarme que geraria no Bairro em que ele estava, além de ter passado para os demais Bairros, que também começavam a acordar, alertados por todo o barulho.

Ele tinha que aproveitar para seguir, enquanto a bagunça ficava por ali, chamando a atenção de todos, para o pobre garoto que era massacrado pelos moradores que podia-se notar, serem bem fortes. O que fez ele experimentar um pouco de remorso e pena pelo que causara.

“Antes ele do que eu”

Foi o pensamento que usou para diminuir a culpa.

O alarde nos Bairros vizinhos estava ficando demasiado perigoso com ele ali tentando não ser percebido. Melhor seguir em frente e conseguir avançar para Bairros que ainda dormiam, do que esperar voltarem a dormir para se deslocar.

O próximo Bairro era o seu maior problema, que por estar próximo de toda confusão já contava com vários moradores curiosos em pé com sua atenção voltada para o Bairro vizinho. Decidiu encarar o gelo da água noturna e tentar superar o próximo Bairro sem ser visto na superfície. Abaixou do lado na beirada como o espaço curto permitiu, meio torto e

desajeitado, foi descendo seu corpo de encontro para o Mar, iniciando pelas pernas, sem soltar o corpo para não fazer barulho.

Seu corpo reclamou a cada novo membro submergido. Seu cérebro brigava para que ele saísse ou se jogasse de uma vez. Seu queixo batia violentamente, seus poros estavam todos arrepiados. Desceu até a cintura e ficou com os braços esticados, mas não teve como vencer a discussão com seu cérebro e cedeu soltando o corpo para dentro do Mar gelado, fazendo sua cabeça trincar tão gelada que estava. Ao voltar a cabeça para a superfície sua vontade era de gritar, de dor mesmo, seu corpo parecia queimar e rachar devido ao frio, seus ossos pareciam trincar abaixo de seus músculos que pareciam repuxar. O grito conseguiu abafar, mas soprava forte, lançando para longe a água que escorria por seu rosto em uma névoa úmida e gelada. Se abraçava na tentativa de passar um pouco de calor para si mesmo. Todos os seus músculos estavam retesados e duros, e foi um esforço enorme convencê-los a relaxarem e se moverem. Tudo isso aconteceu com o corpo e nem citamos a sensação de insegurança que ele sempre sentia ao entrar no Mar à noite.

Aos poucos o corpo parecia aceitar a temperatura do mar fazendo seu coração acalmar os batimentos. Em poucos segundos se sentia “confortável” o suficiente para continuar sua fuga. Ele tomava o cuidado de mover os braços e pernas somente embaixo da água para não fazer barulho, e sempre se movimentando bem devagar.

Ao chegar no Bairro vizinho e se segurou na borda para ir se deslocando lateralmente. O vento em contato com seus braços molhados não ajudou em nada em sua adaptação com a temperatura. Até cogitou

se não seria melhor voltar para dentro do Mar, pelo menos embaixo d'água, o corpo já havia se acostumado a sua temperatura. Mas decidiu continuar desta forma já que estava com uma velocidade melhor. Sua respiração era tão alta que ele temia ser ouvido por quem estava nos quartos à sua frente. Ele não conseguia distinguir com exatidão o que estava ouvindo e de onde estava ouvindo, já que o som das águas batendo nas bordas dos Bairros abafavam os sons em volta.

Enquanto se deslocava, sua atenção estava toda voltada para os lados para se certificar de que não havia ninguém próximo a ele que pudesse questionar a sua ação suspeita. Seu corpo e mente desligados de outras atenções, reagiu de maneira nada adequada quando sentiu algo roçar a sua perna. Um grito assustado saiu de sua boca, involuntariamente alto, acompanhado de um frio que percorreu toda a sua espinha e fez seu coração disparar até quase sair pela boca.

Mexeu freneticamente a perna e roçou por mais de uma vez no que quer que fosse, mas apesar de todo seu esforço, aquilo que estava escondido nas sombras do fundo do mar, agarrou em sua perna dando duas voltas em sua perna esquerda. Fabrício, esperou um choque, já que seu trauma registrado em seu cérebro fez a primeira conexão, mas o choque não veio e nem a sensação de queimado. Supôs então que poderia ser outra coisa, e imaginando a luta que poderia se seguir, içou o seu corpo para dentro do Bairro, o mais rápido que pode, e o máximo para se proteger e segurar, antes que a luta do que o prendera para puxá-lo para o fundo se iniciasse.

Mas não houve pressão nenhuma tentando puxá-lo para baixo, somente a pressão em volta da perna esquerda. Agora com o corpo quase totalmente dentro do Bairro, pode perceber que seus moradores começaram a acordar e um buchicho podia ser ouvido. Logo o encontrariam e ele teria que se explicar, se tivesse tempo. Porque provavelmente ele seria na melhor das hipóteses preso e na pior, linchado como seu perseguidor a três Bairros atrás.

Tomou coragem de puxar a perna, temendo o pior, um animal com tentáculos, cobra marinha ou algo venenoso do mar, mas pra sua surpresa, e raiva por ter se exposto por tão pouco, se deparou com uma corda, que a primeira vista poderia ser confundida com uma cobra, mas a textura não deixava dúvidas. Mas quem sabe, se ele se safar de tudo com vida, e tiver a oportunidade de contar essa história vergonhosa para alguém, essa corda vire uma cobra grande e forte.

-Veio daqui de trás.

“Já era! ”

Pensou Fabrício, ao saber que tinha sido descoberto e que a atenção do Bairro também chamaria a atenção dos demais.

“Corre carai”

E é isso. Corre.

Onde antes havia zelo e cuidado, agora havia pressa e muito foda-se. Fabrício correu e saltou para o próximo Bairro, veloz como nunca antes

tivera oportunidade de correr. Ouviu alguém exclamar surpreso e indignado “o que foi aquilo? Você viu?”.

Passou por cima da fogueira de centro com um salto embalado e nem se deu a oportunidade de questionar se havia alguém em volta ou o risco de se queimar ou pior ainda, derrubar e iniciar um incêndio prejudicando pessoas inocentes. Seus passos na maré noturna e fraca, produzia um barulho frequente que se juntava descoordenadamente ao som das ondas batendo nas bordas.

Se afastar o mais rápido possível para poder diminuir o ritmo e tentar voltar a ficar escondido e sem olhar para trás. Assim, ele seguiu por mais ou menos quatro ou cinco Bairros, passando de um para o outro sem nem levar em consideração a distância em que um estava estacionado do outro. Na passagem do último ele ao aterrissar, infelizmente escorregou, o que surpreendeu não ter ocorrido anteriormente, e ali ficou, estatelado no chão ouvindo se alguma coisa em volta daria uma indicação se dera muita bandeira ou não.

Nada!

Voltou a cabeça para trás e até onde conseguia ver os dois Bairros que passou por último, não havia ninguém acordado.

Talvez tenha passado tão rápido que nem deu tempo de assimilar.

Uma dúvida se apossou de sua mente: Será que no seu desespero tinha passado de seu antigo Bairro?

Olhou em volta e a noite não o permitiu ver mais do que o início dos quatro Bairros vizinhos. Mas o mais impressionante estava ao alcance de seus olhos no Bairro em que pousou, os quartos que Lucinho havia admirado estavam bem à frente de seus olhos, isso significava que o Bairro era o próximo. Parecia que a sorte voltava a lhe sorrir. Momento de retomar o avanço no mais absoluto silêncio, para ser a surpresa e não o surpreendido.

Capítulo 46

No Bairro que ele queria chegar tudo estava um breu. Não dava para ver nada, exceto algumas silhuetas maiores, tipo a casa de máquina que o Carlos passava boa parte do tempo, a enfermaria onde sempre alguém estava “hospedado” geralmente por motivos de alguma bactéria ou vírus. As luzes da rua, convenientemente, em frente ao Bairro estavam apagadas, alguma luz aparecia quando a lua resolvia dar as caras para poupar a vista, principalmente dele que não conseguia imaginar o andamento de tudo.

A essa altura, provavelmente, Júnio já deveria ter encontrado o que viera procurar, mas em que situação estavam os dois que saíram em seu encalço? Será que Júnio havia sido pego ou surpreendido?

Fabrício decidiu entrar no Bairro, ele não tinha paciência suficiente para ficar esperando alguma coisa se manifestar. Até porque o Júnio estava com uma vantagem considerável dele, ele já deveria ter se manifestado, dado um sinal ou algo do gênero.

Desta vez ele não pulou de um Bairro para outro, mas com o maior cuidado do mundo, deslizou para dentro da água, agora nem tanto gelada, já que seu corpo molhado estava reclamando mais do lado de fora, cada vez que a brisa marítima tocava sua pele.

Prendeu a respiração e submergiu a cabeça até a altura de seus olhos, temendo que sua respiração pudesse ser ouvida por qualquer

pessoa que estivesse no Bairro ou próxima. Braçadas curtas embaixo da água para também não fazer barulho o levaram até a borda do Bairro que tinha uma estrutura içável nas laterais para evitar que muita água entrasse, até porque era impossível ficar seco num mundo rodeado por água por todos os lados. Mas como estavam estacionados, a intenção era evitar que olhassem dentro do Bairro mesmo. Este era um cuidado que Carlos tinha para manter olhares curiosos longe de suas crianças.

Tirou as suas mãos debaixo da água, se manteve boiando com o auxílio das pernas como se estivesse andando, só que sem sair do lugar. Suas mãos tocaram a borda de plástico duro e içou o seu corpo bem vagarosamente para cima. Quando a cabeça chegou na altura da borda, enrijeceu os músculos dos ombros, costas e braços em noventa graus paralelos, ficou atento se agora os ouvidos acusavam alguma novidade.

Realmente pensou ouvir algo, mas não sabia se era uma conversa baixa, se ele que estava longe e não conseguia distinguir ou se eram seus ouvidos, a quem confiava neste momento mais do que seus olhos, estava lhe pregando uma peça e deixando-o na mão.

Se transferiu para dentro do Bairro que antes lhe era familiar e podia transitar livremente, mas agora era uma “persona non grata” e tinha que ficar se escondendo, pelo menos conhecia cada espaço do Bairro e cada barulho que estalava sobre o peso do corpo. Manteve-se abaixado apesar de não precisar muito, já que havia entrado pela área de convivência, onde estavam a sala de máquinas, Enfermaria, praça e cozinha. O coração ensaiou um aperto, mas ele ao perceber pra onde isso poderia levar, decidiu-se mais focado e determinado, chamando à sua atenção para seu

objetivo enquanto repetia mentalmente “quarto do Júnio, quarto do Júnio, quarto do Júnio”.

O problema é que o quarto dele e do Júnio ficavam no extremo oposto, perigosamente antes do de Carlos. Sendo o dele antes da do Júnio. Será que daria tempo de ele passar no seu e pegar algumas coisas? Talvez, mas antes precisava dar conta dessa tarefa. Um pouco arriscada demais, já que o Carlos poderia pegá-lo rondando por ali, e o que ele diria? Ou o Júnio já poderia ter pego e ido embora, até deixado ele para trás, tendo em vista a maravilhosa descoberta que ele fizera.

Não!

Júnio não faria isso com ele. Pelo menos ele queria acreditar que isso não aconteceria.

Quando ele avançava um pouco além da metade do Bairro, notou que os sons que estava acreditando ouvir assim que entrou no Bairro, agora estavam mais nítidos, mesmo concorrendo com as respirações e roncos dos que dormiam a sono solto e mal sabiam que ele ali estava.

Os sons eram de vozes. Não conseguia distinguir, quem exatamente, porém notou que eram duas vozes, uma masculina e outra feminina e conversavam baixo, mas não sussurrando. O que significava que ele poderia descobrir de quem eram as vozes mantendo uma distância segura e se mantendo escondido à espreita. Não que ele fosse fofoqueiro, ou coisa assim, mas dado todo o histórico da noite, pessoas conversando nesse horário no Bairro, não era nada comum.

A conversa vinha da enfermaria. Fabrício se aproximou deixando para trás os sons de quem dormia e acompanhou a voz feminina falando de maneira lenta e cheia de sofreguidão. A voz estava pastosa, sem vida e pertencia a tia Lúcia. Isso cortou o coração de Fabrício que pensou ser o responsável por aquele sofrimento.

-Eu imagino como deve estar sendo difícil...

A outra voz respondeu tentando afagar e consolar Lúcia. A voz pertencia a Júnio. Então era ali que ele tinha estado.

Justificável.

Ele largaria tudo para amparar tia Lúcia. Sentiu até um pouco de inveja, pois queria ser ele quem estava ali naquele papel. Será que ele poderia aparecer e oferecer também o seu consolo?

Resolveu dar uma espiada pela abertura que havia na parede, simbolizando uma janela. A imagem o deixou deprimido e com o coração apertado. Lúcia estava sentada de frente para Júnio com um lenço nas mãos que vez ou outra secavam hora os olhos hora o nariz, e enquanto não estavam neste árduo exercício, se incumbiam de servir de entretenimento para ela, que o girava na mão, como se ao dar voltas o lenço se transformaria em algo e tomaria uma forma de algo mais essencial ao uso.

Seus olhos estavam marejados e avermelhados. Vez ou outra uma lágrima escorria e o lenço em suas mãos faziam seu papel. Seus olhos estavam voltados para o centro da mesa, sem focar em nada específico.

Uma lamparina iluminava a mesa que estavam deixando o resto em volta em semiescuridão. Júnio tinha um olhar e uma expressão de dor, e ele não tirava seus olhos de Lúcia, de uma maneira acolhedora e receptiva, sem julgamentos que deixavam as pessoas confortáveis em se expressar, que era uma de suas virtudes.

-Eu não sei o que eu vou fazer sem ele – afirmou Lúcia desesperada, voltando seu corpo e suas mãos abertas com as palmas das mãos voltadas para cima, como se mostrasse todo o Bairro.

Tá certo que ele e Júnio tinham um papel fundamental no Bairro, mas logo as crianças estariam na idade de poder fazer por eles e até lá ele poderia recrutar outros pescadores. Isso era rotineiro, e vez ou outra tinham que seguir por este caminho. Nenhuma novidade.

-Ele ainda não morreu. Isso não é uma sentença. – disse Júnio de maneira enfática.

E realmente ele ainda não tinha morrido. Será que era sentido figurado. Ele morreu para o “seu” Carlos?

-Eu vivi a minha vida inteira, quase, do lado dele. Eu não sei outra forma de viver – Lúcia agora expressava sua dor por meio de um bico, provavelmente um esforço para reprimir um grito de desespero.

Deu-se um estalo na sua cabeça. Agora aquela conversa fazia sentido. Então não era sobre ele. Era sobre Carlos.

Ele estava doente? Como assim morrer?

Capítulo 47

Isso abalou ele de uma tal maneira que ele parou de ouvir a conversa e seu raciocínio travou. Se sentou com as pernas dobradas, as abraçou, com a cabeça pensando em tudo e ao mesmo tempo sem focar em nada.

Então foi por isso que ele quis vir a esta Cidade? Geralmente ele ia sempre a outra menor, na qual tinha mais familiaridade com as pessoas.

O senhor Carlos deve estar assustado e isso explica o seu comportamento desmedido e vociferado, destoando de seu perfil, que sempre fora uma pessoa pacífica e que priorizava a conversa no lugar do enfrentamento.

Isso mudava tudo.

Até mesmo em sua vontade de ir embora.

Agora sabendo de toda a história completa, havia espaço em seu coração para o perdão e o diálogo. Sua vontade era a de correr até o dormitório dele, bater, chamá-lo, abraçá-lo e agradecê-lo por tudo, por todas as oportunidades que ele lhe deu, e dizer que ele estaria ali por ele, que não iria a lugar nenhum, que não importava o que ele dissesse, eles passariam por mais essa juntos. Já passaram por coisa pior, afinal de contas, esse seria só mais um desafio.

Seu coração acelerando os pensamentos em seu cérebro o fizeram perder o foco da conversa, e ao mesmo tempo o impulsionava a tomar uma atitude, de levantar e fazer algo. Já tinha ouvido demais. Esperado demais.

“Resolva alguma coisa”

Ordenou a si, saindo de seu esconderijo, mantendo-se agachado e escondido de dona Lúcia que estava muito bem amparada por Júnio, saiu com rumo definido. Sua mente o levava até onde podia encontrar o senhor Carlos.

Teria que atravessar todo o Bairro, só que desta vez não tinha medo, vergonha ou culpa. Podia ir pela rua central e admirar a todos dormindo, e podia experimentar um certo conforto ao seu coração sabendo de sua responsabilidade futura. Se alguém acordasse ele podia dizer que estava voltando e que iria cuidar de todo mundo, sem dizer, nem revelar aos demais a questão de saúde do senhor Carlos. Ele carregaria o peso e o fardo dessa informação, e pouparia aos demais dessa preocupação, medo e dor.

Ele já tinha tudo preparado em sua mente. Iria ao quarto do senhor Carlos, o acordaria de maneira suave e branda. Se ele se assustasse com a sua presença ele diria para ele se acalmar, que estava tudo bem, que ele sabia de tudo e que entendia que ele só estava com medo, e que ele estava disposto a voltar e assumir a maioria das responsabilidades e que faria melhor, jamais permitindo alguém chegar perto das crianças novamente, se assim ele aceitasse.

Na manhã seguinte teria que explicar a todos que tudo não passou de um desentendimento e que tudo se resolveria. Seria simples, as crianças não precisam de muitas explicações para serem convencidas.

E simples assim, retornariam todos à sua rotina.

Já até estava ansioso para voltar para o alto mar. Ir embora daquela cidade nojenta. De toda lembrança e dor a que ela remetia. Virar a página e seguir em frente. Já contava com a preparação de um dos meninos para assumir o seu lugar, ele não poderia mais ir para pesca. Muito arriscado ele sair para dar perdido, apesar de gostar muito da liberdade, mas a responsabilidade que já sentia o fazia tomar essa difícil escolha.

Fabrizio sentiu-se nostálgico ao passar pelos quartos e ver como cada um dormia ao seu jeito.

Rafito roncava com a barriga virada para cima. Éfinho estava todo encolhido e com a cabeça coberta, parecia querer se defender do som do ronco de seu vizinho. O quarto das meninas estava sempre fechado para que tivessem mais privacidade.

Fabrizio então estancou com seu coração a gelar o corpo todo. Estava em frente ao seu quarto. Viu suas coisas e pensou que por um instante não iria mais vê-los. Não teria a sensação de tocar as suas coisas que com tanto suor e trabalho conquistara. Não era muito. Mas mesmo assim se orgulhava de suas vestes, de boa qualidade. Um gibi, de tempos atrás, que falava de super-heróis quando o mundo ainda tinha chão para se pisar. E algumas gambiarras que gostava de explorar a sua criatividade, desmontando e gerando novas funcionalidades.

Sua mente enevoada, trouxe um sentimento saudosista, que o fez imaginar por um instante que quase não tivera contato com seus, poucos, porém orgulhosos, pertences que tanto trabalhou para conquistar.

“Nada como a nossa cama”

Sentiu uma vontade imensa de deitar mais uma vez em sua cama, pôr a cabeça no seu travesseiro de espuma, e sentir o seu cheiro. Só isso.

Resistiu à tentação, e virou-se para afastar toda aquela avalanche de sentimentos e lembranças, para voltar a focar no seu objetivo.

Ao reiniciar a rota, passou pelo quarto do Júnio, e a lembrança daquele objeto, aquele maldito objeto, causou até ali, estava em algum lugar no meio de suas coisas.

Fabrício ponderou que uma parada no percurso para dar fim, ao que quer que fosse, não seria uma má ideia, já que se estava pensando em começar do zero, estava aí mais uma oportunidade, de esquecer mais esse causador de encrencas.

Se o Júnio ficasse zangado com ele depois, tudo bem. Depois ele o perdoaria. Ele sempre perdoava. E se não perdoasse também, paciência, a condição de Carlos e do Bairro todo agora era prioridade.

Abaixou, ficando sobre os joelhos, que era a única forma de entrar no quarto e demorou alguns milissegundos para perceber, que pareciam minutos em câmera lenta, um rosto pálido de susto o fitava imóvel.

Fabrício piscou atordoado, tentando buscar em seu banco de dados cerebral a quem aquele rosto recordava, porém não encontrou semelhança com ninguém do Bairro.

“Acorda moleque!”

Ordenou a si mesmo, incitando uma ação, e em outra fração de segundos, desferiu um soco no rosto que o fitava, fazendo-o cair de lado, surpreso com a reação de Fabrício que fora mais ágil que a sua.

Ao se ver jogado ao chão, tentou se equilibrar e levantar, mas Fabrício foi mais ágil e se jogou sobre ele, colocando seu corpo e peso acima do dele, que não era maior que ele. Com as pernas dobradas sobre seus braços, pressionou o antebraço direito sobre o pescoço de seu algoz, segurando pelo pulso direito com a sua mão esquerda.

O rapaz que estava por baixo tentou afastá-lo com as mãos em seu rosto, mas cedeu aos poucos, com as mãos com cada vez com menos força e por fim, desmoronando ao lado de seu corpo.

“Apagou. Rápido”.

Capítulo 48

Fabrício saiu de cima do rapaz, e lançou o olhar em volta do quarto o mais detalhado que pode dentro do curtíssimo tempo que tinha. Procurava o que quer que fosse ou parecesse com uma foto. Mas nada encontrou, e decidiu mudar a estratégia, não dizia respeito ao que via, mas ao que conhecia de Júnio e onde ele guardava o que acreditava ser valioso. Violão. Era umas das coisas de maior valor de Júnio e as demais coisas ele as guardava dentro. Ele pegou o instrumento, deu uma balançada, ouviu que havia coisas se mexendo dentro, afastou as cordas, colocou a mão e tateou

Tirou um anel, sabe lá por que ele o guardava ali, depois um papel sensível ao toque, na verdade uma carta, que ele não teve tempo de olhar. Tirou mais dois pequenos objetos dos quais não tinha interesse ou relevância, mas nada da foto. Colocou o violão em descanso com as cordas para cima, do jeito que Júnio odiava porque empenava o braço, segundo o que ele dizia. As cordas vibraram, mas emitiram um som estranho, como se houvesse algo descolado vibrando de uma maneira não uniforme, gerando um eco.

Tomou o violão nas mãos e olhou pelas cordas para dentro dele, e percebeu uma ponta solta. Passaria facilmente despercebido como um emblema que resistiu aos tempos. Fabrício tocou a borda e sentiu um papel mais grosso, mas não duro e seco como deveria ser. Forçou o papel

e ele não demonstrou resistência como era de se prever se ali tivesse colado a muito tempo desde que fora produzido.

Uma imagem desbotada em preto e branco trazia dois homens abraçados de frente sobre um chão branco e envolto do mesmo branco, até onde a vista podia alcançar. Ao lado onde havia sido rasgada, via-se a ponta de um barco. Provavelmente na outra ponta dava para ver o navio inteiro com seu nome, e foi esse pedaço que ele mostrou e iniciou a bagunça toda.

Achou a bendita foto.

Realmente parecia muito convincente. Justificável ser induzido ao erro, ele não podia culpar Júnio por ser inocente em querer acreditar em algo melhor do que viviam. Virou a foto e viu os números atrás 27° 59' 17" N 86° 55' 31" E.

Por que tanta confusão por causa dessa foto? De fato, parecia muito real, mas o desespero das pessoas era tanto a ponto de se agarrarem a tudo, inclusive uma simples foto?

Aliás, e se fosse verdade? E se por um instante, aquela foto fosse verdadeira e realmente houvesse um espaço, naquele mundo, de Terra firme? Porque seria relevante, e por que ele iria querer isso? A vida sobre o mar era de fato bem difícil, mas nada que já não estivesse habituado. Teriam que aprender a viver de uma maneira diferente?

Uma voz emitindo um assobio agudo e consideravelmente alto o tirou de seus devaneios, seguido de uma tosse e um guincho,

denunciando que seu afanador estava voltando a si e que mais alguém estava interessado em saber dele e de seu atraso.

Quanto tempo teria até que tivessem em cima dele? Uma mão apertou forte o pulso de sua mão esquerda, apesar de não demonstrar estar totalmente consciente.

Por meio de um impulso, Fabrício golpeou-o novamente com a mão que segurava a foto, mirando bem na têmpora, para deixá-lo atordoado e ter tempo de fugir. Sua mão latejou, mas a que o segurava amoleceu, e a cabeça de seu dono tombou de lado. Atordoado, e não desmaiado, já que seus movimentos desnorteados e bêbados procuravam encontrar equilíbrio para reagir.

Fabrício se apressou em sair do quarto de Júnio, mas antes passou a mão na pochete de mergulho que pertencia a seu amigo e estava caído ali. Colocou a foto ali para que ficasse protegida, da água obviamente, pois não via outra alternativa de fuga que não fosse mergulhar.

Saiu o mais cuidadoso que podia, olhando à sua volta, e nada vendo, iniciou a travessia em direção ao outro extremo, tendo que passar pela frente dos outros quartos e ir na direção da casa de máquinas.

“Que merda!”

Praguejou ele, que estava tão próximo de resolver suas pendências, mas agora se via na necessidade de adiá-lo, e por mais um pouco, seguir como pessoa non grata no Bairro. Esse pensamento o

deixava bastante desconfortável. Ele só queria resolver tudo de uma vez e passar por cima de todas as dores e feridas causadas até ali.

Um tranco em suas costas por meio de um impulso forte em sua cintura, o arremessou no chão, fazendo seu pescoço dar uma “estilingada” para trás ao receber o impacto, depois para frente no momento que seu corpo foi de encontro ao chão.

Por alguns segundos ficou vendo estrelas enquanto sua mente estava atordoada com todo o impacto que recebeu. O responsável pelo impacto que o jogou ao chão, se pronunciava por cima dele, virando o seu rosto para cima.

Com a visão ainda turva, Fabrício viu uma imagem que o deixou atordoado. Um rosto judiado, sangrando, transparecia raiva pelos olhos que saíam de um envolto inchado, enquanto saliva com sangue escorria de sua boca.

-Filho da puta, isso tudo é culpa sua - desferiu o soco mais forte no rosto que Fabrício se lembrava de já ter recebido.

Havia raiva, rancor impulsionando o soco. Um gosto metálico e um líquido viscoso podia ser sentido em sua boca.

Seu agressor ajeitou mais uma vez a cabeça de Fabrício, comicamente de forma carinhosa e jeitosa para quem tinha a pretensão de machucar. Ele esboçou levantar as mãos abobadadas na frente do rosto para se proteger.

-Cara, você vai sentir mais que eu.

Ele ameaçou um soco, Fabrício esticou os braços, fechou os olhos, e inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, mas o golpe passou por entre as mãos, que não conseguiram parar a velocidade e a força do soco que o acertou em cheio na parte da frente da boca. E mais uma vez recebeu o soco mais forte até aquele momento.

Sentiu mais líquido quente jorrando para dentro de sua boca, viscoso ao ponto de travar na garganta. Teve a sensação de que seus dentes haviam sido empurrados para dentro.

Mudou a estratégia e trouxe as mãos para o rosto enquanto tentava cuspir antes que sufocasse. Por um instante pareceu que tinha dado certo, já que os socos haviam parado, e o interesse estava em tentar tirar as mãos de Fabrício de seu rosto. Vez ou outra vinha um golpe, mas suas mãos amorteciam, e hora puxava os dedos, e quando conseguia uma brecha, Fabrício rapidamente desvencilhava a mão solta e a trazia para se proteger novamente.

Fabrício estava fraco e tonto depois de tantos golpes.

“Como ele podia ter tanta força depois da surra que havia levado?”

Demonstrou além da força, determinação em descontar tudo nele. Provou isso ao usar o recurso de morder uma das mãos que ele usava para se proteger. Que sem conseguir resistir a essa investida, soltou as mãos, seguido de um grito, assim que os dentes cravaram em sua carne e uma agulhada de dor penetrou em seus nervos, fazendo sua mão repuxar.

Com uma mão solta, seu agressor a segurou e preparou outro golpe. Fabrício sabia que não aguentaria mais um soco daqueles, como atitude de sobrevivência, lançou sua cabeça de encontro a barriga dele, e o abraçou forte, tomando o cuidado para manter a cabeça para baixo e não mais se deixar exposto.

Não foi o suficiente para pará-lo. Ele levava socos do tipo martelada na sua cabeça, mas ele só fechava os olhos e procurava não pensar na tontura que aqueles golpes causavam na sua cabeça.

Não sabe quantos golpes levou e nem quanto tempo ficou ali abraçado, e não sabe como de repente os golpes pararam e seu corpo junto ao de seu agressor foram lançados de lado. Tentou se manter agarrado, mas o giro foi demais para sua cabeça sem saber para onde estava de fato indo e o que estava acontecendo.

Quando abriu os olhos, viu ao seu lado um corpo estatelado com um filete de sangue escorrendo pela lateral de sua nuca. Em pé ao lado, uma figura com o rosto incógnito pela escuridão, mas ele conhecia aquela silhueta.

Um Carlos curioso cutucando com um cano, que Fabrício sabia que ele sempre deixava ao lado de sua cama para eventuais surpresas noturnas, finalmente, para seu prazer ou não, tivera de o usar. Agora a usava o cutucando, para assegurar se ele estava mesmo desmaiado ou não. Ao perceber que o rapaz no chão não se levantaria pelos próximos minutos, se voltou para Fabrício, mas sua face não dizia nada, simplesmente sem nenhuma expressão, nem raiva, nem alívio por vê-lo.

-Carlos, eu juro que eu posso explicar, isso não é culpa... - Fabrício interrompeu o que estava dizendo devido a face de seu Carlos que não o olhava diretamente, mas além dele, ao horizonte, e mudou de um rosto sem expressão para um tom carrancudo. - Olha não importa, o que realmente eu queria dizer, é que eu sei de tudo, e...

Fabrício abandonou as desculpas tendo em vista a mais uma mudança de feição no rosto de Carlos. Parecia um ar interrogativo, ele apertava os olhos tentando distinguir algo ao longe. Isso chamou a atenção de Fabrício, que sentado com os braços apoiados para trás virou a cabeça e pode distinguir uma massa disforme de trapos levantando e tomando a forma de uma pessoa. Mal ele piscou e a forma correu de encontro a eles.

Fabrício esboçou se levantar, mas a massa em forma de um homem adulto, já estava sobre ele com um joelho o acertando em cheio no meio do rosto. A pele de seus lábios grudou em seus dentes da frente, e o gosto metálico e pegajoso de sangue inundou a sua boca mais uma vez.

A força do golpe o arremessou de costas ao chão e o céu ficou em turbilhão, rodando acima de seus olhos. Fabrício levou as mãos instintivamente as mãos ao rosto para se defender do próximo golpe que poderia vir, mas ele não veio. Em vez disso ouviu suspiros de quem usava muita força.

“seu Carlos!”

Capítulo 49

Fabrício virou os olhos para o lado de onde vinham os gemidos de luta, e viu Carlos em luta corporal com uma pessoa que ele jamais tinha visto.

Tão rápido ele os viu, mesmo grogue, tentou se levantar para prestar ajuda a Carlos na briga. Mas não foi tão ágil quanto o momento pedia, quem com ele lutava desferiu um golpe com algo que ele tinha em mãos, na têmpora direita de Carlos, que imediatamente soltou o corpo em direção ao chão, sem sequer esboçar reação.

-Não! - Gritou Fabrício se forçando a ficar bem e se colocando em pé do jeito que dava, mesmo tonto conseguiu chegar até a pessoa que estava sobre o Carlos, inerte e sem esboçar defesa, enquanto recebia outro golpe na cabeça de encontro ao chão. Fabrício então lançou seu corpo contra o dele, o tirando de cima de Carlos, mas o impacto e todo esforço, fez sua vista tornar a ficar turva. Toda a tontura o deixou indefeso, e o atacante do Carlos agora estava sobre ele, com as mãos em volta de seu pescoço. A tontura agora te dava ânsia tão forte que achava que não conseguiria segurar e até experimentou um sentimento de vergonha se isso acontecesse, como se isso o fizesse se sentir menos homem e menos corajoso.

-Cadê a porra da foto? - Perguntou o homem sobre seu peito com as mãos pressionando cada vez mais forte, enquanto sua pele reclamando a pressão sobre a sua garganta.

Fabrizio cravou os olhos no rosto de seu atacante até reconhecer o rapaz que havia nocauteado no quarto do Júnio. Sua espinha gelou, sabia o quanto ele podia ser maldoso quando queria.

“Aquele maldita foto”

Ele sentiu a raiva subir ao mesmo tempo que o ar parecia querer abandoná-lo, a pressão sobre os seus olhos aumentava e as coisas ficavam mais escuras e enevoadas.

Com um movimento de defesa não muito justo, mas de extrema eficiência, enfiou o seu dedo no olho do novo atacante. Ele, por incrível que possa parecer pensar sobre algo assim em um momento como esse, esperou encontrar alguma resistência, mas o dedo entrou muito facilmente e ele sentiu uma mistura de vácuo com algo esponjoso e gosmento.

Um grito agudo, gutural, respondeu ao ataque de Fabrizio, e a pressão sobre a sua garganta diminuiu, seu atacante usava uma mão para tentar tirar o dedo dele de dentro de seu olho. Aquele grito o fez lembrar do guincho que o porco no centro dava antes do abate. Quanto mais ele tentava puxar a cabeça para trás e fazia força contrária no braço de Fabrizio, mais ele tentava encurvar o dedo em forma de anzol, para não soltar.

“Vamos ficar os dois sem ver então”

Pensou Fabrício que ainda não recuperara a visão totalmente, primeiro devido ao choque do golpe que levava no rosto e depois pela falta de ar, mas já o fazia sentir uma pequena vantagem, pelo menos não estava sentindo a dor que esse aí estava.

A pressão que estava sobre o seu pescoço diminuía, ele pensou ter ganho a luta, mas a mão voltou em forma de garra para agarrar o seu rosto. A forma como ele mexia a mão, dizia que ele estava tentando alcançar o seu olho para equilibrar a luta, mas Fabrício ainda tinha a visão que ele não tinha e aproveitou para dar uma boa mordida assim que os dedos cegos passaram próximos de sua boca. Movimento que aprendeu minutos antes.

Ele sentiu a rigidez do osso contra seus dentes e a carne que cedia enquanto ele serrava com força suas mandíbulas. Novamente o gosto metálico e viscoso de sangue inundava sua boca, mas não era o dele, e isso o deixou com um pouco de nojo. Novamente o grito, mas agora mais abafado e cheio de raiva. Esse grito sim o assustou. Não dava a certeza de vantagem ou não. Não dava a certeza se seu adversário estaria disposto a desistir, depois de perder tanto.

-Perdeu, perdeu maluco! Arregala os olhos!

Uma frase cômica para o momento acompanhada de uma voz bem conhecida o fez congelar seus movimentos e afrouxar sua resistência, esperando o que viria a seguir, mesmo desejando no íntimo que não viesse nada. E o que veio foi um sonoro baque de metal em sua têmpora

que o fez desligar todos os comandos de seu cérebro, que neste momento se focava em se manter acordado e consciente para entender o que o acertou e o que viria depois, torcendo pra não ser outro golpe, pois ele não tinha resistência nenhuma pra oferecer.

Pouco consciente do que estava acontecendo a sua volta, percebeu uma voz ansiosa e apressada questionando seu adversário.

-Cadê? Onde está a foto? - Perguntou a voz que só recebeu um lamúrio de resposta.

-Meu olho. Meu olho.

-Fala logo, antes que eu iguale o seu outro olho - ameaçou a voz - Está com você, ou com ele?

Mas não recebeu resposta, somente um grito agoniado após alguns instantes, que fez Fabrício imaginar que o outro olho estava sendo igualado.

-Fala onde?

-Com ele - disse uma voz sôfrega. - Na cintura.

Logo duas mãos o apalparam, e apesar de Fabrício esboçar uma resistência tentando atrapalhar a mão que vasculhava seu corpo, as mãos encontraram o que procuravam. Ele estava cansado demais para resistir.

-Isso não é pessoal cara - nessa pausa, Fabrício pode vislumbrar o rosto de quem um dia ele tivera e tratou como antigo amigo, Matheus.

Ao terminar de se desculpar, Matheus desferiu um soco que encontrou rosto de Fabrício, quando ele tentava levantar, fazendo de sua visão turva ficar escura, o forçando a se deitar e desligar novamente, mantendo com muito esforço sua audição ativa, pode ouvi-lo se afastar correndo e após um breve silêncio, um sutil som da água denunciou que ele fora de encontro com o mar.

-Fabrício? - Uma voz se ouviu em seguida.

-Meu santo senhor do Mar, Carlos! Carlos? Me responda homem de Deus - Fabrício ouviu Lúcia suplicar mais pelo coração que pela voz.

Duas mãos o ajudaram a se levantar o escorando nas pernas para que ele mantivesse o dorso levantando. Ainda com a vista rodando Fabrício abriu os olhos e viu as mãos que o amparavam, eram negras, remetendo a Fabrício que Júnio estava ali com ele, mas as súplicas de Lúcia ainda chegavam a seus ouvidos. Se forçou a virar para ver o que tinha acontecido de tão grave a Carlos que Lúcia continuava o chamando.

Sua tentativa de virar a cabeça se mostrou além de suas capacidades, e todo o seu corpo caiu, de um Júnio que não estava com sua atenção voltado ao amigo.

-Porra Fabrício - praguejou Júnio ao ver seu amigo estatelado com a cara no chão.

A visão que chegou aos seus olhos em bagunça e em distorção o forçou a tentar centralizar a mente.

As crianças do Bairro estavam em volta de Lúcia que afagava um Carlos em seu colo, só que havia nele um olhar perdido, sem brilho. Um detalhe chamou a atenção de Fabrício para a nuca de Carlos que brilhava e parecia estar molhado de alguma coisa grossa e escura, que ele notou se tratar de sangue ao reparar nas manchas vermelhas deixadas nas roupas e mãos de Lúcia.

Fabrício se levantou cambaleando, e em um deslocamento torto chegou até onde todos estavam. Lucinho estava abraçado à perna de Éfinho, pareciam atônitos. Rafito soluçava em prantos. Larissa e Raquel estavam abraçadas consolando uma à outra. Fabiana abraçava Lúcia e a amparava pelas costas. Os olhos chorosos que transmitiam a dor profunda de Lúcia, encontraram o olhar perdido e desnorteado dele.

Olhou em volta, e como de se esperar, nenhum dos garotos estava no Bairro.

Ele não disse nada, mas percebeu que estava chorando assim que Lúcia com sua mão cheia de sangue de seu amado companheiro Carlos, passou em seu rosto para apagar as lágrimas que desciam por seus olhos mesmo sem convite e afagá-lo em seu desespero.

-Não - negou ele em desespero. - Isso não pode ser verdade. Não foi muito, não foi para tanto.

-Ah meu filho - a voz de Lúcia engasgou em profunda dor, no instante em que começou a falar.

-A gente tava conversando, eu ia me desculpar com ele. A gente ia ficar bem de novo - lamentou ele, por não ter tido a oportunidade de resolver as coisas com Carlos.

-Ele tinha tanto orgulho de você, acredite no que eu estou falando e não no que saiu da boca dele.

-Aí, aquele cara surgiu do nada... - e nesse momento Fabrício parou o que estava dizendo e se deu conta do que causou tudo aquilo.

Interrompeu a saída das lágrimas e não deu espaço para a dor, apenas para a raiva, que consumia o seu coração. Se levantou e começou a voltar de onde estava caído a pouco.

-Cara, que merda foi essa?

Começou a se lamentar Júnio, e se dirigiu para dar um abraço e consolar o amigo. Mas ao envolvê-lo com os braços, recebeu de resposta um empurrão que o levou ao chão, surpreso com a reação que recebera.

-Que isso cara?

-Que isso? Que isso? - Respondeu Fabrício irado. - Aquilo ali é culpa sua - E agora ele gritava, enquanto suas veias do pescoço saltavam e a ira inflamava seu peito.

-Meninos? Não... - implorou Lúcia sem energias para ser impositiva.

Fabrício não estava mais interessado em dar mais tristeza a Lúcia, mas até experimentou um pouco de justiça após despejar parte de sua

raiva, seguiu em direção à borda do Bairro que seu atacante havia partido e sumido, ele sabia para onde ele o encontraria.

-Aonde você vai? Fabrício, calma cara.

-Você trouxe essa merda pra cá. Você trouxe essa merda pra gente, e agora eu que vou ter que resolver.

-Peraí mano, eu vou com você - se ofereceu Júnio, com tons de culpa e vergonha em sua voz.

-Você não vai a lugar nenhum. Eu vou sozinho.

Capítulo 50

Dizendo isso da maneira mais impositiva, seca e sem emoção que pode, Fabrício deu as costas, correu, puxou o máximo de ar que pode e saltou na borda do Bairro para ser recebido pelo abraço do mar, gelado, escuro e salgado. Seus ossos nem doeram ou reclamaram, seu foco estava em outra dor, no vazio que ficou no peito. Tão rápido encontrou o mar e já estava entregue à escuridão sobre um dos Bairros vizinhos. Sua única referência era o brilho fugaz que cortava o mar e adentrava sua superfície por alguns metros até ceder para a escuridão completa.

Fabrício nadava por baixo dos Bairros sem se importar por quantas luzes passou ou com o ar preso em seus pulmões que forçavam para sair. Ele só as engolia e continuava seguindo, focado em só retornar para a superfície quando alcançasse um ponto seguro e próximo do Bairro em que um dia morou.

Não era uma das tarefas mais fáceis se orientar por baixo d'água, apesar de ele deduzir o lado em que ficavam, acertar qual o Bairro por baixo, ainda mais a noite, se tornava uma tarefa quase impossível, mas ele contava com uma determinação e uma certeza de que simplesmente não havia chegado ao seu objetivo, com uma clareza inexplicável.

Seu antigo Bairro pertencia ao sindicato dos exploradores, que fica à esquerda do estacionamento do sindicato dos pescadores.

Apesar de não sentir que já tinha se deslocado o suficiente, decidiu sair para tomar fôlego, se assegurar do rumo e retomar a rota.

Viu que estava entre a terceira e a segunda rua antes da Cidade. Retomou o fôlego, franziu o cenho, cerrou os dentes, mergulhou, e não deixou nenhum pensamento tirá-lo do foco. Toda vez que a imagem do “seu” Carlos caído em sua mente, Fabrício trocava a imagem para a de Matheus dando as costas a ele. E aquela imagem acendia um fogo dentro dele, que ele sentia ser exatamente o que precisava para não olhar para trás, para não desistir.

Nenhum fôlego ele soltou, até chegar na região dos exploradores. Ele percebeu pelas boias que faziam a divisão entre as regiões.

Surgiu da água tirando apenas a cabeça enquanto montava em sua cabeça um plano do que fazer, já que até aquele momento nada disso parecia ter passado por sua cabeça.

Tudo estava como na região dos pescadores, o silêncio predominava, exceto por alguns casos isolados que se esforçavam por falar baixo e não atrapalhar quem dormia, mas a falta de muros não ajudava.

O Bairro que estava à sua frente possuía um grupo de três pessoas que conversavam em tom baixo, mas não suficiente o bastante para que Fabrício não ficasse por dentro dos planos que tinham de comprar uma vela maior, por algum problema que Fabrício se fez indiferente.

Como não tinha muita escolha, sua busca tinha que ser por cima. Subiu no Bairro seguinte que não havia ninguém acordado. Olhou ao redor e não viu nada que pudesse dizer que caminho seguir. Se movimentou entre os Bairros espreitando ao redor. Buscava algo que lhe fosse familiar, mas a busca se prolongava mais do que imaginou, e uma pontada de desespero se apossou dele a ponto de permitir que a imagem de Carlos nos braços de Lúcia se tornasse mais vivas em sua mente.

Parecia um cão de caça, apenas foco, de vez em quando Carlos e Lúcia.

Em meio ao seu desespero e o tempo que perdia, um vislumbre de oportunidade se clareou em sua mente, seguir as vozes, com certeza, o Bairro do Matheus estaria acordado e possivelmente com alguma ou muita conversa.

No mar o som parece se propagar de todos os lados e ao mesmo tempo de nenhum lugar. Demorou um pouco para identificar dois pontos de origem que descartou, o que o irritou profundamente, ter tanta gente se divertindo enquanto o mundo havia perdido uma das melhores pessoas que já viveu até aqui.

Mas na terceira fonte de conversas, mesmo não encontrando o que buscava, a partir dele, pode ver o mastro que havia servido a ele de referência por muitas oportunidades. Durante muito tempo, ver aquele mastro lhe proporcionava uma sensação de segurança e alívio, um prazer que só quem volta pro lar depois de passar pelos mais variados perrengues, a ponto de se questionar se conseguiria voltar.

O Bairro não havia mudado nada, e isso era uma coisa que o irritava muito. A falta de vontade de crescimento e desenvolvimento dos moradores. Tudo bem que o Bairro de Carlos também não mudou ou evoluiu muito ao longo dos anos, mas a proposta dos dois eram totalmente diferentes uma da outra. Carlos tinha uma proposta bem definida, tinha valor nas suas ações. Enquanto que no de Matheus, era só bagunça.

Que inclusive estava sentado em frente ao seu dormitório, sozinho, de braços cruzados sobre as pernas dobradas, cabeça baixa, parecia estar distraído, ao contrário do que Fabrício pensou encontrá-lo.

O sangue subiu ao peito e ele não pensou em mais nada, só em acertar as contas. Fazer ele sentir o dobro da dor que causara a ele e aos demais. Fabrício já não fazia questão do sigilo, na verdade fazia questão de pisar forte para ser notado, afinal ele queria confusão e mesmo que o Bairro estivesse cheio ele cruzaria até o Matheus nem que tivesse que deitar um a um no braço.

-Ae seu filho da puta.

Esbravejou Fabrício denunciando a sua aproximação, no que Matheus nem esboçou reação, como se já soubesse de sua presença, e ele notou o porquê, Matheus já sabia de sua presença, que foi anunciada por dois de seus companheiros que saíram detrás de seus dormitórios, um de cada lado de Fabrício, que em momento algum cogitou a possibilidade de recuar.

-Qual é maluco? Vai encarar mesmo? - Gritou em desafio o magrelo sem camisa à esquerda.

Fabício continuou avançando e o rapaz magrelo a direita, correu em sua direção e se lançou de longe com uma voadora extremamente previsível, que Fabício desviou facilmente para o lado direito ficando na parte de dentro, o que o possibilitou desferir um soco com a parte de dentro do punho na lateral do rosto de seu atacante, próximo a orelha o fazendo ficar atordoado e cair ao chão imóvel.

-Cai pra dentro então.

O outro rapaz veio para cima dele com os punhos em riste preparando o punho direito para um soco, que ele desviou facilmente para trás e aproveitou que seu adversário estava com a guarda abaixada e desferiu dois golpes em cheio no meio do rosto, acertando o nariz e os lábios fazendo jorrar sangue em sua mão.

Fácil e previsível demais, se Matheus não tivesse se levantado com algo de metal brilhante consideravelmente grande em sua mão, que Fabício deduziu corretamente ser um facão e agora vinha com um olhar de ódio e pela primeira vez ele sentiu preocupação de talvez não ter pensado nessa possibilidade e de não estar devidamente preparado. Ele estava disposto a tudo fosse qual fosse a consequência, já que tinha chegado tão longe, iria até o fim, ele não via outra possibilidade, mas precisava de um tempo para se preparar e planejar como o enfrentaria.

Recuou se assegurando de manter uma distância segura de Matheus que se apressava para encurtar a distância entre eles. Sem perder a atenção em seu atacante, ampliou sua visão periférica a fim de notar se algo lhe serviria, e rápido. Não mais do que cinco passos que

ameaçavam se tornar uma corrida, percebeu um rodo ao alcance de um braço à sua esquerda. Mas teria que ser rápido, já que a distância entre os dois seria encurtada a no máximo dez passos, isso se Matheus não se apressasse ao notar suas intenções.

Fabício com sua mão esquerda agarrou o rodo que estava em pé encostado em uma parede de metal, cujo cômodo se torna irrelevante nomear, passou para a mão direita fazendo um arco para quebrar a ponta atravessada do rodo para que assim tivesse uma arma fácil de manusear.

A parte transversal do rodo ao se chocar com o chão partiu facilmente, como Fabício previra, mas levou consigo quase metade do cabo, que ele não contou de forma alguma, essa surpresa o fez soltar um suspiro meio risada, diante de sua “sorte”.

Agora não havia mais escolha, ele havia escolhido sua arma e Matheus estava a poucos passos sobre ele, seu olhar fixo, com raiva, Fabício retribuiu com um olhar resolutivo e sereno de quem estava preparado para tudo, inclusive a morte.

Matheus correu os últimos cinco passos escondendo a faca em suas costas com a mão direita. Ainda distante de uma braçada, Matheus esticou seu corpo a frente e lançou uma facada horizontalmente na altura da cintura, que foi facilmente desviada por Fabício com dois impulsos para trás, para desviar da estocada que retornava, com o que sobrara do rodo armado para se defender ou atacar, o que dissesse seu instinto primeiro. Matheus havia investido mais no avanço do que na estocada, sua intenção foi entregue assim que armou o próximo golpe, armando a

faca do alto com sua mão direita, quase escondendo a lâmina atrás de sua cabeça. Um golpe desses de cima para baixo no espaço que ele ganhara entre os dois, era indefensável.

A lâmina desceu forte, cortando o ar, zumbindo, e Fabrício na agilidade de seu raciocínio sabia que se usasse o pedaço de pau que sobrara em sua mão, de nada adiantaria, seria destroçada, não diminuiria a força ou velocidade e a teria enterrado em seu ombro e peito.

Capítulo 51

A faca realizou parte de seu objetivo ao encontrar a carne que Fabrício decidiu sacrificar. Ele usara a sua mão esquerda para se proteger e aparar o golpe. A faca penetrou e cortou o que encontrou à sua frente, mas não atravessou toda a fileira de ossos da mão de Fabrício, já que a faca estava cega e sem corte. A faca ficou ali alguns microssegundos enterrada na mão de Fabrício, que sentiu um calafrio lhe subir a coluna junto de um formigamento no corpo inteiro e uma agulhada de dor vindo da mão que não conseguia se mexer. Em outro relance de segundos que para nosso cérebro parecem minutos, e que tudo está tão lentamente, Fabrício cruzou seu olhar com o de Matheus que parecia mais assustado e pálido do que motivado como antes. Ele se perguntou o que Matheus estaria vendo em seus olhos, medo, dor, choque, raiva?

Quando Matheus mudou seu olhar e Fabrício notou em outra fração de segundo que ele estaria pronto para agir de novo, ele girou a mão esquerda que estava com a faca cravada em sua carne nervo e osso, fechou com o dedão na outra extremidade, penetrando a lâmina mais para dentro de sua mão ainda, despertando mais um arrepio de dor sufocando um grito agonizante em sua garganta, repelindo o desejo de soltar e se livrar da origem da dor e sofrimento, e em um movimento que contou com todo o peso de seu corpo jogado para o lado esquerdo, enterrou o pedaço de rodo partido em sua mão direita na lateral direita do pescoço de Matheus, cuja carne cedeu facilmente a madeira com várias pontas,

fazendo o sangue da garganta de Matheus se fundir com o sangue da mão de Fabrício.

Matheus mudou a feição da surpresa, ao receber o golpe, para a de desespero, ao sentir o sangue lhe inundar os pulmões impedindo sua respiração. Seu corpo todo pareceu ceder para dirigir forças para interpretar e entender o que estava acontecendo, lutando para manter forças pelo máximo de tempo possível, o que dado a situação não seria muito.

Fabrício caiu sobre Matheus assim que este lutava internamente para sobreviver. Sua mão soltou da lâmina da faca, assim que virou o seu corpo de cima de Matheus, e desta vez ele teve tempo para sentir a dor. Uma dor aguda que saia da mão e ia para sua espinha, uma dor que gelava seu corpo e bambeava as pernas. Um meio gemido, meio grito de agonia saiu de seu peito, um grito que ficou preso em sua garganta que poderia ter sido ouvido a dez Bairros de distância se fosse equivalente a dor que estava sentindo. Ainda sem coragem para saber como tinha ficado sua mão, se é que tinha uma mão ali, porque sentia a mão latejando e não conseguia mexer os dedos.

Caído no chão e agora virado para o céu, se sentia sem forças depois que percebeu o que havia feito. Jamais desejou que tudo isso chegasse a esse ponto, foi tudo uma questão de acontecimentos que levou uma coisa a outra. Uma coisa pequena, virou toda aquela tempestade de eventos caóticos.

O estopim de todos esses eventos foi aquela maldita foto. Porque o Júnio teve que trazê-la até nós? Por causa dela ele teve que manchar sua alma com a vida de Matheus. Um grunhido de desespero e raiva saiu involuntariamente de seus lábios, enquanto seu corpo se debatia no chão de um lado para outro. Sentia lhe faltar sangue no resto do corpo.

Seu cérebro começou a ligar um alerta para que se apressasse, para que esquecesse a dor, o que lhe aconteceu e o que havia feito.

Sair dali. Foi então que seu cérebro se tocou do porquê. Onde estavam os dois garotos que o atacaram? Seus olhos encontraram um, que ainda estava caído no chão, era o que tentou acertá-lo com uma voadora, e ele se lembrou com satisfação do soco que ele acertou em cheio no meio do rosto. Mas o outro rapaz, havia sumido, e não estava ao redor espreitando para atacar. Será que tinha ido buscar ajuda ou fugido? Dado a circunstância de que o Bairro estava consideravelmente vazio, e que o rapaz por ser bem jovem, talvez tenha se assustado com o que aconteceu com o Matheus e ficou com medo de atacar, mesmo Fabrício estando totalmente entregue e vulnerável, e pode ter ido procurar os outros moradores.

“Que merda!”

De verdade, por mais uma vez em sua curta vida repleta de eventos caóticos, cujo Mundo parecia extremamente motivado em diminuir o seu tempo nele. Fabrício pensou em ficar ali e se entregar ao destino dos que o achassem ao lado de Matheus. Pelo menos estava vingado. Mas esse

sentimento não trouxe paz para seu coração. Deixou-lhe um vazio maior, talvez arrependimento?

Levou sua mão direita ao encontro da esquerda, juntando coragem para descobrir o que resultou usá-la como escudo. O coração disparado no peito, quase saindo pela boca, sentiu com a ponta dos dedos uma carne encharcada, molhada de sangue e escorregadia e pulsando. Sentiu uma carne mole que seu cérebro não processou como sendo seu, mesmo estando ali, não totalmente colado ao resto.

Aflicção e um pouco de desespero.

Com a respiração ainda mais forte e curta ainda sem direcionar o olhar para a mão, virou o rosto para o lado e procurou algo que pudesse enfaixar a mão. Olhou para o lado esquerdo e viu os quartos distantes, nada que lhe servisse a um braço de distância. Virou o rosto para a direita e se viu encarado por Matheus o fitando com olhos vidrados. A imagem que se deparara o arrepiou inteiro, e um sentimento de culpa e remorso tomou conta de seu coração, fazendo seus olhos encherem de água, devido ao ponto em que chegaram.

Não estava orgulhoso. Não venceu.

Tentou calar essa voz e focar em todo o contexto, de que poderia ser ele ali no lugar do Matheus, e pra ser sincero, não seria assim tão ruim, pelo menos estaria descansando com os pés sobre terras, conforme prometia Carlos, desfrutando do descanso eterno e da paz, não que o semblante de Matheus transparecesse isso.

Afastou de sua mente esse pensamento. A contradição entre se entregar e resistir era uma merda. Maldito senso de sobrevivência.

Olhou para Matheus e pensou em sua mão e o que poderia usar para estancar o sangue. A camisa seria muito difícil manusear os braços e levantar o tronco, mas a bermuda que ele estava usando, era bem larga e parecia com potencial de ser fácil de tirar.

Fabício rolou no chão ficando com os pés de Matheus na frente de seu rosto, com sua mão esquerda latejando para baixo, torceu o corpo ligeiramente sobre ele, com a mão direita começou a puxar sua bermuda.

Os primeiros puxões foram os mais difíceis, foi dando uns trancos hora de um lado ora de outro, em alguns momentos o corpo resistia e tentava vir junto, mas conseguiu que o elástico passasse da resistência da curvatura da bunda e do peso do corpo.

Encaixou uma perna na axila do braço esquerdo do Matheus para fazer força contrária aos seus puxões e em pouco tempo a bermuda estava nos tornozelos, e por incrível que pareça, o momento que considerou mais difícil foi passar pelos pés, já que estava com apenas uma mão e as pernas pareciam extremamente pesadas.

Usou o rosto por baixo para escorar a perna no alto e tirar a primeira perna da bermuda, depois se jogou sobre a perna esquerda e puxou a perna direita sobre si para livrar o resto da bermuda.

Assim que tirou a bermuda por completo, lançou a perna direita que estava sobre o seu corpo para o mais longe, e mais uma vez sentiu culpa,

agora pelo desrespeito com o ex-colega sem vida. Olhou para o alto, cansado e zozzo, não sabia se pelo esforço ou pelo sangue perdido. Provavelmente os dois. Respirou ofegante, tomou coragem e levantou um pouco o pescoço sobre o peito e pela primeira vez viu a mão machucada.

Olhando as costas da mão viu apenas sangue e que estava bastante inchado. Virou para ver a palma da mão e a visão lhe embrulhou o estômago, os dois últimos dedos pareceram soltar do resto da mão. A visão do osso branco se destacando em meio ao sangue, carne e veias, lhe exigiu um esforço enorme para não vomitar tudo o que estava em seu estômago. Um frio na espinha percorreu todo seu corpo fazendo suas pernas fraquejarem. Sentia que suas forças tinham ido embora e que estava muito perto de desmaiar, estava com muita tontura, e já não raciocinava direito.

Talvez por isso mesmo, tomou coragem, desviou o olhar para o céu, respirou fundo três vezes, levantou a mão alguns centímetros acima do corpo, e com o movimento mais rápido que pode contornou a bermuda em volta da mão dilacerada, fazendo movimentos rápidos e fortes para juntar as carnes novamente e quem sabe salvar a sua mão e os dedos soltos, se tivesse salvação.

-Ah filho de uma puta do caralho!

Xingou dando ênfase para cada palavra, como se assim fosse dispersar a dor mais rápido.

Mas a dor não passou.

Sua mão, cérebro e corpo latejavam pela dor que o movimento causou, e por um longo momento ficou estático e até mesmo sem respirar, esperando a dor diminuir, e com isso restaurar um pouco de sua força.

Pareceu uma eternidade, mas quando a dor e as agulhadas que sentia diminuíram, um suspiro de alívio e medo soltaram-se de seus pulmões.

A vista estava turva, o corpo mole, mas a bendita vontade de viver tinha retornado.

-Que merda! - Esbravejou ele.

Levantou-se com a ajuda da única mão boa, enquanto se esforçava para mexer o mínimo possível da outra, mantendo-a colada junto ao corpo.

Saiu cambaleando do jeito que pode, sem seguir um caminho definido. Por mais clichê que possa parecer, seguiu a luz do sol que começava a brotar no horizonte. Por quê? Instinto de sobrevivência, sair do escuro, ficar visível, logo as pessoas estariam acordando para trabalhar e recomeçar as suas rotinas.

Teria forças para explicar o que tinha acontecido?

De repente se tocou de verdade sobre o que havia acontecido e deixou seu corpo ceder junto a um tambor de metal enferrujado, causando um som desnecessário.

A imagem de Matheus ficou forte na sua memória. Um dia foram amigos. Um dia foram família. Mas Fabrício acabou com isso, e essa lembrança pesava em seu coração. Um choro soluçante e descontrolado tomou posse de suas últimas energias, ele só se lembrou de ter a visão de Matheus caído a seu lado sem vida, antes da escuridão e do silêncio tomar conta de sua mente e ele não estar mais sobre o controle de seu corpo e seus pensamentos.

Uma certa paz em seu peito perante os batimentos que diminuía o ritmo e o sangue saía de sua mão.

Por fim, apenas o silêncio, a escuridão e o nada.

FIM

Nota do Autor

Escrever sempre fez parte de mim, e esse gosto surgiu junto com o hábito da leitura, quase simultaneamente. Consigo passar horas escrevendo e descrevendo as cenas que estão na minha mente. É uma fuga! E sou um pouco adepto do estilo George R. R. Martin, nem toda história o mocinho tem que sobreviver. Gosto de histórias que surpreendem e que o final é inesperado.

Meu pai serviu de figura estimulante na jornada de leitura e escrita. Conforme gostava de se gabar, todo mês comprava 1 livro, por mais de vinte anos, e essa foi uma paixão da qual eu herdei. E tudo aquilo que eu produzia, ele fazia questão de ler e me motivava dando o apoio necessário, principalmente na hora da digitação.

Quando criança escrevia Aventura Solo, que é um tipo de RPG individual por meio de escolhas e decisão, e logicamente, na época escrevia de temas que eram do meu interesse, tipo: Dragon Ball, Arquivo X e Conan o Bárbaro. Já na adolescência, ao ler um livro, eu registrava a história de acordo com o meu entendimento dos pontos mais importantes e algumas críticas e ideias para a obra que eu havia tido contato.

Revendo alguns arquivos antigos, encontrei um CD com um arquivo intitulado “Indústria da água”, em que nele eu já esboçava uma estrutura de uma história envolvendo água potável e o comércio perante sua escassez.

Com o passar dos anos esse arquivo se perdeu, mas a ideia permaneceu viva e tomou outra forma por meio de algumas junções de “e se”.

‘ Ao presenciar algumas notícias como: aquecimento global, derretimento das geleiras, cidades que podem sumir com o aumento do volume do mar e

Monte Everest possuir calcário marinho, me fez pensar sobre a possibilidade de voltarmos a viver debaixo das águas, e como seria a nossa adaptação frente a essa realidade.

Então agora não temos mais terra firme sobre os nossos pés, então sobre o que vivemos? Sempre boiando não era uma opção. Plataformas flutuantes, barcos ainda era a opção mais viável.

O contexto de usar o plástico como mercadoria fundamental para sobrevivência, veio de alguns insights, do tipo: Nossa vida é mais curta que uma garrafa pet.

Essa ideia se uniu a outros dois conceitos. Um deles foi uma reportagem de um fugitivo da Coreia do Norte que relatou que durante sua fuga viu uma garrafa pet e queria parar para pegá-la porque em seu país era algo raro e valioso.

A outra foi a partir de um comediante de Stand Up, George Carlin, em que ele dizia que não estávamos acabando com o Planeta, estávamos acabando com a vida humana no Planeta. E que talvez o Planeta sempre quis o plástico e como não sabia como fazer, ela nos inventou. E se pudéssemos perguntar a ela qual o sentido da vida, o Planeta diria “plástico, assholes”.

E tem o Fabricio, meu amigo da época de Faculdade, que quando eu pensei em Mar, era ele que me vinha à mente, porque ele morava no litoral de São Paulo, e entendia de mergulhos, barcos e surfe.

Eu não me considero tão criativo assim, então uma estratégia que eu criei foi de juntar histórias criadas com histórias vividas. Então, diversos trechos aconteceram de verdade, como por exemplo a briga no final do livro. Em um sábado eu estava na casa do Fabricio e estávamos indo embora, no meio do

percurso meu pneu furou e ele não deu conta que fiquei para trás. Ao continuar ele encontrou sua mãe chorando porque seu irmão, na época dependente químico, estava quebrando as coisas na casa e tentando roubar para vender e comprar drogas. Fabricio correu para a casa de sua mãe e lá enfrentou seu irmão e mais dois outros rapazes. Desde o cabo de madeira quebrado, a voadora que passou reto, a facada na mão e o dedo no olho, aconteceram de fato.

Eu cheguei logo depois que tudo tinha acontecido e que Fabricio já tinha sido resgatado e levado ao hospital.

Fabricio era assim, intempestivo, e em um segundo perdia o controle e virava um furacão capaz de enfrentar qualquer um que cruzasse o seu caminho. Ele era uma pessoa que nutria uma amizade que transcendia a irmandade, devido a sua história familiar atrapalhada, fazia das amizades a sua família. Era professoral e tinha muito jeito com crianças, inclusive era uma criança às vezes. Entre seus dons, o que se sobressaía era o dom para música, escrevia letras de muito impacto, que herdou do free style, inclusive o trecho que tem logo no começo da história é uma letra que ele escreveu e pediu para que eu criasse a melodia.

Infelizmente ele faleceu em um acidente de moto. Este livro é minha forma de homenageá-lo e eternizá-lo em suas páginas.

Espero que você se conecte a esta história, que carrega uma parte da minha vida e celebra a amizade, o pertencimento e a força que encontramos nos vínculos que escolhemos.